
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**Pá- metralhadora de palavras na socioeducação,
práxis para construções de projetos de vida
políticos e emancipatórios**

SUELI DE FÁTIMA CAETANO COPPI

Rio Claro – SP

2024

POESIA SLAM

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**Pá- Metralhadora de palavras na Socioeducação,
práxis para construções de projetos de vida
políticos e emancipatórios**

SUELI DE FÁTIMA CAETANO COPPI

Orientadora: Débora Cristina Fonseca

Dissertação apresentada ao
Instituto de Biociências,
Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho” - Campus
de Rio Claro, como parte dos
requisitos para obtenção do título
de Mestra em Educação.

Rio Claro – SP

2024

C785p Coppi, Sueli de Fátima Caetano
Pá- metralhadora de palavras na socioeducação, práxis para
construções de projetos de vida políticos e emancipatórios / Sueli de
Fátima Caetano Coppi. -- Rio Claro, 2024
306 p. : tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientadora: Débora Cristina Fonseca

1. Poetry Slam. 2. Socioeducação. 3. Projeto de vida. 4.
Emancipação humana. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de
Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: Pá-metralhadora de palavras na socioeducação, práxis para construções de projetos de vida políticos e emancipatórios

AUTORA: SUELI DE FÁTIMA CAETANO COPPI

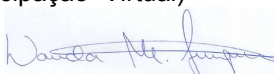
ORIENTADORA: DÉBORA CRISTINA FONSECA

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em Educação, pela Comissão Examinadora:



Assinado de forma digital por Debora
Cristina Fonseca:15974299884
Dados: 2023.10.05 08:56:44 -03'00'

Profa. Dra. DÉBORA CRISTINA FONSECA (Participação Virtual)
Departamento de Educação / UNESP/Rio Claro



Profa. Dra. WANDA MARIA JUNQUEIRA DE AGUIAR (Participação Virtual)
Departamento de Psicologia Social / Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - SP

Juarez Tadeu de Paula
Xavier:01468639846
Assinado de forma digital por Juarez
Tadeu de Paula Xavier:01468639846
Dados: 2023.10.04 17:26:56 -03'00'

Professor Doutor JUAREZ TADEU DE PAULA XAVIER (Participação Virtual)
Departamento de Comunicação Social / UNESP - Faculdade de Ciências de Bauru - SP

Rio Claro, 03 de outubro de 2023

*À minha mãe, que não permitiu que me faltasse o alimento para o corpo,
possibilitando-me vislumbrar brechas para alimentar meus sonhos.*

Aos adolescentes que, de modo singular, deram vida a esta dissertação.

RECONHECER-SER

Ao refletir sobre as determinações que constituem o meu ser, percebo a grandeza de Deus e a presença de pessoas que afirmam a minha existência por me

RECONHECER-SER.

Desde muito cedo me vejo em meio à labuta, mas Maria de Fátima, uma mulher forte a quem tenho o privilégio de chamar de mãe, me ensinou que a vida é feita de luta.

De forma semelhante, minha irmã Andréia, me carregava no seu colo de criança, me ensinando a jamais perder a esperança.

Meu irmão Ronaldo, com sua alegria e com seu violão, sempre cantarolando, jamais soltou a minha mão.

Um pouco adiante, na escola, encontrei Professores(as) que me ensinaram o “livre” sonhar, Marlene, Rosimeyre e de modo especial o Zaluar.

Com sorriso no rosto, lembro de minhas amigas de aventura: Ana Paula, Edna, Eucelia, Diana, Débora, Isabelle e Marcia... junto delas é alegria pura.

Para aquecer meu coração, Fabio chegou! Amor não só à primeira vista, mas à segunda, à terceira...Hoje meu companheiro de vida, minha inspiração.

Ainda para compor esse quadro, minha filha, Maria Alice raiou, o sorriso mais doce, o amor mais puro que tenho ao meu lado.

Na pós-graduação a professora Débora (res)significou minha relação com a Universidade, apontando caminhos para uma plena extensão, rompendo muros com muita potência e propriedade.

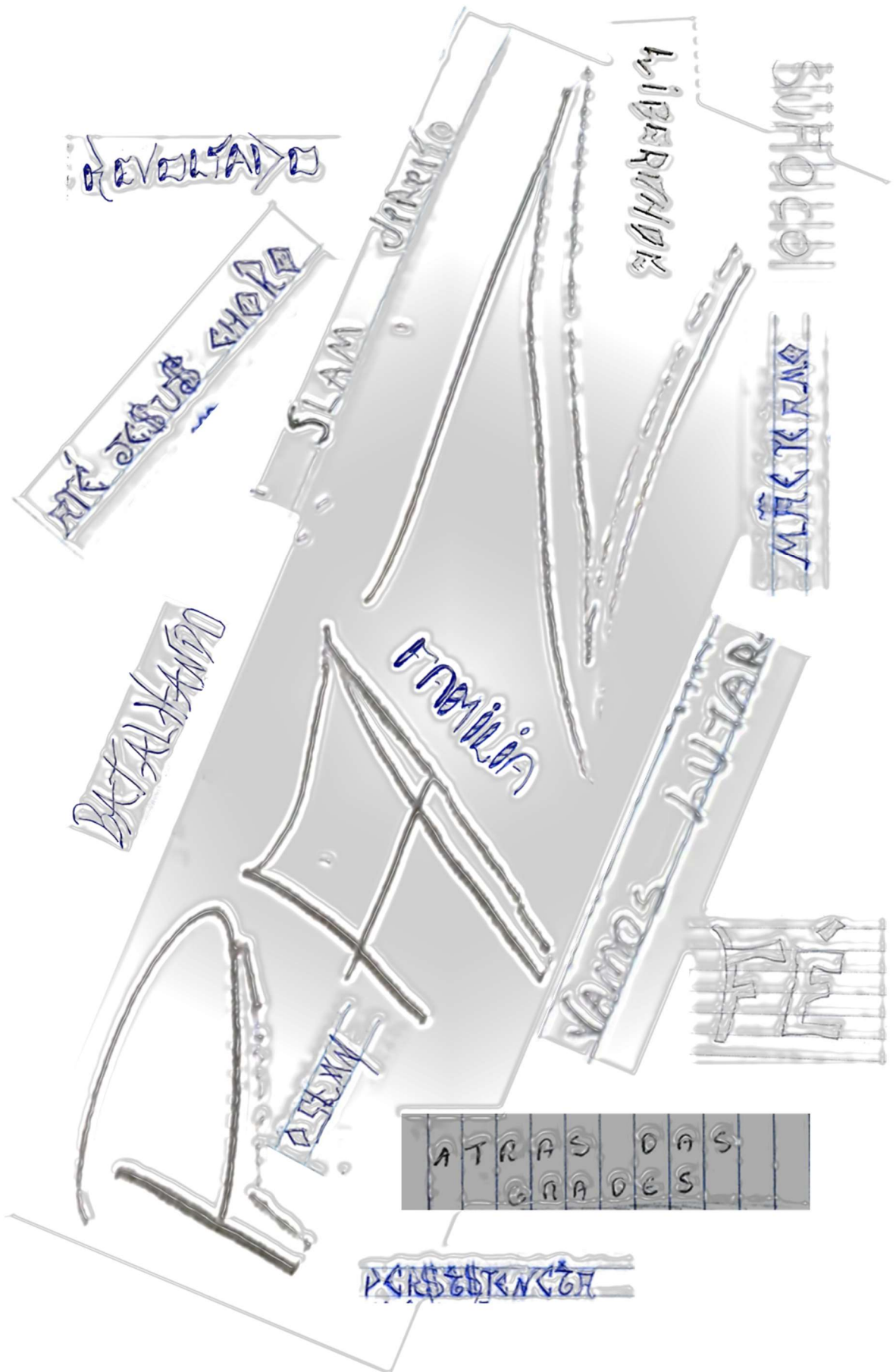
Sem contar, um encontro de ancestralidade, Victória! Com quem estabeleci um laço com força em Oxum, amizade cachoeira de águas bravas por justiça e igualdade.

E, se para existir-viver precisamos do acon(chegar) do outro, por vocês que aqui estão, eu posso me **RECONHECER-SER.**

Agradeço à UNICASA que gentilmente concedeu-me autorização para realizar a pesquisa com os adolescentes em privação de liberdade e ao Centro Socioeducativo que possibilitou meios para o desenvolvimento da pesquisa-ação em seus ambientes.

Agradeço também a Professora Wanda Aguiar (la), o Professor Luís Guilherme Galeão e o Professor Jurarez Xavier pela leitura crítica e pelas contribuições significativas para construção desta dissertação.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001



Resumo

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a contribuição da poesia Slam para reconhecimento e entendimento no que concerne aos Direitos Humanos e para construções de projetos de vida políticos e emancipatórios de adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa de internação. A investigação ocorreu em um Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente no interior do Estado de São Paulo, com o prisma teórico do materialismo histórico e dialético e da psicologia sócio-histórica. Para o desenvolvimento da pesquisa, recorreu-se a pesquisa-ação (THIOLLENT, 1997), em formato de oficinas, nas quais ocorreram a apropriação das técnicas da Poetry Slam. Ao total foram realizadas 17 oficinas, estruturadas em 04 fases. Durante o processo investigativo, realizou-se a aplicação de dois questionários com os participantes da pesquisa, um questionário com funcionários de referência dos adolescentes e quatro grupos focais. Para análise dos dados, recorreu-se aos procedimentos metodológicos dos Núcleos de Significação (AGUIAR; OZELLA, 2006,2013) (AGUIAR; ARANHA; SOARES, 2021). A análise dos dados permite identificar que as técnicas da Poetry Slam, podem contribuir de forma significativa para questões relacionadas à construção identitária, projetos de vida e reconhecimento e entendimento no que concerne aos Direitos Humanos, possibilitando reflexões e (res) significações no que concerne a realização do ser humano no mundo.

Palavras-Chave: Poetry Slam, socioeducação, projeto de vida, emancipação humana

Abstract

The present research aimed to analyze the contribution of Slam poetry to recognition and understanding regarding Human Rights and to the construction of political and emancipatory life projects for adolescents and young people in compliance with socio-educational internment measures. The investigation took place in a Socio-Educational Assistance Center for Adolescents in the interior of the State of São Paulo, with the theoretical prism of historical and dialectical materialism and socio-historical psychology. To develop the research, action research was used (THIOLLENT, 1997), in the form of workshops, in which the techniques of Poetry Slam were appropriated. In total, 17 workshops were held, structured into 4 phases. During the investigative process, two questionnaires were administered to the research participants, a questionnaire to the adolescents' reference employees and four focus groups. To analyze the data, we used the methodological procedures of the Meaning Centers (AGUIAR; OZELLA, 2006, 2013) (AGUIAR; ARANHA; SOARES, 2021). Data analysis allows us to identify that Poetry Slam techniques can contribute significantly to issues related to identity construction, life projects and recognition and understanding regarding Human Rights, enabling reflections and (re)meanings regarding fulfillment of human beings in the world.

Keywords: Poetry Slam, society education, life project, human emancipation

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeiro grupo de descritores.....	66
Figura 2 - Segundo grupo de descritores.....	67
Figura 3 - Terceiro grupo de descritores.....	68
Figura 4 - Quarto grupo de descritores	70
Figura 5 - Quinto grupo de descritores	73
Figura 6 – Cronograma de execução da pesquisa-ação	99
Figura 7 – Representação da primeira oficina	101
Figura 8 - Nuvens de percepções das oficinas - 01	105
Figura 9 – Representação da segunda oficina.....	106
Figura 10 - Nuvens de percepções das oficinas - 02	109
Figura 11 – Representação da terceira oficina	110
Figura 12 - Nuvens de percepções das oficinas - 03	111
Figura 13 – Representação da quarta oficina	112
Figura 14 - Nuvens de percepções das oficinas - 04	115
Figura 15 – Representação da quinta oficina.....	115
Figura 16 - Nuvens de percepções das oficinas - 05	118
Figura 17 – Representação da sexta oficina.....	118
Figura 18 - Nuvens de percepções das oficinas - 06	121
Figura 19 – Representação da sétima oficina.....	122
Figura 20 – Processo de construção da identidade	124
Figura 21 - Nuvens de percepções das oficinas - 07	125
Figura 22 – Representação da oitava oficina.....	126
Figura 23 - Nuvens de percepções das oficinas - 08	128
Figura 24 – Representação da nona oficina	128
Figura 25 – Direitos, meus direitos	130
Figura 26 - Nuvens de percepções das oficinas - 09	131
Figura 27 – Representação da décima oficina.....	132
Figura 28 - Nuvens de percepções das oficinas - 10	134
Figura 29 – Representação da décima primeira oficina.....	134
Figura 30 - Nuvens de percepções das oficinas - 11	136
Figura 31 – Representação da décima segunda oficina	137

Figura 32 – Processo de escrita da poesia Slam.....	139
Figura 33 - Nuvens de percepções das oficinas - 12	139
Figura 34 – Representação da décima terceira oficina.....	140
Figura 35 - Nuvens de percepções das oficinas - 13	143
Figura 36 – Representação da primeira oficina	143
Figura 37 - Nuvens de percepções das oficinas - 14	145
Figura 38 – Representação da primeira oficina	145
Figura 39 - Nuvens de percepções das oficinas - 15	147
Figura 40 – Representação da primeira oficina	147
Figura 41 - Nuvens de percepções das oficinas - 16	148
Figura 42 – Representação da primeira oficina	149
Figura 43 - Nuvens de percepções das oficinas - 17	153
Figura 44 – Relação grupo participante da pesquisa.....	155
Figura 45 – Desenho caderno atividades.....	160
Figura 46 – Desenho caderno atividades.....	175
Figura 47 – Desenho caderno atividades.....	178
Figura 48 – Desenho caderno atividades.....	188
Figura 49 – Desenho caderno atividades.....	195
Figura 50 – Desenho caderno atividades.....	197
Figura 51 – Escrita caderno atividades.....	203
Figura 52 – Escrita caderno atividades.....	204
Figura 53 – Processo de reescrita dos poemas.....	206
Figura 54 – Desenho caderno atividades.....	213
Figura 55 – Desenho caderno atividades.....	223
Figura 56 – Desenho caderno atividades.....	229
Figura 57 – Desenho caderno atividades.....	242

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estudo das dissertações do primeiro grupo de descritores	66
Tabela 2 - Estudo das dissertações do segundo grupo de descritores.....	68
Tabela 3 - Estudo das dissertações do terceiro grupo de descritores	69
Tabela 4 - Estudo das dissertações do quarto grupo de descritores	70
Tabela 5 - Estudo das dissertações do quinto grupo de descritores.....	74
Tabela 6 - Estudo das dissertações do sexto grupo de descritores.....	74
Tabela 7 - Estudo das dissertações do sétimo grupo de descritores.....	76
Tabela 8 - Estudo das dissertações do oitavo grupo de descritores.....	78
Tabela 9 - Estudo das dissertações do nono grupo de descritores	80
Tabela 10 - Relação grupo participante da pesquisa.....	100
Tabela 11 - Pré indicadores e Indicadores do BIEL.....	157
Tabela 12 - Núcleo de significação do BIEL.	158
Tabela 13 - Pré indicadores e Indicadores do CARRIOLA.	163
Tabela 14 - Núcleo de significação do CARRIOLA.....	165
Tabela 15 - Pré indicadores e Indicadores do FOFÃO.	172
Tabela 16 - Núcleo de significação do FOFÃO.....	173
Tabela 17 - Pré indicadores e Indicadores do HB20.....	179
Tabela 18 - Núcleo de significação do HB20.	181
Tabela 19 - Pré indicadores e Indicadores do LEMÃO.	190
Tabela 20 - Núcleo de significação do LEMÃO.....	192
Tabela 21 - Pré indicadores e Indicadores do LOBÃO.	199
Tabela 22 - Núcleo de significação do LOBÃO	201
Tabela 23 - Pré indicadores e Indicadores do MANO PORCO.....	208
Tabela 24 - Núcleo de significação do MANO PORCO	210
Tabela 25 - Pré indicadores e Indicadores do MONTEZINO	217
Tabela 26 - Núcleo de significação do MONTEZINO.....	219
Tabela 27 - Pré indicadores e Indicadores do PITBULL	224
Tabela 28 - Núcleo de significação do PITBULL.....	227
Tabela 29 - Pré indicadores e Indicadores do SEMENTE	235
Tabela 30 - Núcleo de significação do PITBULL.....	237

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DOS ADOLESCENTES	275
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DOS FUNCIONÁRIOS.....	279
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO PAIS.....	282
APÊNDICE D – TERMO DE ASSENTIMENTO ADOLESCENTES	284
APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO FUNCIONÁRIOS.....	287
APÊNDICE F – ROTEIRO SARAU	290
APÊNDICE G – FANZINE.....	295

LISTA DE ABREVIATURAS

CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de nível superior

CNPq- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

Covid-19- Doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2

ABNT-Associação Brasileira de Normas Técnicas

ECA- Estatuto da Criança e do adolescente

MSEI: Medida Socioeducativa de internação

Dra. Doutora

SEDUC: Secretaria do Estado de São PAULO

EDH: Educação em Direitos Humanos

FEBA: Fundação Estadual para o Bem-estar do Menor (FEBEM)

FIES- Financiamento Estudantil

SISU: Sistema de Seleção Unificado

EP: Extended play

ZAP: Zona Autônoma da Palavra

CIP: Centro de Internação Provisória

CF: Constituição Federal

Sumário

1.	M(eu) pá no mundo	18
2.	Pá- Disparando as primeiras palavras.....	24
3.	A Poetry Slam - Pá em cena	30
3.1.	Pá- A poetry slam no Brasil	34
3.2.	A arte performática da poetry Slam e a construção da subjetividade ..	42
3.3.	Poetry Slam- encontro de Escrevivências	46
3.4.	Poesia Slam, novas formas de ser e estar no mundo	49
4.	Meninos nossos meninos - um olhar para adolescências e juventudes	56
5.	Os processos (des)construção do ser	58
6.	Levantando outros “pás”	64
6.1.	Levantamento banco de dados da CAPES	65
6.2.	Busca no banco de dados da <i>Scielo</i>	74
6.3.	Assimilando as “pás”	80
7.	A pesquisa.....	84
7.1.	Referencial teórico- metodológico	85
7.2.	Percurso metodológico	88
7.3.	Análise dos dados	92
7.4.	Lócus e participantes da pesquisa.....	97
7.5.	Oficina 01 - Encontro de Histórias	101
7.6.	Oficina 02 - Construção de vínculos	106
7.7.	Oficina 03 - Firmando os laços	110
7.8.	Oficina 4 - Louco e sonhador.....	112
7.9.	Oficina 5 - Pá- metralhadora de palavras	115
7.10.	Oficina 6 - Infâncias rimadas	118
7.11.	Oficina 7 - Identidade mão na massa	122
7.12.	Oficina 8 - Direitos, nossos direitos	126
7.13.	Oficina 9 - Slam de direitos	128
7.14.	Oficina 10 - Sonho em sonho	132
7.15.	Oficina 11 - Historiografando.....	134
7.16.	Oficina 12 - Meu slam, Escrevivências.....	136
7.17.	Oficina 13 - Escrevivência em processo.....	140

7.18.	Oficina 14 - Construindo minha performance	143
7.19.	Oficina 15 - Performance em ação	145
7.20.	OFICINA 16 - Sarau em formação	147
7.21.	Oficina 17 - Sarau - Guerreiros de Favela.....	149
8.	Procedimentos de análise de dados.....	154
8.1.	Construção e análise dos núcleos de significação:	155
8.1.1.	Guerreiros de Favela — 	156
8.1.2.	Guerreiros de Favela — 	162
8.1.3.	Guerreiros de Favela — 	171
8.1.4.	Guerreiros de Favela — 	178
8.1.5.	Guerreiros de Favela — 	189
8.1.6.	Guerreiros de Favela — 	198
8.1.7.	Guerreiros de Favela — 	206
8.1.8.	Guerreiros de Favela — 	216
8.1.9.	Guerreiros de Favela — 	223
8.1.10.	Guerreiros de Favela — 	233
9.	Disparos internúcleos	242
10.	Poetry Slam na Socioeducação, que pá foi esse?.....	247

11. Pá-Poetry Slam e construção de projetos de vida políticos e emancipatórios na socioeducação.	251
12. Pá- a luta continua.....	256
13. REFERÊNCIAS	259
14. APÊNDICES	275

1. M(eu) pá no mundo

“Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela” (Evaristo, 2006, p. 21.)

Aproprio-me desse espaço, a partir desse momento, para evocar minhas memórias, quantas sensações elas me trazem choro, riso, saudade. Muitas vezes me pego viajando por elas, olhos parados, como que, contemplando aquela que um dia fui, mas que ainda sou, parece contraditório, mas somos seres compostos de contradição, então, está tudo certo. Convido-os (as) a me acompanharem pelas aventuras de minhas lembranças, assim, poderão me conhecer um pouco mais e entenderem melhor os meus devaneios.

Nasci em Itajubá, um município localizado no interior do Estado de Minas Gerais, mas cresci em uma cidade vizinha, Piranguinho, em um bairro rural chamado Grotão, e ali, em meio às grotas fui crescendo. Foi uma infância sofrida, devido às consequências advindas do alcoolismo do meu pai, somando-se às dificuldades financeiras. Minha mãe trazia nos exaustos ombros as responsabilidades da casa, aquela casinha simples de pau a pique cor de rosa.

Sou a filha caçula, tenho um irmão do meio, e uma irmã, a mais velha. Desde muito cedo tínhamos que ajudar com os afazeres da casa. Minha mãe trabalhava na colheita do café e quando acabava o período da colheita, ela ia para a cidade grande trabalhar como empregada doméstica e, ainda, lavava roupa para um grande fazendeiro da região. Minha irmã cuidava de mim e do meu irmão, mas também tínhamos as nossas funções. Na medida que íamos crescendo, aumentavam as nossas responsabilidades, que variavam entre buscar água no poço, lenha na mata, cuidar das criações, da horta e “vigiar” os passarinhos para não comerem as sementes da plantação. Quando conseguíamos uma oportunidade, gostávamos de brincar de subir nas árvores, de pique esconde, de balanço, de nadar no rio, de pular corda e de jogar bola. Pela manhã, íamos para a escola.

A Escola Municipal Papa João XXIII ficava bem perto da minha casa, até hoje sinto o cheiro dela. As Professoras vinham da cidade, a pé, não havia ônibus, mas vinham satisfeitas, e nós, as aguardávamos com muita ansiedade. A escola

tinha apenas duas salas, para 4 turmas, então ficavam duas séries por sala. As educadoras tinham que se desdobrar para dar atenção e para acompanhar o nosso desenvolvimento, mas foi ali, naquela escola pequenininha que eu comecei a escrever minhas primeiras palavras e a interpretar poesias com a merendeira da escola, nos ensaios para o dia das mães. Foi o início de uma grande magia, gostava muito de ir para escola, não faltava um dia.

Naquela escola do meu bairro, era possível cursar até a 4ª série do primário, depois disso, tínhamos que ir para a cidade de Piranguinho, caso quiséssemos continuar estudando e, como não tinha condução, só alguns meninos iam, principalmente os que tinham bicicleta, para as meninas não tinha muito incentivo, tinham muito serviço em casa. Por sorte, no ano em que concluí meus estudos na zona rural, recebemos a notícia de que a prefeitura começaria a fornecer ônibus para os alunos (as) irem estudar na escola da cidade e, dessa forma, pude continuar meus estudos.

Que escola grande a da cidade! Fiquei encantada, ela tinha muitas salas, um corredor enorme, uma quadra grande, um monte de Professores (as), um para cada disciplina, mal podia acreditar! Passei a minha infância disputando a atenção da Professora da 1ª série, agora, poderia escolher. Fiquei muito empolgada! Sem contar a viagem de ônibus, que era uma grande aventura! Logo nos primeiros meses estudando, começamos a sentir a diferença de estudar em uma escola maior, com uma grande quantidade de estudantes. Notamos um enorme preconceito com quem vinha da zona rural, no meu caso, ainda maior por conta da cor da pele. Foi então que comecei perceber a diferença de tratamento, até mesmo por parte de alguns Professores (as).

Com 12 anos comecei a estudar no período noturno, tinha que começar a ajudar de forma mais intensa com as despesas de casa, como uma “herança”, fui seguindo os passos da minha mãe, em época de colheita ia para os cafezais e em outros períodos ia para cidade trabalhar em casa de família. Minha mãe foi me ensinando como trabalhar em casa de gente “rica”, pois eram móveis, pisos e objetos que eu nunca tinha visto na vida, foi um choque, mas aos poucos, fui me adaptando.

Estudar no noturno foi me “amadurecendo”, colegas de turma bem mais velhos, vidas sofridas, vidas abaladas e mesmo assim, a última atividade do dia era

na escola. Alguns professores (as) nos motivavam bastante, principalmente os de Português e os de História. Eles realizavam projetos fantásticos, como concurso de poesia e sarau, e foi nesses projetos que eu me encontrei. O para-si¹ começou a despontar em mim, ganhei um concurso de poesias, com a poesia, ser adolescente! A professora montou até um livro! Ver a minha poesia em um livro foi muito gratificante e depois fiquei em 3º lugar na performance da poesia Amantikir de Gildes Bezerra.

Minha autoestima ficou em alto grau, passar a ser vista, ser reconhecida, ser aplaudida! Aquela “pretinha” da roça no palco e escrevendo poesias, quem diria? Comprei um caderninho e comecei a escrever poesias, passei a sonhar com outras possibilidades para minha vida e a questionar a realidade à minha volta. Como podia, aquele fazendeiro perto de casa ter tanta terra e a gente mal tinha uma casa para morar?

História era a disciplina com a qual mais me identificava, tive um Professor de História que marcou a minha vida. No final do Ensino Fundamental II, eu já tinha certeza de que queria ser Professora de História, para assim, como ele, tocar vidas. O diretor do grupo de teatro da cidade, também era esse Professor de História. Ele me convidou para fazer parte do grupo, minha irmã já participava, então não pensei duas vezes, feliz da vida, entrei para o grupo de teatro e, dessa forma, novos papéis, novos personagens, novos roteiros, abriram-se para mim, a identidade metamorfose se materializando em meu corpo.

O Ensino Médio foi também muito libertador, encontrei a Filosofia! O Professor tinha uma proposta interessante, voltada à Educação para o Pensar, baseada nos estudos de Matthew Lipman. Passei a me desenvolver muito em questões relacionadas ao raciocínio lógico e a argumentação. Debates calorosos, momentos potentes de fala e escuta. Participei de um Seminário, cujo tema era: Piranguinho é do tamanho do mundo, o que me possibilitou reflexões muito pertinentes, que me fizeram perceber, que eu era do tamanho dos meus sonhos. Minha paixão pela escola, só aumentava, entrei para o grêmio estudantil, através

¹ [...] A personalidade torna-se para si aquilo que ela é em si, através daquilo que ela antes manifesta como seu em si para os outros. Este é o processo de constituição da personalidade. Daí está claro por que necessariamente tudo o que é interno nas funções superiores ter sido externo: isto é, ter sido para os outros aquilo que agora é para si. Isto é o centro de todo o problema do interno e do externo. (VIGOTSKI, p. 24, Lev Semionovitch. Manuscrito de 1929. Educação & Sociedade, Campinas, SP, n. 71, p. 21- 44, jul. 2000).

do qual planejávamos muitos eventos interessantes para os estudantes, fazíamos da escola um espaço dinâmico e de alegria. No final do Ensino Médio, estava decidida, iria mesmo fazer faculdade de História! Voltar para os ambientes da escola, sim! Dessa vez para interpretar uma nova personagem, a Professora!

Comecei a cursar História em Itajubá, com a ajuda da minha mãe juntei dinheiro para a primeira mensalidade: trezentos e treze reais e trinta centavos, como iria pagar as outras mensalidades, eu simplesmente não sabia, mas meu sonho era maior que minha condição financeira. Logo no primeiro mês fui contemplada com os FIES (Fundo de Financiamento Estudantil) e pude seguir meu curso com maior tranquilidade. O primeiro dia de faculdade foi marcante, meu Professor de História e diretor de teatro, passaria a ser também meu professor na faculdade. Ele ficou muito feliz quando me viu na sala da universidade, era um olhar, tipo de dever cumprido, e eu estava muito emocionada também, por tudo que aquele Professor representava em minha vida. Não me reconheci nos ambientes e nem nos rostos dos meus colegas, mas isso não me enfraqueceu, pelo contrário, pois tinha a consciência de que a universidade também era lugar de mulher preta, pobre e da roça.

Nesse período trabalhava como Agente de Saúde em Piranguinho, porém, logo no 3º ano de faculdade, o grande sonho, a sala de aula materializou-se em minha vida, sim, um novo papel social! No ano seguinte, a formatura! Me libertei da “herança” familiar para buscar novos contextos, passei a ser a primeira da família a ter um curso superior, a pretinha da roça, agora, Professora!

Com um ano de formada, recebi uma proposta que trouxe novas e profundas vivências em minha vida e alívio financeiro também, lecionar em uma fundação de uma mineradora em plena floresta amazônica no Estado do Pará. Local em que as comunidades e a floresta são altamente exploradas pela ganância do capital, e eu me sentindo parte desse processo “colonizador”, mas também necessitando financeiramente estar ali, foi um conflito interno bastante intenso. Contudo, estava muito reflexiva e consciente do meu papel enquanto Professora naquele lugar, o que me fez seguir nesse emprego.

Na escola em que trabalhava 10% dos alunos eram das comunidades ribeirinhas e, para minha surpresa, eram quilombolas. Ao me deparar com os (as) estudantes que saiam de suas comunidades para estudarem na escola grande da

mineradora, me reconheci criança nos olhos deles, pois em minha alma ainda sentia as feridas do preconceito de quando fui estudar na escola da cidade. Nesse momento, me encontrei neles e eles se encontraram em mim. Esse encontro proporcionou trocas de experiências enriquecedoras, criei um grupo de teatro naquela escola. Minha meta era criar possibilidades de novos personagens naquele contexto de exploração para que assim, como eu, pudessem se tornar fragmentos de emancipação.

Hoje já não me encontro mais em meio a essa comunidade, novos embarques e desembarques configuraram-se em minha trajetória. Hoje sou Professora, mãe, esposa e tantas outras personagens que vibram em minha essência. Entretanto, sou ainda muito inquieta no que tange às desigualdades econômicas, sociais e às violações de direitos que atingem o nosso povo, o sangue de nossos ancestrais não foram suficientes para libertar seus descendentes.

Atualmente, resido em uma cidade no interior do Estado de São Paulo. Logo que passei a morar neste município, comecei a lecionar para alunos (as) em Centros de Ressocialização e para adolescentes em um Centro Socioeducativo de internação, com a disciplina de Projeto de Vida, História, Filosofia e Sociologia. Minha história, entrelaça-se à história de vida dessas pessoas estigmatizadas, rotuladas e feridas pelo preconceito e pelas desigualdades que imperam em nosso país, processos que atravessam nossas existências.

Assim como tive Professores(as) que me tocaram por inteira, que me fizeram enxergar brechas diante de tanta violência e opressão, meu presente fundante hoje é criar, juntamente com esses sujeitos, as brechas que forem necessárias para que eles se libertem desses estereótipos e das condições impostas às suas vidas e, assim, passem a construir novas possibilidades de ser no mundo, rompendo com processos de reconhecimentos perversos.

Passei então, a buscar meios para aprofundar meus estudos nessa área, pois carrego em minha biografia a materialidade de que a educação é mudança e quebra barreiras. Por isso, participei do processo seletivo para o Mestrado da UNESP. Para minha surpresa e alegria, a Professora Débora aceitou o desafio de ser minha orientadora.

A partir desse momento, as potentes reflexões com a minha orientadora e as discussões na primeira disciplina do Mestrado, que abordava a temática das

juventudes, violências e direitos humanos, me provocaram a desenvolver um projeto com os adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação, relacionando questões relativas a perspectivas de futuro e poesia slam.

Meu primeiro contato com a Poetry Slam, ocorreu no ano de 2020, quando lecionava a disciplina Projeto de Vida para adolescentes em um Centro Socioeducativo de Internação.

Como estávamos em isolamento por conta da Covid 19, minhas aulas eram transmitidas por uma plataforma de audiovisual. No processo de planejamento das aulas como sugestão nos materiais disponibilizados pela SEDUC (Secretaria da Educação do Estado de São Paulo), estava um vídeo, em que uma jovem interpretava um Slam, a menina que nasceu sem cor, o qual podemos conhecer no espaço que se segue:

Eu tenho um problema: meu ascendente é em Áries. E eu tenho outro problema: é que eu sou a menina que nasceu sem cor. Pra alguns eu sou parda ainda que sempre tenha ouvido por aí que parda é cor de papel e a minha consciência racial quando me chamem de parda fique tão bamba quanto a autodeclaração de artista pop como Anitta quando prática apropriação cultural. Eu sou a menina que nasceu sem cor porque eu nasci num país sem memória, com amnésia, que apaga da história todos os seus símbolos de resistência negra, que embranquece a sua população e trajetória a cada brecha, que faz da redenção de Can a sua obra prima, Monalisa da miscigenação. E ô ode ao milagre da miscigenação, calcado no estupro das minhas ancestrais, na posse de corpos que nasceram para serem livres, na violação de ventres que nunca deveriam ter deixado de serem nossos. E eu tenho outro problema... pô, eu não sei dar cambalhota e não importa que pra alguns eu seja a menina que nasceu sem cor, que falte melanina pra minha pele ser retinta, que os meus traços não sejam tão marcados. O colorismo é uma política de embranquecimento do Estado que por muito tempo fez com que eu odiasse os traços genéticos do meu pai herdado, me odiasse, me mutilasse, meu cabelo alisasse. Meninas pretas não brincam com bonecas pretas. Mas faço questão de botar no meu texto que pretas e pretos estão se armando, se amando. Porque me chamam por aí de parda, morena, moreninha, mestiça, mulata, café com leite, marrom bombom. Por muito tempo eu fui a menina que nasceu sem cor, mas um dia gritaram-me: NEGRA! E eu respondi (MIDRIA, 2018, p.12).

Essa performance, me atravessou por inteira, ao ouvir essas palavras carregadas de História, de força, de resistência e, de percepção acerca do racismo estrutural presente em nossa sociedade emergindo do corpo de uma jovem que passava uma autoridade e conhecimento de si de modo tão firme, contextualizado e com uma linguagem tão sensível e forte ao mesmo tempo, em uma contradição que me abraçou.

Foi então que, pude perceber a potência pedagógica que tinha se apropriado do meu corpo, uma brecha poderosa, exposta de forma tímida em um material didático que não vinha acompanhado de um referencial teórico que pudesse me auxiliar em minha prática pedagógica enquanto Professora de Projeto de Vida, mas minha consciência histórica me apontava caminhos. Dessa forma, entreguei-me a uma nova personagem, a pesquisadora!

Darei sequência aos disparos investigativos a partir desse momento no plural, pois tratou-se de uma pesquisa-ação, na qual “o sujeito da ação é um grupo. Um “Nós” (GOLDMANN, 1967, p.107), que com a partilha da palavra, teceu essa dissertação.

2. Pá- Disparando as primeiras palavras

A poesia pode ser considerada a expressão artística mais antiga da humanidade, “tão antiga quanto o homem” (FISCHER, 1987, p.20), precedendo até mesmo a escrita, uma vez que, a expressão poética é ritmo e movimento, podendo ser identificada em rituais sagrados desde as primeiras comunidades humanas, o que a torna um “instrumento mágico, uma arma da coletividade humana em sua luta pela sobrevivência” (FISCHER, 1987, p. 45). Representando, dessa forma, uma intensa força viva, revelando-se em ritmos, a primeira linguagem do gênero humano, “uma técnica social do sentimento” (VYGOTSKI, 1998, p. 315), uma necessidade humana (CANDIDO, 2002).

Etimologicamente, a poesia vem do grego poiein, que significa fazer, produzir, compor, criar. O poeta então, é o que faz, produz, compõe e cria. Poesia ou poema são as crias, os produtos e compostos desse fazer (CUNHA apud VALVIESSE, 2013). Esse fazer poético, atinge a sua plena realização quando proclamada em alta voz, por meio da performance (ZUMTHOR, 2014).

É no corpo e pelo corpo que a poesia (tanto em seu sentido metafísico quanto em seu sentido concreto) pode realizar-se inteiramente, pois “o corpo é ao mesmo tempo o ponto de partida, o ponto de origem e o referente do discurso” (CARDOSO, 2009, P.62). Tal performance possibilita uma experiência que envolve uma energia

propriamente poética, processo que exige abertura e entrega à experiência, tanto pelo narrador como pelos ouvintes.

Nesse contexto, encontra-se a poesia de slam. A palavra slam “é uma onomatopeia da língua inglesa utilizada para indicar o som de uma batida de porta ou janela, seja esse movimento leve ou abrupto. Algo próximo da nossa “pá!” em língua portuguesa” (NEVES, 2017, p.93).

No documentário *Ágora do Agora*² (2019), produzido pelo coletivo Slam Resistência, podemos iniciar nossa compreensão sobre a complexa dinâmica desse movimento, pois trata-se de uma produção em que podemos entrar em contato com jovens poetas declamando seus poemas em praça pública, com uma sede inesgotável por conhecimento, por justiça social, por direitos, principalmente o da liberdade de expressão, da fala e da escuta.

No transcorrer do documentário, somos impactados por corpos ávidos por transformação, por vozes carregadas de sentidos de luta que convoca a plateia para um “vandalismo lírico”, para construção de “armas letras”, de “molotovs verbais”, de “bombas de sementes” para que assim, munidos de palavras, possamos participar de uma batalha poética, em que a grande vencedora será sempre a poesia, pois a competição é somente uma ironia do grande esporte poético. Dessa forma:

O Slam é um espaço para que o sagrado direito à liberdade de expressão, o livre pensamento e o diálogo entre as diferenças sejam exercitados. Um espaço autônomo onde é celebrada a palavra, a fala e algo ainda mais fundamental num mundo como o que vivemos: a escuta (D’ALVA, 2014, p.120)

Diante do exposto, podemos compreender o movimento slam como um revolucionário campeonato de poesia falada, em que todos, sem exceção, têm espaço para a plena participação, o que concretiza o espírito de comunidade desse evento poético. Esses eventos impulsionam ações para transformar o mundo, não por meio da violência, mas pela poesia, por vivas metralhadoras carregadas de palavras que expressam vivências marcadas pela desigualdade, pelo preconceito,

² Slam Resistência - Documentário - *Ágora do Agora*- <https://www.youtube.com/watch?v=9xvclSj-ICo&t=167s>- último acesso em: 12.02.2023

pela segregação, pelo racismo, pelas ausências governamentais e por tantos outros desrespeitos que desumanizam os grupos considerados à margem da sociedade, principalmente mulheres e homens pretos.

Mediante ao movimento slam, vidas que sempre foram apagadas e silenciadas historicamente em nosso país, emergem nos contextos contemporâneos para romper com esses processos de anulamento, de opressão e de silenciamento, ocupando dessa forma, um espaço público que é de todos, a praça, o que remete a Ágora, denominação que faz referência a Grécia Antiga, lugar em que se debatiam sobre política e demais assuntos pertinentes à vida pública da Polis (cidade). Contudo, uma Ágora da contemporaneidade, na medida que não comporta segregações e desigualdades, pelo contrário, tem como pauta de luta a equidade e justiça social.

Esse fato, traz um caráter político para os Slams no Brasil, que passam a colocar em suas pautas discussões sobre educação, política, economia, racismo, preconceitos dentre outros. Temáticas que são relevantes para que se possa provocar mudanças tão necessárias em nosso país.

Desse modo, podemos perceber que a poesia slam mobiliza para grandes e importantes sonhos individuais e coletivos, principalmente os das juventudes periféricas que se reconhecem nesse movimento e passam a fazer parte desses processos, escrevendo e compartilhando suas histórias de vida e suas vivências, ouvindo e sendo ouvidos nas batalhas de poesia.

Em vista disso, percebemos que o movimento Slam traz consigo um grande potencial contra hegemônico, uma vez que, conta com uma originalidade que toca e provoca os sentimentos e a consciência humana. Esses aspectos mobilizam a ascensão de uma identidade política, movimento que resgata a esperança e o ativismo.

Essas particularidades impulsionam a abertura de brechas no atual sistema econômico neoliberalista em que vivemos, o que permite atingir vidas estigmatizadas e contextos desumanizadores, elevando significativos movimentos de construção identitária, de autoconhecimento, de autorreflexão, de entendimentos individuais e coletivos.

Por isso, podemos afirmar que trata-se de uma fresta poderosa para o desencadeamento da consciência dos sujeitos que, quando em contato com a

poesia slam, passam a romper com os limites da aparência, chegando à essência da realidade em um dinâmico processo emancipatório do ser.

Diante disso, percebemos o quão estrondoso seria o contato de adolescentes e Jovens em cumprimento de medida socioeducativa de internação (MSEI), com a Poetry Slam, o qual certamente lhes tocara as emoções e os desejos, proporcionando entendimentos importantes para (res) significações que lhes possibilitariam vislumbrar novas formas de ser e estar no mundo. Em face dessa problemática, floresceram os objetivos da presente investigação:

Objetivo Geral:

- Analisar a contribuição da poesia slam para o reconhecimento e entendimento no que concerne aos Direitos Humanos e para construção de Projetos de Vida, políticos e emancipatórios, de adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa de Internação.

Objetivos Específicos:

- Compreender como as técnicas utilizadas na poetry slam podem potencializar reflexões pertinentes sobre identidades e perspectivas de futuro.
- Analisar processos educativos referentes a Projetos de Vida nos espaços de privação de liberdade.

Os objetivos da presente investigação revelam nossa disposição em estabelecer estreitas relações entre a Educação em Direitos Humanos, a construção de Projeto de Vida e a Poetry Slam, dado que, somente com uma vida humana com pleno domínio sobre sua história de vida (passado-presente-futuro), com a consciência e apropriação de seus direitos, de seu lugar no mundo e também plena em motivação, imaginação e desejos tem-se, de fato, entendimento para refletir com autonomia as possibilidades de seu ser no mundo, evitando que as coisas lhe atinjam de forma coerciva (BOUTINET, 2002).

Nesse sentido, procura-se a construção de um projeto de vida que assim como o slam, seja revolucionário e insurgente, na medida que procura romper com

os enquadramentos estigmatizantes e desumanos impostos aos corpos periféricos pelo cruel sistema capitalista.

Por isso, denomina-se projetos vida políticos e emancipatórios, uma vez que provocam e mobilizam a transforma(ção), dentro da perspectiva de Marx (2010), de emancipação política e emancipação humana. Portanto, trata-se de um processo que não comporta as armadilhas da sociedade burguesa, mas sua superação, através de elementos que vão ao encontro das premissas do movimento Slam, potente em historicidade, subjetividade e transformação.

Dessa forma, sustentados pelos pressupostos do materialismo histórico-dialético e pela psicologia sócio-histórica, atrevemo-nos adentrar pelos processos de construção subjetiva, movimento este que realiza-se dialeticamente com a objetividade, nas “relações sociais e nas contradições do processo histórico” (FONSECA, 2011, p. 94), meios pelos quais os sujeitos se constituem na concretude da vida.

Nosso olhar analítico, volta-se para os sujeitos que dão vida à essa dissertação, os adolescentes e jovens em MSEI, os quais são entendidos na historicidade em que foram constituídos (AGUIAR, BOCK; OZELLA, 2001), por isso, denominamos adolescências, juventudes, sendo múltiplos os contextos históricos em que desenvolvem suas existências, pois as condições econômicas e sociais constroem determinados tipos de adolescência, cada um correspondendo ao seu contexto histórico-cultural (OZELLA, 2002).

Na primeira seção, iremos mirar nossa metralhadora de palavras para a Poetry Slam, trazendo todo o histórico desse movimento, contexto de seu nascimento nos Estados Unidos da América por Marc Kelly Smith, suas principais características e regras, seu processo de difusão pelo mundo até sua chegada no Brasil. Nesse Momento, apresentaremos os primeiros Slams nacionais e suas especificidades. A forma como expandiram e tomaram os espaços públicos, rompendo com os muros da segregação espacial, ocupando um espaço que pertence a todos, a praça, experienciando o direito à cidade para o pleno desenvolvimento humano.

Diante disso, analisamos os desencadeamentos do Slam para a formação das subjetividades e os processos de construção coletiva por meio da escrevivência (EVARISTO, 2016). Apresentamos como as batalhas de poesias mobilizam novas

formas de ser e estar no mundo, evidenciando como as histórias de vida passaram por um processo de transformação após o envolvimento nas competições, tornando-se explícito os movimentos de identidade-metamorfose-emancipação (CIAMPA, 1987, 2005).

Na segunda seção, apresentaremos nossas palavras vivas, nossos adolescentes, nossos sujeitos sociais (DAYRELL, 2003) e históricos expondo o que entendemos por adolescência e juventude. Logo após iremos detalhar nosso entendimento acerca de Projeto de Vida e dos processos de construção identitária. Tomamos como base para essas análises os estudos de Antônio da Costa Ciampa, o que em nossa perspectiva ajuda a elucidar os processos de movimentos de identidade nas histórias de vida dos sujeitos, o que é fundamental para nossa investigação.

Como uma forma de fortalecer e direcionar melhor nossos disparos letras, na terceira seção, apresentaremos os resultados de nosso levantamento bibliográfico, juntamente com uma análise das pesquisas encontradas, o que foi bastante enriquecedor para o desenvolvimento de nossa investigação, nos dando pistas e apontando caminhos que nos possibilitaram maior entendimento acerca de temas como Projetos Vida e socioeducação, as vivências em Centros de Internação, bem como as percepções dos adolescentes sobre a privação de liberdade.

Na quarta seção, apresentamos o referencial metodológico que ampara os estudos de nossa pesquisa. Em seguida, realizamos a apresentação do percurso metodológico, com destaque especial para a nossa grande companheira, a pesquisa-ação, essa que nos possibilitou um encontro vivo e pleno, que culminou em fortes mobilizações. Apresentamos também os referenciais que utilizamos para análise dos dados coletados, os núcleos de significação (AGUIAR; OZELLA, 2006, 2013), que nos permitiram apreender os movimentos que vão além das aparências e as contradições que marcam os adolescentes e jovens dessa investigação. Finalizando, apresentamos o lócus da pesquisa, narrando os procedimentos realizados até o início da investigação.

Na quinta seção, apresentamos com muita emoção as oficinas realizadas no Centro Socioeducativo, detalhando cada uma com muito cuidado e atenção para que o leitor possa perceber um pouco dos processos e implicações da pesquisa-

ação. Mostramos também os critérios que utilizamos para seleção dos materiais, bem como as etapas de análise, tendo como base os núcleos de significação.

Na sexta seção apresentamos os pré-indicadores, os indicadores e os núcleos de significação dos adolescentes que selecionamos para análise. Em seguida realizamos uma discussão teórica que nos dá suporte para entendermos as significações das metralhadoras de palavra que foram lançadas pelos adolescentes, uma vez que “a palavra desprovida de significação não é palavra, é um som vazio” (VYGOTSKI, 2001, p. 398).

Na sétima seção realizamos uma reflexão internúcleos, discutindo sobre as determinações que atravessam os adolescentes de modo tanto subjetivo como objetivo. Aspectos que nos permitem compreender as mediações, a historicidade e as contradições do fenômeno em estudo.

Na oitava seção, apresentamos os dados referentes aos questionários exploratórios aplicados durante o processo investigativo para os adolescentes e para três funcionárias de referência dos meninos privados de liberdade. Nesse sentido, os dados permitem entender as implicações das oficinas em relação aos participantes da investigação. Com isso, podemos perceber a relevância da Poetry Slam em tocar e possibilitar (res)significações nos ambientes de internação.

Na nona seção realizamos uma discussão acerca da potência da Poetry Slam para a construção de projetos de vida políticos e emancipatórios. Para ancorar esta reflexão trazemos para o palco analítico os conceitos de emancipação política e emancipação humana, desenvolvidos por Karl Marx (2010).

Esperamos que tenham ótimas provocações ao longo dessa dissertação e, caso sejam atingidos por nossas metralhadoras de palavras, revidem, queremos também ser afetados de forma letal, afinal, somente quando tivermos um surto coletivo de palavras carregadas de esperança, é que teremos de fato, transformação, as brechas para os fragmentos de emancipação.

3. A Poetry Slam - Pá em cena

A Poetry Slam, despontou em solo norte-americano na década de 1980, em Chicago, regada pela tradição de poesia falada, pela performance arte da década 1960, e de modo especial em Nova Iorque pela cultura hip hop. Marc Kelly Smith

era um trabalhador branco da construção civil e poeta, quando juntamente com um grupo de amigos artistas, torna-se o fundador do primeiro Slam do mundo (FREITAS, 2019), criação que lhe rendeu o título de Slam Papi.

Marc Kelly Smith, estava insatisfeito com a monotonia dos eventos poéticos de seu país, pois eram eventos pouco atraentes e restritos aos núcleos acadêmicos. Por isso, buscou transformar esses acontecimentos de leitura de poemas em momentos acolhedores, dinâmicos e democráticos, que pudessem atrair as pessoas que não se sentiam confortáveis nos ambientes tradicionais de poesia.

Nesse contexto, nasce o Chicago Poetry Ensemble, que eram reuniões poéticas que ocorriam inicialmente em um bar de jazz da classe trabalhadora branca de Chicago que, posteriormente passaram a ser realizadas nas periferias da cidade, porque Marc Kelly Smith buscava por lugares e grupos opostos aos habituais, para que dessa forma pudesse reunir um público que não fosse convencional. Essa busca o conduziu aos bares e aos cabarés localizados nos chamados “bairros brancos de Chicago, locais em que ele passou a organizar eventos artísticos” (SOMERS-WILLETT, 2009, p. 3).

Em 1984, Smith apropriou-se do termo Slam dos torneios de baseball, de tênis, de bridge e de basquete para dar nome ao evento poético: Uptown Poetry Slam. Esse evento era composto por campeonatos de performances poéticas (batalhas de poesia falada).

Os esforços de Smith concentraram-se na busca por um formato de evento que possibilitasse a movimentação de todas as pessoas presentes. Por isso, desde as primeiras apresentações incentivava a manifestação do público, que deveria demonstrar reações de agrado ou desagrado diante dos poemas apresentados. Essas expressões, por sua vez, aproximavam a plateia dos artistas.

Inicialmente a manifestação do público não interferia diretamente nos resultados das performances dos poetas. Contudo, a partir do ano de 1986, a avaliação do público foi colocada como primordial e decisiva para o desenrolar do evento poético, conforme nos afirma Martin e Bueno:

Com vaias e aplausos e, depois, com a atribuição de notas para cada poema apresentado. Assim, o que se realizava como improviso tornou-se uma das mais importantes características do slam: a participação do público no julgamento dos poemas” (MARTIN, BUENO, 2021, p.54).

Nas palavras de Susan Somers-Willett:

No verão de 1986, quando ficou sem material para completar um set durante um show no Green Mill, Smith “tropeçou” em um formato que “pegou”. Ele realizou uma competição simulada no set final do show, permitindo que o público julgasse os poemas executados no palco – primeiro com vaia e aplausos e, depois, com pontuações numéricas. O público foi atraído por esse formato e Smith logo tornou a competição uma atração regular nas noites de domingo no Green Mill. Foi lá, entre copos tilintantes de uísque e fumaça de cigarro, que nasceu o Uptown Poetry Slam (SOMERS-WILLETT 2009, p. 4).

A plateia torna-se então, fundamental, passando a ser um dos maiores pilares da Poetry Slam. Essa característica, traz para o slam uma configuração democrática, uma vez que, não se tinha restrições para participação popular ou pré-requisitos para os jurados, todos e todas presentes eram provocadas à participação.

A inserção de pontuação também denota uma característica relevante, uma vez que, a competitividade marca o evento de Slam na atualidade, embora aconteçam de forma respeitosa e amigável, os poetas almejam a vitória, afinal, trata-se de uma batalha, de um campeonato, sendo justamente essa a particularidade que dá nome a esse fenômeno do Slam.

Por se tratar de uma competição, houve a necessidade de criação de regras, as quais estão presentes na maioria dos Slams existentes, são elas:

[...] embora encontrem-se variações na forma em que os Slams são realizados, na maior parte das comunidades existem três regras fundamentais que são mantidas: os poemas devem ser de autoria própria do poeta que vai apresentá-lo, deve ter no máximo três minutos e não devem ser utilizados figurinos, adereços, nem acompanhamento musical (D’Alva, 2014, p. 113).

O público e os jurados (escolhidos de forma aleatória na plateia), avaliam as performances poéticas, com notas que podem variar de zero a dez; sendo a menor e a maior nota descartadas. Os slammers³ (poetas) geralmente passam por três apresentações (performances), que correspondem a três poesias vencedoras, com isso podem atingir até 30 pontos. Somente após essas etapas, tem-se o

³ Denominação dos que protagonizam, recitam e realizam a Poesia Slam, os Poetas do Salm.

vencedor(a) da competição. Durante todo processo o público participa ativamente com sons que expressam os graus de afinidade com as performances.

Em um primeiro momento, essa prática não foi bem aceita, pois tratava-se de uma expressão irreverente para os círculos canônicos e confrontava com os padrões socialmente valorizados (MARTIN, BUENO, 2021). Contudo, o que parecia algo estranho e inaceitável, foi ganhando espaços entre os estadunidenses e para além deles, “hoje há Slams de poesia na França, no Reino Unido, na Alemanha, no Canadá, na Austrália, no Zimbábwe, em Madagascar, em Cingapura, no Japão etc.”. (FREITAS, 2019, p.2).

Com essa expansão houve o surgimento de dezenas de campeonatos nacionais e internacionais de Slams. Um dos mais importantes desses campeonatos é a denominada: “Coupe du Monde de Poesie Slam”, evento que acontece em Paris, promovido pela Federação Francesa de Poesia Slam. Nesse acontecimento, se apresentam os 15 maiores slammers do mundo.

O fato de Marc Kelly Smith não ter reivindicado os direitos autorais pela criação da Poetry Slam, favoreceu sua difusão pelo mundo, pois esse fato exclui cobrança de taxa para aqueles que desejarem construir suas batalhas de poesias com essas regras, aliás, as mesmas são disponibilizadas no site de Smith⁴.

Isso reforça os princípios de comunidade do slam, nas palavras de Smith e Kraynak (2009): “o que nós fazemos, o que nós sabemos, o que descobrimos é passado de poeta para poeta, de cidade a cidade, de Slam a Slam, até para nossos rivais” (2009, p. 12 apud D’ALVA, 2014, p. 113), portanto, compete a cada Slam as devidas adaptações para suas especificidades locais.

Dessa forma, os slams tornam-se espaços acessíveis e democráticos, de fala e de escuta, sempre aberto e a espera de inéditas performances poéticas. Susan Somers-Willett, em *The Cultural Politics of Slam Poetry*, nos aponta implicações políticas das regras da Poetry Slam, o que para a autora vai de encontro com a poesia tradicional, como podemos observar em suas palavras,

Além de alimentar uma atmosfera contracultural e de disseminar a poesia em lugares não-convencionais, o slam se desenvolveu através do exercício de certos ideais democráticos em contraste a convenções acadêmicas exclusivistas. [...] desde o começo, o poetry slam adotou uma política de portas abertas: qualquer um pode se inscrever para batalhar, e qualquer um no público está qualificado para julgar. [...]. Tal ênfase no

⁴ Site Marc Kelly Smith: <http://www.marckellysmith.net/>- último acesso em : 12.02.2023

público como crítico se distingue dos eventos de leitura de poesia mais tradicionais, que celebram ou reverenciam autores previamente classificados como dignos de valor por autoridades literárias. O poetry slam foi fundado sobre as premissas de que o poeta deve convencer o público a ouvi-lo, que qualquer um pode julgar uma competição e que a competição deve ser aberta a todas as pessoas e todas as formas de poesia. Slam poetry é verso que, pelo menos em teoria, pode ser acessado por qualquer um e cujo valor qualquer um pode determinar. A acessibilidade da slam poetry é facilitada e talvez exigida pela linguagem da performance, que se submete ao tempo e o espaço, e – talvez mais importante – à atenção da plateia [...] (SOMERS-WILLETT, 2009, p.5-6).

O rompimento com academicismo e com o tradicionalismo poético é evidente nos ambientes da Slam Poetry, pois são espaços que abrem possibilidades para expressões populares, práticas coletivas, estabelecendo-se, “[...] no interstício entre os suportes oral, escrito e visual e que, ao ocupar esse lugar, ela tenciona ainda mais os limites entre literatura e música, poesia e vida, arte e ativismo (FREITAS, 2019, p.2).

Movimentos esses que, impulsionam a emergência de narrativas autobiográficas, o que confere às batalhas momentos privilegiados. Processos em que a voz e o corpo dos slammers (poetas) se encontram com os corpos e as histórias de vida da plateia que ouve ativamente, sendo um momento que atinge ambos os envolvidos, pois, “a slam poetry encena um potencial dialógico [...] entre autor e público” (SOMERS-WILLETT, 2001, p.43-44).

Hellen Gregory (2008), afirma-nos que a slam poetry é um “for[u]m”, pois ao mesmo tempo em que se configura em um movimento poético, constitui-se também em um fórum, uma reunião em um ambiente público, no qual as identidades sociais são negociadas. Fato que nos mostra que, “o slam constitui-se em uma linguagem que se caracteriza por operar no limite entre privado/público, pessoal/coletivo” [...] (FREITAS, 2019, p.3). Um movimento que realmente nasceu para romper barreiras, para mudar as disposições das coisas e para revelar-nos novas formas de ser e estar no mundo.

3.1. Pá- A poetry slam no Brasil

No início do século XXI, a Poetry Slam chegou em solo brasileiro pelas mãos quentes de Roberta estrela D’Alva, onde foi acolhida fertilmente pelas juventudes periféricas brasileiras. D’alva, juntamente com o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, coletivo de Teatro Hip-Hop, começa a pesquisar sobre o Slam, momento em que entra em contato com o filme “Slam” e com o documentário “Slam Nation”⁵. Essas produções provocaram a busca por eventos semelhantes no Brasil, contudo Roberta não encontrou movimentos que trouxessem a dinâmica do slam em nosso país.

Foi somente em uma viagem aos Estados Unidos, que D’alva pode conhecer e participar pela primeira vez de um evento de Poetry slam, como podemos observar em suas palavras:

Em julho de 2007, numa viagem a NY, tive a oportunidade de conhecer um slam ao vivo e em cores. Estive no Nuyorican Poets Café e no Bowery Poetry Club, dois dos mais tradicionais clubes de poesia (e de slam) da cidade, e pude ver de perto as batalhas. Descobri que existem mais de 500 comunidades de slam no mundo inteiro, nos países mais diversos. Fiquei com muita vontade de fazer um slam no Brasil, e um ano depois [...] eis que inauguramos a Zona Autônoma da Palavra – o ZAP! (D’ALVA, 2008, p. 1).

Nasce a partir de então, a primeira batalha de Poetry Slam no Brasil, em um evento inaugural que ocorreu em 11 de dezembro de 2008, na sede do Núcleo Bartolomeu no bairro da Pompeia em São Paulo. D’Alva foi também a primeira brasileira a participar da Copa do Mundo de Slam em Paris.

O interesse de Roberta pela poetry slam, impulsionou-a a estudar de forma mais apurada sobre esse movimento. Estudos que resultaram na publicação de artigos sobre a poesia slam e na direção conjunta com Tatiana Lohmann, do documentário⁶: Slam: Voz de Levante, que foi lançado em um Festival no Rio de Janeiro em 2017, com o qual ganhou prêmio de melhor direção e prêmio especial do júri.

⁵ Slam Nation- https://www.imdb.com/title/tt0152468/?ref_=tt_mv_close- último acesso em 12/02/23

⁶ Documentário dirigido por Tatiana Lohman e Roberta Estrela D’Alva que percorre as cidades de Rio de Janeiro, Paris, Nova Iorque, Chicago e São Paulo, apresentando a história e o contexto internacional da poetry slam

O segundo Slam do Brasil, nasceu em fevereiro de 2012, o denominado Slam da Guilhermina. Esse foi o primeiro coletivo de slam que passou a ser realizado a céu aberto, em praça pública, sem qualquer tipo de instalações que pudessem auxiliar na realização do evento. Essa especificidade trouxe para os Slams brasileiros uma nova roupagem, pois não se tratava somente de mais uma comunidade de Slam, mas sim, um evento “sem qualquer tipo de sede física como galpão, sala, teatro, bar, enfim, sem uma estrutura mais tradicional para abrigar poetas e público” (MARTIN, BUENO, 2021, p.60).

O Slam da Guilhermina foi responsável também pela organização do Slam Interescolar nas escolas públicas do Estado de São Paulo, evento importantíssimo que leva a expressão poética e a literatura de forma mais democrática e acessível ao cotidiano escolar.

Em 2020, em razão da pandemia da covid-19, os encontros presenciais do coletivo da Guilhermina ganharam formato online, mas permaneceram dinâmicos e atraindo seguidores, o que mostra a força desse movimento que atualmente encontra-se novamente em seu espaço de origem, na praça pública.

Ao ocuparem um espaço público para suas manifestações artísticas, o coletivo da Guilherme, acaba por romper com a lógica segregacionista que impera nas instituições capitalista que predomina nas cidades, na medida em que possibilitam acesso literário aos moradores das regiões periféricas, que por sua vez, são excluídas das produções culturais restritas a uma elite.

Como uma forma de resistência esses eventos poéticos ocorrem em áreas de fácil acesso, nas próprias margens, onde os denominados marginais, “não precisam se deslocar para participar do evento e podem exercer na periferia seu direito de ocupar e viver mais plenamente a própria cidade” (MARTIN, BUENO, 2021, p.61).

Vale ressaltar, que esse processo é realizado de forma intencional pelos representantes do Slam da Guilhermina, que possuem consciência da necessidade de ocupação desses espaços para suas performances poéticas, o que pode ser percebido no Manifesto do grupo que é recitado coletivamente no início das batalhas pelos organizadores:

Manifesto do Slam da Guilhermina

Guilhermanos e Guilherminas
Guilher MANOS (coro) Guilher MINAS (coro)
Guilher MANOS (coro) Guilher MINAS (coro)
Guilher MANOS (coro) Guilher MINAS (coro)
Guilhermanos e Guilherminas
Quem vencer essa noite será nomeado
Slampião ou Slampiã
Porém não levará para casa
A Maria Bonita
Vem
Pode chegar
Sob a luz da lamparina
Celebrando a poesia
No slam mais roots da América Latina
Ocupando a praça muito além da fumaça
Não duvide da fé
Porque Guilhermina é
Esperança [...](MARTIN, BUENO, 2021, p.62).

Podemos notar que o manifesto já começa anunciando na expressão poética a força coletiva que marca a identidade desse movimento, que ao ser declamado conjuntamente (manifestação de várias vozes), afirma a presença da coletividade. Aspecto que é reforçado pela expressão (“manos” e “minas”), ao demarcar geograficamente um espaço social de periferia, local de vivência das juventudes que se utilizam desses termos cotidianamente.

O hino, revela-nos ainda, a preocupação do coletivo com as questões de gênero e da misoginia, na medida em que realizam uma analogia com o movimento do cangaço, com o alerta de que o campeão/ campeã, não poder levar a Maria Bonita para casa, em uma referência ao respeito mútuo e a sociabilidade que deve prevalecer na comunidade poética.

O momento de expressão poética do slam é democrático, portanto, pertence a todos, por isso é aberto e coberto pelo céu e envolvido pelas pessoas que transitam pelo local, que podem e devem se juntar ao grupo para compartilharem palavras, expressões e sentimentos.

O Slam da Guilhermina, portanto é construído de forma coletiva, união de vozes que buscam por ocupar espaços onde possam conviver, dialogar, poetizar e lutar por seus direitos literários, políticos, econômicos, sociais e culturais.

Outro importante coletivo de poesia slam do Brasil, é o irreverente Slam Resistência. Esse coletivo teve significativa divulgação em decorrência principalmente das plataformas digitais, que são utilizadas para divulgar seus

campeonatos poéticos. O fato de carregar a palavra resistência em seu nome, já revela-nos a força que marca esse movimento: a luta contra as mazelas geradas pelo excludente sistema capitalista.

No grito coletivo que precede cada performance poética do Slam Resistência, ouve-se: “Sabotage sem Massage na Mensage: Slam Resistência!” Frase que anuncia a opção por uma linguagem que confronta com a norma padrão da Língua Portuguesa. Essa mensagem faz referência ao rapper Sabotage, conhecido entre os jovens da periferia por sua trajetória, na qual conseguiu sair da criminalidade por meio da música, mostrando dessa forma, a potência transformadora da arte. Infelizmente, como grande parte dos jovens periféricos, Sabotage foi assassinado em 2003, aos 29 anos.

“O Slam Resistência⁷ é um coletivo realizado na Praça Roosevelt, um dos principais pontos de encontro na cidade de São Paulo, desde 06 de outubro de 2014. “O evento foi idealizado pelo artista multicultural Del Chaves, motivado pelas manifestações de 2013” (SLAM RESISTÊNCIA, 2019, p. 120). A escolha do local para a realização das batalhas ocorreu de forma proposital por seu idealizador: “entre os motivos que levaram à escolha pela Praça Roosevelt estão o fácil acesso ao transporte público e por ser este um espaço que já agrega diversas manifestações culturais, artísticas e de ativismo político” (SLAM RESISTÊNCIA, 2019, p.120).

Esse Slam, apropriou-se também dos ambientes midiáticos, visando aumentar a amplitude de suas batalhas de poesia, o que fez com que os vídeos com as performances de seus slammers atingissem “mais de oito milhões de visualizações” (MARTIN, BUENO, 2021, p.57). O que demonstra a importância desse Slam para o cenário poético no Brasil, como podemos perceber nas palavras de Martin e Bueno:

Estabelecido em região central de fácil acesso, consolidou-se como um dos maiores fenômenos artísticos de público presencial e de redes sociais da atualidade, agregando uma grande quantidade de pessoas

⁷ O Slam Resistência acontece toda primeira segunda-feira do mês na Praça Roosevelt, em São Paulo e vem na sintonia dos protestos, dos movimentos sociais e do enfrentamento político ativo em defesas culturais/sociais, sócio-ambientais e contra truculência do estado para com os manifestantes! Disponível em: <https://www.facebook.com/slamresistencia/> Acesso em: 12/02/2023

interessadas em sua atuação literária e social. (MARTIN, BUENO, 2021, p.57).

O fato da apropriação de uma praça na região central da cidade de São Paulo para a realização de seus eventos presenciais, coaduna com um significativo público presencial para suas batalhas, uma vez que, possibilita que as pessoas que habitam as zonas periféricas tenham acesso e interação com artistas de diferentes regiões da capital paulista.

No livro do Slam Resistência: Ágora do agora, publicado em 2019, nota-se a grande proposta desse coletivo: a promoção de um espaço de atuação, uma ágora na atualidade. Na epopeia homérica a ágora, é entendida como um espaço privilegiado, de interação social (JULIEN, 2006), sendo o local onde desenrolava a vida pública dos gregos, expressão de política e cidadania, essa associação com a Grécia Antiga, nos mostra a complexidade do fenômeno do slam, que tem na poesia falada a expressão máxima de sua arte, porém, configura-se também,

Um movimento coletivo, social e político, espaço de entretenimento, de competições e de debates para se “compartilhar versos e discutir temas da atualidade, como o genocídio da juventude, o machismo, o racismo, entre outros” (SLAM RESISTÊNCIA, 2019, p.120).

Roberta Estrela D'alva, que define o poetry slam da seguinte forma:

Poderíamos definir o *poetry slam*, ou simplesmente *slam*, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo mundo. (D'ALVA, 2014, p. 109)

Percebemos então, que no Brasil diferentemente de como ocorre nos Estados Unidos(em bares e ambientes fechados), o movimento slam apropriou-se das ruas e das praças públicas para a realização de suas performances poéticas, sendo denominado pelos seus impulsionadores como uma Ágora da atualidade, e a questão de frisar o termo na atualidade se torna necessário para estabelecer as diferenças em relação à Ágora da Grécia Antiga, que por sua vez comportava desigualdades e segregações sociais e econômicas. Processos estes, que, são

contestados pelos slammers(poetas) na contemporaneidade. Por isso, em suas atuações acabam por criar espaços e ambientes de insurgência, por expressarem por meio de seus corpos (em sua maioria negros), suas existências e demandas.

Tais determinações visam romper com os interesses instituídos historicamente por uma elite branca e excludente e elevar o potencial democrático e a capacidade do Slam enquanto fórum (FREITAS, 2019), espaços contra-hegemônico significativos, em que os jovens encontram lugares de fala e escuta, visto que posicionam-se como “[...] movimentos de contestação e apropriação de espaços físicos e sociais” (MARTIN, BUENO, 2021, p.52).

Na contracapa do livro publicado pelo coletivo Slam Resistência, livro este que reúne as poesias vencedoras dos campeonatos dos eventos ocorridos entre os meses de maio e de dezembro de 2018, encontramos o “Hino do Slam Resistência”⁸, que é declamado no início de cada evento, o mesmo, pode ser lido a seguir:

Hino do Slam Resistência

Poetividade, intervenções culturais, sociais
Poética pra batalha, venham!
Tragam seus molotovs verbais
Dizemos mais, paz! Venha!
Sócio-pifania, poesia sempre vence, a
competição é ironia, dialético, esporte
poético, slam com o espírito le parkour com
as palavras.
Brasil, vandalismo lírico, tem espaço pra
geral, tem [até] poeta mudo, mostre seu poder
composicional em três minutos, tragam
suas armas letrais, atitude e inteligência,
Sabotage sem Massage na Mensage,
Slam Resistência, multi-etnia, é Noiz! Ahoo.
Brasilidade
Trovadores... Pensadores... da contemporaneidade.
(Hino Resistência)⁷

O Hino demonstra as concepções do coletivo, definindo-o como um movimento cultural, social e político, ressaltando termos compostos por neologismos que são significativos para entendermos esse Slam. Outro ponto importante, refere-se à palavra como uma arma, enquanto uma via potente para a

⁸ Além de ser encontrado na contracapa do livro *Ágora do agora*, o Hino do Slam Resistência pode ser visto no documentário homônimo no sítio eletrônico Youtube (ÁGORA [...], 2019), iniciando-se aos 25s e finalizado com 1min17s.

resistência, no qual todos são convocados para a batalha: “Tragam seus molotovs verbais”, “vandalismo lírico” e “tragam suas armas letrais”, esses aspectos, trazem uma outra conotação para elementos que são considerados geradores de violências, essa estratégia literária tem sido recorrente em obras literárias consideradas marginais/ periféricas, como podemos observar nas palavras de Carlos Cortez Minchillo:

Indicativas do caráter revolucionário do discurso produzido na periferia são também as imagens, recorrentes na literatura marginal e nas letras de *rap*, que fundem literatura e violência. Nesse campo de produção, a metáfora da escrita/leitura como armamento ou munição é um *tropos* poderoso, que ressignifica tanto o gesto de afronta ou crime, quanto a função da literatura [...]. A literatura vista por esse prisma é indissociável da função política, e a violência, agora discursiva, tem como fim combater as desigualdades sociais e, por fim, a própria violência física (MINCHILLO, 2016, p. 134):

Percebemos então, que tanto o Slam da Guilhermina, quanto o Slam Resistência mobilizam ações para que mulheres, homens, crianças, jovens, adultos e idosos possam usufruir livremente dos mais variados espaços da cidade para suas realizações humanas. Esse direito vem sendo negligenciado intencionalmente pelo vigente sistema capitalista, que mercantiliza espaços urbanos, limitando o pleno desenvolvimento humano, principalmente no que concerne às necessidades expressivas e criadoras, nas palavras de Lefebvre:

O ser humano tem [...] necessidade de ver, de ouvir, de tocar, de degustar, e a necessidade de reunir essas percepções num “mundo”. A essas necessidades [...] acrescentam-se necessidades específicas, que não satisfazem os equipamentos comerciais e culturais [...]. Trata-se da necessidade de uma atividade criadora, de obra (e não apenas de produtos e de bens materiais consumíveis), necessidades de informação, de simbolismo, de imaginário, de atividades lúdicas. (LEFEBVRE, 1987, p. 105).

Nesse cenário, a poesia Slam ganha os palcos periféricos, quebra as barreiras da mercantilização dos espaços urbanos, impulsionando as pessoas a vislumbrarem novos espaços e novas formas de apropriarem-se da cidade. Por meio das batalhas de poesias, oferecem “às pessoas opções de lazer cultural/ literário em espaços públicos, ao mesmo tempo que inserem uma parcela importante da sociedade em ambientes de sociabilidade e produção cultural crítica e criativa” (MARTIN, BUENO, 2021, p.60).

3.2. A arte performática da poetry Slam e a construção da subjetividade

A poetry Slam, com toda a sua complexidade e amplitude, torna difícil a tarefa de situá-la dentro de um movimento literário. Contudo a identificamos como uma arte performática contemporânea, pois é a performance que dá fôlego ao Slam, através da atuação dos poetas (slammers), possibilitando encontros de corpos, de expressividades e, de histórias de vidas.

É notório como aqueles que passam pela experiência de uma batalha de poesia Slam, saem modificados, pois entram em um potente movimento de autorreflexão e de autoconhecimento, processos que provocam a construção de uma consciência social e histórica.

Por ser uma criação de grupos que foram historicamente silenciados, o Slam, traz forte brecha decolonial⁹, na medida que vai de encontro com as produções que continuam legitimando as convicções de uma elite branca, patriarcal e racista. Nesse ponto, a poesia Slam pode ser considerada revolucionária, na medida que questiona o modo de produção centrado e marcado por privilégios sociais, principalmente no que refere-se à representatividade, uma vez que, o Slam coloca democraticamente e publicamente outros autores/atores em cena, o que atrai novos públicos e produz novos conhecimentos.

No Slam, a produção deve ser autoral, portanto, os slammers(poetas) partem principalmente dos seus contextos de vivências, de suas construções subjetivas, de suas histórias de vida (passado, presente, futuro) que dialeticamente entrelaçam-se com as questões coletivas e concretas do contexto sociocultural no qual estão inseridos.

Processo que faz da arte performática do Slam, uma arte que não é alheia às estruturas sociais de seu tempo. Contudo, ao revelar as necessidades subjetivas dos sujeitos, acaba por relegar as produções mercadológicas que legitimam o sistema econômico em vigor. A pesquisadora Diana Taylor, coloca de forma

⁹ DECOLONIAL- Estudiosos como Cesaire (1978) e Fanon (2008) entendem o pensamento entendem o processo colonizador como um despojamento dos recursos materiais, subjetivos e epistêmicos. O pensamento decolonial surge a partir da atuação, contra a manutenção do racismo. Por meio dele, pode-se prever a desintegração das relações de poder e de conhecimento que promovem a reprodução de hierarquias étnicas, geopolíticas e de gênero, estabelecidas e desenvolvidas na era moderna/colonial. Nesse sentido, dizemos não as narrativas brancas e hegemônicas e traçamos nossas próprias narrativas a partir do trabalho que nossos ancestrais e nossos mais velhos em vida vem produzindo ao longo dos séculos (VEIGA, 2001, p. 24

explícita, a forma como a performance rompe com essa questão de arte afastada do social, em suas palavras:

Performance, como ato de intervenção efêmera, pode interromper os circuitos das indústrias culturais capitalistas limitadas à fabricação de produtos de consumo. Não depende de textos editoriais (e, portanto, evita a censura); não precisa de um diretor, atores, designers ou todo o equipamento técnico que o teatro exige; não precisa de espaços designados para existir. Como arte de ruptura, a performance questiona a convenção modernista de que a arte é autônoma da vida social (TAYLOR, 2012, p. 67).

Os eventos de poesia Slam, construídos por subjetividades, confrontam com as imposições identitárias homogeneizantes, negando-as e ressignificando de forma performática e dialógica, tendo como sustentação seus próprios corpos, sendo essa a força da arte performática, como nos aponta o teatrologista estadunidense Marvin Carlson, sobre o/a performer:

[...] quase por definição, não baseiam seu trabalho em personagens previamente criados por outros artistas, mas em seus próprios corpos, suas próprias autobiografias, suas próprias experiências, numa cultura ou num mundo que se fizeram performativos pela consciência que tiveram de si e pelo processo de se exibirem para uma audiência. Desde que a ênfase esteja na performance e em como o corpo ou o self é articulado por meio da performance, o corpo individual permanece no centro de tais apresentações (CARLSON, 2009, p. 17).

O que demonstra a grandiosidade humana desses eventos performáticos, uma vez que, a centralidade está nas singularidades dos sujeitos, em seus respectivos contextos de vivências, em suas histórias de vida, as quais serão implicadas e modificadas nas performances poéticas.

A Filósofa Judith Butler, em sua obra *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética* (2017a, p.168), aborda questões interessantes sobre o processo de construção da autorreflexão, a qual perpassa pelo entendimento acerca de um mundo social que foi construído anteriormente ao sujeito em construção, mas é a partir dele, que se poderá ter consciência das relações de poder que culminaram em pre-determinações que impõem determinações e expectativas sobre o “ser” dos indivíduos, para que assim, ele possa ser reconhecido socialmente, o que acaba por aprisionar o sujeito em estereótipos.

Nesse processo de entendimento acerca de si mesmos, os sujeitos ao criarem uma produção de slam, são ao mesmo tempo criados por ele. Dessa forma

o indivíduo ultrapassa as barreiras do imediatismo, possibilitando a construção de um conhecimento e entendimento reflexivo sobre a sua própria construção enquanto sujeito histórico e político. Com isso, uma poesia de Slam carrega em cada palavra escrita e proclamada, vidas humanas marcadas pelos movimentos de construção identitária, em um dinâmico entrelaçar coletivo entre o performer e plateia que se reconhecem dialeticamente.

Por isso, o Slam assume uma função sociopolítica, na medida em que “o slammer, ao dar o seu depoimento, situa-se em uma instância performática em que arte e vida fazem parte do mesmo plano e não há dissociação entre ética e estética” (D’Alva, 2011, p.122). Esse movimento permite que os sujeitos compreendam as forças em disputas nos contextos em que o seu “eu” está se formando.

Em nossa sociedade contemporânea dominada pelas relações capitalistas, os contextos em que a construção identitária do sujeito se realiza, é marcada pelo que (2017b), chama de sujeição e, somente a partir do momento em que o sujeito reconhece o poder que o domina e se apropria dele, é que será possível configurá-lo de outras maneiras, um novo nascimento social, que poderá ocorrer por meio da ressignificação e da resistência ao poder instituído. Dessa forma, o Slam abre espaços de atuação política, confrontando-se com as diversas formas de sujeição, tornando audível e visível corpos e vozes que vão de encontro com a ideologia hegemônica.

Por seu forte teor contra hegemônico, o Slam enfrenta uma batalha maior, a de se manter enquanto arte, dentro de um sistema que controla e mantém somente as que compactuam para sua legitimação e manutenção, o que os levam a reduzir o valor estético literário do Slam.

O poeta e escritor Javon Johnson (2017), em *Killing Poetry: blackness and the making of slam and spoken word communities*, aponta a crítica do canônico Harold Bloom, que ataca a qualidade do slam devido a intimidade criada com o público, alegando atrapalhar na construção da estética das obras, o que segundo ele, “levava à morte da arte, citando como referência para contraponto nomes como os de Blake, Shakespeare e Whitman” (JOHNSON, 2017, p.1), tendo-os como superiores, por considerá-los requintados e esteticamente adequados.

Contudo, o que está em questão, não é a qualidade estética do poema, ou se este encaixa-se nos padrões estabelecidos, pois a arte performática do Slam,

ultrapassa todos esses limites, como podemos observar no poema vencedor da edição de fevereiro de 2020 (nº 224) do Slam da Guilhermina¹⁰:

Foi uma história feita sem métricas, regras ou réguas pelo o tanto que eu tive que correr de vocês. Hoje me chamam de Papa-Léguas levando uma história escrita em conta que na real quem conta não sou eu se você sabe o nome do seu bisavô, meu irmão Parabéns! Isso aí é quase milagre de Deus Aliás, muito obrigado que Deus seja branco mesmo porque esse caos na Terra tá explicado. Meus irmãos sangrando na rua, minhas irmãs com depressão. As criança já não brinca de boa Vocês pensando na seleção. Assassinado na porta de um fast-food, cabelo black é motivo de prisão. Meus moleque segurando uma doze Mas o maior bandido cêis votaram na eleição (CAMPOS, 2020, n.p).

A autora do poema, Jéssica Campos, mostra-nos de forma intencional em seu Slam, a ausência de métricas, argumentando que o distanciamento não ocorre somente na escrita, mas nos processos violentos e opressivos, que marcaram a sua história e a de seu povo negro.

A poeta vê com indignação e resistência o modo com que os ditos brancos realizam suas ações, relegando e criminalizando os seus, questiona ainda a ideia de bandido, associando-o com contexto eleitoral, deixando uma reflexão do que se entende por bandido em nossa sociedade. Versos compostos de (in) concordância, escrita que é intolerável para os críticos literários, mas as preocupações de Campos, está na falta de concordância social, que culmina em severas injustiças sociais e isto, não é criticado pelos respeitados críticos literários.

Por isso, a preocupação no slam está na troca de experiências entre as subjetividades envolvidas nos eventos poéticos, estas que não estão preestabelecidas, limitadas e muito menos estáticas. Esses aspectos que se relacionam com a teoria de Ciampa (1987/ 2005), nos permite afirmar que o movimento Slam, possibilita o desenvolvimento das alteridades identitárias em detrimento das reposições identitárias disponibilizadas segundo categorizações estabelecidas socialmente, enquadramentos que legitimam a existência de uma essência identitária para determinados sujeitos.

Tais legitimações são responsáveis pela criação de estigmas que nos impedem de enxergar as subjetividades dos sujeitos, pois colocam em caráter duvidoso, todo corpo negro, por exemplo, o que nos faz condenar toda uma

¹⁰ Slam da Guilhermina. <<https://www.youtube.com/watch?v=kXBYlaCuyo8&t=107s>>. (2m52s).

existência. É justamente contra essa padronização dos sujeitos que se localiza a poesia Slam, assumindo uma luta contra toda forma de subjugação humana, econômica, política e social e tantas outras que se fazem presentes em nosso mundo contemporâneo.

A poesia de slam, ao abrir espaço para uma construção poética autoral, possibilita a emergência de histórias de vida, que foram estrategicamente apagadas e silenciadas ao longo de nossa história. Mel Duarte (2019), em seu poema “Coisa de Preto”, que se encontra no livro - Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta -, comenta sobre as dificuldades que enfrenta devido a muitas pessoas reclamarem do fato de seus poemas tocarem constantemente em questões relacionadas ao racismo, pois há uma certa naturalização quanto aos privilégios brancos. Mel, explícita no final de seu poema:

[...] Em três minutos não caberia o que um preto passa na vida. Tô te incomodando? Tá dando certo! É pra nossa dor não passar batida não adianta, falar de pele já faz parte da minha rotina! Prazer, da Rocha um Cristal. vim tocar na sua ferida. (ROCHA apud DUARTE, 2019, p.61).

Percebemos então, que a poesia de slam não é a arte sobre os que foram historicamente excluídos, mas é escrita, construída e vivida por cada uma dessas subjetividades segregadas, que passam a tomar consciência de seus lugares no mundo, reconhecendo as causas políticas, econômicas e ideológicas de suas mazelas, feridas que encontram-se abertas e, que continuam fazendo escorrer sangue de milhares de corpos que se encontram às margens da nossa sociedade. Por meio do slam, é reconhecido que não há outro meio para estancar esse sangue do que a de escancarar a ferida.

3.3. Poetry Slam- encontro de Escrevivências

Como já apresentamos, uma das regras principais do Slam consiste na produção autoral dos poemas que serão apresentados nas batalhas poéticas, com isso, as produções são compostas pelas vivências dos slammers (poetas). Nesse ponto, o Slam encontra-se com a escrevivência, termo criado por Conceição Evaristo.

Maria da Conceição Evaristo de Brito, nasceu em Belo Horizonte em 1946. Oriunda de uma família afro-brasileira, não escapou da herança de miséria e exclusão deixada pela elite branca (colonial-imperial-republicana), com isso cresceu em contextos de trabalhos subalternos, como os domésticos para o sustento da casa.

Em 1970, mudou-se para o Rio de Janeiro. Essa mudança de cidade foi necessária para que Evaristo pudesse percorrer um caminho diferente do que as outras mulheres de sua família. Foi a partir desse momento, que Conceição Evaristo conseguiu cursar o magistério, mais adiante graduou-se em Letras e seguiu os passos acadêmicos, cursando mestrado em Literatura Brasileira e doutorado em Literatura Comparada.

Por todo seu histórico de vida, Evaristo dedicou-se aos estudos da literatura afro-brasileira, sendo ativa nos movimentos culturais que buscam a valorização e a visibilidade da cultura negra. A partir de 1990, passa a publicar contos e poesias na série Cadernos Negros. Sua escrita é marcada por suas próprias vivências e a de seus ancestrais, espaço em que revela sua condição de mulher negra e nascida em uma região marginalizada socialmente e das dificuldades advindas dessas condições, principalmente na infância.

Abrindo na literatura uma brecha para se avistar a história do afro-brasileiro, sempre às margens, escravizado, excluído e explorado nos subempregos, mas dessa vez, pelas vias das memórias dos homens e mulheres negras. Nasce nesses contextos de escrita, o que Evaristo chamou de Escrivivência, o “termo criado pela intelectual é a junção das palavras “escrever” e “viver”, portanto está ligado a ideia de uma escrita contaminada com a subjetividade da escritora” (REMENCHE, SIPPEL, 2019, p. 37).

Uma escrita entrelaçada por suas vivências, por suas memórias e pelas lembranças de seu grupo social e ainda, temperada com um toque ficcional. Na verdade, trata-se de ficcionar a própria vida, uma grafia contaminada pela subjetividade. A própria Conceição afirma que dificilmente uma escrita será isenta de subjetividade, argumentando que sempre há de certo modo, a presença das preferências do autor e da autora, sendo assim, a literatura é regada por uma certa escrevivência. Em referência à sua escrita, expressa: “é uma literatura em que a escolha semântica está profundamente relacionada com a minha situação social ou

com a experiência social que já vivi” (EVARISTO apud DUARTE, 2020, p. 41), e, ainda complementa:

Quando me debruço para construir uma ficção, uma narrativa ou um poema, um texto ensaístico, não me desvencilho da minha condição de cidadã, negra, brasileira, viúva, mãe de Ainá... Toda a minha subjetividade é a subjetividade da escritora. E essa subjetividade, creio, contamina tanto o assunto que escolho para escrever, as personagens criadas, o enredo, como o próprio uso da linguagem (EVARISTO apud DUARTE, 2020, p.41).

E, dessa forma é construída a escrevivência, uma escrita de si mesmo, aspectos que coadunam com os estudos acerca da escrita biográfica na contemporaneidade. Esse estudo “consiste na possibilidade de reunir teoria e ficção, considerando que os laços biográficos são criados a partir da relação metafórica existente entre obra e vida” (SOUZA, 2011, p. 21).

Um processo que não é estático, não é um simples ato de recordar, é trabalho, é ação, é movimento, é (re) construção de si mesmo e da sua história. Por isso, é uma escrita que não termina no sujeito, mas abarca também a história da coletividade, visto que, a autoficção se realiza no corpo, na vida, transformando a linguagem do cotidiano em ato literário (SOUZA, 2011).

Uma literatura que tem na memória viva, a ponte entre a realidade e a ficção, espaços em que o passado é sempre presente, na medida em que as lembranças partem de um corpo que sente as demandas do agora, neste ponto, aponta-se novas possibilidades de futuro. Amaral, tendo como base a memória em Derrida, afirma,

[...] isso que se costuma chamar de passado passa a ser presente quando a memória se torna narrativa no ato de lembrar e não mais guardar algo, sempre a partir e depois da inscrição, que será sempre promessa já a caminho do que está por vir. O que já aconteceu será sempre presente justamente atualizado através da memória tornada narrativa e o que está acontecendo pode-se apenas imaginar que no futuro será passado (AMARAL, 2000, p. 32).

Dessa forma, quando se constroem narrativas autobiográficas, tem-se por meio das memórias do passado/ presente, novas perspectivas históricas. Em Conceição Evaristo temos uma literatura que parte da concretude da vida, pois uma “escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida” (EVARISTO apud DUARTE, 2020, p. 35).

Esses construtos permitem uma reconstrução da escrita relacionada ao negro, partindo não de uma visão eurocêntrica, não de uma história contada pelo outro, mas pelo próprio povo negro, recolocando-o na literatura, despido da roupagem preconceituosa e excludente, partindo de suas próprias biografias, subjetividades, processo que “abre novos espaços para urgente reorganização histórica, social, econômica, cultural e literária. Trata-se do futuro, a própria questão do futuro, a questão de uma resposta, de uma promessa e de uma responsabilidade para amanhã” (DERRIDA, 2001, p. 50).

Conceição Evaristo, afirma que: “Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera” (EVARISTO apud DUARTE, 2020, p.35). Essas questões geram reflexões que fazem emergir novas possibilidades para nossas existências.

Nessa direção encontra-se a Poetry Slam, quando os/as slammers, de posse de suas Escrevivências, trazem à tona suas histórias, suas indignações e demandas atuais. Esse processo, não acontece de forma isolada, mas coletivamente, representando um movimento que abre espaços para novas escritas e conseqüentemente para metamorfoses identitárias, tendo como base de sustentação suas próprias vivências.

3.4. Poesia Slam, novas formas de ser e estar no mundo

A poesia de Slam, torna-se significativa também para os processos educativos, na medida que provoca as juventudes para busca de novos saberes, de forma dinâmica e criativa. Desse modo, conseguem energicamente ultrapassarem as barreiras do imediatismo, momento em que se apropriam dos conhecimentos historicamente construídos pela humanidade (SAVIANI, 2013).

O movimento Slam, desponta-se então como uma alternativa atraente para adolescentes e jovens, principalmente os de periferia, pois não se reconhecem nos livros didáticos, são estigmatizados, estereotipados e, muitos deles são vistos como delinquentes e perigosos. Por isso, encontram nas batalhas poéticas, espaços em que são vistos e ouvidos, em que na mesma proporção que são impulsionados a ouvir a história de seus colegas, também, o são para escrever a sua própria história.

Nos momentos de escrita, criam e recriam suas histórias e a de sua comunidade, pois, “entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção” (EVARISTO, 2017, p.11). Esse movimento promove o entendimento acerca da historicidade, em que, o olhar ao passado é apenas uma atitude em busca de consciência e de referência (CÉSAIRE, 1978).

Desse modo as juventudes passam a buscar por novos espaços de atuação, indo para além das praças públicas, começam também a romper com os muros das Universidades, ambientes até então, restritos a uma dita elite intelectual e academicista. Nesse sentido, apropriam-se da ciência e da produção do conhecimento. Sujeitos que, como a Severina de Ciampa (1987/ 2005), passam por um processo de mesmidade, de alteridade identitária.

Apresentaremos nas próximas páginas as trajetórias de Poetas/slammers, que encontram no Slam, um meio de empoderamento social, bem como vias alternativas de lutas e de resistências.

Midria Pereira da Silva, a menina que nasceu sem cor! A slammer, formou-se em Ciências Sociais na USP, no ano de 2022. A jovem é moradora da região leste da Cidade de São Paulo e, cursou toda educação básica em escolas públicas. Com 15 anos deixou de alisar seus cabelos, tomando consciência da sua negritude, mesmo contra a vontade de sua mãe.

A poesia, A menina que nasceu sem cor, de sua autoria, atingiu mais de 7 milhões de pessoas, contando com visualizações no Facebook, YouTube e Instagram, ganhando até mesmo formato de livro e ainda com uma versão especial para o público infantil. Midria também é membro do coletivo Sarau do Vale e umas das fundadoras (slammaster) do Slam USPerifa.

A cientista social, enxerga na poesia um caminho de cura e emancipação. Sua pesquisa, na Graduação, carrega o título: Caminhos abertos pela palavra: análise etnográfica da trajetória de poetisas negras do Slam, sob a orientação da Professora Dra. Jacqueline Moraes Teixeira.

A opção de pesquisa de Midria, nos mostra que sua vivência no slam, mobilizou-a para aprofundar seus estudos no que concerne ao entendimento das implicações da poesia slam na vida de mulheres pretas, como um meio para refletir sua própria trajetória e a de seu grupo social. Em 2023, Midria ingressou no

Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, dessa vez, para estudar poetas negras surdas dos Slams, em um movimento bonito que dá ênfase no caráter democrático e acolhedor dos Slams no Brasil.

Luciana Ribeiro, artisticamente conhecida como Luz Ribeiro, é outro grande nome do Movimento Slam em nosso país. Oriunda da Zona Sul de São Paulo, sempre estudou em escolas públicas e encontrou na escrita de versos, um meio para enfrentar o racismo e as mais variadas formas de exclusões nos contextos em que estava inserida.

Em seu site¹¹, podemos ter acesso às suas produções e aos trabalhos desenvolvidos na sociedade. Luz foi rendida pelos Saraus no ano de 2012 e, desde então, vem se destacando como uma personagem importante para a Poesia Slam no Brasil. A slammer é integrante do coletivo de teatro de pesquisa sobre negritude (Legítima Defesa). Além de ser autora de vários livros, Luz Ribeiro é também idealizadora e mestre de cerimônia do Slam das Minas SP (batalhas poéticas para mulheres e pessoas trans). Em 2018, foi uma das protagonistas de BRAVOS, série da TV Brasil.

Dentre os poemas/ Slams escritos por Luz Ribeiro, Menimelímetros nos toca de forma especial nessa dissertação, por escancarar a realidade periférica, principalmente no que concerne aos adolescentes e jovens que estão fora da escola, sendo-lhes negado um direito social básico, o da educação (BRASIL, 1988).

Nesse contexto o tráfico se apresenta como uma possibilidade de sobrevivência, pois a segregação e o preconceito retiram-lhes o acesso à plena cidadania, processos que resultam em Medida Socioeducativa de Internação:

os meninos passam liso
pelos becos e vielas
vocês que falam becos e vielas
sabem quantos centímetros cabem em um menino?
sabe de quantos metros ele despenca quando uma bala perdida o
encontra?
sabe quantos não ele já perdeu a conta? [...]

Esses meninos tudo sem educação
que dão bom dia, abrem até portão
tão tudo fora das grades escolares
tão sem escola
nunca teve reforço
de ninguém

¹¹ Site Luz Ribeiro: <https://luzribeiro.com.br/> - último acesso 12.02.2023

mas reforça a força e a tática
do tráfico mais um refém
os meninos sabem nem escrever
mas marcam os beco tudo
com caquinhos dos tijolo [...]
na quebrada do menino passa nem ônibus pro centro da capital
isso me parece um sinal
é tipo uma demarcação de até onde ele pode chegar
e os menino malandrão faz toda a lição
acorda cedo e dorme tarde
é chamado de função
queria casa
mas é fundação[...] (LUZ, 2019, n.p)

Cruel e perversa realidade para os jovens e adolescentes que desenvolvem suas vidas no chão da opressão, por isso, “essas poesias são fontes primorosas para o trabalho de análise, na medida em que ampliam a discussão para além das temáticas abordadas, por se constituírem como plataforma que integra a conexão entre a história e a arte (SOUSA, 2018, p.4).

Nesse cenário, outro grande poeta emerge no palco de nossa dissertação, o slammer, Lucas Afonso. O jovem é um rapper, morador do Jardim São Carlos, zona leste de São Paulo, um menino sonhador, que encontrou na linguagem poética, uma forma de conexão com o mundo.

Assim como muitas outras crianças de seu bairro, Lucas Afonso sonhava em ser jogador de futebol, contudo, foi envolvido pela arte da escrita e da oralidade. Seu primeiro contato com a poética foi por meio da música, nos ambientes de rodas de samba que aconteciam em seu bairro. Na escola onde estudava conheceu o rap, foi então que, começou a escrever letras de músicas, tendo como inspiração suas próprias vivências. Em 2014, foi lançado seu primeiro trabalho autoral, o EP “À Margem”¹².

Todavia, foi nos saraus que Lucas Afonso encontrou espaço ideal para livre expressão e para o pleno exercício da democracia. No Zona Autônoma da Palavra, primeiro Slam criado no Brasil, Lucas teve acesso a uma batalha de poesias e, foi nesse espaço, que pode perceber a força de sua palavra e sentir a emoção de ver seu poema sendo escolhido pelos jurados. Lucas Afonso, define o Slam como um esporte:

¹² Lucas Afonso. EP “À Margem”. <<https://www.youtube.com/watch?v=SB6IzMkdhEk>>

"Quando a gente joga um futebol na quebrada ninguém volta pra casa pensando que é um derrotado, ruim, incapaz. Passei a entender o SLAM desta forma, um esporte, como a prática da oralidade e um espaço para mostrar meu trabalho" (AFONSO, 2016b, n.p).

O encontro com o Slam foi tão profundo que o impulsionou a criar o seu próprio, o denominado Slam da Ponta, que acontece mensalmente no Instituto Reação Arte e Cultura, em Itaquera. O slammer também faz parte do coletivo Filhos de Uruaí, movimento que faz intervenções poéticas dentro dos trens e metrô em São Paulo.

Em sua bagagem poética, carrega o título de campeão do Slam Brasil 2015, e em 2016, foi semifinalista da Copa do Mundo de Poesia Slam, na França. É também um poeta-cidadão que criticamente luta e faz resistência com seus versos, materializando a função social da arte, como podemos observar em seus versos:

[...] Vai vendo, certo dia, estive em uma manifestação
Tomei um soco na cara no meio da confusão
No outro dia, jornal, me vi na televisão:
policial agredido com cabeçada na mão
Os fins não justificam os meios de comunicação
Se a versão de quem oprime vira nossa opinião,
é fácil confundir quem bate com quem se estende a mão
Se te oferecem o céu, te empurrando pro chão
Não vai fazer gol contra e sair comemorando, pelo amor
até torturador tão homenageando
2 mil e pouco, o certo sai pelos canos, opressor tem medo de ver
o oprimido levantando e batendo no peito gritando
"é noix": nosso povo sagaz, desespero pra algoz
Mas eles venceram, sinal fechado pra nós
Ainda vivemos como nossos pais, ou nossos avós
Exalto a voz, solto meu verso na rua,
correndo o risco do após, sozinho em noite sem lua
Sei que a maldade é veloz, o mal também não recua
Mas não estamos a sós
A LUTA CONTINUA (SLAM RESISTÊNCIA, 2016 apud FREITAS, 2019 p.11).

Ao desenvolver a performance desse Slam, Lucas Afonso deparou-se com uma vívida expressão da plateia que se manifestavam com muitos "ou`s", com gritos fervorosos de aprovação e de risos diante das ironias contidas nas palavras do rapper. Palavras que exprimem a ação de uma mídia que desqualifica a ação do jovem de periferia, representando-o sempre como agressor, omitindo a violência para com esses corpos.

Em 2019, nasce o primeiro livro de Lucas Afonso: A Última Folha do Caderno, fruto de suas vivências enquanto um aluno do “fundão” que enfrentava dificuldades, tirava nota baixa e que, por muitas vezes, a aula não o atingia profundamente.

Desse modo, buscava refúgio na última folha do caderno, para ali, no silêncio e na liberdade daquela página em branco, poder tingir de tinta o papel com seus pensamentos, na adrenalina de ser pego de surpresa por seu Professor (a) a qualquer momento, mas valia a pena o risco, pois, havia encontrado um espaço, livre de julgamentos, no qual suas ideias e pensamentos ganham formas e versos: angústias, alegrias, tristezas, decepções e planejamentos. Um espaço que abarcava os devaneios de sua mente.

[...] “Lucas, você fica escrevendo na última folha do caderno e não presta atenção na aula! Eu vou ter que pedir para a diretoria falar com os seus pais.”
Eu tô ouvindo o que a senhora tá dizendo, professora.

“Será que está? Então, vamos ver se você está prestando atenção na minha aula... Cita para a turma, ao menos, um exemplo de fonte de energia renovável

O amor, professora (AFONSO, 2019, p.5).

A última Folha do Caderno, tem uma instrução clara, deve ser lido de trás para frente, o começo, está, pois, na última folha. Lucas, nos faz refletir essa educação descontextualizada, indiferente às histórias de vidas, principalmente das que se encontram às margens, na periferia.

Em contrapartida, a poesia acolhe, senta-se ao lado e mostra-nos, que, para além de nossos preconceitos, existe uma vida que grita por um espaço de fala, de escuta e de escrita, afinal os (as) jovens de periferia, querem ultrapassar os muros físicos e simbólicos das limitações mercadológicas, querem ter muito mais do que uma qualificação profissional para engendr-los na máquina do capital, querem ser poetas, artistas, cantores, rappers, MC’S, slammers, dentre tantas outras possibilidades para suas existências no mundo.

Lucas Afonso hoje se considera um arte-educador, ministra oficinas de poesias para estudantes da Educação Básica em várias escolas do Estado de São

Paulo. Mobilizando-os para a livre expressão da palavra, pois acredita e vive em sua própria existência a força furacão da poesia. Em seus versos, expressa-nos que a poesia pode até mesmo atravessar as grades.

Por já ter visto vários jovens, amigos seus, passarem por medidas socioeducativas de internação, mostra-nos a força da palavra também nesses ambientes:

Poesia
Pra pular a muralha
Sem se cortar no arrame farpado.
Entrar sem passar na revista,
Pra atravessar a grade.

Rebelião sem refém.
Aí, irmão.
Essa eu fiz
Pra chegar,
Fazer o resgate.

Cena de mil grau
Te tirar daí
Sem apontar a peça na cara de um pai de família
Ninguém vai ganhar a fita [...]

É pra chegar sutil como o sentimento que dá um tranco,
ao ouvir o barulho frio do ferro da trinca [...]

Sua mãe me falou que você está magro, anda meio injuriado, fica firmão.
Lógico. É lógico que é fácil eu falar “fica firmão” se no final do dia eu vou para minha casa, dormir na minha cama. Mas aí, fica firmão, mano. Nós tá te esperando e vamos recebê-lo de braços abertos.

Aí não tem julgamento.
Não tem que explicar.
Eu te conheço, eu te reconheço.
Eu lembro, eu tava lá.

No fórum,
Pensei muito na ideia
De como o destino de uma vida
Pode mudar radicalmente num bater de martelo de uma pessoa que
Não te conhece, nunca te viu. Nossa verdade só vale para nós.

Mas aí, vale pra nós!
Demorô.
Sabemos bem a diferença entre preço e valor.

Isso é poesia
Pra ignorar o cadeado,
Atropelar a fronteira sem autorização.
Poesia, banho de sol sem horário.
Indulto poético.

Fecha os olhos e tenta sentir.
Essa poesia é um sopro (AFONSO, 2019, p.66/67)

Lucas Afonso, inicia esse poema com os seguintes versos: “podem até prender meu corpo, mas meus pensamentos, não. Não! Não existe ratoeira para leão” (AFONSO, 2019, p.66). Essas palavras enfatizam justamente a força da reflexão, que quando ganham materialidade em forma de verso, tornam-se metralhadoras de palavras: Um pá de reexistências. Um barulho, um movimento que não machuca, que não mata, que perpassa as frias e grossas fechaduras do cárcere, provocando e deixando marcas significativas nos sujeitos.

Já vimos nas páginas anteriores, que no Brasil o movimento de Poesia Slam, apropriou-se das praças públicas, rompeu barreiras e nos corpos das juventudes negras e periféricas sacudiu até mesmo os muros das universidades. Nesse sentido, o slam é expressão que ecoa insurgência, é revolução na medida em que a(bala) as raízes da segregação.

Imersos nesse contexto insurgente, propusemo-nos a construção de um potente evento de slam no interior de um centro socioeducativo de internação com adolescentes e jovens em cumprimento de medida, com o intuito de provocar e mobilizar processos de construção identitária, ressignificações e de novas possibilidades do ser no mundo, propondo relações com as questões concernentes a projetos de futuro.

4. Meninos nossos meninos - um olhar para adolescências e juventudes

[...] E já que pra ser homem tem que ter
A grandeza de um menino, de um menino
No coração de quem faz a guerra
Nascerá uma flor amarela
Como um girassol
Como um girassol
Como um girassol amarelo, amarelo[...] (CIDADE NEGRA, 2002)¹³

Abriremos as cortinas a partir desse momento, para eles, que dão tom e a cor para essa pesquisa, os adolescentes/jovens que de forma única e profunda adentraram nos palcos de nossa pesquisa-ação. Optamos por chamá-los de nossos

¹³ Banda Cidade Negra. Música: Girassol. Álbum da letra: Acústico MTV < <https://www.youtube.com/watch?v=Kt1MpsQ-jiA>>. Acesso em 22 fev 2023. Tempo 1'12".

meninos, tendo em vista o artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente, no qual tem-se o preceito de que é dever de todos assegurar com prioridade absoluta a efetivação dos “direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária” (BRASIL, 1990). Nesse sentido, socialmente, somos todos implicados com tais questões.

Dentro dessa perspectiva, entendemos e analisamos os adolescentes/jovens, como sujeitos sócio-históricos (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2003; OZELLA, 2003; OZELLA; AGUIAR, 2008; BOCK, 2004, OLIVEIRA et al, 2006, entre outros). Como uma categoria socialmente constituída, seres humanos, que vivenciam um momento de transformação, que podem ser sentidas por todo corpo, processos em que se observa o desenvolvimento da personalidade, abertura para concepções acerca de mundo, amadurecimento dos processos de sínteses e formações superiores, como a estruturação do pensamento e da consciência humana (VYGOTSKI, 2006).

Não o vemos, portanto, dentro de uma óptica naturalista, universal e desenvolvimentista (HALL, 2002; ERICKSON, 1976; ABERASTURY, KNOBEL, 1989). Enxergamos esse indivíduo no decurso de um processo dinâmico em que se percebe mudanças qualitativas, as quais perpassam por um “processo de transformação do ser humano em si para o ser humano para si” (VYGOTSKI, 2006, p. 200).

Todas as mudanças desse movimento, mesmo as biológicas, são entendidas dentro de uma perspectiva histórica, baseadas na realidade concreta da vida (FONSECA, OZELLA, 2010; OZELLA, 2002). Nesse sentido, são constituídas pelas circunstâncias que marcam o contexto de vivência e que atinge significativamente o indivíduo. Esse processo não é marcado pela igualdade entre as pessoas, mas pela diferença, visto que os contextos em que estão inseridos diferem-se socialmente, economicamente e culturalmente, nos quais cada sujeito interage com o meio de forma distinta.

Com isso, entendemos que o processo denominado de adolescência é uma construção social, que pode ser vivida e significada de diversos modos, pois as condições sociais constroem determinados tipos de adolescência, em que cada especificidade corresponde ao seu contexto histórico-cultural (OZELLA, 2002).

Contudo, nossa atenção está nos processos de desenvolvimento do ser humano como um todo, evitamos um olhar fragmentalista e engessado em faixas etárias.

Todavia, considerando os documentos legais em que as análises se tornam necessárias, vamos utilizar terminologias ligadas a adolescentes/juventudes para os sujeitos dessa pesquisa, sempre no plural, levando em conta as diversidades sócio-históricas desses sujeitos, [...] “que assumem diferentes expressões de acordo com as condições culturais e materiais que as rodeiam” (CASSAB et al, 2016, p. 104).

Nesses contextos, transcorre o desenvolvimento identitário dos adolescentes/jovens, em uma dinâmica que marca as singularidades e as identificações coletivas dos sujeitos, como nos afirma Sposito:

[...] a juventude é vivida como um processo definido a partir de uma inegável singularidade: é a fase da vida em que se inicia a busca dessa autonomia, marcada pela construção de elementos da identidade – pessoal e coletiva – como por uma atitude de experimentação. (SPOSITO, 2005, p. 89).

A adolescência/juventude refere-se, portanto, a um momento fundamental para transformações qualitativas do ser (VYGOTSKI, 2006), principalmente no que diz respeito aos interesses e ao desenvolvimento do pensamento. Ocasão em que, “No cotidiano, a maioria deles trabalha, alguns estudam, possuem família, vivenciam conflitos, divertem-se, amam, sofrem, possuem desejos e propostas de melhoria de vida.”. (DAYRELL, 2002, p.121).

Nesse sentido, na adolescência situa-se um momento privilegiado para o desenvolvimento de experiências significativas, que possam de fato, deixar marcas positivas, principalmente para os menos favorecidos economicamente, uma vez que, é questão de sobrevivência superar as condições que os “proíbem de ser jovens” (DAYRELL, 2002, p.6), mobilizando-os para a construção de novas possibilidades para suas existências,

5. Os processos (des)construção do ser

O desdobrar-se da vida humana, ocorre ancorada na materialidade dos processos históricos, nas dinâmicas econômicas, políticas e nas relações sociais.

Todos esses movimentos ocorrem entrelaçados por ideologias hegemônicas e conflitos de interesses, que, acabam por promover ações com o objetivo de moldar o desenvolvimento dos indivíduos visando a manutenção do status quo.

Com isso, as vontades e os desejos individuais não são considerados, quando se afastam dos interesses das organizações. Dessa forma, muitas pessoas realizam seus planos de futuro buscando fazer parte, para assim, ser aceito e estimado por seu grupo social, anulando desse modo suas vontades pessoais. Por isso realizam os projetos institucionais, em detrimento de projetos de vida.

Em vista disso, faz-se necessário ressaltar que em nossos estudos entendemos projeto de vida como um movimento que envolve múltiplas possibilidades, a escolha, a decisão e a busca, o qual está entrelaçado com a vida humana, em que o sujeito consciente de sua historicidade, potencialidade, desejo, vontade e imaginação, realiza seu ser no mundo.

Nesse processo, a motivação assume posição de destaque, pois, “é esta que desencadeia um processo que transforma as necessidades em projetos, numa trama constituída de aspirações e de eventos significativos que estimulam a atenção, o interesse e o desejo do indivíduo”. (DAYRELL, 2001 apud LECCARDI, 1996. p.278).

Esses aspectos, infelizmente não são cultivados dentro dos muros da escola, pois em seus espaços e ambientes notamos um esforço demasiado sobre os resultados, sobre a profissionalização e sobre o mercado de trabalho. Com isso, a escola torna-se apenas mais uma instituição que procura-se em enquadrar os sujeitos às normas neoliberais, sendo estas diretrizes consideradas indispensáveis para se ter um futuro.

Dessa forma, subtrai-se as necessidades e os anseios do tempo presente dos indivíduos. Com isso, tem-se um processo de alienação e não de emancipação humana, uma vez que, os movimentos emancipatórios exigem reconhecimento e entendimento no que diz respeito à infraestrutura e à superestrutura que aprisionam o pleno desenvolvimento dos sujeitos.

Desse modo, a construção de um projeto de vida, somente poderá ocorrer, se houver a possibilidade de abertura para o desenvolvimento de uma “educação libertadora e transformadora” (FREIRE, 1987, p.7), através da qual os sujeitos consigam atingir a consciência de seu ser no mundo. Sem isso, não se pode afirmar

que existe projeto de vida, uma vez que, não se tem consciência dessa vida. Por isso, tudo que acontece fora dessa lógica é coerção e alienação, processos estes, que não coadunam com os princípios desta pesquisa.

Nesse ponto, nos agarramos à Poetry Slam e a Escrivência de Conceição Evaristo, como um meio potente para a construção de projeto de vida, pois esses eventos provocam processos emancipatórios do ser, na medida em que o indivíduo passa a ter consciência de sua história de vida e tece fios reflexivos entre seu passado, presente e futuro. Esse movimento relaciona-se diretamente com as questões que envolvem a identidade. Por isso, abriremos um espaço em nosso palco analítico para nos atentarmos para a dinâmica da construção identitária.

Dentro de nossas concepções, a identidade do sujeito é construída por meio de um processo dialético: subjetivo-sujeito / objetivo -sociedade, por meio do qual cada indivíduo apropria-se do meio à sua maneira. De modo único e singular é marcado e deixa marcas no meio em que se desenvolve humanamente. Por tanto “as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela.” (CIAMPA, 1987/2005, p.127). Nessa trama, o sujeito assemelha-se e diferencia-se da sociedade em que está inserido, como nos aponta Rocha:

Ao mesmo tempo em que o sujeito se diferencia ao manifestar características próprias, também se iguala ao seu grupo social. Nessa dialética de diferença e igualdade a identidade do sujeito vai se constituindo ao longo de sua história [...] Diferença e igualdade é a primeira base da constituição da identidade (ROCHA, 2009, p.51).

Esse cenário, aproxima-nos dos estudos de Antônio da Costa Ciampa (1987/2005) sobre a identidade. Em sua tese de Doutorado: “A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social” (1987/2005), Ciampa, por meio da autobiografia de Severina, evidencia que ela incorpora e desprende-se de diferentes personagens (bicho do mato, vingadora, louca, doente, entre outros) ao longo de seus contextos de vivências.

Diante desses contextos, Ciampa constata que as narrativas biográficas são importantes meios metodológicos para se identificar a concretização das metamorfoses da identidade. Nesse momento afirma-nos que: “identidade é metamorfose. E metamorfose é vida” (CIAMPA, 1987/2005, p.133).

Para explicar a aparente inércia de muitas histórias de vida, Ciampa apresenta-nos dois importantes processos histórico-temporais que organizam a

conservação ou as transformações identitárias, os quais recebem a denominação de *mesmice* e *mesmidade*.

A *mesmice* refere-se à reposição de traços de uma personagem em uma constante igualdade, podendo ocorrer como busca de estabilidade ou como inconsciente compulsão à repetição. Esse estágio, pode aparentar ausência de metamorfose, impossibilitando a emancipação, o que Ciampa intitula de fetichismo da personagem “a quase impossibilidade de um indivíduo atingir a condição de ser-para-si, ocultando a verdadeira natureza da identidade como metamorfose e gerando o que será chamado identidade mito” (CIAMPA, 1987, p.140). Processo que pode ser interpretado como a não superação das contradições do mundo da *mesmice*.

Já a denominada *mesmidade*, representa a não cristalização da identidade, movimento em que o sujeito toma posse de uma diferente compreensão histórica e apropria-se de novos personagens com inéditas atuações. Com essas novas apropriações revelam-se novas possibilidades, que poderão materializar-se nas histórias individuais de cada ser humano.

Portanto, a identidade é compreendida como uma história sujeita a transformações e reposições, que dependerá do sentido que cada um dá a sua trajetória (LEITE, 2007), contudo, sempre atrelada aos contextos históricos, políticos, econômicos e socioculturais. Dessa forma: “a questão da identidade, assim, deve ser vista não como questão apenas científica, nem meramente acadêmica: é sobretudo uma questão social, uma questão política” (CIAMPA, 1987/2005, p.127).

Desse modo, Ciampa sistematiza seus estudos referentes aos processos que envolvem a identidade nos contextos (políticos, econômicos e sociais) contemporâneos, abrindo espaços de enfrentamentos e transformações nas trajetórias individuais.

Para que isso aconteça, é necessário o entendimento de que os processos de metamorfose identitária estão imersos aos contextos do mercado neoliberal, que por sua vez, também estão em constantes mudanças. Esse fato interfere diretamente nos processos de construção da identidade, pois implica na seguinte reflexão: as metamorfoses identitárias estão guiando-se pelas vias da emancipação

humana ou pelas vias da resignação frente aos ditames do mercado? (LIMA, 2010, p.152).

Entender essas vias de transformações identitárias, torna-se inevitável para se atingir o processo de mesmidade, de negação das identidades pressupostas. E isso, perpassa por uma questão política (identidades políticas e políticas de identidade), meios pelos quais as metamorfoses podem encontrar brechas para a emancipação. Essas reflexões, ampliaram a teoria de Ciampa para identidade-metamorfose-emancipação (LIMA; CIAMPA, 2012).

Nesse ponto, o processo de construção identitária constitui-se em movimentos de lutas e de resistências dos sujeitos em seus respectivos espaços de vivências, cujos encontros são necessários para se buscar novas possibilidades de ser e estar no mundo.

Com isso, poderá ter início o delineamento de projetos de futuro reflexivos e questionadores, com os quais os indivíduos podem optar em viver com base em suas próprias necessidades e escolhas de vida (LIMA, CIAMPA, 2012), para assim, assumirem a condição de autor/autora de suas histórias de vida (CIAMPA, 1987).

Por isso, Ciampa considera a possibilidade de encontrar o que ele denominou como fragmentos de emancipação: vias pelas quais se articulam os processos emancipatórios, que, serão materializados por um projeto ético a ser concretizado, como exposto abaixo:

Se a emancipação como projeto ético é o sentido a ser concretizado, essa concretização só ocorrerá a partir de projetos políticos. Se é o pensamento histórico que nos permite criticamente analisar os acontecimentos, é o pensamento utópico que nos serve de referencial para a crítica. (CIAMPA, 2003, p.5).

Todavia, é preciso buscar meios alternativos de ultrapassar as ideias utópicas de emancipação, os quais só poderão ser encontrados nas próprias condições históricas em que articulamos a nossa existência. Nesse sentido, precisa-se adentrar os contextos de barbárie do capitalismo que se desenvolve por meio de processos de manipulação, exploração, deturpações, rotulações, estigmas de identidade e de reconhecimento perverso (LIMA, 2010).

Percebemos então, que as barreiras para a autorrealização na contemporaneidade são descomunais, por conta de um sistema econômico doente e que adoece profundamente as construções identitárias individuais e coletivas,

impossibilitando o ápice das identidades políticas e das políticas de identidade, bloqueando os fragmentos de emancipação.

Porém, não nos cabe optar pelo conformismo cristalizado, mas sim, pela mobilização em busca da superação de toda forma de subordinação e de supressão de direitos e de cidadania, para que dessa forma, sejam encontrados espaços para a emancipação, expressos através de “processos que levem à maior racionalidade do saber, à solidariedade dos indivíduos, à autonomia da pessoa e à plena participação dos indivíduos e grupos no plano social” (ALMEIDA, 2017, p.3).

Esse movimento deve ainda garantir a autonomia e o desenvolvimento de relações livres de coações, de repressões e de constrangimentos, pois trata-se de “uma identidade pautada pela postura crítica frente ao mundo, aos outros e a si próprio” (ALMEIDA, 2005, p.30). Esses aspectos, por sua vez, perpassam por uma educação problematizadora, a qual:

[...] está fundamentada sobre a criatividade e estimula uma ação e uma reflexão verdadeiras sobre a realidade, respondendo assim à vocação dos homens que não são seres autênticos senão quando se comprometem na procura e na transformação criadora (FREIRE, 1979, p. 42).

Nessa dissertação, buscamos pelas vias da Poetry Slam, meios para provocar, modificar e abalar as estruturas sistêmicas, individuais e coletivas, afinal, “a educação deve estimular a transformação e a libertação do homem”. Pois adaptar é acomodar, e, portanto, não transforma” (FREIRE, 2013, p.27).

Por isso, nossos esforços concentram-se diante de um processo em que as identidades e as histórias de vida de adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa de internação possam ser tocadas, por meio de um movimento de autoconhecimento e autorreflexão, bem como entendimento no que concerne às dinâmicas sóciohistóricas de seus respectivos contextos de vivências.

Para que dessa forma, possa ser desencadeado um potente movimento de (des)construção do sujeito e consequentemente de (trans) formação do ser, tendo despontadas inéditas histórias de vida. Nesse momento, os sujeitos serão conscientes dos lugares que ocupam e dos que querem ocupar nesse mundo, rompendo com as estruturas neoliberais que os aprisionam, atingindo uma nova organização social, a qual Karl Marx (2010), denominou de emancipação humana.

Para uma maior consistência dessa pesquisa, a seguir mergulharemos nossos olhares investigativos em pesquisas que já desenvolveram estudos referentes à temática da nossa investigação, pois necessitamos olhar atentamente para outros estudos (“pás”).

6. Levantando outros “pás”

A pesquisa em educação é de fundamental importância para a obtenção de dados que possam auxiliar nas tomadas de decisões e implementações de políticas públicas que, de fato, possam garantir avanços, principalmente no que se refere aos processos educativos voltados para as camadas mais vulneráveis da sociedade, em especial nessa pesquisa: adolescentes/jovens autores de atos infracionais que se encontram em cumprimento de medida socioeducativa de internação. Nesse sentido, buscar conhecimento acerca dessa realidade se faz urgente, visto que, tratam-se de vidas desprezadas dentro de um sistema político e econômico devastador.

Por isso, para ampliar nosso campo de visão no que concerne aos ambientes, espaços, ações educativas e às (im)possibilidades para construção de projetos vida desses meninos privados de liberdade deu-se início a um movimento de levantamento bibliográfico, com o intuito de compreender melhor tais problemáticas, visto que a presente investigação se desafia em buscar brechas que possam trazer (res)significações acerca de perspectivas de futuro por meio da poesia slam. Por tanto, conhecer referenciais bibliográficos sobre tais temáticas, podem trazer grandes contribuições para nosso estudo.

Por esse motivo, lançamos nossos olhares investigativos em direção ao banco de dados da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), e buscamos por dissertações em nível mestrado. Recorremos também ao banco de dados da *SciELO* (Scientific Electronic Library Online), com artigos que estavam diretamente ligados ao tema de nossa pesquisa.

Para as buscas, foram elencadas combinações de diferentes descritores, a fim de que pudessem responder aos objetivos da investigação; tais como: projeto de vida; jovens em conflito com a lei; medida socioeducativa de internação; medida

socioeducativa. No banco de Dados da CAPES, obtivemos um número elevado de dissertações, o que demandou maior cuidado quanto aos refinamentos como área de conhecimento e de concentração. Ao todo foram analisadas 40 produções, sendo 22 do banco da CAPES e 18 da *SciELO*. O recorte temporal escolhido foi entre os anos de 2011 e 2021 (10 anos).

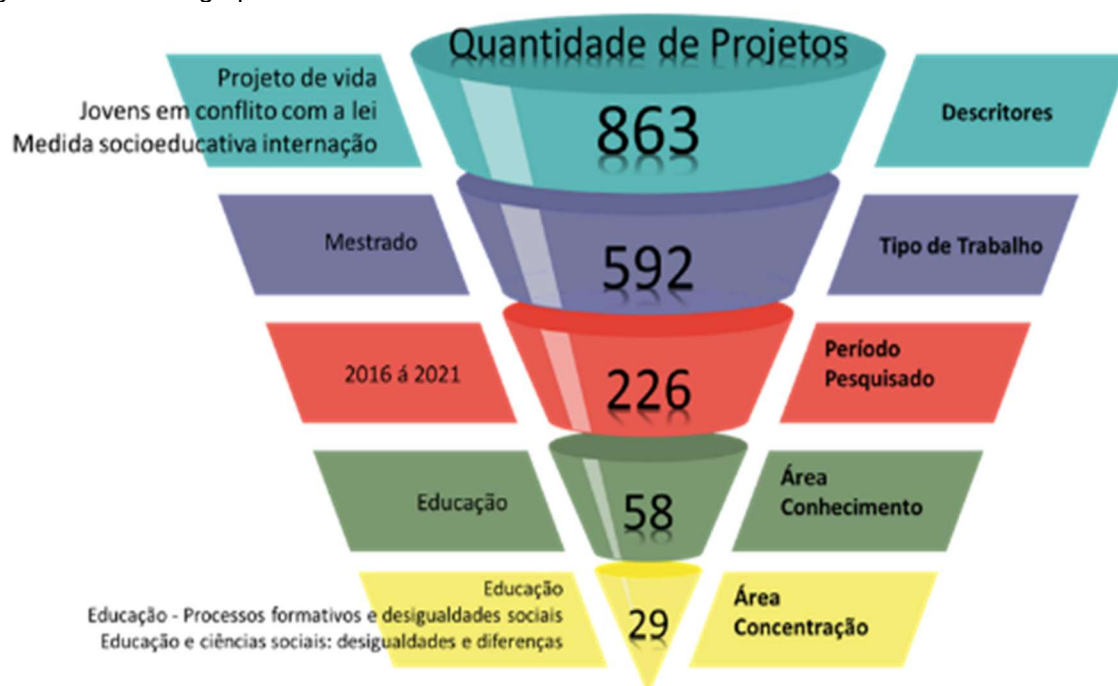
Para melhor exposição e entendimento acerca dos resultados encontrados, as dissertações e os artigos foram apresentados com ênfase para o tema, autor, objetivos, metodologia e apontamento. Destacamos em negrito as frases e palavras que foram consideradas relevantes para um maior entendimento sobre a problemática levantada em cada trabalho analisado. Por meio de gráficos e tabelas, procedeu-se às apresentações dos resultados obtidos. Foram realizadas ainda inferências que se mostraram pertinentes ao pleno entendimento do leitor (a).

Na sequência da exposição do levantamento bibliográfico, desenvolvemos uma reflexão sobre o cenário encontrado, o que possibilita maior compreensão acerca dos desafios para socioeducação no que concerne à medida de restrição de liberdade e os movimentos relativos às perspectivas de futuro e construção de projeto de vida.

6.1. Levantamento banco de dados da CAPES

Com os descritores projeto de vida/jovens em conflito com a lei e medida socioeducativa de internação, buscamos por dissertações de nível de mestrado entre os anos de 2011 a 2021, assinalando educação para área de conhecimento e de concentração, obtivemos em um primeiro momento 863 dissertações. Para melhor delimitação, seguiu-se com os refinamentos, chegando ao número de 29 pesquisas. O que pode ser visualizado na figura 1.

Figura 1 - Primeiro grupo de descritores



Fonte: Base de dados - CAPES - Portal Gov.br. Adaptado pela autora.

Durante o desenvolvimento das análises, descartamos as dissertações que não estavam diretamente relacionadas a MSE, tais como escola de tempo integral, trabalho docente fora do âmbito da socioeducação, cursos profissionalizantes entre outros. Resultando no estudo de 4 dissertações, conforme se verifica na tabela 1.

Tabela 1 - descritores: projeto de vida/ jovens em conflito com a lei/ medida socioeducativa de internação

1- JOVENS E[M] MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS DE INTERNAÇÃO: ENTRE NORMATIVAS, CONTEXTOS E NOTÍCIAS (2018). Autor: SHEYLA WERNER FREITAS Objetivos: analisar o histórico da legislação que abrange a socioeducação. Metodologia: Análise bibliográfica. Apontamentos: - Jovens e adolescentes não são vistos como sujeitos de direitos.	2- REDES EDUCATIVAS E EMANCIPAÇÃO SOCIAL: POSSIBILIDADES E LIMITES DE EFETIVAÇÃO DE UM PROJETO EDUCATIVO EMANCIPATÓRIO JUNTO A JOVENS EM CONFLITO COM A LEI (2018). Autor: ANGELICA DO FUNDO BARBOSA Objetivos: Vivências no contexto socioeducativo Metodologia: Observação. Apontamentos- Necessidade de refletir sobre a emancipação em um ambiente marcado pelo controle.
3- A EDUCAÇÃO ESCOLAR DO ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI: PRINCÍPIOS E DIRETRIZES DAS FONTES OFICIAIS (1990-2015) (2019).	4- PASSADO, PRESENTE E FUTURO: PROJETOS DE VIDA DE ADOLESCENTES EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE (2019)

Autor: ROSIMEIRE SOUZA DE OLIVEIRA	Autor: ALESSANDRA DE PAULA PEREIRA
Objetivos: entender elementos históricos - legislação socioeducação.	Objetivos: Identificar projetos de vida em ambiente de medida socioeducativa de internação.
Metodologia: Revisão bibliográfica	Metodologia: Entrevista
Apontamentos- o Estatuto da Criança e do Adolescente se configura como a fonte oficial que deu início a um processo de mudanças nas diretrizes, princípios e concepções de atendimento aos jovens em conflito com a lei.	Apontamentos- Ausência de projetos de vida no passado, no presente e no futuro.

Fonte: Base de dados - CAPES - Portal Gov.br. Adaptado pela autora.

Com o intuito de ter uma visão mais específica e um olhar mais atento ao lócus da pesquisa, as buscas continuaram com o seguinte descritor: medida socioeducativa de internação. Nesse cenário, obtivemos em um primeiro momento 11 dissertações, seguimos com os refinamentos e chegamos a um total de 4 dissertações.

Figura 2 - Segundo grupo de descritores



Fonte: Base de dados - CAPES - Portal Gov.br. Adaptado pela autora.

Com a análise mais apurada descartamos duas dissertações, pelo fato de abordarem questões relativas aos agentes educacionais, as percepções dos docentes acerca de suas práticas educacionais, temas que não se relacionavam diretamente com os adolescentes e jovens nos processos de internação, resultando na análise de outras duas dissertações, conforme tabela 2:

Tabela 2 - Descritor: medida socioeducativa de internação

1- Escolarização de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação: estudo bibliográfico (2015).	2- Como a escola vista pelos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa (2014).
Autor: ALINE MENEZES DE BARROS DE CARVALHO	Autor: ANA CAROLINA GOUVEA PINTO VELOSO
Objetivos: Analisar a escolarização de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação.	Objetivos: Analisar a função que a instituição escolar cumpre quando o adolescente recebe a medida socioeducativa de internação.
Metodologia: Análise bibliográfica	Metodologia: Roda de conversa
Apontamentos: a escolarização não tem sido efetivada de modo a garantir esse direito aos adolescentes.	Apontamentos: A escola é vista pelo adolescente somente como um meio para se atingir a liberdade.

Fonte: Base de dados - CAPES - Portal Gov.br. Adaptado pela autora.

Com o objetivo de atingir outra temática importante em nossa pesquisa, realizamos as buscas com os descritores: Poesia Slam / Poetry Slam, seguindo com dissertação nível mestrado entre os anos de 2011 a 2021, assinalando educação como área de conhecimento, atingimos em um primeiro momento 24 dissertações, com os refinamentos, chegamos a 4 dissertações, conforme figura 3.

Figura 3 - Terceiro grupo de descritores



Fonte:

Base de dados - CAPES - Portal Gov.br. Adaptado pela autora.

Com uma análise mais apurada descartamos uma dissertação, restando 3 para análise mais apurada, conforme tabela 3:

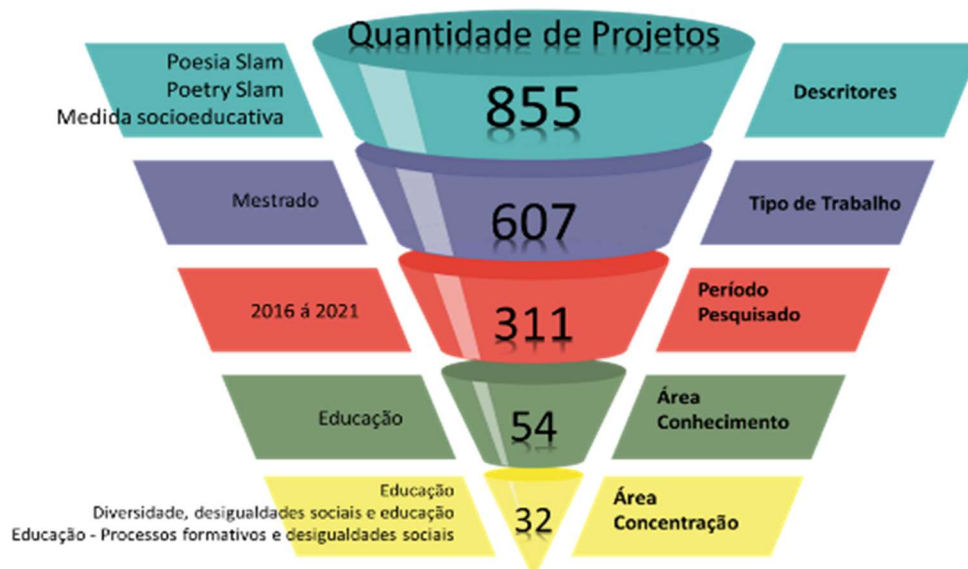
Tabela 3 - poesia Slam / Poetry Slam

1 - TRÊS MINUTOS, DUAS MÃOS E UMA VOZ: PERFORMANCES, TRAJETÓRIAS E SOBREVIVÊNCIAS NAS BATALHAS DE POESIAS (2020).	2- JUVENTUDE E PRODUÇÃO LITERÁRIA: UM ESTUDO SOBRE POESIA FALADA NA PERIFERIAS PAULISTANAS (2018).
Autor: NATA NEVES DO NASCIMENTO	Autor: JULIA FIGUEIREDO MURTA DE ARAUJO
Objetivos: Refletir sobre o movimento cultural poetry Slam , a partir do coletivo complexo do alemão.	Objetivos: Conhecer o movimento literário e as batalhas de poesia , apreender como o movimento se insere no conceito de Literatura Marginal e de cultura periférica.
Metodologia: análise biográfica-história oral	Metodologia: etnografia
Apontamentos: movimento Slam é importante para o reconhecimento e afirmação das identidades periféricas .	Apontamentos: maioria dos coletivos de Slam nasceu entre 2016 e 2017, tendo a maior concentração na Zona Leste de São Paulo .
3- PERCURSOS LINGUAGEIROS NOS PROCESSOS E EXPERIÊNCIAS DE LETRAMENTO DE JOVENS POETAS PARTICIPANTES DO SLAM INTERESCOLAR (2019).	
Autor: PRISCILA LIMA E SILVA	
Objetivos: Analisar a linguagem de jovens poetas participantes do movimento literário cultural Slam interescolar .	
Metodologia: sociologias da experiência (DUBET) e do cotidiano (PAIS),	
Apontamentos: o movimento mostrou-se importante para os processos formativos de letramento .	

Fonte: Base de dados - CAPES - Portal Gov.br. Adaptado pela autora.

Tendo em vista, novas possibilidades de aprofundamento, seguimos com as buscas com os seguintes descritores: poesia Slam / Poetry Slam / medida socioeducativa, com dissertação nível mestrado entre os anos de 2011 a 2021 e área de conhecimento educação, obtivemos em um primeiro momento 855 dissertações, chegamos a 32 dissertações, conforme figura 4.

Figura 4 - Quarto grupo de descritores



Fonte: Base de dados - CAPES - Portal Gov.br. Adaptado pela autora.

Com a análise mais apurada descartamos 20 dissertações, pois algumas não estavam diretamente relacionadas ao tema e outras já tinham sido analisadas em outro grupo de descritores, dessa forma, atingimos 12 dissertações, conforme tabela 4:

Tabela 4 - Descritores: poesia Slam / Poetry Slam / medida socioeducativa

1- ESCOLA DE MENTIRA OU ESCOLA DE VERDADE? SOBRE A GARANTIA DO DIREITO À EDUCAÇÃO DE ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA DE INTERNAÇÃO PROVISÓRIA EM BELO HORIZONTE (2018). Autor: LAILA VIEIRA DE OLIVEIRA Objetivos: investigar as experiências em educação nos contextos de medida socioeducativa de internação provisória. Metodologia: Entrevistas semiestruturadas. Apontamentos: Os adolescentes não atribuem sentido à escolarização recebida durante a privação de liberdade.	2- A EXPERIÊNCIA DOCENTE COM JOVENS EM AMBIENTE DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE (2019). Autor: CLAUDIA ALMEIDA DO PRADO Objetivos: Analisar as experiências dos docentes na Fundação Casa. Metodologia: pesquisa autobiográfica. Apontamentos: os sentidos atribuídos aos docentes tornam-se importantes para se entender o ensino na socioeducação.
3- No fio da navalha: sentidos da experiência e projetos de futuro de jovens em cumprimento de medida socioeducativa de semiliberdade (2017). Autor: JORDDANA ROCHA DE ALMEIDA Objetivos: Analisar a condição do jovem	4- Processos educativos não escolares: um estudo em unidade de internação no Estado do Ceará (2017). Autor: JULIO CESAR FRANCISCO Objetivos: compreender os fundamentos

privado de liberdade e compreender os sentidos atribuído aos seus projetos de futuro. Metodologia: Sociologia da Juventude e na Sociologia da Experiência. Apontamentos: os jovens pesquisados alimentam o desejo de sair da condição de contravenção, ao mesmo tempo, não veem perspectivas de romperem os laços e compromissos com o mundo do crime. A relação com a dimensão do projeto de futuro é distante, prevalecendo uma adesão ao tempo presente.	educativos não escolares de socioeducadores em uma unidade de internação no estado do Ceará. Metodologia: Análise bibliográfica. Apontamentos: Identificou-se fundamentos tradicionais, repressivos e produtivistas.
5- ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI: DO DIREITO À EDUCAÇÃO NO CUMPRIMENTO DA MEDIDA SÓCIOEDUCATIVA (2020). Autor: SYDNEY APARECIDA MIRANDA FONSECA Objetivos: analisar a concepção de educação anunciada na medida socioeducativa em restrição de liberdade Metodologia: Pesquisa bibliográfica e documental. Apontamentos: Constatou-se que o espaço das unidades de internação poderia ser de reflexões e prática da libertação, mas o que se identifica é o fortalecimento do caráter punitivo em detrimento do educativo, em flagrante contrariedade à previsão legal.	6- A justiça restaurativa no sistema socioeducativo: análise de uma experiência (2017). Autor: LIVIA DE SOUZA VIDAL Objetivos: analisar a experiência das Rodas de Conversa como prática socioeducativa à luz dos princípios da Justiça Restaurativa e Comunicação Não-Violenta. Metodologia: Roda de conversa Apontamentos: As rodas de conversa tornam-se espaços em que os jovens-adolescentes compartilharam suas experiências e percepções sobre a socioeducação.
7- RAP E POESIA PARA UMA ADOLESCÊNCIA COM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: POSSIBILIDADE DE DESLOCAMENTO DA POSIÇÃO DE VIDA NUA (2021). Autor: ISMENIA PINTO COELHO Objetivos: compreender como o Projeto Ressocialização, Autonomia e Protagonismo – RAP tem criado condições para o desenvolvimento dos processos de subjetivação Política dos alunos em cumprimento de medida socioeducativa de internação. Metodologia: Execução de oficinas	8- HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE ARTE EDUCADORES DA FUNDAÇÃO CASA: A ARTE COMO RESISTÊNCIA (2017) Autor: DANIEL ELIAS DE CARVALHO Objetivos: compreender o papel da arte enquanto possibilidade de resistência na trajetória de vida de Arte Educadores que trabalham na Fundação CASA. Metodologia: História Oral de Vida, segundo os procedimentos do Núcleo de Estudos em História Oral da USP.

Apontamentos: o projeto demonstra **potencial desencadeador de processo de subjetivação política**.

Apontamentos: a arte apareceu como uma **potência de vida, biopotência resistindo** às ofensivas de um poder que busca a todo instante **a submissão, o assujeitamento**. Uma potência capaz de **criar novas formas de existência**, de expressão de si, “**vitalidades insubordináveis**”

9- FORMAÇÃO E (RE) SOCIALIZAÇÃO DE ADOLESCENTES EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: PRÁTICAS E POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO CENTRO SOCIOEDUCATIVO DE UNAÍ – CSEUN (2018).

10- ADOLESCENTES EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE E MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS: A LÓGICA CAPITALISTA DE UM MODELO PEDAGÓGICO (2019).

Autor: FABIANO ELIAS NUNES

Autor: SAMUEL GACHET

Objetivos: analisar o **processo de formação e (re)socialização** de adolescentes em conflito com a lei, que cumprem medida socioeducativa de internação, prevista no artigo 121, da Lei 8.069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 2016), sob a percepção dos próprios adolescentes, que literalmente vivem os estigmas deste sistema, no Centro Socioeducativo de Unaí - MG.

Objetivos: apresentar uma **análise crítica do modelo pedagógico** voltado para adolescentes que cumprem medidas socioeducativas de privação de liberdade em unidades da Fundação Casa (Centro de Atendimento Socioeducativo).

Metodologia: Entrevista.

Metodologia: Análise bibliográfica.

Apontamentos: os adolescentes acreditam que as **práticas educacionais**, às quais estão sujeitos na unidade, **contribuem** para sua **formação** e o local é propício a reflexões que favorecem **mudanças** no modo de pensar e agir, contribuindo na elaboração de planos e projetos de vida.

Apontamentos: o **modelo educacional** em vigência **não favorece – e dificulta –** sua possibilidade de atingir aqueles que pretendem ser seus objetivos, o retorno e convívio em sociedade.

11- POR TRÁS E PARA ALÉM DOS MUROS: TENSÕES, CONTRADIÇÕES E DESAFIOS NO COTIDIANO DE TRABALHADORES DA SOCIOEDUCAÇÃO A PARTIR DA POLÍTICA DO SINASE (2017).

12- EDUCAÇÃO, ESCOLA E PRISÃO: O “ESPAÇO DE VOZ” DE EDUCANDOS DO CENTRO DE RESSOCIALIZAÇÃO DE RIO CLARO/SP (2015).

Autor: LISIANE LIGIA MELLA

Autor: ALINE CAMPOS

Objetivos: analisar como os **trabalhadores** da socioeducação percebem a sua **relação com o adolescente** em conflito com a lei, o sistema socioeducativo e a condução do trabalho desenvolvido a partir do advento da Lei 12.594/12, denominada “lei do SINASE”.

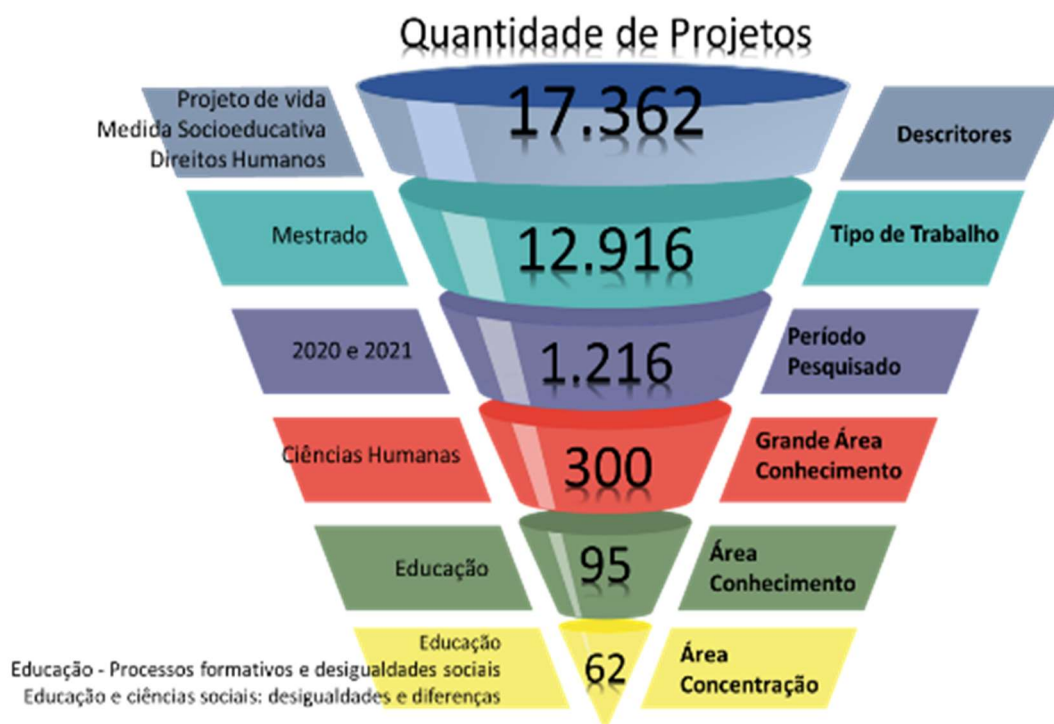
Objetivos: ampliar as discussões em relação à **educação escolar** em espaços de privação e restrição de liberdade e é norteado pela questão de pesquisa:

Metodologia: O estudo é descritivo e possui delineamento qualitativo	Metodologia: pesquisa participante.
Apontamentos: O estudo permite afirmar que voltar o olhar aos trabalhadores da socioeducação requer imergir nessa realidade sob a perspectiva daqueles que acompanham diretamente o adolescente e sua passagem pelo sistema socioeducativo, contribuindo para a promoção e ampliação de espaços de escuta, de diálogo e de reflexão.	Apontamentos: Os resultados da investigação revelam elementos que corroboram a importância da educação para pessoas em situação de restrição e privação de liberdade estar alicerçada nos princípios da educação libertadora e evidenciam os/as professores e funcionários/as da unidade como atores importantes para a transformação da realidade prisional.

Fonte: Base de dados - CAPES - Portal Gov.br. Adaptado pela autora.

Com o intuito de abordar mais diretamente a perspectiva de Educação em Direitos Humanos (EDH), demos continuidade às buscas com os descritores: projeto de vida/ medida socioeducativa/ Direitos Humanos, assinalando educação como área de conhecimento, com dissertação nível mestrado entre os anos de 2011 a 2021, obtivemos em um primeiro momento 17.362 dissertações, com os refinamentos, atingimos 62 dissertações, conforma figura 5.

Figura 5 - Quinto grupo de descritores



Fonte: Base de dados - CAPES - Portal Gov.br. Adaptado pela autora.

Com uma análise mais apurada observamos que a maioria das dissertações desse grupo já tinham sido mapeadas em outros grupos de descritores e que outra grande parte estava voltada para as questões relacionadas aos Direitos Humanos em outros contextos, resultando na análise de apenas uma dissertação, conforme tabela 5.

Tabela 5 – Descritores: projeto de vida/ medida socioeducativa/ Direitos Humanos

1- POLÍTICAS EDUCACIONAIS NA SOCIOEDUCAÇÃO – DIREITOS E TRAJETÓRIAS NO CONTEXTO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE NAS UNIDADES SOCIOEDUCATIVAS DO ESTADO DO PARANÁ (2021).
Autor: ANDREA DE LIMA KRAVETZ
Objetivos: estudo das Políticas Educacionais na Socioeducação , tendo como objetivo principal analisar as especificidades da Política Educacional instituída nas Unidades Socioeducativas de Internação do Estado do Paraná.
Metodologia: bibliográfica e documental
Apontamentos: o estudo permitiu estabelecer o perfil socioeducacional e analisar a trajetória escolar dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação nas Unidades Socioeducativas do Estado do Paraná

Fonte: Base de dados - CAPES - Portal Gov.br. Adaptado pela autora.

6.2. Busca no banco de dados da Scielo

Como possibilidade de ampliar e complementar o presente levantamento bibliográfico, seguimos com as buscas, desta vez, no banco de dados do SCIELO. Primeiramente pesquisamos pelos seguintes descritores: medida socioeducativa de internação / Projeto de Vida, com as quais obtivemos 3 resultados, que podem ser visualizados na tabela 3.

Tabela 6 – Descritores: medida socioeducativa de internação AND Projeto de Vida

1- PROJETOS DE VIDA DE JOVENS EGRESSOS DE MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS (2021)	2- VIVÊNCIAS NAS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS: POSSIBILIDADES PARA O PROJETO DE VIDA DOS JOVENS (2019)
Autores: Cibele Soares da Silva Costa e Maria de Fatima Pereira Alberto	Autor: Cibele Soares da Silva Costa, Maria de Fatima Pereira Alberto e

Objetivos: analisar as contribuições dos programas de acompanhamento aos egressos de medida socioeducativa de internação para a construção do projeto de vida Metodologia: entrevista aberta individual Apontamentos: Identificou-se que os jovens elaboram sentidos positivos sobre a participação nos programas, considerando-os como possibilidade para mudar de vida, diferenciando-se do cumprimento da medida socioeducativa por não possuir uma dimensão sancionatória	Erlayne Beatriz Félix de Lima Silva Objetivos: analisar as implicações das vivências de jovens em cumprimento de medidas socioeducativas para a construção do projeto de vida. Metodologia: entrevista aberta e os dados foram submetidos à Análise Temática de Conteúdo Apontamentos: os jovens esboçam seus projetos de vida a partir da expectativa de conclusão dos estudos, da formação e inserção profissional, do retorno à convivência familiar e constituição de sua própria família. No entanto, as instituições de medidas socioeducativas não têm garantido esses elementos de forma suficiente para promover o desenvolvimento e a autonomia dos jovens, por meio de um conjunto de ações articuladas e pautadas em uma função pedagógica, mas que ainda centram suas atividades em procedimentos de caráter burocrático e práticas punitivas.
3- MÚSICA E TRANSFORMAÇÃO NO CONTEXTO DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO (2011). Autores: Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa, Maíra Mendes dos Santos, Kelly Silva Franco e Afonso de Oliveira Brito Objetivos: Desenvolver canto coral junto a adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação no Estado do Amazonas Metodologia: ensaios, grupos reflexivos e apresentações Apontamentos: desenvolvimento de interações mais saudáveis entre os adolescentes e os funcionários do centro, crescente abertura dos adolescentes na expressão de suas subjetividades, aumento da autopercepção, interesse por delinear um projeto de vida e descoberta de aptidões musicais.	

Fonte: Base de dados - SciELO - Brasil. Adaptado pela autora.

Com a finalidade de ampliar os resultados, realizamos a busca somente com o descritor: medida socioeducativa de internação, com o qual encontramos 43 artigos, dos quais foram analisados os seus objetivos. Desse processo resultou a exclusão de 37 estudos, restando 06 para análise na tabela 4.

Tabela 7 – Descritor: medida socioeducativa de internação

1- MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO E EXPECTATIVAS DE FUTURO DE ADOLESCENTES E FAMILIARES (2021)	2- UM ESTUDO SOBRE SENTIDOS DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO NA VIDA DE ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS (2019)
Autores: Renata Petry Brondani e Dorian Mônica Arpini	Autor: Thaíssa Fernanda Kratochwill Oliveira e Lilian Miranda
Objetivos: compreender as expectativas de futuro de adolescentes e familiares no contexto da medida socioeducativa de internação	Objetivos: investigar a função da medida socioeducativa de internação na vida de adolescentes que cumpriam tal medida em uma instituição do Rio de Janeiro e discutir os sentidos atribuídos por estes sujeitos à determinação judicial e à experiência do cumprimento da medida.
Metodologia: pesquisa qualitativa, por meio do delineamento de Estudo de Casos Múltiplos, com dez participantes (cinco adolescentes e cinco respectivos familiares) vinculados a uma instituição de cumprimento da medida socioeducativa de internação.	Metodologia: método clínico-qualitativo, foram realizadas entrevistas abertas com oito adolescentes e utilizada a observação participante
Apontamentos: Os adolescentes mencionaram o desejo de não mais se envolverem com transgressões no futuro, a centralidade que pretendem que o trabalho assuma em suas trajetórias e o anseio por relações familiares mais próximas e afetivas. Já os familiares, que foram, em sua totalidade, as mães dos adolescentes, pretendiam ser mais participativos e ter mais diálogos com os filhos, bem como manifestaram o desejo de que eles se envolvam com o trabalho.	Apontamentos: De modo geral, os adolescentes entendem a medida socioeducativa como estratégia de punição frente a um ato do qual são acusados de modo justo ou injusto. Não aparecem reflexões significativas sobre a vulnerabilidade e a violência inerentes ao contexto social que os envolve, e suas possíveis relações com o envolvimento em atos infracionais. É notável a presença de marcante responsabilização individual por seus atos, o que indica uma identificação com o discurso jurídico (proferido por juízas que os atendem) e, de modo mais amplo, parece refletir o discurso que permeia a sociedade neoliberal em que vivemos. Enfatiza-se que um sistema que se propõe a gerar mudanças nos adolescentes que cometem atos infracionais deve levar em consideração que só se pode mudar algo na própria vida na medida em que se possa pensar e refletir sobre ela.
3- O CONVÍVIO ENTRE ADOLESCENTES EM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO (2019)	4-PROJETOS DE VIDA DE ADOLESCENTES EM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO (2018)

Autores: Caroline Balbinot, Vinicius Coscioni, Edinete Maria Rosa e Sílvia Helena Koller Objetivos: caracterizar o convívio entre adolescentes em medida socioeducativa de internação, a partir da perspectiva dos adolescentes. Metodologia: entrevistas semiestruturadas. Os dados gerados nas entrevistas foram organizados a partir de uma análise temática de perspectivaêmica Apontamentos: Os resultados indicam, sobretudo, um clima interpessoal hostil que promove o sofrimento psicológico e agrava a situação de vulnerabilidade. Ademais, a convivência entre adolescentes ociosos, sem o devido acompanhamento pedagógico, favorece a perpetuação de valores e interesses relacionados ao envolvimento com a criminalidade.	Autores: Vinicius Coscion, Mauricio Pinto Marques, Edinete Maria Rosa, Sílvia Helena Koller Objetivos: caracterizar projetos de vida de adolescentes privados de liberdade devido ao cometimento de atos infracionais. Metodologia: estudo de múltiplos casos conduzidos por meio de quatro grupos focais. Os dados foram tratados a partir da análise temática. Apontamentos: Verificaram-se duas formas de conceber o futuro entre os participantes: 1) a partir de projetos de vida vinculados à criminalidade, que incluíam um sentido de ação claro para o futuro; e 2) a partir de aspirações de futuro relacionadas à educação, família e trabalho, mas sem um sentido de ação por meio do qual se intentava atingir tais aspirações. Os resultados sugerem a inefetividade do sistema socioeducativo em promover projetos de vida saudáveis.
5- O SIGNIFICADO DE MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS PARA ADOLESCENTES PRIVADOS DE LIBERDADE (2012) Autores: Luana Alves de Souza e Liana Fortunato Costa Objetivos: apresentar o significado que os adolescentes atribuem à medida socioeducativa de internação e às medidas socioeducativas cumpridas anteriormente à internação. Metodologia: Os instrumentos utilizados foram: a observação participante, o diário de campo e entrevistas semiestruturadas. Para a interpretação dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo na construção de núcleos de sentido. Apontamentos: As medidas socioeducativas são significadas pelos adolescentes como sem importância para suas vidas, exceto a internação, por ser a única medida que consegue provocar "alguma coisa", seja raiva, revolta ou sentimento de injustiça. Em geral, a internação é concebida de modo paradoxal, ao mesmo tempo em que restringe a liberdade, um direito fundamental, ela garante aos adolescentes o mínimo de proteção que as demais medidas não conseguem.	6- ADOLESCENTES EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: AS PRÁTICAS DE LAZER E SEUS PROCESSOS EDUCATIVOS (2012) Autores: Willian Lazaretti da Conceição e Elenice Maria Cammarosano-Onofre Objetivos: contribuir com as discussões existentes em relação ao lazer de adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação na Fundação Casa. Metodologia: análise documental, observação participante e entrevistas semiestruturadas. Apontamentos: O estudo evidencia a relevância da prática social do lazer como possibilidade objetiva de (re)inserção do jovem à vida cotidiana, uma vez que se reveste de processos educativos que contribuem com a inclusão social.

Fonte: Base de dados - SciELO - Brasil. Adaptado pela autora.

Com o intuito de abarcar uma temática fundamental em nossos estudos, utilizamos os descritores: medida socioeducativa de internação / poetry slam, com os quais, não obtivemos resultado. Para atingir artigos sobre o movimento slam, seguimos as buscas somente com o descritor: Poetry Slam, com o qual, obtivemos 10 artigos. Após verificarmos seus objetivos, deparamo-nos com a análise de 7 artigos, conforme apresentado na tabela 8:

Tabela 8 - grupo de descritores: medida socioeducativa de internação and poetry slam

1- ENTRE A BOMBA E O TRAQUE: POESIA BRASILEIRA PÓS JUNHO DE 2013 (2021) Autor: Sergio Bento Objetivos: compreender e analisar o cenário da poesia nacional desde 2013. Metodologia: Análise documental Apontamentos: dois universos poéticos distintos e muito pouco relacionados: o slam e a chamada “poesia tradicional	2- O POETRY SLAM NO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA: UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO CRÍTICO (2021) Autor: Fabiana Oliveira de Souza Objetivos: apresentar uma proposta de inserção, nas aulas de Língua Espanhola, do poetry slam realizado em países hispanofalantes, reproduzindo a experiência do Slam Interescolar SP, com o objetivo de desenvolver um letramento literário crítico. Metodologia: análise documental Apontamentos: Levar os slams de poesia para dentro das instituições escolares pode ser uma forma de combater as desigualdades, fruto da colonialidade do poder e suas múltiplas dimensões.
3- O QUE A JUVENTUDE NEGRA DO SLAM TEM A DIZER PARA A PSICOLOGIA SOCIAL? (2021) Autor: Maíne Alves Prates, Neuza Maria de Fátima Guareschi, Carolina dos Reis Objetivos: discutir como as poesias no slam tensionam a sociedade no contexto do racismo em suas diversas dimensões. Metodologia: abordagem afrocêntrica e afrorreferenciada. Apontamentos: possibilidades de as rodas de slam convidarem a psicologia social a compor teorias localizadas fora do círculo acadêmico ocidentocêntrico.	4- SLAM POETRY COMO CONFRONTO NAS RUAS E NAS ESCOLAS (2013) Autor: Caio Ruano da Silva e Cristiana Losekann Objetivos: apresentar a dimensão política do slam poetry como prática artística, que pode ser compreendida como manifestação social contestadora e que produz crítica institucional escolar. Metodologia: etnografia política Apontamentos: mesmo com algumas descaracterizações, o slam mantém seu potencial político no ambiente escolar, na medida em que busca democratizá-lo.

5- SLAM RESISTÊNCIA: POESIA, CIDADANIA E INSURGÊNCIA (2019)

Autor: Daniela Silva de Freitas

Objetivos: investigar os **entrelaçamentos entre poesia, cidadania e insurgência** na São Paulo contemporânea a partir do Slam Resistência, uma batalha de poesia que acontece desde 2014, todos os meses, na Praça Roosevelt, no centro da cidade.

Metodologia: análise documental

Apontamentos: no Slam Resistência, a prática da cidadania insurgente acontece no centro da pólis e toma a praça, **ocupando e ressignificando o espaço público**.

6- MIGRAÇÕES E PERIFERIAS: O LEVANTE DO SLAM (2019)

Autor: Fernanda Vilar

Objetivos: tratar de maneira comparada a **prática de poesia performática slam presente** nas periferias de alguns países da Europa e o Brasil.

Metodologia: análise documental

Apontamentos: A **poesia do slam** carrega a **mestiçagem cultural e linguística**, pois é feita sobretudo por pessoas cuja história deriva dos encontros coloniais. A conexão entre **arte e ativismo** no slam possibilita aos setores estigmatizados da sociedade uma **intervenção política criativa, poética e sensorial**.

7- POESIA AO VIVO: ALGUMAS IMPLICAÇÕES POLÍTICAS E ESTÉTICAS DA CENA LITERÁRIA NAS QUEBRADAS DE SÃO PAULO (2016).

Autor: Carlos Cortez Minchillo

Objetivos: analisar a recente **cena literária dos saraus e slams de poesia na cidade de São Paulo**. Organizados e frequentados especialmente por jovens de classes economicamente menos privilegiadas, de regiões pobres e periféricas da cidade, sugerem interessantes questões de natureza política, ética e estética

Metodologia: Observação e análise documental

Apontamentos: *slams* e saraus têm contribuído para a **construção de discursos contra-hegemônicos** que potencialmente **desestabilizam representações sociais cristalizadas**. Ao mesmo tempo, **desafiam noções amplamente aceitas** sobre o que é literatura, como ela é produzida e difundida.

Fonte: Base de dados - SciELO - Brasil. Adaptado pela autora.

Com os trabalhos analisados, ainda ficaram lacunas referentes aos movimentos relativos a Projeto de Vida e Identidade, por isso, para concluir nossas buscas utilizamos os seguintes descritores: Projeto de Vida / Identidade, com os quais obtivemos 57 artigos, com a análise de seus objetivos, restaram 02 artigos para estudo, conforme tabela abaixo:

Tabela 9 - grupo de descritores: Projeto de Vida and Identidade

1- IDENTIDADE POLÍTICA E PROJETOS DE VIDA: UMA CONTRIBUIÇÃO À TEORIA DE CIAMPA (2017)	2- PROJETO DE VIDA E IDENTIDADE: ARTICULAÇÕES E IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO (2022)
Autor: Sergio Silva Dantas	Autor: Marco Antonio Morgado da Silva e Hanna Cebel Danza
Objetivos: discutir no campo da Psicologia Social Crítica, a relevância da construção de uma identidade política e da consciência de um projeto de vida para a emancipação do sujeito, mostrando como as políticas de identidade agem em caminho oposto, no sentido de maior heteronomia do sujeito.	Objetivos: explorar as articulações entre estudos sobre projeto de vida e sobre identidade no que diz respeito à constituição, ao desenvolvimento e ao funcionamento desses construtos, bem como discute suas implicações para a educação.
Metodologia: discussão acerca sintagma identidade-metamorfose-emancipação .	Metodologia: análise documental
Apontamentos: Percebe-se que a existência de uma identidade política, somada a um projeto de vida autônomo conduzem o indivíduo a conquistar fragmentos de emancipação de sua identidade.	Apontamentos: Os paralelos encontrados entre os estudos de identidade e de projeto de vida sugerem um alto grau de imbricamento entre os construtos. A elaboração de uma narrativa autobiográfica , na qual o sujeito seleciona e organiza os eventos de sua vida em uma estrutura coerente, articulando passado, presente e futuro , é um potente instrumento do desenvolvimento da identidade e atribuição de propósito a ela.

Fonte: Base de dados - SciELO - Brasil. Adaptado pela autora.

6.3. Assimilando as “pás”

As dissertações e artigos analisados no banco de dados da CAPES e da *Scielo* revelam uma realidade em que, embora haja avanços em relação à

legislação, principalmente com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), como aponta Oliveira (2011), os ambientes de internação ainda são marcados pelo controle, com uma forte carência acerca de reflexões sobre emancipação nos ambientes de internação (BARBOSA, 2013).

Por isso, nota-se na internação um contexto em que os adolescentes / jovens não são vistos como sujeitos de direitos (FREITAS, 2019), o que inibe processos voltados para ressignificações e perspectivas de futuro, conforme fica explicitado em pesquisas como a realizada por Pereira (2019), que aponta ausência de projetos de vida entre os indivíduos em cumprimento de medida.

Nesse sentido, os processos e fundamentos educacionais mostram-se tradicionais, repressivos e produtivistas (FRANCISCO, 2017). Esses aspectos causam entraves nos movimentos e nas práticas emancipatórias, sobressaindo-se o caráter punitivo em detrimento do educativo (FONSECA, 2020). Esse fato, também é abordado por Carvalho (2015), que explicita que os meios utilizados para as dinâmicas educativas, neutralizam o pleno desenvolvimento da escolarização. Nesse ponto, nota-se que o direito à educação não é ofertado de modo efetivo aos internos.

Por isso, a escola não consegue atingir de forma significativa os adolescentes/ jovens privados de liberdade, que não atribuem sentidos nas práticas educativas nos espaços de internação (OLIVEIRA, 2018). Com isso, reconhecem a escola apenas como um meio para se atingir a liberdade (VELOSO, 2014), visto que a resistência em desenvolver as atividades escolares trará como consequência um maior tempo de internação, além de outras sanções.

Dessa forma, o período de internação passa a ser percebido como uma “perda de tempo”. Essa percepção, provoca um sentimento de raiva, revolta e injustiça no adolescente, como nos aponta Souza e Costa (2012). Assim, o jovem em internação não desenvolve um reconhecimento e entendimento acerca de si e do contexto no qual está inserido. Por isso, responsabiliza-se individualmente por seus atos (OLIVEIRA, MIRANDA, 2019), colocando em suas frágeis costas o peso do ato infracional realizado.

Contudo, não estamos afirmando com isso que o adolescente não deva ser responsabilizado pelos seus atos infracionais, todavia, que lhe seja dada a oportunidade de uma educação plena e significativa. Para que dessa forma, o

jovem possa entender-se em toda sua subjetividade e historicidade, pois a transformação, a ressignificação da própria vida, só acontecerá quando se passa a refletir sobre ela (OLIVEIRA, MIRANDA, 2019).

Não obstante, os estudos realizados no que concerne às expectativas de futuro de adolescentes/ jovens nos ambientes de internação, evidenciaram: permanência ou saída da criminalidade; a busca por emprego, a conclusão dos estudos e a construção da própria família. Porém, os estudos também apontam que não há efetividade na socioeducação para o desenvolvimento de projetos de vida (COSCION, MARQUES, ROSA, KOLLER, 2018).

Por isso, encontramos pesquisas que constataram até mesmo ausência de projetos de futuro na internação (PEREIRA, 2019). Dessa forma, os processos em relação ao futuro tornam-se pouco prováveis, prevalecendo uma adesão ao tempo presente (ALMEIDA, 2017). Essa conjuntura pode ser relacionada com a ausência de propostas pedagógicas que possibilitem a construção da autonomia dos jovens em privação de liberdade, conforme explicitado por Costa, Alberto, Silva, (2019).

No entanto, o que aquece o desenrolar dessa pesquisa são os apontamentos positivos e significativos de estudos que se propuseram a desenvolver investigações mais ousadas, que driblaram os muros concretos e simbólicos da socioeducação. Estamos nos referindo a propostas como rodas de conversa em que os jovens-adolescentes compartilham suas experiências, como as indicadas por Vidal (2017). E ainda, processos voltados ao lazer, para autonomia, para subjetivação política dos sujeitos como as apontadas por Coelho (2019).

Em vista disso, desponta-se também a nossa grande aliada nesse processo investigativo, a arte! Todos os estudos analisados que tiveram o entrelaçamento com a arte, alcançaram resultados satisfatórios, conseguindo ser brecha, tocando as vidas dos adolescentes e jovens. Constituindo-se “uma potência capaz de criar novas formas de existência, de expressão de si” (MARQUES; CARVALHO, 2017, p.218).

Consequentemente, ficamos com mais “sede” em conhecer a arte-Slam em sua essência, por isso, avançamos em nossas buscas por estudos sobre a Poetry Slam. Com isso, nas dissertações e artigos encontrados nos deparamos com um verdadeiro abalo de estruturas políticas, econômicas, sociais, culturais e sobretudo (de)coloniais.

Nos estudos de Nascimento (2020), fica explícito que a poesia de slam é significativa no que se refere aos processos de reconhecimento e afirmação das identidades periféricas. Nesse sentido, o trabalho de Freitas (2019), mostra-nos a importância do movimento slam para o desenvolvimento da cidadania e para ressignificação dos espaços públicos (FREITAS, 2019). O movimento ainda possibilita uma conexão entre arte e ativismo. Aspecto que, garante uma intervenção política criativa e poética de setores estigmatizados da sociedade, como nos revela Vilar (2019).

Ao encontro desses estudos, temos as análises de Lima e Silva (2019). Esses autores apresenta-nos o papel importante que vem assumindo os denominados Slam interescolar no Estado de São Paulo. Esse movimento consiste em levar a Poetry Slam para os ambientes e espaços escolares, abrindo possibilidades de fala e de escuta entre estudantes. Essa situação corrobora com a construção de importantes processos formativos de letramento no ensino, contribuindo e elevando o potencial político nas escolas (SILVA, LOSEKANN, 2013).

Essas expressões, atuam também, como uma forma de combater as desigualdades, como nos aponta Souza (2021). Assim, fortalecem os discursos e ações contra-hegemônicos que desestabilizam representações sociais cristalizadas, como bem nos coloca MINCHILLO (2016).

Nesse ponto, temos o emergir de estudos que trazem à tona questões relativas à construção da identidade e as possibilidades de futuro. Os resultados obtidos evidenciam o forte imbricamento entre os constructos (SILVA E DANZA, 2022). Com isso, os movimentos que visam a elaboração de narrativas autobiográficas, garantem um maior reconhecimento acerca de si, pois permitem o estabelecimento de conexões entre passado, presente e futuro. Dessa forma, revelam um enérgico aparato para o desenvolvimento da identidade (SILVA E DANZA, 2022).

O artigo de Sergio Silva Dantas (2017), representa um estudo importante para nossa pesquisa, pois parte do campo da Psicologia Social Crítica e tem como referência para suas análises o movimento de construção identitária do sintagma desenvolvido por Antônio da Costa Ciampa: identidade-metamorfose-emancipação (1987/2009). Processos que segundo Dantas, são indispensáveis para o

desenvolvimento da autonomia e, conseqüentemente, para a construção de projeto de vida. Esses aspectos coadunam e fortalecem os objetivos desta investigação.

No levantamento bibliográfico realizado não encontramos resultados que entrelaçassem a Poetry Slam e a Socioeducação. Contudo, encontramos pistas contundentes de que estávamos mirando na direção certa, que, poderíamos atingir, de forma significativa, adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa de internação, por meio do imbricamento entre poesia Slam, construção identitária e perspectivas de futuro. Por conseguinte, deixar marcas profundas e o vislumbrar de novos sonhos e de novas formas de ser no futuro.

Com esse intuito, nos propusemos ousadamente a levarmos a Poetry Slam em nossos corpos, bolsas, sacolas, mochilas e notebooks para um centro socioeducativo de internação. Para um grande evento, para uma potente performance poética, uma metralhadora de palavras.

7. A pesquisa

A presente pesquisa nasce das indagações sobre os processos educativos nos ambientes e espaços em que é executada a medida socioeducativa de internação e tem foco investigativo nas questões relacionadas aos movimentos de construção da identidade e projeto de vida. Para isso, recorre-se às técnicas desenvolvidas na poesia de Slam, com a finalidade de atingir de forma expressiva as histórias de vida dos adolescentes e jovens em privação de liberdade e, desse modo, provocar e mobilizar movimentos de reconhecimento, de entendimento e de (re)significações de suas existências e seus contextos de vivências.

Com isso, delimitou-se os objetivos que nortearam o percurso investigativo. Estabeleceu-se como:

Objetivo Geral:

- Analisar a contribuição da poesia slam para o reconhecimento e entendimento no que concerne aos Direitos Humanos e à construção de Projetos de Vida políticos e emancipatórios de adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa de Internação.

Objetivos Específicos:

- Compreender como as técnicas utilizadas na Poetry Slam poderão potencializar reflexões pertinentes sobre identidades e perspectivas de futuro;
- Analisar processos educativos referentes a Projeto de Vida nos espaços de privação de liberdade.

7.1. Referencial teórico- metodológico

A presente pesquisa, toca em vidas humanas fragilizadas, estigmatizadas e rotuladas das formas mais cruéis e perversas. Além de constituírem-se humanamente em ambientes e lugares de plena vulnerabilidade, com relações sociais e institucionais trincadas, as quais são marcadas por privação de direitos. Entender e apreender as múltiplas determinações que constituem esses adolescentes / jovens participantes desta pesquisa, torna-se importante para a compreensão dos movimentos de transformações desencadeados por meio da poesia slam, para assim, romper com a aparência estereotipada, chegando-se à essência do fenômeno investigado.

Por isso, elegemos o referencial teórico-metodológico do materialismo histórico-dialético, juntamente com os pressupostos da psicologia sócio-histórica, com os quais podemos compreender a realidade que envolve os participantes da pesquisa em sua totalidade. Evitando dessa forma, reflexões fragmentadas, superficiais e dicotômicas da materialidade em estudo.

No materialismo histórico, busca-se superar essas condições reducionistas, pelas vias da dialética, pois o movimento dialético nos permite compreender que o fenômeno em estudo é síntese de múltiplas determinações (AITAL, FACCI, 2011, p.43). Para isso, é necessário voltar-se para o processo histórico, para o modo de produção e para as relações sociais que constituem os sujeitos em análise, visto que, "o homem é um ser de natureza social, tudo o que tem de humano nele provém de sua vida em sociedade, no seio da cultura criada pela humanidade" (LEONTIEV, 1978, p.261). Portanto, os indivíduos desenvolvem-se em uma relação dialética

com o social e com a história, tornando-se simultaneamente únicos, singulares e históricos, conforme nos afirma Aguiar e Ozella (2006).

Nesse ponto, podemos ressaltar a riqueza e o diferencial desse método, com seu enfoque materialista que tem como base o “processo real de vida” (MARX, ENGELS, 2009, p.31), possibilitando o entendimento das contradições que permeiam a realidade e seu constante movimento. Importante ressaltar que não se trata de uma contradição no sentido de “perturbação” do sujeito, mas uma unidade de contradição, que emerge nos movimentos históricos, nas relações sociais, nos conflitos de interesses que perpassam pela sociedade. Dessa forma, os indivíduos revelam as contradições em seu tempo histórico.

Essas circunstâncias rompem com a aparência, atingindo a essência do fenômeno investigado, por meio de procedimentos que apreendem as mediações que determinam o acontecimento. Assim sendo, consegue-se transpor teorias, avançando-se para as relações concretas, tendo como ponto de partida a unidade, avança-se para a totalidade dos fatos em estudo; porém, com o conhecimento de que toda unidade contém o todo.

Nesse sentido, o esforço crítico consiste em analisar o processo e não um determinado evento de forma isolada e fragmentada, sendo o resultado, apenas uma parte de todo movimento investigativo. Dessa maneira, torna-se possível compreender a síntese de múltiplas determinações que constitui determinado fenômeno. Em consequente, esse método não comporta a naturalização dos fatos.

Desse modo, nossa opção metodológica, recorre às atividades práticas para apreender as significações do fenômeno pesquisado, por meio do entendimento das categorias do materialismo histórico e dialético e da psicologia social crítica: historicidade, mediação, contradição, linguagem e pensamento. Essas categorias nos permitem quebrar concepções dicotômicas, imediatas e lineares de constituição dos sujeitos, possibilitando avançar para além da aparência.

Nesse sentido, podemos notar que as categorias assumem papel fundamental para as análises, por isso, não devem ser entendidas como um conceito, uma vez que os conceitos são explanações estáticas. Não comportam o movimento e a historicidade do fenômeno. No entanto, [...] “as categorias definem as formas de ser da realidade concreta em seu movimento histórico-dialético, ou seja, o ser-no-mundo desta realidade” (MAGALHÃES; AGUIAR, 2022, p.27). Assim,

a historicidade não é a simples sucessão cronológica dos fatos, mas os entendimentos das relações dialéticas que constituíram os processos históricos.

Nessa conjuntura, a mediação assume uma função importante, na medida em que se coloca em uma posição de centro organizador das relações (subjetividade/ objetividade, externo/ interno), pois mesmo reconhecendo as diferenças entre as categorias, compreende-se que um é a garantia para a existência do outro. Nessa perspectiva, procura-se apreender essas mediações sociais que formam os sujeitos, alcançando suas significações, ou seja, a “articulação dialética entre sentidos e significados” (AGUIAR; ARANHA; SOARES, 2021).

Nesse contexto, a linguagem emerge como um instrumento relevante, uma vez que, por meio do dialeto, realiza-se a comunicação dos indivíduos socialmente e com eles próprios pelo pensamento (AGUIAR, 2000), sendo uma via potente para se apreender as significações dos sujeitos, conforme afirma Vygotski (2001, p.409): “o pensamento não se exprime na palavra, mas nela se realiza”.

Contudo, não podemos ter como foco somente a fala, pois nossa atenção deve voltar para o sujeito como um todo, apreendendo todas as suas expressões, ditas e não ditas, pois existem bloqueios que impedem a plena realização do pensamento em palavra.

A relação pensamento/linguagem é uma relação de mediação por isso precisam ser compreendidos dialeticamente. Com isso, a realização do pensamento em linguagem não acontece de forma direta, mas desenvolve-se por meio do significado e do sentido, categorias que como as demais, somente podem ser entendidas de forma mediada.

Os significados são representações objetivas, que comportam uma análise semântica, um conceito (VYGOTSKI, 2001). São construídos por meio das atividades humanas, sendo produtos sociais e históricos e, apesar de serem mais fixos, também são suscetíveis de mudanças, visto que o movimento histórico não é imutável, novas atividades surgem, nascendo novos significados. Deste modo, as palavras, os significados são volitivos.

Os sentidos, por sua vez, comportam uma elevação para a compreensão do sujeito, na medida que direciona para a subjetividade, tocando em questões relacionadas às expressões humanas, principalmente as emoções e as

afetividades. Dessa forma, é inviável analisar de forma separada o afeto e o pensamento.

Esses aspectos, nos aproximam do campo das necessidades, dos estados de carências, condições que muitas vezes não são reconhecidas e nem controladas pelos próprios sujeitos. Por isso, as experiências afetivas podem levar o sujeito a encontrar uma significação especial para a realização de algo, uma vez que desperta o desejo e abre possibilidades para novas atividades. Nesse ponto, reconhecemos que o contato com a poesia slam poderá proporcionar movimentos positivos nos adolescentes/ jovens participantes desta pesquisa.

Dessa forma, estamos seguros quanto ao método do materialismo histórico-dialético, pois diante do exposto fica evidente o seu potencial para apreensão da realidade desnuda, uma vez que vai ao encontro com a Poetry Slam. Na medida que rompe com a aparência e se apropria da concretude da vida, possibilitando meios de enfrentamentos para com a ordem vigente.

Com isso, temos a mobilização para projetos de futuro políticos e emancipatórios. Esses movimentos poderão vir acompanhados por novas atividades e novos modos de produção e, conseqüentemente, por uma nova organização econômica, política e social. Sem dúvida, um grande encontro, que permite investigar e instigar os adolescentes e jovens em medida socioeducativa de internação.

7.2. Percurso metodológico

Diante do método do materialismo histórico e dialético, nosso processo investigativo buscou ultrapassar os limites das organizações e ideologias capitalistas, apreendendo e negando suas ações e seus discursos torpes e segregacionistas. Uma vez que a pesquisa de cunho materialista desenvolve-se sob uma gama de categorias (construtos teóricos), possibilita compreender a realidade em movimento, sendo assim: “[...] a contradição, as transições históricas pelas quais passam o fenômeno” (MAGALHÃES, 2021 apud MAGALHÃES; AGUIAR, 2022, p.27).

Nesse sentido, Cury (2000) destaca que a diferença do materialismo histórico e dialético em relação à metodologia formal da ciência burguesa, consiste na busca

do entendimento da materialidade para além da aparência, atingindo-se a essência do real pesquisado. Diante disso, criam-se possibilidades para sua superação.

Para isso, o pesquisador marxista deve colocar seu pensamento em movimento, para assim, acompanhar a dinâmica do fenômeno investigado e, assim, conseguir produzir dialeticamente uma teoria que consiga ser crítica e reflexiva acerca do concreto estudado. Logo, desenvolver meios para modificar a realidade, pois não basta [...] “interpretar o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (MARX, 1979, p.111).

Com esse intuito, apropriamo-nos da poesia, da fala, da escuta, do corpo e da performance para a concretização de uma experiência potente em provocar a transformação. Em razão disso, escolhemos ou melhor, fomos escolhidos pela pesquisa-ação, uma pesquisa participante, viva e dinâmica. Uma prática que confronta a fria e isolada investigação tradicional, produzida em sua grande maioria em confortáveis cadeiras giratórias.

No Slam Menimelímetros, já apresentado em páginas anteriores, Luz Ribeiro chama a atenção dos pesquisadores que não se esforçam para entender a realidade das comunidades periféricas; chegam até citar em suas dissertações e teses, mas do ponto de vista deles próprios, pois não são abertos espaços para o diálogo, acarretando pesquisas superficiais, interessantes apenas a nível de titulação para o pesquisador, como bem nos coloca a slammer:

[...]Quando “ceis” citam quebrada nos seus tcc's e teses
“ceis” citam as cores das paredes natural tijolo baiano?
“ceis” citam os seis filhos que dormem juntos?
“ceis” citam o geladinho que é bom só por que custa 1,00?
“ceis” citam que quando vocês chegam pra fazer suas pesquisas
seus vidros não se abaixam?
.... num citam, num escutam
só falam, falácia [...] , mas entrar na casa dos menino
que sofrem abuso de dia
não cabe nas suas linhas
suas laudas não comportam os batuques dos peitos laje vista pro córrego
seu corretor corrige a estrutura de madeirite (LUZ, 2019 apud MONTEIRO 2019. p.123).

Nessa conjuntura, as pesquisas tornam-se alheias aos contextos, ineficientes até mesmo para descrever o fenômeno em estudo. Na contramão dessa perspectiva, saímos do nosso conforto acadêmico para uma vivência que, de fato, transformou as nossas vidas, nos possibilitando apreender um

conhecimento que seria impossível de captar em documento escrito, afinal, existem vestígios que somente podem ser encontrados em segundos de expressão humana.

Nessa direção, encontramos a denominada Pesquisa-Trans-Formação, desenvolvida pelo GADS (Grupo Atividade Docente e Subjetividade) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Trata-se de uma pesquisa alicerçada pelo materialismo histórico e dialético, por isso procura revelar a realidade em sua essência, na medida em que propõe ser uma investigação transformadora e crítica (MAGALHÃES, AGUIAR, 2022).

De acordo com Magalhães e Aguiar (2022), a Pesquisa-Trans-Formação tem a intencionalidade de contribuir com a criação de mediações por meio de ações formativas, nas quais cada grupo que passa pela “Trans-Formação”, consiga produzir conhecimento capaz de dismantelar a estrutura capitalista vigente.

Nesse sentido, as ações formativas no grupo visam, por meio do diálogo, provocar a participação, pelas vias da dialética, através das quais as zonas de inquietações são atingidas por meio do debate, comprovando que “Pesquisa-Trans-Formação” configura-se como uma “reunião de sujeitos para discutir de modo democrático, crítico e colaborativo determinado tema/proposta” (MAGALHÃES, AGUIAR, 2022. p.3). Dessa forma, o conhecimento é construído junto ao grupo, com base em suas significações, ou seja, o que o pesquisador apreende diz respeito a essa realidade histórica, a essa dimensão subjetiva da realidade.

Nesse cenário, notamos proximidades da pesquisa trans-formação com a pesquisa-ação. Na pesquisa-ação os participantes (pesquisadores e pesquisados) estão envolvidos de modo cooperativo e ambos assumem papel ativo no processo investigativo (THIOLLENT, 1997). Esse movimento acontece com o predomínio da horizontalidade nas relações que acontecem de forma interativa, dialógica, dialética, em que todos os participantes saem modificados.

Portanto, ao propormos uma pesquisa-ação em que os sujeitos e as produções construídas serão analisadas pelas lentes do materialismo histórico e dialético, estamos cientes de que nosso movimento é revolucionário, na medida que buscamos compreender a historicidade, as contradições e as determinações de constituição da realidade pesquisada. Com a intenção clara de superá-la para

construir uma nova materialidade, nos encontramos com a pesquisa Transformação.

Nosso foco de estudo, refere-se a um grupo de adolescentes/jovens em cumprimento de medida socioeducativa de internação, com os quais procuramos, por meio de uma pesquisa-ação desenvolver oficinas com a temática da poesia slam e dessa forma, compreender nessa dimensão subjetiva da realidade questões relacionadas aos Direitos Humanos, aos processos identitários e de construção de projeto de vida.

Importante ressaltar que o fato de a pesquisa-ação ser colaborativa não implica em abandono teórico e de métodos científicos, pelo contrário, a pesquisa-ação é guiada por um rigoroso embasamento teórico e, por ser considerada um método, ou uma estratégia investigativa, comporta juntamente com sua execução, a combinação de outras técnicas. Por isso, durante nossa pesquisa optamos por disponibilizar vários espaços de expressão para a coleta de dados.

Diante disso, uma das primeiras estratégias de coleta de dados constituiu na aplicação de um questionário exploratório, por se tratar de um valioso instrumento de pesquisa, uma vez que permite conhecer opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas e situações vivenciadas (GIL,1999). Nesse sentido, possibilitou um maior entendimento acerca das significações dos adolescentes sobre perspectivas de futuro, bem como expectativas sobre as oficinas, fundamental para o planejamento das oficinas.

Optamos por aplicar um questionário no início da pesquisa e repetir sua aplicação ao final do estudo, com o intuito de analisar as implicações da experiência para os atores envolvidos na investigação. Para se ter um parâmetro da abrangência dessas implicações, aplicou-se também um questionário para os funcionários de referência dos adolescentes participantes da pesquisa.

Outro instrumento utilizado no decorrer da pesquisa-ação, foi a realização de quatro grupos focais, com o primeiro intuito de captar significações dos adolescentes que não se sentissem à vontade com o questionário e em segundo para termos uma base de como eles estavam apreendendo os conhecimentos construídos nas oficinas. Esse recurso mostrou-se uma técnica muito significativa, uma vez que nos deparamos com adolescentes que ainda não estavam alfabetizados, mas, que conseguiam uma boa expressão oral e corporal durante os

grupos focais. Desse modo, foi comprovada a importância desse recurso para se compreender o processo de construção das percepções, das atitudes e das representações sociais de grupos humanos (VEIGA; GONDIM, 2001).

Durante a execução das oficinas utilizou-se também de um gravador de voz e do diário de campo, espaço no qual eram anotadas as falas e as percepções acerca das expressões dos adolescentes, pois a pesquisa-ação garante momentos significativos, provocando o emergir de movimentos corporais valiosíssimos como uma alteração de voz, um lacrimejar de olhos, uma expressão de raiva ou animadoras gargalhadas. Por isso, nossa atenção esteve voltada para todos os movimentos dos adolescentes. Oliveira (2011) enfatiza a importância do registro, mesmo diante da presença do gravador, pois o equipamento não capta as sutilezas das emoções do momento.

7.3. Análise dos dados

Durante nosso percurso investigativo, fomos acompanhadas pelos pressupostos teóricos do materialismo histórico e dialético como já apontamos nas páginas anteriores. Isso implica em enxergar os atores (adolescentes/jovens) envolvidos na pesquisa como sujeitos sócio-históricos, únicos e singulares. Desse modo, o material coletado e produzido nesse processo, exigiram organização e análise com um referencial que vai ao encontro do nosso arcabouço teórico.

Por esse motivo, optamos pelos procedimentos de análise de dados denominados núcleos de significação. Esses procedimentos foram desenvolvidos por Aguiar e Ozella (2006,2013), que buscaram construir meio em que se pudesse ter coerência e embasamento das análises pelas vias do materialismo histórico e dialético, algo que não fosse meramente descritivo ou classificatório, mas que desse conta de apreender a realidade em movimento, ultrapassando os limites da aparência. Nesse sentido, os processos para elaboração dos núcleos de significação foram construídos atrelados ao materialismo histórico e dialético, nos pressupostos da psicologia sócio-histórica.

Desse modo, a análise mediante os núcleos de significação está ancorada na dialética e no pensamento categorial, ou seja, nos construtos teóricos que possibilitam perceber o movimento do real por meio da historicidade, das

contradições e das mediações. Esses movimentos possibilitam compreender as múltiplas determinações que constituem o fenômeno em estudo. Trata-se de um trabalho minucioso do pesquisador, pois a realidade não está dada a priori e requer procedimentos cuidadosos para o seu devido desvelamento, não sendo meramente interpretativo, mas dialético (materialidade, historicidade e concretude).

Nosso intuito foi apreender no material em análise as significações (articulação dialética entre sentidos e significados) dos adolescentes/jovens que passaram por marcantes oficinas, nas quais foram provocados e mobilizados por meio da Poetry Slam a refletirem e a produzirem conhecimento acerca de suas histórias de vidas, de suas memórias e de suas perspectivas de futuro.

Analisar e apreender a historicidade dessas produções só é possível se colocadas nos contextos de vivências dos sujeitos que a produziram, captando por meio das categorias analíticas as contradições e as mediações sociais e históricas constitutivas dessas narrativas autobiografias, pois os sujeitos são síntese de múltiplas determinações.

Para se atingir essas determinações foi necessário apropriar-se do material coletado e, a partir das inúmeras leituras(estudos), extrair as falas com significações que revelam as implicações subjetivas dos sujeitos em um movimento que integra também a objetividade dos contextos em análise, uma vez que toda unidade contém o todo.

Essa ação, faz parte do processo que deve ser realizado para se atingir os núcleos de significação do grupo ou dos sujeitos envolvidos na investigação. As etapas procedimentais irão garantir a qualidade da sistematização do corpus analítico. (AGUIAR; OZELLA 2006/ 2013; AGUIAR; ARANHA, 2021).

Em um primeiro momento, realiza-se a **leitura flutuante** de todo material produzido durante a pesquisa. Nessa etapa inicial, deve-se realizar um movimento de leitura/releitura constante, no intuito de aprofundar o conhecimento acerca da materialidade produzida.

Em um segundo movimento, volta-se à leitura, dessa vez, destacando falas significativas para objetivos da investigação e para se apreender as determinações constitutivas dos sujeitos. Desse modo, extrai-se do corpus analítico falas que chamam a atenção pela constância, pela repetição, pela carga emocional, pelas

pontuações, pelas ênfases e pelas insinuações que demarcam pontos importantes para o entendimento e para análise do fenômeno em estudo.

Nesse movimento são realizados os “pressupostos do método no que se refere ao entendimento de que fazer ciência implica fazer recortes” (AGUIAR; ARANHA; SOARES, 2021. p.6). Dessa forma, podemos afirmar que a menor unidade de análise é a palavra que revela as propriedades da totalidade, aspectos que são primordiais para o entendimento dos sujeitos em análise, uma vez que, cada recorte realizado corresponde a uma unidade de significação.

A partir desse momento inicia-se o processo de análise e de interpretação dos dados por meio da organização dos denominados **pré-indicadores**. Para essa organização, as falas são retiradas do seu contexto imediato, levando em consideração as expressões que carregam informações significativas e que podem vir a compor teses importantes para análise, como também para o restabelecimento da totalidade (AGUIAR; ARANHA; SOARES, 2021). É importante frisar que os pré-indicadores devem abarcar a materialidade: as significações dos sujeitos que são reveladas por meio das palavras com significado.

A dinâmica de organização dos pré-indicadores, deve ser revista constantemente, abrindo dessa forma possibilidades para a criação de novos pré-indicadores e eliminação de outros. Afinal, os pré-indicadores devem ser tratados como teses que podem a qualquer momento sofrer alterações diante do percurso investigativo. Por isso, esse processo analítico é marcado pela negação e pela superação.

Diante disso, inicia-se o movimento de articulação dos pré-indicadores, que devem ser articulados por meio de um processo de análise do corpus da pesquisa, no qual utiliza-se critérios de similaridade, complementariedade e contraposição. Nesse processo, os pré-indicadores tornam-se um conjunto dialeticamente articulados em que: “as significações aí presentes são analisadas como multideterminadas, na dialeticidade que as constitui, gestando uma nova síntese” (AGUIAR; ARANHA; SOARES. 2021.p7).

Dessa articulação, resultam-se os **indicadores**, que revelam uma nova relação das significações que foram objetivadas pelos participantes da pesquisa. Com isso, consegue-se atingir explicações que serão mais totalizantes no que

concerne às relações históricas de constituição dos sujeitos. Os indicadores, garantem também maior potência na visualização no que se refere as conexões expressadas pelos sujeitos, permitindo perceber o que estava encoberto, pois ao serem articulados, geram sínteses explicativas ((AGUIAR; ARANHA; SOARES, 2021).

Essas sínteses explicativas, denominadas de indicadores, não são permanentes, visto que não abarcam a totalidade das expressões dos sujeitos, pois trata-se de um fenômeno complexo que ultrapassa um conjunto específico de pré-indicadores que são organizados e articulados em indicadores.

Importante ressaltar também que os indicadores revelam um momento específico, pois a realidade está em constante movimento e mediada por múltiplas relações (sociais, políticas, econômicas, culturais, dentre outras) que constituem os sujeitos. Por isso, as falas revelam essas mediações que serão apreendidas pelo trabalho de análise do pesquisador, o que permitirá o entendimento no que se refere a historicidade e as contradições explicitadas pelos participantes da pesquisa.

Em vista disso, os indicadores, com seus respectivos pré-indicadores, irão compor os denominados **núcleos de significação**. Nesse momento, acontece uma maior abstração, pois realiza-se a articulação dialética dos indicadores que culminará em uma nova síntese.

Nessa articulação leva-se em consideração também os critérios de semelhança, complementaridade, contraposição, contudo deve-se atentar especialmente aos movimentos que possam revelar determinada contradição nas significações objetivadas pelos sujeitos.

Com isso, nota-se que o processo de articulação dos indicadores em núcleos de significação, não acontece de modo fixo e linear, mas pelas vias das mediações (aparentes ou não) das relações dialéticas que constituem o fenômeno. Esse movimento trará novas interpretações e entendimentos para a investigação.

Vale ressaltar que o critério da contradição é imprescindível para uma análise que rompa com dicotomias, com fragmentações e com as falsas ideologias, pois a contradição entre os indicadores impulsiona a apreensão de um conhecimento mais

totalizante, para além das aparências. Ainda sobre a importância de atentarmos sobre as contradições, Aguiar, Aranha e Soares (2021) reafirmam que:

“[...]elas são sempre sociais e, nessa condição, constitutivas dos sujeitos e, portanto, das significações contidas nos indicadores. Assim, a apreensão e explicitação dessas contradições em nossa análise e interpretação são essenciais para evidenciarmos as mediações sociais e históricas constitutivas (AGUIAR; ARANHA; SOARES. 2021, p.11).

Por isso, é importante que o pesquisador amplie seu processo interpretativo e investigativo e estabeleça relações analíticas com o contexto social, econômica, político e cultural dos atores do processo investigativo, para que, dessa forma, seja possível compreendê-los em sua totalidade.

Então, os núcleos de significação precisam superar os pré-indicadores e os indicadores, pois trata-se de um momento de abstração, em que ocorre o processo dialético entre as partes, avançando-se para o concreto pensado, para as significações. Por isso, os núcleos de significação se desenvolvem de forma construtivo-interpretativo (AGUIAR; OZELLA. 2013), nutridos pela interpretação e criticidade do pesquisador.

Ao final do processo de análise, deve-se ter um número reduzido de núcleos, que tragam pontos centrais relativos às implicações para os sujeitos que, de fato, revelam suas determinações constitutivas. Dessa forma, os núcleos devem ser nomeados com base nas características intrínsecas, identificando palavras ou expressões do próprio sujeito em estudo, ou ainda em decorrência das interpretações do pesquisador.

Com os núcleos de significação construídos, chega-se a uma etapa de síntese de múltiplas dimensões. Esse movimento acontece por meio da análise dos núcleos. Isso deve ser realizado de forma articulada no interior dos núcleos, como também entre os núcleos (internúcleos/intranuclear). Essa análise deixará explícitas semelhanças e/ou contradições que envolvem os sujeitos.

Dessa maneira, alcança-se uma sintetização mais integralizadora em que os núcleos são colocados nos contextos do discurso, nas dimensões históricas e sociais, sob o prisma do materialismo histórico e dialético.

7.4. Lócus e participantes da pesquisa

Para a execução da presente investigação, primeiramente realizamos a submissão do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Rio Claro (CAAE: 89077218.3.0000.5465). Em um segundo momento, obtivemos aprovação da Universidade Corporativa da Fundação CASA (UNICASA). Em uma terceira ocasião, recebemos o consentimento da Direção e Núcleo Pedagógico do Centro Socioeducativo onde realizamos a pesquisa-ação e, por fim, conseguimos uma autorização judicial para o início das atividades.

A proposta da pesquisa foi bem aceita pelos gestores do Centro Socioeducativo, que demonstraram bastante interesse pela realização da pesquisa-ação em seus ambientes. Por isso, as nossas necessidades como pesquisadoras foram acolhidas e administradas da melhor forma.

A pesquisa foi realizada com os adolescentes e jovens que se encontravam em cumprimento de Medida Socioeducativa de Internação. Um dos critérios que utilizamos para a seleção dos participantes foi a de estarem cursando as últimas séries (8º e 9º) do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

A pretensão em colocarmos esse critério, deveu-se à necessidade de termos participantes alfabetizados na investigação, pois uma das principais atividades consistiu na escrita de Slams (poemas). Contudo, essa exigência não se tornou possível, uma vez que tivemos a participação de adolescentes que, embora estivessem nas séries solicitadas, não encontravam-se alfabetizados.

Outro critério que sugerimos para seleção dos participantes, foi a de que estivessem no início de internação. O intuito era garantir que o adolescente/jovem participasse de todas as etapas da pesquisa. Essa sugestão também não foi concretizada, pois tivemos participantes que estavam há mais tempo em internação e (in)felizmente não participaram de todas as etapas da pesquisa-ação, porque houve a finalização de seu tempo de medida.

Com isso, nas primeiras fases das oficinas contamos com a participação de 14 adolescentes e esse número foi sofrendo redução ao longo do processo

investigativo. Porém, mesmo com a redução conseguimos desenvolver todos os processos previstos no projeto de pesquisa.

Na última fase da pesquisa-ação tivemos também a participação de 03 funcionárias do Centro Socioeducativo, que responderam a um questionário exploratório. Essas funcionárias eram de referência dos adolescentes/jovens participantes da pesquisa. Como elas acompanhavam de perto o desenvolvimento dos meninos na internação, tiveram conhecimento para responderem sobre as implicações das oficinas nos meninos participantes da investigação.

A pesquisa iniciou-se no dia 28 de janeiro de 2022 e foi finalizada no dia 27 de junho de 2022, contabilizando 5 meses de estudo. Ao todo, foram realizadas 17 oficinas. Esse tempo foi fundamental para o pleno desenvolvimento da pesquisa-ação, pois esse período possibilitou uma experiência plena em significações para os atores e atrizes envolvidos no processo.

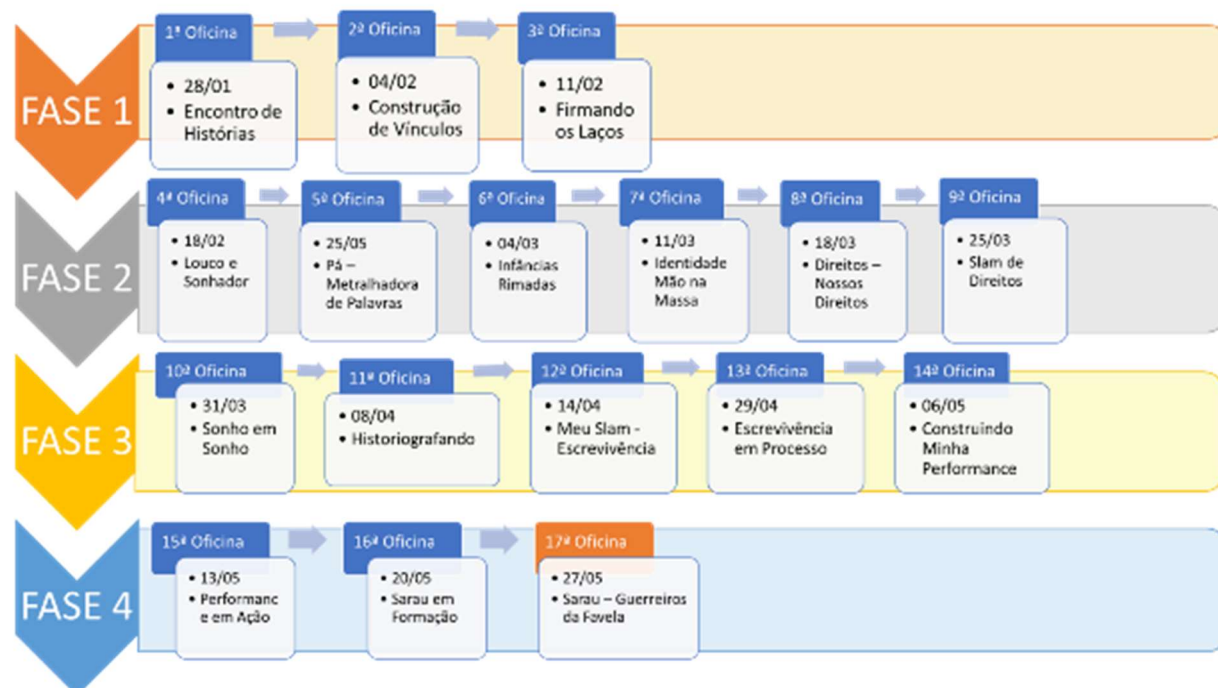
Nesse período era realizada uma oficina por semana, sempre às sextas-feiras com duração de aproximadamente 1h 30 minutos. As oficinas eram planejadas com muito cuidado para não comprometer a rotina do Centro Socioeducativo.

A pesquisa-ação foi estruturada em 4 fases. A primeira fase contou com 3 oficinas e teve como objetivo a construção de vínculos entre os participantes da pesquisa. A segunda fase comportou 6 oficinas e foi destinada, em um primeiro momento, à apresentação da Poetry Slam aos adolescentes e jovens. Posteriormente, nessa etapa, foram realizadas atividades referentes à construção identitária e questões voltadas aos Direitos Humanos.

A terceira fase foi constituída por 5 oficinas, as quais foram dedicadas a escrita dos Slams (poemas). Essas produções foram construídas a partir das histórias de vida(escrevivências), dos sonhos, dos desejos, das perspectivas de futuro e dos Projetos de vida dos participantes. A quinta fase foi composta por 3 oficinas destinadas à construção das performances poéticas dos participantes, sendo finalizada com o grande sarau. Nesse momento, os meninos realizaram a apresentação de seus slams à plateia.

Ao final de cada fase era realizado um grupo focal. Esses momentos eram potentes, pois garantiam a sistematização do conhecimento construído em cada etapa, bem como a apreensão das significações construídos pelos adolescentes e jovens.

Figura 6 – Cronograma de execução da pesquisa-ação



Fonte: Arquivo pessoal. Elaborado pela autora.

Conforme já sinalizamos anteriormente, quando iniciamos o processo investigativo contávamos com 14 adolescentes, os quais serão apresentados na tabela abaixo. Eles serão denominados nesse espaço pelos apelidos que eles mesmos explicitaram durante o desenvolvimento das oficinas. Ademais, os meninos demonstravam satisfação ao serem denominados com tais apelidos.

Na tabela, incluímos algumas informações sobre os jovens como a idade, a série escolar, a etnia, a prole e a distância do Centro em que cumpriam a medida de suas respectivas residências, pois acreditamos que esses dados são relevantes para o entendimento dos comportamentos, sentimentos e expressões desses adolescentes durante as oficinas, bem como suas significações,

Tabela 10 – Relação grupo participante da pesquisa.

NOME:	IDADE:	SÉRIE	ETNIA	FILHO/A	DISTÂNCIA DA FAMÍLIA
Biel	16 anos	7º ano	Pardo	Não	100 KM
Carriola	15 anos	8º ano	Preto	Não	100 KM
Fofão	13 anos	7º ano	Preto	Não	100 KM
HB20	16 anos	9º ano	Preto	Não	15 KM
Lemão	16 anos	8º ano	Branco	Não	20 KM
Lobão	17 anos	9º ano	Branco	1 Filho	90 KM
Mano Porco	13 anos	8º ano	Pardo	Não	130 KM
Montezino	16 anos	8º ano	Pardo	Não	60 KM
Pitbull	17 anos	9º ano	Preto	1 Filha	15 KM
Semente	15 anos	8º ano	Branco	1 Filha	10 KM
Gago	16 anos	7º ano	Preto	Não	90 KM
Magrelo	17 anos	9º ano	Preto	Não	60 KM
Neguinho RC	16 anos	9º ano	Preto	Não	60 KM
Canela	14 anos	9º ano	Pardo	Não	90 KM

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Nas próximas páginas, para melhor explicitar o desenvolvimento da pesquisa-ação em formato de oficinas, realizaremos a narração de cada uma delas de maneira sintetizada. A primeira e a última oficina, renderam um pouco mais de linhas, pois a adrenalina e a energia do momento garantiram relevantes expressões.

Entre uma oficina e outra colocamos as nuvens de percepções, um espaço que idealizamos para demonstrar nossas impressões, observações e diálogos sobre cada dia em campo. Fique a vontade para nos acompanhar, acabamos de chegar na Fundação Casa.

7.5. Oficina 01 - Encontro de Histórias

Figura 7 – Representação da primeira oficina



Fofão: Aqui ninguém tem apelido não senhora.

Pitbull: (falando baixinho no ouvido da pesquisadora auxiliar).

Eles não vão falar agora, todo mundo tem apelido aqui.

Depois nois picha tudo, aí eles vão descobrir quem foi e, aí embaça pra nois.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Com autorização judicial em mãos, aguardamos a definição do melhor dia da semana e horário por parte do Centro Socioeducativo em que iríamos realizar a pesquisa. Enfim, o tão esperado e-mail da Fundação Casa chegou! Em meados de janeiro de 2022. Poderíamos então, dar início a investigação no dia 27 daquele mês.

Dessa forma, pesquisadora e a auxiliar de pesquisa, que, com grande empolgação aceitou o desafio de adentrar nessa grande aventura poética, com isso, tornou-se parte fundamental dessa pesquisa.

Após 50 minutos de viagem, chegamos no Centro Socioeducativo em que iríamos realizar as oficinas. Estávamos bastante ansiosas para o primeiro contato. A equipe pedagógica e o Diretor da Unidade estavam à nossa espera e por eles fomos muito bem recepcionadas.

Para autorização de nossa entrada onde encontravam-se os adolescentes, realizamos os protocolos (revista, raio X e conferência de matérias). Nesse dia, foi autorizado a entrada de um gravador de voz, um computador, um projetor, um

caderno e uma caneta. Entramos juntamente com uma Assistente Social, que nos acompanhou durante toda a atividade.

Primeiramente passamos por um portão com grossas grades, na sequência atravessamos outro portão. Posteriormente, andamos por um longo corredor, no qual avistamos várias salas por ambos os lados. Em algumas dessas salas, encontravam-se alguns adolescentes sentados no chão. Por fim, a Assistente Social nos apontou a sala em que deveríamos entrar, e assim, fizemos.

Nessa sala, 13 adolescentes (um deles não recebeu autorização para participar nesse dia) estavam à nossa espera; sentados em cadeiras dispostas em semicírculo e, com olhares curiosos sorriram com os olhos ao nos verem. Por conta das máscaras (devido a pandemia da covid-19), não conseguimos ver os sorrisos nos lábios, contudo demonstraram contentamento como se estivessem há tempo esperando por visitas. Dessa forma, mostraram-se bem receptivos e pareciam ansiosos pela nossa chegada. Nesse primeiro momento uma conexão importante foi começando a ser estabelecida.

Demos início a oficina nos apresentando, um silêncio curioso pela nossa fala se fez sentir. Primeiramente ocorreu a apresentação da pesquisadora, em seguida, da pesquisadora auxiliar. Falamos dos objetivos da pesquisa, do que se tratava, destacamos o fato de sermos estudantes de uma Universidade Pública, na qual eles também poderiam ingressar futuramente.

Em seguida, expomos um pouco sobre as nossas histórias de vida e nossas motivações para estarmos ali com eles. Deixamos claro que se tratou de uma escolha, uma opção nossa, que na verdade trazia sentido para as nossas próprias vidas.

Diante dessa nossa fala, os olhos dos meninos brilharam ainda mais, sendo um fio que nos aproximou muito deles, pois estávamos assumindo um lugar de fala de duas mulheres negras, em que, muitas das nossas vivências entrelaçaram-se com as deles e, esse fato foi determinante para que eles se reconhecessem em nossas histórias de vida, dando-nos a oportunidade para conectarmos com suas Histórias de vida também, sem dúvidas, foi um grande encontro.

Na sequência, aprofundamos um pouco sobre o tema da pesquisa, foi quando um adolescente muito empolgado perguntou se iríamos falar sobre rap. Respondemos que sim, o que o deixou bastante animado. Perguntamos então se sabiam o que era poesia, a maioria afirmou que sim, porém três adolescentes não se manifestaram.

Diante do silêncio desses meninos, indagamos se sabiam o que era poesia, imediatamente nos responderam que não. Perguntamos se eles gostavam de música e um adolescente, aquele mesmo que havia perguntado sobre o rap, nos disse que escrevia letras de música e que já tinha umas 06 composições.

Diante dessa fala, pedimos para que adolescente cantasse uma de suas músicas para gente, ele prontamente disse que sim! Em seguida, começou a cantar uma melodia marcante, com uma letra forte que falava das quebradas da cidade onde morava.

Foi um momento muito legal, todos prestaram atenção e alguns colegas ajudaram a fazer som com o corpo (beat box). A assistente Social que estava nos acompanhando ficou surpresa com o talento do interno. Um outro jovem também tinha uma composição, mas não se sentiu à vontade para cantar, nos respeitamos e seguimos com a oficina.

Na sequência, destaquei que a música do colega era uma poesia, uma escrita que transmitia sentimento. Diante disso, todos afirmaram que gostavam de poesia, alguns afirmaram que gostavam de escrever poesias e um deles relatou que gostava de ler poemas.

Em seguida, pedimos para que se apresentassem, que falassem o nome ou o apelido que gostavam de serem chamados. No início das apresentações, a maioria afirmou que não tinha apelido, porém os colegas sorriam, dando pistas que tinham sim, foi quando um jovem falou baixinho no ouvido da pesquisadora auxiliar que eles não iriam falar o apelido naquele momento, pois escreviam seus apelidos nas carteiras, cadeiras e paredes nas oportunidades que tinham nas horas vagas, então se falassem, a Assistente Social e o Agente iriam identificar os responsáveis. Com isso, entendemos o fato de apenas três adolescentes terem falado seus respectivos apelidos.

O Pitbull do Funk e o Lemão foram os destaques. Contudo, todos participaram das apresentações, inclusive a Assistente e o Agente. Um fato interessante foi que perguntamos o que eles mais gostavam, a maioria falou que era futebol, outros de ler e uns escrever; em relação à escola todos apontaram que não gostavam, porque tinham que ficar sentados escrevendo.

Grande parte dos adolescentes, nem sabiam em que série estavam matriculados, a maioria deles não estava estudando antes da internação. Um adolescente expressou uma frase do poema de Sérgio Vaz: vida loka é quem estuda! Indagamos um pouco sobre essa expressão, mas não avançaram muito.

Ao perguntarmos sobre comidas prediletas, afirmaram que não tinham preferência, o que viesse eles comiam. O Lemão disse que era “frescurento” para comer, que não gostava de cebola, nem de carne cozida. Nesse momento, seus colegas afirmaram que na Fundação Casa ele comia de tudo e que não deixava nada no prato. Lemão então respondeu, que, na Fundação não tinha escolha.

Em seguida pedimos para que se apresentassem fazendo alguma performance, o que resultou em uma atividade bem interessante. Eles foram se apresentando com versos cantados e um dava continuidade ao verso do outro.

Para finalizar, começamos a refletir sobre um possível nome para o nosso grupo, eles deram algumas sugestões, mas nada decisivo. O agente que estava nos acompanhando, apontou que Originais da Rima seria um bom nome.

Encerramos a oficina afirmando que o encontro tinha sido ótimo, que estávamos muito felizes! Eles também expressaram que tinham gostado bastante. Diante disso, perguntamos se tinham interesse em participar da pesquisa-ação e todos responderam que sim. Foi um final cheio de expectativas, um grande começo.

Com isso, realizamos a leitura do Termo de Assentimento livre e Esclarecido (TALE) e retiramos todas as dúvidas dos adolescentes. Dessa forma, não houve resistência quanto ao uso do gravador de voz e aos demais procedimentos da pesquisa.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi enviado para que seus pais assinassem. Todavia, por vários dificultadores, esse procedimento não foi realizado com todos os pais. Como os jovens estavam sob a tutela do Estado

e tínhamos autorização judicial, pudemos dar continuidade as atividades investigativas.

Figura 8 - Nuvens de percepções das oficinas - 01

NUVENS DE PERCEPÇÕES DA PRIMEIRA OFICINA:

- ▲ Insegurança em falar seus apelidos.
- ▲ Muitas pichações no ambiente, por todos os lugares, até mesmo no teto, forte desejo em transgredir.
- ▲ Forte desejo de expressão, de deixarem suas marcas. Sede por atenção.
- ▲ Dois dos adolescentes fazem beatbox- sons com o corpo.
- ▲ Adolescentes bem envolvidos.
- ▲ Foi importante contarmos nossas histórias de vida.
- ▲ Um adolescente se sentiu à vontade para cantar a sua música.
- ▲ Gostam de rimas.
- ▲ Carentes de afeto.
- ▲ Não tem opção de ter preferências-comida boa é a que mata a fome.
- ▲ Gostam de escrever, porém não possuem acesso à caderno, lápis e caneta fora dos momentos de aulas, mesmo assim Pit Bull do funk compunha mentalmente.
- ▲ Alguns não conheciam poesia.
- ▲ Não sabiam que série estavam, não estavam estudando antes da internação.
- ▲ Todos tinham tatuagem de palhaço.
- ▲ Maioria dos adolescentes era negra.
- ▲ 3 adolescentes com filhos.
- ▲ Sala pequena e sem ventilação.
- ▲ Adolescentes queriam fazer barulho de toda forma.
- ▲ Adolescentes de diversas cidades. Não recebiam visitas.
- ▲ Três adolescentes da nossa cidade, ficaram felizes com a nossa presença.
- ▲ Assistem filme relacionados ao cárcere- Drama - Não assistem à comédia

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa-ação. Elaborado pela autora.

7.6. Oficina 02 - Construção de vínculos

Figura 9 – Representação da segunda oficina



HB20: Senhora, cês compraram esse caderno só pra gente?

Pesquisadora: Sim, especialmente para vocês.

HB20: Deus abençoe as senhoras.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Em reflexão com a minha parceira de pesquisa sobre a primeira oficina, observamos que os adolescentes se encontravam sedentos por um espaço de fala e de escuta, de serem vistos, de serem notados de modo singular. Por isso, decidimos criar um espaço em que pudessem expor seus pensamentos “livremente”. Dessa forma, adotamos para as oficinas por sugestão da pesquisadora auxiliar, a urna dos sentimentos, a palavra aberta e a escrita livre.

Com essa decisão, passamos a levar para os encontros uma urna de papelão, cadernos, lápis de escrita, lápis de variadas cores, canetas, borrachas e outros materiais de papelaria diversos e livros de poesias para compor um cenário poético. Além disso, decidimos levar também um instrumento musical(pandeiro) para nossos encontros. Diante disso, solicitamos a entrada desses materiais e todos foram autorizados pela coordenadora pedagógica.

Conforme na oficina anterior, passamos por todos os protocolos de segurança, revista pessoal e dos materiais. Em seguida, adentramos nas dependências da unidade acompanhadas por um Agente Educacional que se

manteve na porta da sala. Esse fato foi positivo para o desenvolvimento da oficina, pois os meninos sentiram-se mais à vontade para participarem.

Iniciamos às atividades com a urna dos sentimentos. Disponibilizamos um papelzinho para escreverem os sentimentos predominantes naquele dia. Informamos os adolescentes de que poderiam colocar na mesma urna e em outro papel o nome de uma música que gostariam de ouvir nas próximas oficinas. Dispomos também de um momento livre para se expressarem soltamente: por palavras, ou por expressões corporais. Posto isto, o pandeiro foi amplamente disputado entre os adolescentes para suas exhibições espontâneas.

Em seguida, entregamos os cadernos e explicamos que era um espaço somente deles. Um pequeno grande espaço para que pudessem se expressar da forma que quisessem. Os adolescentes ficaram surpresos e receosos ao mesmo tempo. Perguntaram por diversas vezes se realmente poderiam escrever ou desenhar o que tivessem vontade, não sabiam nem por onde começar. Em vários outros momentos da oficina indagaram sobre quem teria acesso aqueles cadernos. Afirmamos que se eles autorizassem, somente nós pesquisadoras teríamos acesso.

Aos poucos, timidamente os jovens foram se apossando dos caderninhos. Começaram escrevendo seus apelidos, sagrados e secretos apelidos! Uns rapidamente tingiram a contracapa dos caderninhos com as suas iniciais e apelidos com letras grafitadas, enquanto outros ainda perguntavam sem acreditar se poderiam mesmo escrever o que quisessem. Ao ouvirem uma afirmativa, esboçavam um sorriso largo, dando início aos primeiros sinais nos caderninhos.

Um jovem avistou o preço no caderno que por um descuido não retiramos e perguntou incrédulo se tínhamos comprado para eles mesmos, se colocando na condição de não merecedor de tal agrado.

Alguns adolescentes demonstraram dificuldades com a escrita. Quando percebemos, cuidadosamente fomos auxiliando-os para não causar constrangimentos: acolhemos com ternura a timidez e a vergonha. Dessa forma, rapidamente os caderninhos foram marcados pelos mais curiosos sentimentos, histórias, iniciais, apelidos e desenhos diversos.

Como havíamos levado diversos livros, os adolescentes tomaram posse de alguns e as frases que lhe chamavam a atenção eram transcritas para seus respectivos caderninhos. Com isso, frases interessantes e impactantes como a do título de um poema de Conceição Evaristo: “A gente combinamos de não morrer” (EVARISTO. 2016, p.99), floresceram nos cadernos dos meninos.

Uma sede inesgotável por expressão tomou conta dos adolescentes. Por isso, não conseguiam parar de registrar nos cadernos. Dessa forma, tivemos dificuldades em passar para outra atividade proposta para aquele dia.

Os adolescentes Petit Bull do Funk e magrelo escreveram suas composições em seus respectivos cadernos, pois sabiam que não teriam espaços para escrita em outro momento no Centro Socioeducativo. O curioso desse processo, foi que assim como Lucas Afonso, aquele poeta de quem já falamos em páginas anteriores, muitos adolescentes optaram por escrever na última folha do caderno.

Em seguida realizamos a leitura do poema: Vida Loka de Sérgio Vaz:

Esses dias tinha um moleque na quebrada
com uma arma de quase 400 páginas na mão.
Uma minas cheirando prosa, uns acendendo poesia.
Um cara sem nike no pé indo para o trampo com o zóio vermelho de tanto
ler no ônibus.
Uns tiozinhos e umas tiazinha no sarau enchendo a cara de poemas.
Depois saíram vomitando versos na calçada.
O tráfico de informação não para uns estão saindo algemado aos diplomas
depois de experimentarem umas pílulas de sabedoria. As famílias,
coniventes, estão em êxtase.
Essas vidas mansas estão esvaziando as cadeias e desempregando os
Datenas. A Vida não é mesmo loka? (VAZ, 2016, p.102).

Realizamos a leitura juntamente com os adolescentes por diversas vezes, de forma individual e coletiva, em formato de jogral, em ritmo lento e em ritmo acelerado. Após essa dinâmica de leitura, iniciamos uma conversa sobre o poema. Os adolescentes falaram o que haviam entendido por Vida Loka é quem estuda. Vale ressaltar que esse poema foi escolhido por conta de uma fala do Petit Bull do funk na oficina anterior.

Logo, foram se posicionando chegando no clímax da discussão: vida loka é de quem trabalha e estuda, de quem se arma de palavras, de livros, de rimas, de poemas e de metralhadora de palavras.

Diante da reflexão, obtiveram um bom entendimento e uma excelente participação. Ademais, ficaram bem curiosos para conhecerem Sérgio Vaz. Com isso, realizamos contato com a equipe do poeta, contudo não obtivemos respostas.

Para finalizar a oficina, refletimos um pouco mais sobre um possível nome para o nosso grupo; dessa vez Magrelo deu a sugestão de Guerreiros de Fé e o Pitbull do Funk a sugestão de Guerreiros de Favela. Porém, não chegamos a um consenso entre todos os participantes da pesquisa.

Figura 10 - Nuvens de percepções das oficinas - 02

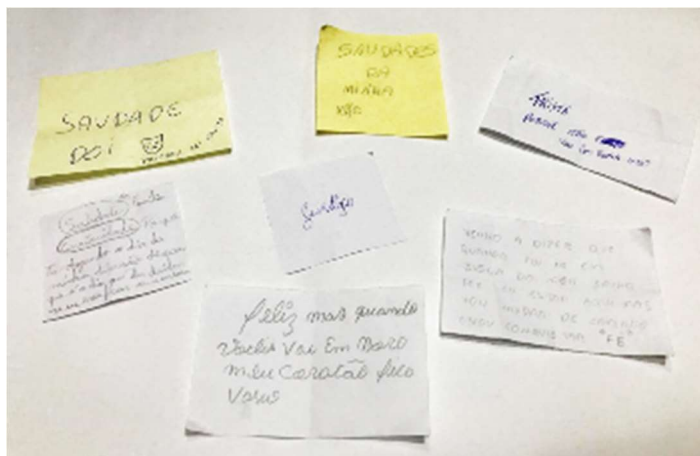
**NUVENS DE PERCEPÇÕES DA
SEGUNDA OFICINA:**

- *Sede por espaço de livre escrita.*
- *Receio em escrever livremente .*
- *Não se achavam merecedores do caderno.*
- *Participativos e interessados .*
- *Ficaram mais confortáveis para expressar sem a presença de funcionários da Fundação na sala.*
- *Ficaram bastante interessados pelos livros de poesia*
- *Pandeiro mobiliza, traz um clima de alegria e descontração/ todos queriam tocar.*

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa-ação. Elaborado pela autora

7.7.Oficina 03 - Firmando os laços

Figura 11 – Representação da terceira oficina



Gago: Senhora, eu não sei escrever

Pesquisadora: Pode deixar, eu te ajudo, vou sentar aí perto de você.

Lemão: Senhora, O semente também não sabe.

Pesquisadora: Eu já vou lá sentar perto dele.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

As duas primeiras oficinas foram encantadoramente realizadas com a intencionalidade de construção de vínculos. Com isso, pudemos conhecer os adolescentes e possibilitar meios para que eles também nos conhecessem. Diante disso, começamos a sistematizar o conhecimento construído nesses primeiros encontros.

Iniciamos as atividades colocando a urna dos sentimentos na mesa central. Os adolescentes foram chegando aos poucos por conta do almoço. Assim que se acomodavam, eram orientados a pegarem os papeizinhos dispostos ao lado da urna para escreverem o sentimento do dia.

Em seguida, disponibilizamos um tempo para a expressão espontânea. Nesse momento, o pandeiro era a grande atração. A maioria dos jovens acompanhavam empolgados o som do pandeiro, instrumento que eles compartilhavam alegremente

Nesse momento também, alguns adolescentes pediram para desenharem nas dimensões externas da urna. Deixamos prontamente! Por isso, a urna que estava tingida com um marrom apagado foi ganhando um expressivo colorido juvenil.

Prosseguimos com as atividades concedendo um tempo para se dedicarem a criação de seus respectivos cadernos. Os adolescentes rapidamente apropriaram-se desse espaço entusiasticamente, demonstrando grande interesse em banhar seus cadernos com suas vivências.

Na sequência, disponibilizamos o primeiro questionário exploratório. A maioria dos adolescentes responderam sem grandes dificuldades, contudo três jovens apresentaram dificuldades de leitura e escrita. Por isso, foi necessário o nosso auxílio para que pudessem responder o questionário. Os meninos respondiam oralmente e escrevíamos as respostas nos espaços indicados.

Para finalizar a oficina, demos continuidade ao diálogo sobre possíveis nomes para o nosso grupo. Diante disso, Guerreiros de Favela, nome de uma música do Pitbull, já era o favorito pela maioria.

Figura 12 - Nuvens de percepções das oficinas - 03

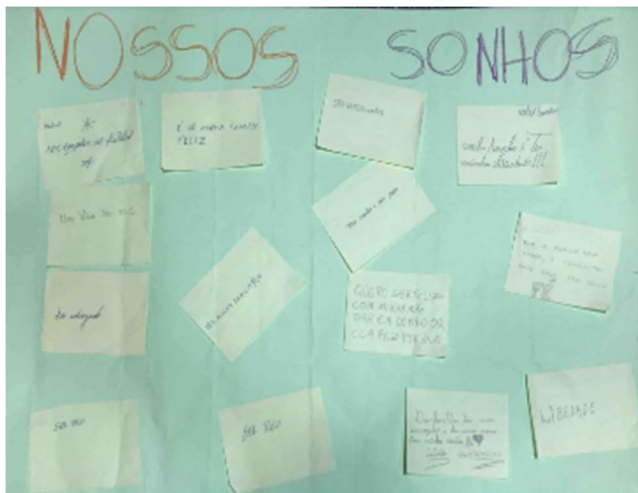
**NUVENS DE PERCEPÇÕES DA
TERCEIRA OFICINA:**

- ▲ *Forte desejo por terem acesso aos caderninhos, a primeira coisa que pedem.*
- ▲ *Os adolescentes que apresentavam dificuldade de leitura e escrita sentiam-se constrangidos. Ficavam confortáveis com a ajuda de determinados colegas.*
- ▲ *Utilizaram os cadernos para desenhar suas iniciais e apelidos, outros desenharam palhaços, símbolos de yan yang, o número do ato infracional que haviam cometido e os nomes dos colegas na capa.*
- ▲ *Alguns adolescentes se identificaram na urna dos sentimentos.*
- ▲ *Apontaram muitas músicas na urna dos sentimentos.*

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa-ação. Elaborado pela autora

7.8. Oficina 4 - Louco e sonhador

Figura 13 – Representação da quarta oficina



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Pesquisadora: porque você quer ser rico, Carriola?

Carriola: Para ser feliz.

Pesquisadora: e, o que te traz felicidade.

Carriola: Ficar junta da minha mãe.

Pesquisadora: Para ficar junto da sua mãe, você precisa ficar rico?

Para o desenvolvimento dessa oficina, realizamos uma intensa pesquisa referente as músicas que os adolescentes apontaram na urna dos sentimentos. Dessa forma, dispomos de horas de buscas, de escuta atenta e olhos fixos em videoclipes. Dessa maneira, selecionamos as músicas que traziam em suas letras aspectos que se aproximavam dos objetivos de nossa pesquisa.

Nesse sentido, uma música em especial chamou a nossa atenção: Louco e Sonhador do MC Negoinho do Kaxeta. O cantor inicia seu videoclipe declamando o seguinte verso: “De olhos fechados procurando força, a dor é só uma fase para quem cansou de viver no quase. Então acorda! Porque o sonho é grande e a luta, mais ainda”. Trata-se de uma canção muito interessante, que mobiliza uma discussão sobre várias questões envolvendo possibilidades de futuro. Por isso, resolvemos utilizá-la para o desencadeamento do primeiro grupo focal.

Vale ressaltar, que esse processo de busca pelas músicas indicadas pelos adolescentes, foi um momento muito significativo para nós pesquisadoras, pois adentramos no universo das letras de funk e fomos surpreendidas pelos tocantes versos e pelas potentes performances criadas para compor os videoclipes dos artistas.

Nesse percurso de buscas, escolhemos também um vídeo do Renan Inquérito denominado de sonhos para impulsionar a conversa com o grupo de adolescentes e jovens. Sem dúvidas, estávamos provocadas por essas músicas que de modo profundo atravessaram nossas almas. Por isso, fomos munidas poeticamente para o primeiro grupo focal.

Para darmos início a presente oficina, realizamos primeiramente o momento da urna do sentimento e dedicamos um tempo à expressão espontânea com movimentos em tono do pandeiro. Na sequência, começamos às atividades programadas para aquele encontro.

Nessa primeira oportunidade, apresentamos por meio do retroprojeto o vídeo com a música Sonhos do Renan Inquérito, que os meninos assistiram atentamente. Na sequência, colocamos o vídeo do MC Neguinho do Kaxeta. Os adolescentes ficaram eufóricos, pegaram suas cadeiras e rapidamente se aproximaram da mesa onde estava o computador: ouvidos atentos e olhos sorridentes, mal podiam acreditar que tínhamos realmente baixado a música que eles haviam colocado na urna dos sentimentos.

Após assistirem o vídeo, pedimos aos adolescentes para que escrevessem nos papeizinhos disponibilizados sobre a mesa os sonhos que tinham para o futuro. Assim que terminaram de escrever, solicitamos aos jovens que colassem no painel que estava na lousa. Essa proposta foi bem aceita pelos socioeducandos que rapidamente entenderam a proposta e realizaram alegremente a atividade.

Em seguida, propomos a dinâmica da batata quente. Essa atividade aconteceu da seguinte forma: ao som da canção Louco e Sonhador, rodava uma caixinha com recortes dessa mesma letra, quando parava o som o adolescente que estivesse com a caixinha deveria pegar um papelzinho e comentar sobre o trecho retirado.

Importante ressaltar que foi uma dinâmica bem divertida. Na medida em que pegavam os papéis com trechos da letra da música, os adolescentes realizavam um comentário com suas percepções e impulsionava a participação dos outros meninos. Esse processo, resultou em um diálogo muito interessante que perpassou por diversos assuntos implícitos nos versos de kaxeta.

O foco central do diálogo girou em torno das perspectivas dos adolescentes em relação ao futuro, sobre valores e significações acerca de suas vivências. Os jovens exteriorizaram bastante questões relacionadas ao sonho de terem uma condição financeira melhor. Com isso, demonstraram forte desejo de ficarem ricos para conseguirem comprar casa, carro, ostentar (roupas de marca, bebidas caras, casa de luxo na praia). O jovem Lobão, disse que queria ser advogado para ajudar sua família e também apontou o desejo em conhecer os Estados Unidos. O adolescente Magrelo afirmou que seu grande sonho era conseguir ajudar a família a ter uma condição de vida melhor.

Os adolescentes também refletiram sobre a questão da palavra “louco” na música e interpretaram como sendo a força de não desistir mesmo em condições e situações difíceis que enfrentam em suas vidas. Nesse sentido, afirmaram que a vida fora da Fundação Casa era complicada, porque não tinham grandes oportunidades de emprego e nem mesmo um lugar para morar. Contudo, expressavam que tinham fé em Deus e não iriam desistir de seus sonhos. Afinal, eram loucos e sonhadores.

Todavia, não houve consenso quando indagamos sobre em quem mais botavam fé. Diante dessa pergunta, responderam que era na família deles, principalmente na mãe. Em relação à escola, afirmaram que não botavam fé nessa instituição. Entretanto consideravam que o ensino era importante para conseguirem um emprego. Seguindo a reflexão, afirmaram que não botavam fé nos políticos e nem mesmo em seus amigos.

Sobre felicidade, afirmaram que eram felizes quando estavam com suas famílias. O jovem Gago falou que para ele a felicidade era fazer o bem para outras pessoas. Finalizamos a conversa realizando uma reflexão sobre felicidade, na qual identificamos grandes contradições entre ter bens e estar junto da família.

Reservamos os momentos finais para que eles pudessem ouvir outras músicas que havíamos selecionado das indicadas na urna dos sentimentos e também para a escrita livre no caderninho.

Figura 14 - Nuvens de percepções das oficinas - 04

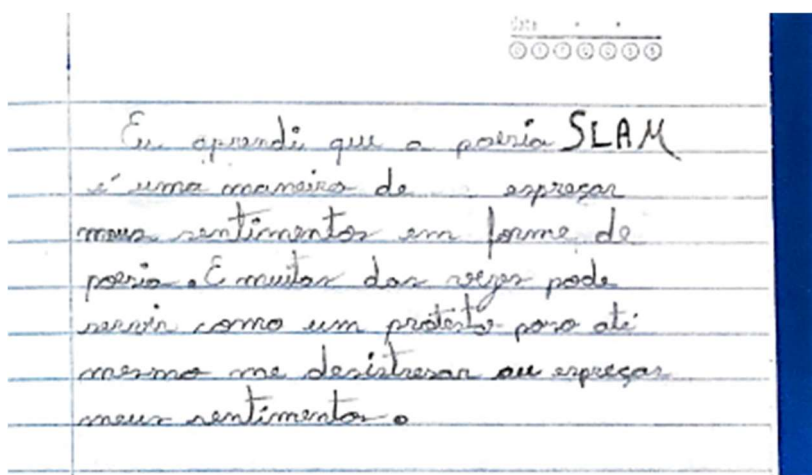
**NUVENS DE PERCEPÇÕES DA
QUARTA OFICINA:**

- ▲ Ficaram eufóricos ouvindo as músicas que haviam colocado na urna dos sentimentos. Cantavam e realizavam as atividades alegremente.
- ▲ Em relação às perspectivas de futuro apontaram, bastante, a questão... desejo de serem ricos; um adolescente afirmou que queria ser advogado e conhecer os Estados Unidos.
- ▲ Forte desejo por bens materiais, principalmente por itens mais caros, como bebidas, carros e motos.
- ▲ Dar uma casa para família apareceu bem forte entre eles.

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa-ação. Elaborado pela autora

7.9. Oficina 5 - Pá- metralhadora de palavras

Figura 15 – Representação da quinta oficina



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Na quebrada é assim, os menor sentado na esquina, mas não é pra vender droga é escrevendo poesia

Neguin rc

A primeira fase da pesquisa-ação foi intensa, dialógica e participativa. Com isso, estávamos bem mais seguras, pois tanto os adolescentes como as pesquisadoras encontravam-se plenamente envolvidos nos processos investigativos. Por isso, a empolgação para a segunda fase era grande.

A primeira atividade da segunda fase, consistia na apresentação da poetry slam aos adolescentes. Como na primeira fase havíamos dado várias pistas sobre o movimento slam os jovens estavam curiosos sobre esse evento, a todo momento indagavam sobre o que era esse tal slam que a gente tanto falava; sorriam e questionavam se tinha vindo das arábias.

Pois bem, o tão esperado dia havia chegado! Antes de introduzirmos o tema, realizamos um pequeno aquecimento com alguns jogos teatrais, nos quais os adolescentes andavam pela sala em diferentes ritmos (câmera lenta, rápido, corrida, estátua). Em seguida, quando a pesquisadora realizava um determinado som com pandeiro eles deveriam construir uma posição diferente com o corpo.

Diante dessa atividade, os Agentes olhavam meio sem entender, mas não interferiam em nossas dinâmicas. Em algumas(muitas) vezes acontecia de pedirem para falarmos um pouco mais baixo, ou para abaixarmos o som, pois o clima de empolgação tomava conta do ambiente, por segundos até mesmo esquecíamos que estávamos em um espaço de privação de liberdade, pois o riso era “solto”.

Importante ressaltar que antes desse momento de descontração, os adolescentes estavam bem tensos, cabisbaixos, olhares tristes e desanimados devido dois de seus colegas do grupo (Gago e Canela) terem ido embora do Centro Socioeducativo por conta da finalização de suas medidas. A saudade dos amigos e a frustração de continuarem privados da liberdade gerava um sentimento de raiva e revolta que em muitos momentos eles não sabiam lidar. Essas circunstâncias, demandavam bastante cuidado por parte de nós pesquisadoras, uma vez que, tínhamos que desenvolver as nossas atividades, mas não podíamos ignorar os sentimentos dos meninos.

Nesse ambiente, procuramos pelas vias dos jogos teatrais construir um novo cenário diante de um contexto pouco animador. Nesse sentido, a pesquisadora escreveu na lousa a palavra Slam (caixa alta) e com o Pandeiro em mãos, realizava um barulho de PÁ! A partir desse som, a definição de slam foi sendo construída

com os adolescentes que foram tomados pelo momento a cada PÁ! Uma expressão de entendimento brotava da face curiosa dos meninos.

Em seguida, para ilustrar o que estávamos falando apresentamos dois vídeos que definiam o slam (O que é slam e o ZaP), ambos com Roberta Estrela D'alva. Na sequência colocamos três vídeos com os slammers: Lucas Afonso, Lucas Konka e Thawane Theodoro. Após a exposição desses vídeos, abrimos espaços para que os adolescentes expressassem suas percepções iniciais sobre o slam.

Os jovens demonstraram grande interesse, o Petit Bull do Funk contou-nos que já tinha assistido alguns vídeos, mas que não sabia que se tratava da poesia slam. Para finalizar a exposição, disponibilizamos os cadernos para que os adolescentes registrassem o entendimento sobre a poesia Slam.

Nesse último momento, pedimos para o Petit Bull do Funk cantar a sua composição: Guerreiros de Favela. O adolescente ficou muito feliz com esse nosso pedido, chamou alguns colegas para fazer beatbox (som com o corpo) para acompanhá-lo. Foi uma grande cena, pois a maioria dos meninos participaram ajudando o colega na apresentação da música.

Toda essa movimentação foi captada pelo gravador de voz. Como já havia terminado o tempo disponibilizado para a realização da oficina, saímos rapidamente do Centro Socioeducativo após uma oficina muito potente, um verdadeiro PÁ!

Figura 16 - Nuvens de percepções das oficinas - 05

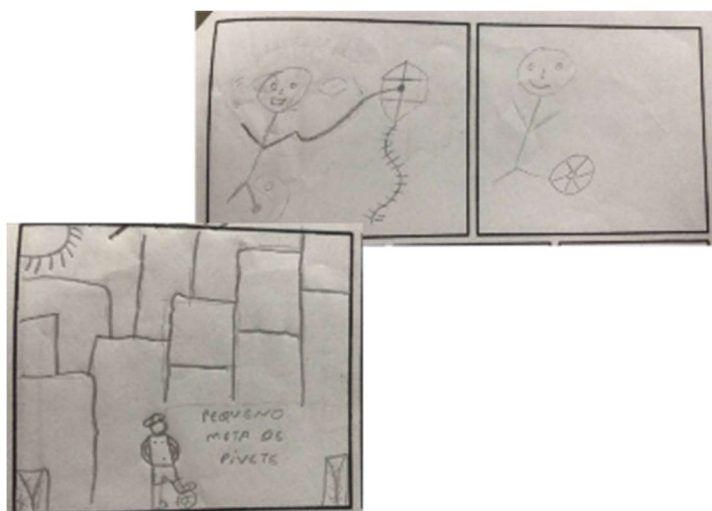
**NUVENS DE PERCEPÇÕES DA
QUINTA OFICINA:**

- ▲ Nessa oficina, não contamos com a participação dos adolescentes Gago e Canela, pois havia terminado o tempo de Medida Socioeducativa, o que deixou os adolescentes muito agitados, abalados, uns com as cabeças baixas; Biel estava com a máscara tampando todo rosto quando chegamos.
- ▲ Eles haviam recebido o resultado da discussão de caso deles e muitos teriam que ficar mais tempo do que o esperado, o que acarretava desânimo e revolta por parte deles.
- ▲ Semente teria que ficar por mais 5 meses.
- ▲ Animaram-se com o movimento dos jogos teatrais, com os espaços de fala e escuta que possibilitamos nessa oficina
- ▲ Se tivéssemos mais pesquisadores seria importante, pois muitos deles precisavam de atenção nessa oficina, estavam muito abalados emocionalmente.
- ▲ Fomos embora angustiadas, mas felizes por termos deixado os adolescentes melhores, mais animados e confortados.
- ▲ O espaço de escrita do Slam e da livre escrita foi muito importante nessa oficina.

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa-ação. Elaborado pela autora

7.10. Oficina 6 - Infâncias rimadas

Figura 17 – Representação da sexta oficina



Pesquisadora: Você não vai registrar a sua infância, Magrelo?

Magrelo: Não senhora.

Pesquisadora: Por quê?

Magrelo: Porque eu não tive infância.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Planejamos a 6ª oficina com a intencionalidade de possibilitar aos adolescentes uma experiência em que pudessem lembrar de vivências e de acontecimentos relacionados às suas respectivas infâncias. Vale salientar, que a lembrança revela sobretudo os fatos que marcaram nossa experiência de vida.

Por isso, esse processo não acontece simplesmente de forma espontânea, mas sim, demanda um esforço que envolve a busca dos acontecimentos vividos (pessoas, datas, lugares), porque: “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI. 1994, p.55).

Dessa forma, lidar com a memória exige provocação e foi justamente o que procuramos fazer por meio da poesia Slam. Visto que, a escrita de um slam requer a busca de nossas próprias vivências, ou seja, uma busca por nós mesmos nos emaranhados de nossas lembranças. Criar estratégias para organizar os acontecimentos vividos foi o grande esforço nessa oficina. Desse modo, possibilitar artifícios para que os meninos pudessem dar início a construção de suas narrativas de vida, de suas escrevivências (EVARISTO. 2016).

Contudo, esse processo de escrita de nossas vivências, não é um movimento fácil, principalmente para esses adolescentes participantes de nossa pesquisa, pois passaram por muitos momentos de fragilidade, de vulnerabilidade, de privações, de dor e de sofrimento. Nesse sentido, escrever é sangrar (EVARISTO. 2016), principalmente por estarem privados de liberdade, estado que potencializa as aflições. Por esse motivo, planejamos uma atividade que gerasse descontração.

Para iniciarmos essa oficina sobre infâncias, planejamos alguns jogos teatrais, nos quais tínhamos que construir cenas, personagens, situações e lugares relacionados à infância. Nesse sentido, a cada novo som do pandeiro os adolescentes eram provocados a mudar de encenação. Os jovens se envolveram bastante com essa atividade, foi momento de grande entrega corporal, no qual os meninos desenvolveram postura corporal de crianças com mudança voz, de expressão facial e de posição com o corpo.

Em seguida, passamos a representar com o corpo brincadeiras infantis, rapidamente os adolescentes começaram a construir com seus corpos jogo de

futebol, pipas, pega-pega, pique- esconde e outras. Os agentes entravam na sala em certos momentos, pareciam não entender os nossos movimentos, mas não interferiam na atividade.

Os adolescentes ficavam eufóricos por estarem desenvolvendo essas atividades em um ambiente que na maioria dos momentos tinham que ficar com seus corpos controlados. Sem dúvidas, foi uma brecha para desconstrução desse ambiente naqueles minutos.

Na sequência, pedimos para que todos se sentassem em roda no chão. Nessa posição, propomos uma competição de rimas, na qual devíamos contar um pouco de nossa infância por meio das rimas. Os adolescentes ficaram empolgados! Foi um momento de grandes gargalhadas, os meninos realmente entraram na competição(brincadeira). Vale ressaltar, que nós pesquisadoras fazíamos todas essas atividades propostas juntamente com os jovens, isso aguçava ainda mais neles o desejo em participar.

Contudo, a infância que os adolescentes revelaram por meio da rima girou em torno do apelido deles, em sua grande maioria relacionados às ações envolvendo o ato infracional do qual haviam sido autores. Expressaram também o momento em que haviam entrado em contato com a droga (uso e venda). Nesse sentido, ficou explicito que o contato com substâncias (i)lícitas ocorreu ainda na infância por volta dos 8/ 9 anos de idade, assim como o primeiro contato com uma arma de fogo. Até mesmo casos de assaltado foi narrado pelos jovens.

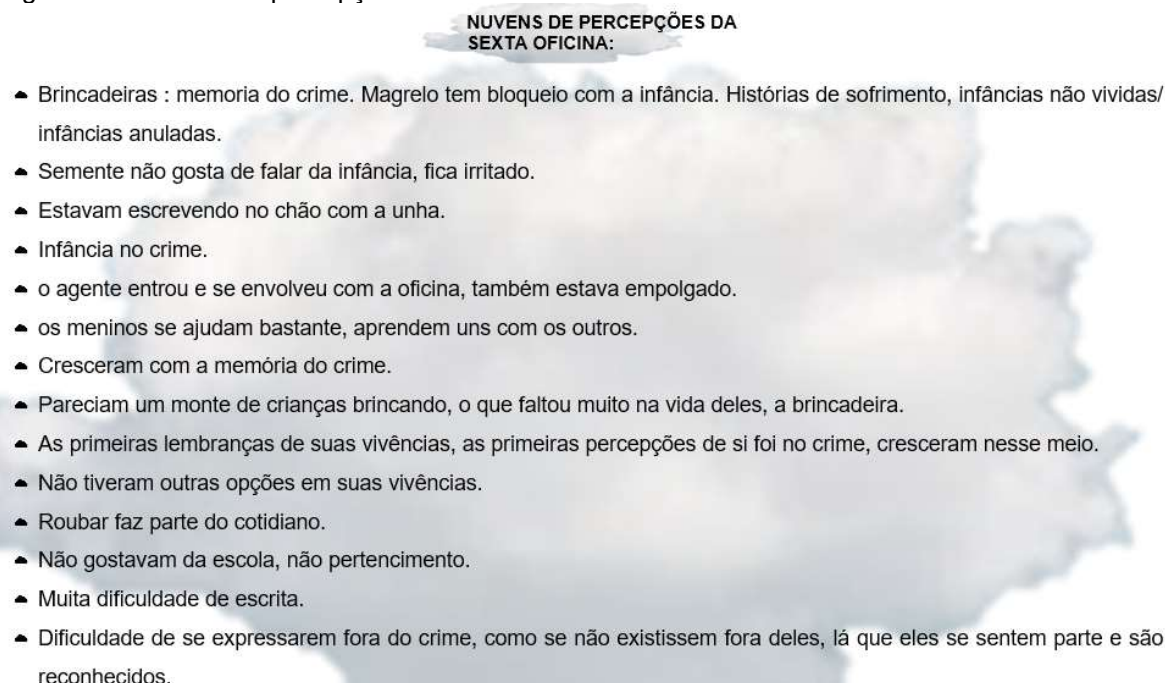
A palavra biqueira, termo popular relacionado aos lugares onde se vendem (cocaína crack, dentre outras), foi fortemente colocada por eles como espaços comuns da infância. Porém, quanto as lembranças relacionadas a escola as rimas giraram em torno de fundão/ suspensão/ expulsão. Todos os jovens concordavam e riam dessas rimas. Com isso, nota-se que haviam vivenciado situações semelhantes no ambiente escolar. Em se tratando de pessoas que marcaram a infância, a figura materna se destacava nas lembranças dos jovens.

Para finalizar a oficina, disponibilizamos os cadernos para que pudessem registrar suas infâncias (da forma que desejassem), alguns adolescentes rapidamente escreveram uma página com grande, mal conseguiam controlar os movimentos com as mãos.

No entanto, outros jovens como foi o caso do Magrelo que apresentou fortes bloqueios em relação a sua infância (tristeza, angústia, choro). Por isso, fomos até ele e perguntamos se não iria escrever algo, ele disse que não. Ao perguntamos por qual razão, o adolescente afirmou que não tinha tido infância. Diante dessa resposta, ficamos uns segundos em silêncio. Em seguida, procuramos mostrar com nossos olhares a nossa solidariedade naquele momento de angústia. Assim fizemos com outros adolescentes também. Essas reações revelam-nos as infâncias não vividas (CIAMPA,1987).

Conceição Evaristo (2016) afirma-nos que escrever é sangrar, dessa forma, esse momento de construir as memórias da infância foi uma enorme sangria para a maioria dos adolescentes. Contudo, nesse dia fizemos o momento da urna dos sentimentos ao final da oficina, o que revelou uma maior quantidade de palavras relacionadas a paz e felicidade.

Figura 18 - Nuvens de percepções das oficinas - 06



Fonte: Levantamento de dados da pesquisa-ação. Elaborado pela autora

7.11. Oficina 7 - Identidade mão na massa

Figura 19 – Representação da sétima oficina



*Nos somos anjo sofrendo nas mão dos guarda, nos
fica chorando.*

Magrelo

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Lembro do tempo de moleque, sonho de pivete, empinava pipa todo dia,
mas com o tempo fui crescendo, fui me envolvendo e me joguei nessa
louca vida.

Gordin

Nessa oficina, tínhamos a intenção em dar continuidade ao trabalho de construção da memória que havíamos desenvolvido na semana anterior. Por isso, planejamos uma atividade sobre a identidade. Com esse intuito, selecionamos um vídeo dos Slams da ponta sobre identidade. Nesse vídeo, Lucas Afonso e Mariana Félix fazem uma interpretação de forma cantada e efêmera de um Slam que remete ancestralidade e a história de luta dos povos periféricos.

Ainda para essa oficina, separamos materiais diversos para que os adolescentes pudessem se representar da forma em que se viam (subjetivamente, historicamente). Para isso, deveriam se agarrar em suas próprias histórias de vida. Dos materiais que separamos destacam-se: revistas de recortes, guache, cola colorida, tintas, folhas em diversas cores e espessuras e maquiagens para sombrear pinturas. Tudo isso, para que pudessem soltar a imaginação acerca de si mesmo.

Em vista disso, chegamos para essa oficina com enormes sacolas, foram 30 minutos só para contagem dos materiais, mas valeu a pena! Os Meninos estavam

ansiosos à nossa espera. Interessante ressaltar que os adolescentes, passaram a criar expectativas para as oficinas, com isso, as sextas-feiras eram aguardadas por eles e, por nós também.

Diante disso, os meninos estavam muito receptivos com a gente, nos ajudavam a montar os equipamentos, retiravam os livros das sacolas, os cadernos, a urna dos sentimentos e o pandeiro, a, esse, não podia faltar! Era a batucada sagrada para iniciar cada encontro. E, uma fala do Magrelo, tocou nossos corações profundamente, ele afirmou que a pesquisadora deveria se chamar sol, porque iluminava o dia deles. Uma fala carregada de sentidos, a luz do conhecimento, do empoderamento, a luz da caverna de Platão. Foi sem dúvida um momento muito gratificante.

Iniciamos a oficina com o Vídeo do slam sobre identidade. Em seguida, fizemos uma fala sobre esse tema e resgatamos as oficinas anteriores, nesse momento os adolescentes participaram significativamente. Diante disso, lançamos a proposta do autorretrato. Posteriormente, distribuímos o material pelo chão da sala e deixamos eles à vontade para pegarem quando precisassem. Por conta disso, cada jovem procurou por um espaço, o qual cobriam com jornal e começaram suas obras.

Durante a realização da atividade, colocamos uma música de fundo, as selecionadas da urna do sentimento, os meninos sempre ficavam muito felizes quando ouviam uma música que eles haviam escolhido, era como se realmente eles fizessem parte, que as sugestões deles estavam sendo consideradas.

Nesse sentido, cantavam com muita satisfação e quando se lembravam de alguma outra música, pegavam o papelzinho que ficava disponível na mesa e se direcionavam para urna. Os adolescentes já tinham desenvolvido essa autonomia, a gente ficava muito feliz por esse movimento deles, era realmente a plena concretização da pesquisa-ação.

As autorrepresentações foram bem distintas e interessantes, eles se inspiraram bastante nas obras da pesquisadora auxiliar, pelo fato dela dominar as técnicas de pintura, o que ajudou bastante nessa atividade. Tratou-se de um movimento potente de autorreflexão.

Um ponto curioso nessa atividade, foi o movimento de percepção dos meninos de que mesmo inspirados e tentando copiar as pinceladas da pesquisadora, não conseguiriam desenvolver uma pintura idêntica, pois tratava-se de expressões únicas, singulares que mesmo com a tentativa da cópia nascia uma nova obra. Um jovem gostou tanto do seu autorretrato que começou a indagar sobre um possível valor monetário para sua pintura. Ele ficou empolgado quando um colega afirmou que valeria milhões. Nesse momento, todos deram boas gargalhadas a alegria, por alguns minutos, ganhou a cena.

Entretanto, tivemos um adolescente que não quis desenvolver inicialmente a atividade, disse que não estava bem. Notamos que ele estava triste, diferente dos outros dias. Com isso, respeitamos a decisão dele. A pesquisadora auxiliar conseguiu conversar um pouco com esse adolescente. Durante a conversa o socioeducando disse que estava triste porque havia tido discussão sobre o seu caso com a equipe de referência e eles decidiram que ele deveria ficar mais tempo em internação, mas ele não concordava e estava muito inconformado e com muita saudade da família. Após a conversa ele ficou melhor, mais animado e até fez a sua obra, não foi um autorretrato, representou por meio de um desenho como estava se sentindo naquele dia.

Figura 20 – Processo de construção da identidade



Fonte: Assessoria de Comunicação Social da Fundação CASA – Foto retirada durante realizações das oficinas.

Para finalizarmos essa oficina, chamamos a atenção dos adolescentes para que ouvissem uma música especial, que contava com uma letra incrível! Eles

pararam o que estavam fazendo e colocaram as cadeiras perto do som como de costume. Fizemos bastante suspense e vagarosamente fomos colocando a música para eles ouvirem, foi quando começou a tocar: Guerreiros de Favela do nosso colega Pitbull, na qual havíamos colocado remix. No momento que os adolescentes começaram a ouvir e perceberam que se trata da música do Petit Bull, ficaram eufóricos. O Petit Bull do Funk ficou muito satisfeito e feliz. A partir desse dia, já não havia dúvidas quanto ao nome do grupo: Guerreiros de Favela.

Figura 21 - Nuvens de percepções das oficinas - 07

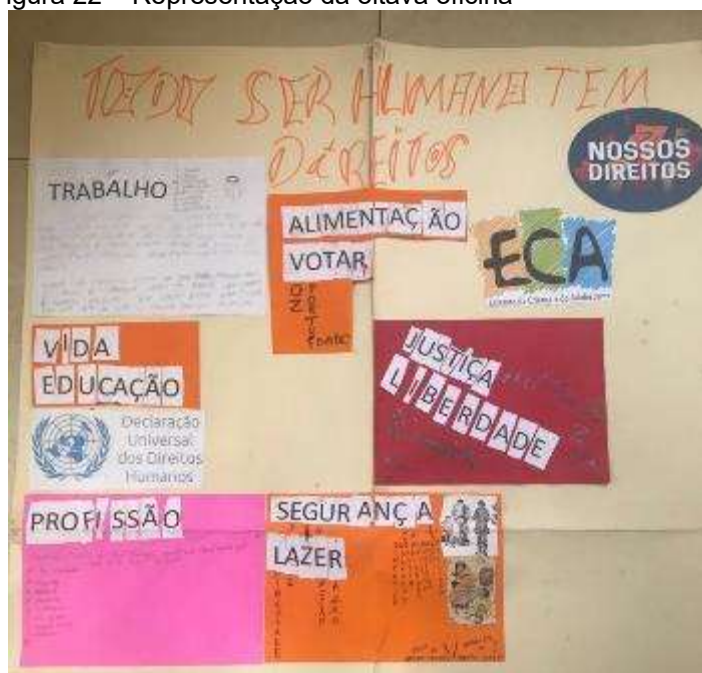
NUVENS DE PERCEPÇÕES DA
SÉTIMA OFICINA:

- ▶ Ficaram empolgados, estavam todos cantando a música do Pitbull.
- ▶ Foi muito significativo para Pitbull ouvir a música dele remixada.
- ▶ Mano Porco estava revoltado porque teria que ficar mais 3 meses em internação. Não queria realizar atividade, aos poucos fomos conversando com ele que começou a contar o ocorrido, foi ficando melhor, começou a participar.
- ▶ Carriola, estava chorando, Pitbull começou a conversar com ele, aconselhando o amigo, tentando acalmá-lo. Carriola ficou mais calmo e começou a ajudar na oficina.
- ▶ Necessidade enorme de falar, se não encontravam espaços, se comunicavam em códigos de sinais, sabiam que com a gente podiam se comunicar dessa forma, se sentiam à vontade, sem medo.
- ▶ Dificuldade em ouvir o colega.
- ▶ Não gostavam de lápis de cor, porque não podia apagar com facilidade.
- ▶ Alguns adolescentes tentaram imitar a arte da auxiliar de pesquisa, mas logo perceberam que cada obra é única, assim como a identidade
- ▶ Montezino começou a questionar o valor da obra de arte dele. Depois chegou à conclusão que valia milhões.
- ▶ Amaram as maquiagens. Demonstravam carinho para com o colega.
- ▶ Forte apego pelas obras de arte, eles se ajudaram, começaram a colorir no chão, estavam tão empolgados que demoraram para pedirem música.
- ▶ Semente pichou a mureta perto da parede com pincel verde.

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa-ação. Elaborado pela autora

7.12. Oficina 8 - Direitos, nossos direitos

Figura 22 – Representação da oitava oficina



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

As oficinas em que houve o desenvolvimento de temas relacionados à infância e a identidade, tocou com intensidade a história de vida dos meninos, o que evidenciou consideravelmente muito dos aspectos socioeconômicos, dos contextos em que se constituíram até o momento da adolescência, demonstrando claramente as limitações em relação a concretização de direitos básicos em suas vidas. Por isso, redobramos as atenções no momento do planejamento dessa oficina na qual introduziríamos a temática dos Direitos Humanos.

Iniciamos a atividade prevista dividindo os adolescentes em duplas, posteriormente, entregamos para cada um deles um envelope contendo letras com as quais eles deveriam formar palavras. Vale ressaltar, que tivemos o cuidado de colocar os meninos que ainda não estavam plenamente alfabetizados com os que já tinham maior domínio em relação à leitura e escrita. Mesmo assim, tivemos que auxiliar algumas duplas que apresentaram dificuldades em formar as palavras.

Em seguida, com as devidas palavras formadas, fizemos um primeiro diálogo, no qual eles apresentaram para as outras duplas as palavras que haviam montado. Após esse momento, começamos a indagá-los sobre o que entendiam sobre as palavras apresentadas. Eles começaram a falar, e davam definições com

base em suas relações diretas com aquela palavra alimentação: matava a fome/ emprego: ganhar dinheiro/ saúde: ausência de doença/ escola: aprender ler e escrever e assim sucessivamente. Em relação à palavra lazer, ficaram com bastante dúvida.

Em seguida, colocamos um videoclipe sobre os direitos humanos e também alguns vídeos (Slam ECA) em que adolescentes desenvolvem performances de slams referentes aos artigos do ECA. Após esse momento, retomamos a conversa sobre as palavras que os adolescentes haviam formado. Alguns jovens já souberam com bastante coerência relacionar as palavras aos direitos.

De posse da Constituição Federal e do ECA, começamos um diálogo mais aprofundado sobre os Direitos Humanos, principalmente no que tange aos direitos da criança e do adolescente. Nessa ocasião, percebemos que os adolescentes não conheciam o ECA. Nesse sentido, realizamos a leitura do artigo 227 da Constituição Federal de 1988, do qual fizemos a relação com a criação do ECA em 1990.

Como havíamos levado um livro (ECA) para cada adolescente, pedimos para que pegassem e realizassem a leitura dos artigos 15 ao 18. Vale destacar que nós pesquisadoras realizamos a leitura com os meninos que não estavam alfabetizados. Nesse processo de leitura, surgiram muitos questionamentos, principalmente em relação ao direito à liberdade.

Nessa oficina, não conseguimos finalizar a temática proposta, pois os adolescentes estavam muito curiosos. Dessa forma, começaram a folhear o ECA, chamavam a gente para ler junto, realizavam perguntas e dialogavam entre eles sobre alguma frase que haviam achado interessante. Importante ressaltar que alguns adolescentes pegaram o caderninho nesse momento de leitura, no qual escreveram algumas frases relacionadas aos direitos que lhe chamavam a atenção.

Nesse dia, retornamos para casa com o coração quente por termos conseguido provocar os adolescentes a ponto de deixá-los com muitas indagações. Eles não imaginavam que “simples” palavras carregavam significações tão profundas. (In)felizmente nessa oficina, já não contamos com a presença do Magrelo, foi embora o nosso menino sol.

Figura 23 - Nuvens de percepções das oficinas - 08

**NUVENS DE PERCEPÇÕES DA
OITAVA OFICINA:**

- Estavam abalados com a saída do colega Magrelo, foram se animando com o desenrolar das oficinas
- Semente está se expressando muito bem oralmente, está mais confiante com a gente.
- Comunicaram-se bastante em linguagem de sinais.
- Meninos não tinham noções sobre o ECA- Pensavam que era uma empresa.
- Não conseguiram associar as palavras aos direitos. Não era algo do cotidiano deles.

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa-ação. Elaborado pela autora

7.13. Oficina 9 - Slam de direitos

Figura 24 – Representação da nona oficina

Hoje eu aprendi que nós
adolecentes temos direitos de
liberdade, educação, saúde,
respeito, alimentação, família,
alimentação — Direitos humanos
Direitos de mesmo que eu tenho
direito a receber pra estudar em
uma faculdade e agora eu sei
que a gente precisa falar mais
sobre a prova do ENEM.
ser muito difícil não passa de
uma mentira.

SEMENTE: Senhor, olha aqui, esse
é o ECA, Estatuto da Criança e do
Adolescente, senhor conhece?

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Mano Porco: senhora, será que tem Universidade de Veterinária perto
da minha cidade.

Pesquisadora auxiliar: Não sei, vou pesquisar, na próxima oficina falo
para você.

Mano Porco: Tá bom, pesquisa e anota no meu caderninho.

Para essa oficina, chegamos novamente carregadas de direitos com as nossas bolsas cheias de metralhadoras de palavras. Os adolescentes ansiosos como sempre, estavam à nossa espera. Demos início as atividades, realizando a retomada do conhecimento construído na oficina anterior. Dessa forma, percebemos que os adolescentes haviam refletido bastante durante a semana um adolescente chegou empolgado para a oficina e foi logo nos contando que o Professor de Geografia havia declamado um Slam em aula sobre a destruição da Amazônia.

Após essa conversa inicial, prosseguimos com uma exposição por meio do retroprojeto do processo histórico da garantia de direito à criança e ao adolescente. Dessa forma, expomos questões que perpassaram pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH, 1948), pelo Código do Menor (1927,1979), pela Constituição cidadã de 1998 e pela criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990).

Os adolescentes ficaram muito atentos à apresentação. Contudo, queriam mesmo era pegar o ECA e sugar desse livro precioso máximo que podiam, visto que, só teriam acesso a ele durante as nossas oficinas. Vale ressaltar, que um jovem se apossou do ECA e se dirigiu até um Agente e perguntou se ele conhecia. O Agente por sua vez, ficou parado sem expressar nenhuma reação.

Dando continuidade as atividades, realizamos a leitura compartilhada do artigo 112, que faz referência a Socioeducação. Alguns adolescentes já haviam encontrado no Estatuto. Eles fizeram muitos apontamentos em que se sentiam desrespeitados em seus direitos, agora que já sabiam que tinham direitos, tanto na Socioeducação quanto na sociedade de modo geral, questionando primeiramente o fato de que estavam cumprindo uma medida sem entendê-la em sua essência. Nesse sentido, passaram a reconhecerem-se como sujeitos de direitos.

Nesse ínterim, refletimos intensamente junto com os adolescentes o ECA como uma “arma” potente, “letal”, um meio de luta e de resistência às mais diversas formas de violências por eles sofridas. Assim, torna-se possível começar uma luta contra com o ciclo de violência, uma vez que, reagir com hostilidade a hostilidade com que eram tratados só iria feri-los ainda mais. Nesse momento, os adolescentes apontaram seus pontos de vistas e dificuldades no que concerne as questões de

violência em suas vivências. Acolhemos, ouvimos e abrimos espaço para um direito importantíssimo, o da liberdade de expressão.

Dando sequência ao diálogo, direcionamos para questões relativas aos Direitos Humanos novamente. Desse modo, abordamos a importância do direito à educação, falamos e esclarecemos os processos de acesso à Universidade: SISU, PROUNI e também as bolsas de estudos dentre outros. Os jovens ficaram surpresos em saber da possibilidade de receber um dinheiro para estudar e ainda, quanto aos critérios estabelecidos para a redação do ENEM e para participar dos programas estudantis.

Figura 25 – Direitos, meus direitos



Fonte: Assessoria de Comunicação Social da Fundação CASA – Foto retirada durante realizações das oficinas.

Importante ressaltar, que o fato de nós pesquisadoras termos sido contempladas com esses programas estudantis durante nossa trajetória acadêmica, possibilitou um exemplo concreto para os meninos, contribuindo para aproximar essa realidade deles. Dessa forma, o que era algo distante e impossível, tornou-se palpável para eles, principalmente para os adolescentes que já tinham decidido por um curso superior.

O jovem Mano Porco chegou até mesmo a pedir para pesquisarmos universidades próximas a cidade dele. O Pitt Bull do Funk começou a pensar na possibilidade de conciliar a carreira de MC com algum curso na área de informática.

O Lobão estava mais firme ainda na sua decisão em cursar Direito. Os adolescentes realmente se sentiram provocados conseguindo enxergar novas possibilidades para suas existências.

Figura 26 - Nuvens de percepções das oficinas - 09

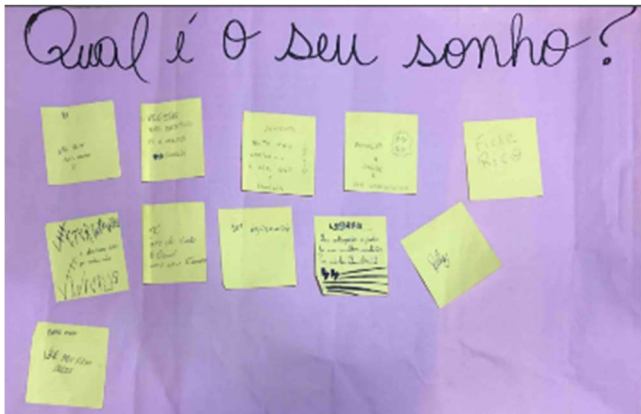
**NUVENS DE PERCEPÇÕES DA
NONA OFICINA:**

- *Estavam meio apreensivos com algo que possivelmente ocorreu entre eles.*
- *Estavam amadurecendo bastante com questões relacionadas às perspectivas de futuro.*
- *Mano Porco estava decidido a realizar o curso de veterinária.*
- *Lobão, firme com a meta de ser advogado.*
- *Biel começou a despertar o sonho em cursar direito.*
- *Semente estava convicto de que queria continuar no crime*
- *Montezino e Lemão estavam bastante pensativos em relação a novas possibilidades de futuro, porém tinham uma realidade de vida que os confrontava.*
- *Carriola, estava bastante abatido.*
- *Nosso grande desafio era trazer reflexões acerca de novas possibilidades, de (res)significações em meio às adversidades do ambiente de internação.*
- Representando o Trabalho- só os corre- vendendo drogas.
- Vieram contar felizes que o Professor de Geografia tinha declamado um Slam durante a aula.
- A oficina dos Direitos foi esperança para alguns.
- Mano Porco ficou interessado, disse que queria fazer curso de Zoonoses.
- Houve potentes processos de (res)significações.
- O crime não é uma opção, mas um modo de vida que tem que ser reconstruído, mas não é um processo fácil.

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa-ação. Elaborado pela autora

7.14. Oficina 10 - Sonho em sonho

Figura 27 – Representação da décima oficina



Mano Porco: Deus abençoe as senhoras. Fazia muito tempo que eu não comia sonho.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Para essa oficina tínhamos que superar todas as expectativas dos nossos sujeitos de direitos, afinal, iríamos começar uma nova fase, na qual eles dariam início a escrita de seus Slams. Portanto as provocações deveriam ser ainda mais intensas. Nesse sentido, tivemos a ideia de pedirmos autorização para a Coordenadora Pedagógica do Centro Socioeducativo para levarmos sonhos comestíveis para sistematizar os conhecimentos construídos até o momento. Nossa solicitação foi atendida, obtivemos autorização para levarmos o alimento, a única ressalva foi sobre a necessidade de seguirmos todas as instruções para acomodação e embalagem desses alimentos.

Para essa oficina, chegamos na Fundação carregadas de “sonhos”! A empolgação tomava conta de nossos corações. Os adolescentes estavam à nossa espera, e como sempre bem animados com a oficina, nos ajudando a organizar os materiais. Por isso, deixamos a sacola dos sonhos bem camuflada, os jovens não perceberam o conteúdo doce que nela continha.

Demos início as atividades realizando uma roda de conversa com o foco (grupo focal), nas percepções deles sobre as oficinas do Slam, infâncias, Identidade e da EDH. O diálogo foi bem positivo, os adolescentes apreenderam muita coisa, era visível a construção do conhecimento sobre essas temáticas.

Nesse sentido, o Slam ficou conhecido pelo barulho forte do pandeiro, o famoso, pá!! A nossa presença, a nossa marca no mundo, por meio da nossa fala e da nossa escrita. Os adolescentes já conseguiam relacionar com as suas histórias de vida, com as questões identitárias e com seus direitos e responsabilidades. Desse modo, a cidadania ia brotando daquelas fecundas vidas humanas.

A partir de então, abria-se para as possibilidades do ser no futuro, para os sonhos, que poderiam ser muitos, sem cobranças quanto ao deixar alguns pelo caminho para abraçarem outros, o importante era não deixar de sonhar. Dessa forma, demos início às provocações sobre os sonhos dos meninos, e, finalmente, perguntamos se gostavam de sonho, aquele saboroso de padaria, todos sem exceção responderam em alta voz que sim, que gostavam muito. Afirmamos então que tínhamos uma surpresa, que não bastava sonhar, mas também tínhamos que comer sonhos.

Logo, fomos em direção a uma sacola que até então estava despercebida, eles ficaram eufóricos, olhos brilhantes, sorrisos de canto a canto da orelha, sim, era realmente um sonho! Foi muito emocionante ver a alegria dos meninos que não se cansavam de nos agradecer. O sentimento de que não mereciam o tratamento que dávamos a eles era constante. Mal sabiam eles o bem que também nos faziam.

Depois de comermos os sonhos, pedimos para que pegassem papeizinhos na mesa e escrevessem seus sonhos, dessa vez os realizáveis e colocassem no cartaz. Para essa atividade, ligamos o som e colocando as músicas eleitas da urna do sentimento. Diante disso, os adolescentes refletiam sobre seus sonhos na paz, como falavam: sorridentes, cantarolando e nós também, a essa altura da pesquisa a gente sabia de cor e salteado as músicas.

Os jovens ficavam muito felizes em nos ver cantando as músicas deles. Foi sem dúvidas, uma oficina, Pá! Nossa alegria não consistia somente em vê-los comer sonhos, mas na possibilidade de romper correntes para de fato conseguirem sonhar. Nesse dia, fomos embora com a sacola dos sonhos vazia e com o coração cheio de esperança.

Figura 28 - Nuvens de percepções das oficinas - 10

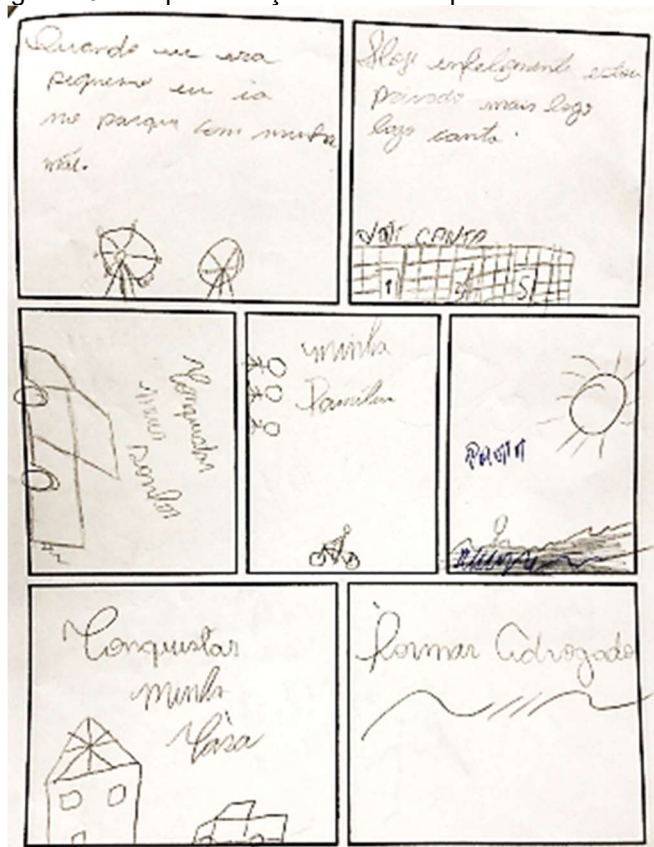
NUVENS DE PERCEPÇÕES DA DÉCIMA OFICINA:

- Ficaram muito felizes com a o sonho comestível, agradeceram bastante. Novamente alguns se colocaram na condição de não merecedores.
- Ficou um misto entre comer sonho e sonhar.
- Estavam bem inquietos quando chegamos, foram se envolvendo com o desenrolar das atividades propostas, principalmente com os sonhos.
- Foram bem participativos.
- Semente brincou que havia aprendido a sonhar.
- Agentes estavam com uma cara mais séria
- Os agentes estavam com atenção redobrada sobre Pitbull e do Biel
- Os meninos demonstravam mais irritação e revolta.

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa-ação. Elaborado pela autora

7.15. Oficina 11 - Historiografando

Figura 29 – Representação da décima primeira oficina



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Após uma oficina recheada de sonhos, essa foi recheada de palavras, de vivências e de histórias de vida. Para iniciarmos as atividades desse encontro, provocamos uma discussão sobre Projeto de Vida. Nesse sentido, apresentamos para os jovens as definições, as estruturas e a importância em se construir um Projeto de Vida. Para auxiliar a organização das ideias dos meninos, levamos alguns modelos (planos de ação) para que conseguissem organizar seus desejos.

Em seguida, pedimos para que refletissem sobre os seus planos futuros e pensassem em estratégias de como alcançar esses objetivos em curto, médio e longo prazo. Ressaltamos a importância de pensar em um projeto de futuro ancorado em nossas inclinações pessoais, em nossas realizações humanas, nos desejos que realmente trazia felicidade e satisfação. A maioria dos adolescentes conseguiram realizar a atividade sem grandes dificuldades. Contudo, alguns jovens tinham objetivo futuro, mas não conseguiam visualizar muito bem como realizá-los. Nós os ajudávamos quando percebíamos que era necessário.

Os adolescentes realizaram também nessa oficina uma história em quadrinhos sobre suas memórias de vida. Dessa ação, floresceu uma atividade muito significativa. O adolescente Carriola não participou dessa oficina, pois estava em contenção, possivelmente por algum desentendimento com os colegas de internação. A ausência do colega deixava os demais meninos mais inquietos e nós pesquisadoras mais apreensivas.

Figura 30 - Nuvens de percepções das oficinas - 11

**NUVENS DE PERCEPÇÕES DA
DÉCIMA PRIMEIRA OFICINA:**

- ▲ *Adolescentes estavam tendo uma boa compreensão sobre as temáticas desenvolvidas nas oficinas, o ECA estava cada vez mais próximo deles e o artigo 227 da Constituição Federal também, algo desconhecido que passa a fazer sentido.*
- ▲ *Na oportunidade que tinham mostravam o ECA para os agentes.*
- ▲ *Se sentiram à vontade para esquematizarem suas histórias de vida.*
- ▲ *Semente estava mais próximo, chegou até nos contar sobre a morte de seus pais, assunto que era bloqueio para ele.*
- ▲ *Eles estão cada vez mais confiantes conosco.*
- ▲ *Uma mobilização para os sonhos, a estrutura de Projeto de Vida.*
- ▲ *Mano Porco estava até sorridente, carrancudo; o contexto de vida em que está inserido, não lhe permite sorrir, nem brincar.*

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa-ação. Elaborado pela autora

7.16. Oficina 12 - Meu slam, Escrevivências

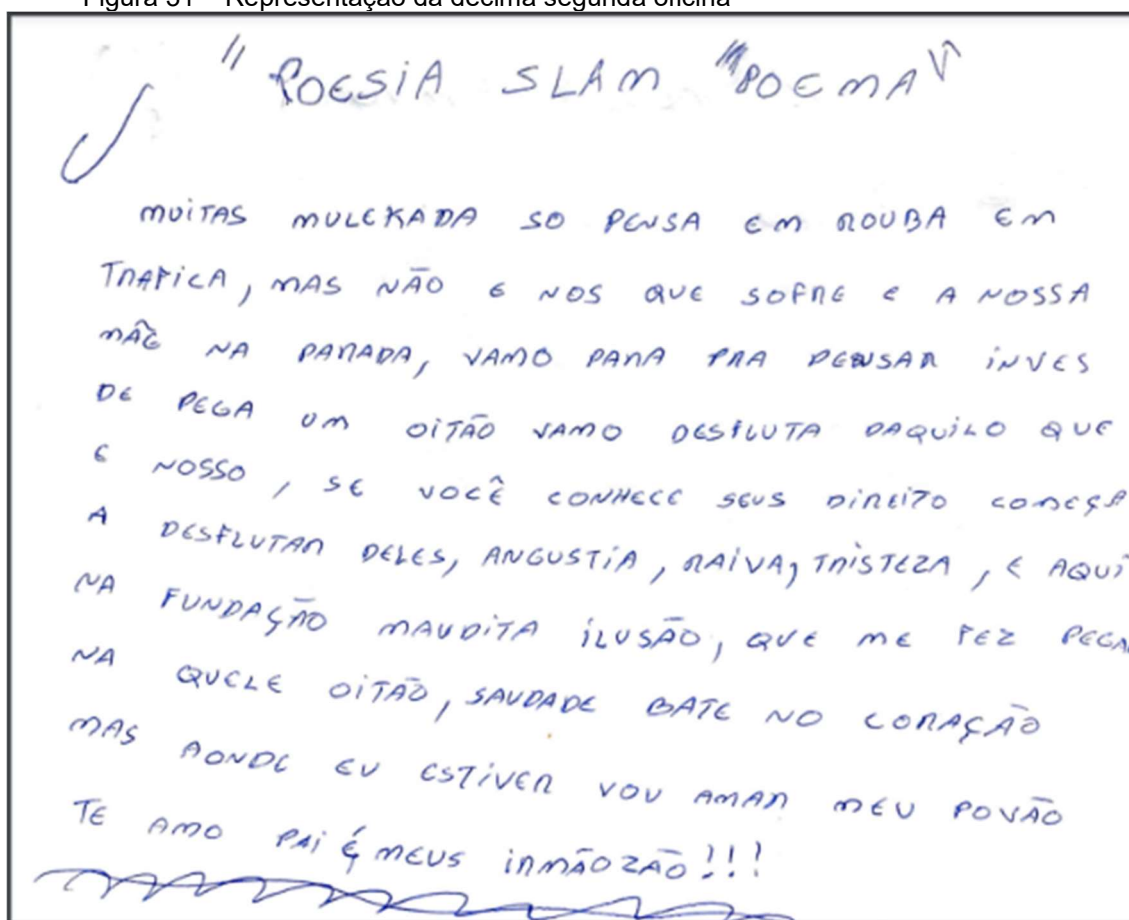
Lemão: eu queria que a escola fosse uma bagunça

pesquisadora: como assim uma bagunça, Lemão?

Lemão: uma bagunça assim como no slam, a gente ia brincando com as palavras aí a gente aprendia.

pesquisadora: eu também gosto dessa bagunça Lemão..

Figura 31 – Representação da décima segunda oficina



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Como os adolescentes correspondiam positivamente atividades de movimento corporal, iniciamos essa oficina com jogos teatrais. Nesse sentido, utilizamos o pandeiro para concentrar o ritmo dos movimentos. A partir dos sons retomamos sobre a temática da Poetry Slam, principalmente no que referia-se as regras de escrita e de performance.

Nesse processo, percebemos que os adolescentes haviam construído um conhecimento significativo sobre a poesia slam. Diante disso, pedimos para que escrevessem o pá deles no mundo. A proposta dessa atividade foi bem aceita e feita com empolgação pelos jovens. Para auxiliar o movimento de escrita, disponibilizamos a história em quadrinhos que haviam construído na oficina anterior, o plano de ação e também os caderninhos. A presença do caderno foi importante, pois os adolescentes haviam realizado registros importantes sobre o movimento slam e também sobre suas vivências.

Durante essa atividade, fomos improvisando oralmente alguns Slams sobre nós mesmos para que se inspirassem, uma vez que, dava mais materialidade para a escrita. Essa nossa estratégia, foi um sucesso, pois mobilizou o processo de escrita. Alguns adolescentes iniciaram rapidamente seus registros, demonstrando maior facilidade, já outros folheavam seus cadernos pensativos, e ainda tinha os que pediam ajuda para conseguirem a rima perfeita para seus slams.

Devido essas demandas, procuramos ficar mais próximas dos que apresentavam mais dificuldade de escrita, visto que, éramos apenas duas pesquisadoras. Porém, quando havia alguma oportunidade passávamos rapidamente para ajudar os demais adolescentes. Nesse sentido, sentamos ao lado do Fofão e do Semente porque não estavam plenamente alfabetizados. Esses adolescentes iam oralmente poetizando suas vivências enquanto a gente realizava a escrita.

Vale ressaltar que, quando líamos o que haviam declamado no calor da poética, esses meninos se desesperavam e pediam para apagarmos, pois não era bem o que queriam escrever, principalmente quando se referiam a alguma vivência no Centro. Diante disso, apagávamos e começávamos a escrever novamente. Esse movimento foi muito recorrente nesse momento, aspectos que revelam que o processo de escrever sobre si é complexo e vagaroso.

Nesse momento, percebemos que muitos adolescentes escreviam, apagavam e em algumas ocasiões, arrancavam a folha, amassavam, jogavam no lixo e recomeçavam o movimento de escrita. Importante colocar que, alguns desses materiais descartados foram recolhidos por nós.

Figura 32 – Processo de escrita da poesia Slam



Fonte: Assessoria de Comunicação Social da Fundação CASA – Foto retirada durante realizações das oficinas.

O jovem HB20, ficou muito emotivo com o processo de escrita, lágrimas rolavam pelo seu rosto sofrido. A gente procurava ficar por perto para passar uma certa confiança, mas era um momento de individualidade. Nota-se que escrever sobre si, entregar-se à memória, não é uma tarefa fácil, principalmente para os que se encontravam em privação de liberdade.

O único jovem que conseguiu terminar seu slam foi o Lobão, os demais tiveram que pausar suas escritas, pois foram tomados pelo tempo do relógio. Como não teriam outros momentos durante a semana para escrita de seus slams, somente conseguiriam concluir essa atividade na próxima oficina.

Figura 33 - Nuvens de percepções das oficinas - 12

**NUVENS DE PERCEPÇÕES DA
DÉCIMA SEGUNDA OFICINA:**

- ▲ Semente sempre arrancava as folhas do caderno.
- ▲ Todos iniciaram o processo de escrita, estavam empolgados.
- ▲ Pediam ajuda, demonstraram bastante interesse em escrever seus Slams.
- ▲ As pesquisadoras se desdobraram para atender as necessidades dos adolescentes.
- ▲ Fofão apresentou grande dificuldade de escrita e de atenção.

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa-ação. Elaborado pela autora

7.17. Oficina 13 - Escrivência em processo

Figura 34 – Representação da décima terceira oficina



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Nessa oficina, continuamos com o processo de escrita dos Slams, alguns adolescentes haviam construído trechos de seus Slams na última folha do caderno durante o período escolar semanal, os quais traziam na memória, passando rapidamente para seus caderninhos. Como o jovem Lobão havia terminado o seu Slam na semana anterior, digitamos seu poema e quando entregamos à ele, começou a ler e descontente pegou a caneta e riscou as palavras que não tinham sido digitadas do jeito que havia escrito como por exemplo: a palavra está, estava escrito somente “tá”, corrigimos. No entanto, o adolescente afirmou que o “tá” foi intencional. Diante dessa fala, pedimos desculpas e o Lobão entendeu o nosso equívoco.

O jovem Lemão, pegou seu poema e não ficou muito contente com a escrita da semana anterior, com isso deu início a um movimento de reescrita com muita empolgação. Lemão identificou-se muito com o slam, quando chegamos ele veio logo perguntar onde estava o seu pá. De modo geral, os jovens estavam animados com o processo de escrita era como se estivessem lavando a alma por meio da tinta de suas canetas.

Contudo, não foi uma oficina com clima muito favorável, o Carriola e o Petit Bull do funk não receberam autorização para participarem dessa oficina, provavelmente por conflitos com outros internos. Vale ressaltar, que nós pesquisadoras não entrávamos nesses assuntos com a equipe pedagógica. Porém, os adolescentes estavam todos apreensivos nesse dia.

O jovem Mano Porco estava triste por conta da falta que estava sentindo de sua família, como era de uma cidade mais distante do Centro Socioeducativo onde estava cumprindo MSEI, não recebia visitas. Infelizmente, essa situação era comum e atingia outros internos e afetava-os muito emocionalmente. Todavia, o processo de escrita era muito potente, visto que, pelas vias da escrita os adolescentes conseguiam expressar seus sentimento mais “livremente”. Como dificilmente teriam outros espaços para exteriorizar suas emoções na unidade socioeducativa, aproveitavam cada segundo do tempo disponibilizado para a escrita de seus slams.

Em um segundo momento, introduzimos um debate sobre algo muito recorrente na vivência dos adolescentes no Centro Socioeducativo, a Língua Brasileira de Sinais. A busca por uma outra forma de comunicação, torna-se uma necessidade nos ambientes de internação, na medida que conseguiam interagir sem riscos de punições.

Desde a primeira oficina que desenvolvemos, notamos que a linguagem por sinais era algo muito forte entre jovens. Nesse sentido, levamos uma folha com a LIBRAS, provocando os meninos. Em seguida, indagamos se conheciam aqueles símbolos, eles responderam que sim, haviam conhecido na própria Fundação.

O jovem Lobão comentou que os adolescentes aprendem essa linguagem logo que chegam no Centro de Internação Provisória (CIP). Nessa ocasião, os jovens que se encontram a mais tempo em medida socioeducativa, ensinam a linguagem de sinais para os internos mais novos. Para termos um conhecimento mais amplo acerca dessa realidade, entregamos três Folhas contendo a LIBRAS para os adolescentes. Na medida que iam observando, assinalavam os sinais que tinham um significado diferente do que eles utilizavam.

Diante dessa atividade, observamos que os jovens conheciam e utilizavam todos os sinais, que não haviam criado nenhum outro além desses, porém, alguns símbolos tinham significação diferente da LIBRAS. Esse dado, nos permite afirmar

que os adolescentes em privação de liberdade, constroem significados próprios nos ambientes de internação, uma contralingua para se comunicarem a revelia dos Agentes. por isso, mesmo os que dominam a LIBRAS não conseguem entender plenamente a comunicação entre eles.

Outro assunto em pauta nessa oficina, refere-se ao palhaço, personagem comum entre os meninos e que sempre se fazia presente nas mesas, nas carteiras, nos cadernos e nos corpos desses jovens. Assim que indagamos sobre o que representava o palhaço no cotidiano deles, rapidamente afirmaram que os palhaços eram aliados, porque lutavam contra o sistema (Polícia, Juiz, Governo).

Dando continuidade a essa conversa, apresentamos para os adolescentes diversas imagens de palhaços como a do Patati e Patata, do Coringa entre outros. Dessa forma, logo se aproximaram dos palhaços estilo Coringa e descartaram os demais. Vale ressaltar, que esses jovens, tinham conhecimento sobre os julgamentos e a violência que sofriam perante a sociedade por tatuarem esses palhaços em seus corpos. Contudo, afirmaram que não se importam, que fazia parte da luta contra o sistema, afinal com ou sem essas tatuagens iriam apanhar de todo jeito.

Nesse sentido, o personagem do palhaço é utilizado intencionalmente, como uma forma de pertencimento e reconhecimento, para serem vistos e notados. Um modo de resistência, pois escancaram suas predileções por esses personagens, mesmo sabendo que poderia lhes custar a vida.

Essa foi a última oficina do nosso slammer Lobão, ele estava muito contente, mal conseguia realizar a revisão de seu poema, sem dúvidas, ele foi um grande companheiro de pesquisa-ação.

Figura 35 - Nuvens de percepções das oficinas - 13

**NUVENS DE PERCEPÇÕES DA
DÉCIMA TERCEIRA OFICINA:**

- ▶ Semente disse que Patati Patata faz mal para as crianças, porque o show deles é caro. As crianças querem ir ao show deles e não têm dinheiro para ir.
- ▶ Demonstraram maior afinidade com o Coringa, afirmaram que eles gostam dos malandros, dos que matam polícia, porque a polícia é racista, desigual.
- ▶ Lobão afirmou que quem mata mais é a polícia.
- ▶ Todos eles afirmaram já ter apanhado de policiais, Montezino foi o único que relatou uma experiência positiva com um policial que o deixou fugir.
- ▶ Lobão: estava eufórico com o último dia de internação.
- ▶ A Linguagem de Sinais dos meninos estão em ordens diferentes, mas tudo está ali, porém com significado diferente.
- ▶ O palhaço de terror que atende as expectativas deles, indo de encontro aos que os oprimem.
- ▶ Já tinham consciência do palhaço antes de fazerem as tatuagens, não fizeram na ingenuidade.
- ▶ Tatuagem de palhaço- intencional, vão apanhar de todo jeito.

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa-ação. Elaborado pela autora

7.18. Oficina 14 - Construindo minha performance

Figura 36 – Representação da décima quarta oficina



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

A partir dessa oficina, demos início a construção das performances dos adolescentes, como eles já haviam terminado a escrita de seus slams, era o momento de mobilizá-los para a plena realização poética, a performance. Dessa forma, pensamos e selecionamos materiais para compor um ambiente cênico e poético, tendo em vista às limitações do ambiente de internação. Nesse sentido, selecionamos: tapete, globo de luz, caixa de som, microfone e muitos livros de poesia.

De posse desses materiais, adentramos o Centro Socioeducativo com muita empolgação e expectativa. Quando na sala com um volume maior de matérias, os meninos ficaram muito entusiasmados e rapidamente nos ajudaram a instalar os equipamentos. Nessa oficina o pandeiro perdeu o destaque para o microfone, os adolescentes faziam fila para terem acesso ao instrumento para irem cantar e declamar seus versos. O toque cênico ao ambiente de internação fez toda a diferença, a possibilidade de poderem expressar seus corpos “livremente” naquele espaço, tornou-se uma contradição que os jovens aproveitaram com intensidade.

A partir desse momento, os adolescentes iniciaram um potente movimento de leitura e releitura de seus Slams, ocasião que aproveitaram para realizar algumas mudanças, principalmente adicionar novas rimas que brotavam a todo momento de suas mentes férteis.

Assim que terminavam esse processo, iam diretamente para o centro do tapete em meio ao jogo de luz, pegam o microfone e realizavam a leitura de seus slams. Aos poucos os poemas foram ganhando ritmo e aqueles corpos, cada vez mais seguros de seus movimentos, iam apropriando-se energeticamente daquele ambiente.

Sem dúvidas, tratou-se de um momento muito importante, no qual os adolescentes puderam refletir sobre suas escritas e sentirem os movimentos de seus corpos. Alguns jovens eram mais tímidos, por isso, pediram para construir suas performances longe dos demais colegas. Dessa forma, saíamos da sala e passávamos o texto com eles no corredor do Centro, possibilitando que todos soltassem a criatividade e o corpo.

Figura 37 - Nuvens de percepções das oficinas - 14

**NUVENS DE PERCEPÇÕES DA
DÉCIMA QUARTA OFICINA:**

- ▲ Ficaram eufóricos com o microfone, pleno espaço de fala e de escuta.
- ▲ Clima de alegria e satisfação.
- ▲ Queriam retomar a escrita para facilitar a oralidade.
- ▲ Exploravam e iam dominando seus corpos.
- ▲ Semente só conseguia ler em caixa alta, decorou seu poema com facilidade.

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa-ação. Elaborado pela autora

7.19. Oficina 15 - Performance em ação

Figura 38 – Representação da urna dos sentimentos



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Nessa oficina, demos continuidade a construção das performances com os adolescentes, levamos novamente os mesmos materiais da semana anterior para compor o cenário. Dessa forma, os jovens puderam continuar com o processo leitura e releitura de seus slams, aprimorando suas performances. Nesse movimento, iam nascendo sensíveis, autênticas e potentes expressões.

Contudo, não contamos novamente com a presença do Petit Bull do funk. Esse jovem era muito intenso e criativo em poucos minutos compunha uma letra de música, ou um poema, mas tinha dificuldade em conter suas emoções e, com isso externando de forma ofensiva, resultando em indisciplina. Vale ressaltar que, nunca houve desrespeito desse adolescente conosco, pelo contrário, era sempre muito envolvido e participativo.

O jovem Carriola também não participou dessa oficina. Interessante destacar que esses adolescentes praticamente começaram o cumprimento da medida juntamente com as oficinas. Dessa forma, observamos que com o passar do tempo eles foram ficando um pouco abatidos, por isso sempre tínhamos que abrir espaços de palavra aberta, ou conversar em particular com alguns meninos por conta da inquietude que demonstravam no decorrer das oficinas.

Vale ainda ressaltar, que uma ação governamental levou o fechamento de 23 Centros Socioeducativos no Estado de São em 2021. Essa ação trouxe como consequências para os adolescentes o cumprimento de medida socioeducativa de internação longe de suas cidades, o que dificultava o acesso dos familiares e aumentava a preocupação e a angústia desses meninos.

Diante disso, aumentava na urna dos sentimentos as palavras saudade, revolta, ódio entre outras. Alguns adolescentes afirmavam que estavam bem, ou até mesmo felizes pelo fato de estarem participando da oficina, pois abria espaços de fala e de escuta, porém aumentava a angústia quando íamos embora.

Essas situações, explicitam a complexidade em desenvolver pesquisa-ação em ambientes de privação de liberdade com adolescentes e jovens, pois são muitos fatores que interferem a todo momento no percurso investigativo. Nesse sentido, tínhamos que ter muita estrutura psicológica e cautela para desenvolver as atividades.

Nessa oficina, já não contamos com a presença do Slammer Montezino, pois havia terminado seu tempo de medida socioeducativa.

Figura 39 - Nuvens de percepções das oficinas - 15

**NUVENS DE PERCEPÇÕES DA
DÉCIMA QUINTA OFICINA:**

- ▲ Aproveitaram para realizar as últimas modificações nos poemas.
- ▲ Semente pediu para ensaiar sua performance sozinho com a pesquisadora, porque não estava confiante.
- ▲ Amaram a ideia de terem uma camiseta para o evento.
- ▲ Estavam ajudando um ao outro.
- ▲ Momento pleno de atenção e engajamento.

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa-ação. Elaborado pela autora

7.20. OFICINA 16 - Sarau em formação

Figura 40 – Representação da primeira oficina



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Iniciamos essa oficina com aquecimento e jogos teatrais. Posteriormente, planejamos conjuntamente o nosso Sarau. Os adolescentes realizaram os últimos registros em seus cadernos, deixando um recado para eles mesmos para ser lido em 2050. Na sequência, construíram também frases que gostariam que fossem

colocadas nas camisetas que seriam usadas no dia do Sarau e fizeram a lista de convidados para o grande evento poético.

Em seguida, realizamos o último ensaio das performances. Os adolescentes estavam muito nervosos, por isso conversamos muito com eles, de maneira especial com o Petit Bull do Funk, pois estava muito desacreditado com tudo. Após nossa conversa ele pediu para escrever uma última parte em seu poema, na qual acrescenta a palavra esperança, ficamos muito emocionadas com esse gesto.

O adolescente Semente não dominava a leitura, mas havia decorado todo poema. Para facilitar a construção de sua performance, imprimimos o poema dele em caixa alta e em fonte maior. Contudo, Semente já declamava sem a necessidade do papel.

De modo geral, os nossos slammers (poetas) estavam muito ansiosos, a todo momento repassando seus slans. Para se sentirem mais seguros, os adolescentes pediram para deixarmos uma cópia dos poemas com a Coordenadora, para que ela deixasse no quarto deles para que pudessem ensaiar durante o final de semana. Alguns adolescentes chamavam a gente no cantinho e pediam para escutá-los a declamarem seus poemas.

O adolescente Carriola, ainda não havia terminado seu poema, mas estava muito empolgado, pois queria assim como seus colegas finalizar o seu poema. Por isso demos uma atenção especial à ele, que rapidamente finalizou o seu Slam. Carriola ficou muito feliz com seu poema. Assim que terminou o processo de escrita pediu ansioso pelo microfone, tão sedento ele estava por expressão.

Figura 41 - Nuvens de percepções das oficinas - 16

**NUVENS DE PERCEPÇÕES DA
DÉCIMA SEXTA OFICINA:**

- Escolheram os colegas que queriam que participassem do Sarau.
- Um encontro bem alegre e descontraído.
- Os meninos estavam bem ansiosos.
- Momentos de plena atenção, conseguiram se desprender um pouco da saudade e dos conflitos advindos da internação.
- Momento de grande construção.

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa-ação. Elaborado pela autora

7.21. Oficina 17 - Sarau - Guerreiros de Favela

A gente é novo ainda, a gente erra, mas nois tem muito que aprender ainda.

Pitbull do Funk

Figura 42 – Representação da primeira oficina



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Ainda não sabíamos lidar muito bem com a questão de que era a última oficina, por isso queríamos planejar algo surpreendente, significativo e inesquecível, que pudesse fazer deste encontro, um grande início. Dessa forma, além de todo material que já levávamos nas demais oficinas, encomendamos camisetas personalizadas, certificado das oficinas realizadas e medalhas para entregarmos para cada slammer (adolescente). Produzimos também um fanzine, com os poemas e com as autorrepresentações dos meninos.

Fizemos uma lista de alimentos que os jovens demonstraram gostar no decorrer das oficinas e pedimos autorização para a coordenadora pedagógica do Centro Socioeducativo para confraternizarmos com os adolescentes. Porém, foi

autorizado somente alimentos industrializados, não ficamos muito contentes, mas aceitamos prontamente.

Solicitamos também para realizarmos o Sarau na quadra por ser um espaço mais amplo, contudo um dia antes do evento recebemos uma negativa, sendo disponibilizado o refeitório. De início, ficamos desapontadas, mas depois começamos a enxergar o potencial do espaço, no qual iríamos oferecer por meio da palavra um outro tipo de “alimento”. Empolgação e ansiedade tomavam conta de nossos corações, enfim, era chegado o dia.

Quando adentramos os espaços da Fundação Casa, os adolescentes já estavam no refeitório à nossa espera, aparentemente bastante ansiosos e, foram correndo ao nosso encontro. Procuramos acalmá-los, mas como também estávamos nervosas foi um nervosismo coletivo. No local, também estavam presentes toda a equipe pedagógica e sete adolescentes, colegas dos meninos que foram convidados para compor a plateia.

Entregamos as camisetas para os meninos que trataram logo de vesti-las. Vale ressaltar que, o fato de colocarem uma peça de roupa sem ser a do uniforme diário fez toda diferença. Entregamos em seguida para os adolescentes o fanzine, eles ficaram encantados e foram mostrar para os colegas e para a equipe presente, todos orgulhosos, mal acreditavam que estavam vendo suas pinturas e versos impressos em formato de livreto.

Diante disso, iam lentamente folheando cada página. Aproveitamos esse momento para montarmos o som e para decorarmos o local. Em pouco tempo o refeitório ganhou ares de Sarau com livros de poesias, pinturas dos meninos espalhadas pelas grades do local, projetor, globo de luz, pandeiro, um tapete e, em seu centro um microfone, enfim, tudo estava preparado! No palpitar forte de nossos corações, sinalizamos que estava tudo preparado, então, foi autorizado que começássemos o Sarau.

Com o pandeiro em mãos, o coração aquecido pela emoção e com muito entusiasmo demos início ao Sarau. Em um primeiro momento, fizemos uma contextualização dos Guerreiros de Favela e das oficinas como um todo. Em seguida, em um tom bastante envolvente fomos chamando os adolescentes para suas respectivas performances. Os meninos estavam bastante nervosos, era um

momento especial e eles não estavam acostumados com apresentação em público, mas estavam com vontade e com grandes expectativas em apresentar.

Elaboramos um texto introdutório para cada adolescente, no qual apresentávamos suas características marcantes com uma pitada elevada de suspense. Diante disso, começavam a desenvolver suas performances:

1-**HB20**: Muito nervoso, começou sua apresentação com falsetes de voz, trêmulo, chamando a atenção do público presente, suas palavras foram além do poema escrito, movimento que vivificou ainda mais sua performance.

2- **Semente**: Estava bastante confiante, disse que não precisava de papel para ajudá-lo a lembrar, contudo quando chegou na frente e se posicionou, estava todo vermelho, olhou-nos como se estivesse pedindo ajuda, então falamos a primeira palavra do seu poema, o que o fez lembrar imediatamente dando início a sua performance, que, se desenrolou de forma marcante e tranquila. Uma grande conquista, visto que, ele não tinha pleno domínio da leitura e da escrita, o que interferia diretamente na sua autoestima e autoconfiança. Contudo, nesse dia a vontade de apresentar seu poema possibilitou ao nosso Semente a superação de suas limitações. Isso reforça o caráter aberto e democrático da Poetry Slam, lágrimas de alegria, também se fizeram presentes na plateia.

3- **Pitbull do Funk**: Confiante, com presença forte, desenvolveu sua performance brilhantemente, apresentação que emocionou intensamente a plateia, que interagiu com sons de aprovação a performance que estava sendo realizada. O público, sem dúvidas foi a loucura. Ficamos muito orgulhosas do nosso Pitbull.

4- **Biel**: Estava empolgado, fala suave, descontraída, menino carinhoso e meigo, desenvolveu sua performance calmamente e radiante, a plateia ficou encantada.

5- **Fofão**: Por conta da timidez e também por estar em processo de alfabetização, encontrava-se bastante nervoso e inseguro. Contudo mesmo com as dificuldades não se recusou em assumir seu lugar ao centro do

tapete(palco). Dessa forma, tomou posse da palavra, de seu corpo e apresentou seu curto, mas significativo poema, surpreendendo a todos, superando todas as expectativas. Foi emocionante.

6- **Mano Porco:** Estava bastante seguro alegre, desinibido, meigo, desenvolveu sua performance com muita desenvoltura. Seu poema trazia tanto da sua realidade, deixando muitas reflexões na plateia.

Em seguida, apresentamos os slams dos adolescentes que já tinham findado a medida e posteriormente também apresentamos os nossos Slams. Nesse momento, o adolescente Pitbull levantou-se e dirigiu-se ao centro do tapete, mirando em nossa direção disparou palavras de admiração e agradecimento. Foi um momento muito emocionante ver e ouvir aquele menino forte e decidido pegar o microfone e assumir a palavra com tanta potência para expressar o quanto fomos únicas em suas vidas, o quanto conseguimos enxergá-los para além da aparência. Foram palavras verdadeiras, uma improvisação que nos atravessou inteiramente, com toda certeza levaremos para nossas vidas, foi um momento ímpar, quase não conseguimos apresentar nossas performances, realmente a emoção tomou conta, não somente de nós, mas de todos os presentes.

Dando continuidade, fizemos o cerimonial de entrega de certificado e medalhas para os nossos adolescentes (Slammers), eles ficaram radiantes, não conseguiam conter a alegria e perguntavam a todo momento se iríamos deixar nos pertences deles após o evento. O jovem Semente disse que iria embora da Fundação com a camiseta do sarau. Deixamos também os cadernos que haviam utilizado durante as oficinas. Foi um momento muito especial, eles não queriam tirar as medalhas do pescoço e mostravam com orgulho o certificado para os colegas e para a equipe pedagógica.

Em seguida, os convidados foram embora e ficamos somente com os adolescentes, como já tínhamos ultrapassado o número de oficinas previstas no projeto, tivemos que realizar a aplicação do questionário final nesse momento. Três funcionárias também responderam um questionário nesse mesmo horário.

Contudo, os adolescentes estavam eufóricos mal conseguiam responder o questionário calmamente. Na sequência, derramaram-se na urna deixando os sentimentos da última oficina. Para finalizar, fizemos um piquenique bem divertido,

foi um momento muito especial. Aquele ambiente de pouca luz dos espaços de internação eram iluminados pela alegria e pelas gargalhadas dos meninos. Durante esse momento, brotaram várias reflexões sobre as oficinas realizadas, a primeira e a dos sonhos foram as oficinas mais marcantes para os adolescentes.

Todavia, quando percebemos já era o momento de irmos embora, nosso tempo já havia acabado, a tarde já estava virando noite, tínhamos que partir, momento doloroso. No íntimo de nosso ser pairava a dúvida: será que em algum momento de nossas vidas, voltaríamos a ver esses meninos? Sorriso no rosto, um até logo cheio de gratidão de ambas as partes. O ambiente de internação não nos possibilitou um abraço fraterno, mas o elo construído nas 17 oficinas foi de fato muito significativo. A certeza que a diferença que fizeram em nossas vidas e a que fizemos na vida desses meninos, permanecerá muito além da despedida.

Figura 43 - Nuvens de percepções das oficinas - 17

**NUVENS DE PERCEPÇÕES DA
DÉCIMA SÉTIMA OFICINA:**

- Momento pleno de catarse.
- Amaram vestir a camisa do Sarau.
- Semente disse que queria ir embora com a camiseta do Sarau.
- Recomendaram várias vezes para deixarmos os materiais produzidos nas oficinas nos pertences deles.
- Os meninos que foram assistir perguntaram se iríamos realizar as oficinas com outras turmas, já estavam empolgados para participar.
- Os adolescentes estavam plenos, realizados e agradecidos.
- Sentimos a falta do nosso Slammer, Carriola.
- As pesquisadoras não conseguiam disfarçar a emoção.

Fonte: Levantamento de dados da pesquisa-ação. Elaborado pela autora

8. Procedimentos de análise de dados

Ao final da pesquisa-ação (oficinas), de modo aparente percebemos potentes movimentações nos adolescentes participantes da investigação. Nesse sentido, para tornar evidente essas implicações ancoradas pelo materialismo histórico e dialético, pela psicologia sócio-histórica e pelos procedimentos metodológicos dos núcleos de significação de (AGUIAR; OZELLA. 2006,2013), realizamos a análise dos dados coletados durante a pesquisa.

Para isso, selecionamos e trouxemos para o palco analítico como personagem principal os poemas construídos pelos adolescentes, por entendermos que tratava-se de um documento síntese das significações do processo de pesquisa dos jovens e adolescentes, possibilitando maior consistência para nossas análises.

Entretanto, outros materiais coletados e produzidos durante a pesquisa também foram considerados com grande relevância para a construção dos núcleos de significação. Nesse sentido, selecionamos para análise: questionários aplicados, registros nos cadernos, pinturas, classificação dos sonhos, as transcrições das gravações, diário de campo e a urna dos sentimentos (extraindo somente os papéis com identificação). Vale ressaltar que somente foram analisados os materiais dos adolescentes que construíram poemas, sendo excluídos os elementos dos meninos que não chegaram nessa fase (por já terem deixado o Centro). Desse modo, foram analisados os materiais de 10 adolescentes.

Diante disso, organizamos toda materialidade (construída/coletada) desses adolescentes separadamente e colocamos em pastas nominais para facilitar as etapas de análise. Desse processo resultou o nosso corpus analítico. Vale ressaltar que optamos por realizar a construção dos núcleos de significação dos sujeitos selecionados para análise de modo individual, o que não excluiu análise intranúcleos.

Desse modo, iniciamos os procedimentos de construção dos núcleos de significação. Primeiramente realizamos a leitura/releitura flutuante do corpus analítico. Nesse momento, tendo em vista os nossos objetivos de pesquisa, fomos extraindo as falas e as frases escritas pelos adolescentes e construindo os pré-

indicadores, para isso, recorremos aos critérios de similaridade, complementariedade e de contradição.

Com os pré-indicadores organizados, demos início a elaboração de seus respectivos indicadores (teses) e posteriormente estruturamos a construção dos os núcleos de significação de cada adolescente, sempre atentos para as contradições dos processos de constituição dos sujeitos.

Dessa forma, partimos para análise teórica dos núcleos de significação em um movimento que envolveu a historicidade, as mediações e as contradições. Diante das quais observou-se as determinações constitutivas dos adolescentes participantes da pesquisa, uma vez que, os sujeitos são sínteses de múltiplas determinações. Com isso, analisamos a grande proposta da presente investigação, a contribuição da poesia slam para o reconhecimento e entendimento no que concerne aos Direitos Humanos e construção de Projetos de Vida políticos e emancipatórios de adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa de Internação. Nas próximas páginas, adentraremos nos núcleos de significação dos adolescentes selecionados para análise.

8.1. Construção e análise dos núcleos de significação:

Figura 44 – Adolescentes analisados



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

8.1.1. Guerreiros de Favela — BIEL

Durante o desenvolvimento das oficinas, Biel sempre demonstrou-se carinhoso com os colegas e com as pesquisadoras também, participativo, interessado, enérgico e esperto! Porém, distraía-se com facilidade, não gostava muito de escrever e pichava carteiras e cadeiras com bastante frequência.

Contudo, tinha uma boa participação oral, gostava muito de participar dos jogos teatrais, de bola, de tocar o pandeiro, rimar era com ele mesmo, estava sempre com um verso novo na ponta da língua. Não apresentava grande dificuldade de leitura e nem de escrita, conseguia desenvolver com facilidade as atividades propostas, o que permitiu a construção de um poema (Slam) potente acerca de suas vivências e planos presente/futuro.

Em seu caderninho, logo na capa, encontramos estampado o seu nome e o de seus colegas mais próximos, que por sinal eram os que pertenciam ao mesmo DDD que ele, escritos em letra de grafite. Em sua apresentação pessoal, dá ênfase em seu nome, idade e relata que as pessoas costumam chamá-lo de Pedrinha. Gostava de desenhar bombas prestes a explodir, juntamente com o símbolo do yin yang.

Em seus relatos e registros, aponta a importância da família em sua vida, principalmente sua mãe e seus avós, revela inclusive que seu maior medo era decepcioná-los. Enfatizava ainda que um dos momentos mais felizes na Fundação era a visita da sua mãe.

Biel não se considerava importante para a comunidade onde morava, pois sempre chamavam a polícia por conta dele. Inicialmente, quando indagado sobre as coisas que mais gostava ele logo falava que era dinheiro, por isso, seu maior sonho de vida era ficar rico. Por isso, buscou pelos meios do ato infracional atingir seus objetivos.

Todavia, com as reflexões e atividades ao longo das oficinas passou a sonhar em ser advogado e para isso deveria focar no estudo para conseguir chegar

à Universidade. Dessa forma, iria dar orgulho para sua mãe, conseguindo inclusive ajudá-la a melhorar de vida.

Tabela 11 Pré indicadores e Indicadores do Biel.

FONTE	PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
P	Eu sou o Gabriel, vocês acham que eu faço qualquer papel, mas eu quero o papel principal,	POSSIBILIDADES - EVIDENTES / TANGÍVEIS
P	ser protagonista da minha história.	
P	Eu vou correr atrás dos meus sonhos.	
P	mas eu já estou prevendo um futuro melhor para mim,	
P	da um trampo, uma melhora pra mim,	
P	e ajudar minha mãe, que me deu conselho,	
A	Quando ficar de maior, começo minha mudança.	
Q	meu sonho é fica rico	
C	daqui a três meses tou fora do sistema	
P	Porque não custa sonhar.	
P	Artigo 227!	ENTENDIMENTO DO ADOLESCENTE ACERCA DOS DIREITOS PREVISTOS NO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
P	Crianças e adolescentes devem ser respeitados.	
C	sou consciente que eu tenho meus direitos, você queira ou não	
P	Eu gostava de brincar de polícia ladrão com os moleques,	PRESENTE NO PASSADO, PERCEPÇÕES SOBRE O "EU"
C	As pessoas costumam me chamar de pedrinha	
C	sou um adolescente, muitos me chamam de delinquente	
Q	As coisas que eu mais gosto de fazer é de jogar uno, joga basquete, soltar pipa, jogar Ping Pong, jogar bola, ficar na rua	
HQ	Quando eu era pequeno eu ia no parque com a minha mãe	
P	Eu sou o {Biel} vocês acham que eu faço qualquer papel,	
P	hoje em dia estou atras das grades, pagando pelo que eu fiz,	AUTOCULPABILIZAÇÃO PELO ATO INFRACIONAL
P	Ajudar minha mãe, que me deu conselho, mas infelizmente não escutei, e estou aqui.	
P	Quando sair, advogado quero ser,	

P	Vou lutar e me formar, fazer faculdade,	OLHARES SOBRE O FUTURO - CONSTRUÇÃO EVIDENTE
CS	Quero terminar o ensino Fundamental, fazer um curso e ser advogado.	
HQ	Quero conquista meus sonhos, minha casa e formar advogado	
Legenda		
A	AUDIO – GRAVAÇÃO	
C	CADERNO	
CS	CLASSIFICAÇÃO DOS SONHOS	
DC	DIÁRIO DE CAMPO	
HQ	HISTÓRIA EM QUADRINHOS	
P	POEMA SLAM	
Q	QUESTIONÁRIOS	
US	URNA SENTIMENTOS	

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Tabela 12 Núcleo de significação do BIEL.

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
ENTENDIMENTO DO ADOLESCENTE ACERCA DOS DIREITOS PREVISTOS NO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE	APRENDIZAGEM - ADOLESCENTE: SUJEITO DE DIREITOS
PRESENTE NO PASSADO, PERCEPÇÕES SOBRE O "EU"	CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA-DESOBSTRUÇÕES E ENFRENTAMENTOS
POSSIBILIDADES - EVIDENTES / TANGÍVEIS	MOBILIZAÇÕES POTENTES - O PRESENTE FUNDANTE
OLHARES SOBRE O FUTURO - CONSTRUÇÃO EVIDENTE	
AUTOCULPABILIZAÇÃO PELO ATO INFRACIONAL	MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO: (IN)JUSTIÇA X (DES) APROVAÇÃO

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Em suas memórias, Biel nos dá pistas de uma história de vida sem a presença da figura paterna, quando nos aponta que: *“as coisas mais importantes para mim são minha mãe, minha avó e meu avô”* e quando nos afirma sorridente e pensativo sobre suas vivências na internação: *“o momento mais feliz aqui dentro é quando eu recebo a visita da minha mãe”*.

Em relação a sua infância, destaca: *“Quando eu era pequeno eu ia no parque com a minha mãe”*. Isso nos mostra uma composição familiar que se destaca na contemporaneidade com a presença marcante dos avós criadores (SILVA, 2012) e da figura materna como a principal referência para os adolescentes e jovens, o que não é uma invenção da modernidade (FONSECA, 2011), mas um fato marcante em

nossa sociedade, no qual a mãe “aparece como uma instância moral estruturada a partir do eixo do “dar, receber, retribuir” (LEÃO, DAYRELL, REIS. 2011, p.1076). Dessa forma, o jovem Biel sente-se na obrigação de um dia retribuir pelo que a mãe fez por ele até então, *“da um trampo, uma melhora pra mim, ajudar minha mãe, que me deu conselho, mas infelizmente não escutei”*.

Nessa afirmação, Biel traz para si toda a responsabilidade pelo ato infracional praticado, expressa um desejo de mudança, de melhorias pela via do que é moralmente aceitável, o trampo (trabalho), o que em sua perspectiva trará novas condições para sua autorrealização, e principalmente, orgulho para sua mãe, que aconselhou, cuidou e se mostrou presente, representando um referencial da moral (LEÃO, DAYRELL, REIS. 2011).

Nesse contexto familiar, Biel está se constituindo enquanto ser humano, uma vez que, a família é instituição privilegiada para construção identitária (SEBEN, 2010). Contudo, em meio ao caos da desigualdade e da precariedade econômica em que muitas vezes não conseguia ter acesso aos produtos que lhe possibilitasse ser um consumidor em potencial (KEHL, 2001), para assim conquistar reconhecimento perante seu grupo social, foi impulsionado a correr atrás de seu mais forte desejo até então: *“meu sonho é ser rico!”*.

Como a maioria das vagas de trabalho oferecidas aos jovens são precárias, sendo raras as oportunidades para melhores áreas de emprego (POCHMANN, 1998), Biel encontrou nas vias opostas ao socialmente correto, uma oportunidade para alcançar suas aspirações, suas aquisições materiais, o acesso ao dinheiro, esse que lhe trouxe a mais palpável sensação de liberdade, mas que também lhe fez provar o gosto amargo e intragável de sua ausência, a internação.

Nas primeiras oficinas, percebemos o Biel distante, sempre mais preocupado em desenhar em seu caderninho, nas carteiras, nas mesas e em todas as superfícies que lhe aparecia de forma oportuna, a todo momento se mostrava inquieto nos ambientes de internação.

Em todas as ocasiões que lhe apareciam, ele realizava uma pichação, o que está diretamente relacionado à transgressão (SILVEIRA et al, 2015), a não aceitação das regras que lhe eram impostas, demonstrando assim sua indignação, não reconhecendo sentido na medida, mas como uma ação estritamente punitiva,

um castigo sofrido, mas que deveria suportar, pois estava: *“pagando pelo que eu fiz”*, ação que se dava na contradição entre a autoculpabilização pelo ato infracional e na resistência às medidas que lhe são impostas.

Figura 45 – Desenho caderno atividades.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora – Caderno do BIEL

Nesse contexto, víamos o seu sorriso fácil como modo de mostrar um falso interesse, mas em pouco tempo fomos surpreendidas por um sujeito social totalmente antenado nas discussões provocadas no grupo, principalmente a partir das oficinas que evidenciamos as questões relacionadas à identidade e aos direitos das crianças e adolescentes previstos no ECA.

Logo nas primeiras páginas de seu caderno ele escancara seu nome, de como na verdade gostava de ser reconhecido: *“meu nome é Biel”*, em seguida escreve: *“as pessoas costumam me chamar de pedrinha”*, mas em nenhum momento durante as oficinas demonstrou contentamento em ser chamado dessa forma, pois trata-se de um apelido que faz referência ao crime.

Por conta disso passou a se apropriar dos conhecimentos edificados durante as oficinas para construir um autoconceito, sempre em contradição com que lhe era imposto, negando uma reposição identitária com a qual não se sentia confortável: *“sou um adolescente, muitos me chamam de delinquente”*. O reconhecer-se como um adolescente o empoderava, lhe trazia um status de sujeito de direitos: *“artigo 227! Crianças e adolescentes devem ser respeitados”*.

Esse movimento abria espaços para o desenvolvimento de novas personagens: *“eu sou o “Biel” vocês acham que eu faço qualquer papel, mas eu quero o papel principal, ser protagonista da minha história”*. Dessa forma, Biel ousa

resistir à coerções que invadem sua existência, recusando um reconhecimento perverso e desumano.

Diante disso o ser para si (VYGOTSKI, 2006), começa a despontar em sua vida, um processo psicológico superior, movimentos que perpassam pelo nível interpsicológico(social) e consequentemente pelo intrapsicológico (subjetivos) (VYGOTSKI, 1999). Com isso, o desenvolvimento identitário se torna evidente, a metamorfose fica escancarada em um processo que se dá “fundamentalmente como produção de sentido” (CIAMPA, 1998, p.92- 93).

No início das provocações, o jovem Biel demonstrava claras contradições: desejo de mudança versus continuidade no crime, por isso ele afirmava: *“quando ficar de maior, começo minha mudança”*, pensando na possibilidade de conseguir algum bem material, tendo como base o artigo 228 da Constituição Federal de 1988: “São penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às normas da legislação especial” (BRASIL, 1988). Mas, com a intensidade das oficinas passou a ser um “ser desejante” de mudanças imediatas.

A partir desse momento, Biel foi contaminado por outras perspectivas e possibilidades para sua existência, não como um monótono movimento de se anular o presente para projetar um futuro desprovido de significações, mas uma possibilidade que seu “eu” almeja profundamente alcançar, dando sentido ao hoje, uma oportunidade que abraça, um presente fundante que traz sentido para sua existência.

Na vibração desse processo, Biel envolve-se com as aspirações de seus colegas, principalmente as do jovem Lobão. Dessa forma, lança-se na busca por uma formação com a qual se identificou profundamente: *“quando sair, advogado quero ser”/ “quero conquistar meus sonhos, minha casa e formar advogado, vou lutar fazer faculdade”*. Nesse momento, notamos que não se tratava simplesmente de ficar rico, de ter, mas de ser, ser humano em pleno desenvolvimento de suas potencialidades, com o entendimento das desigualdades sociais, do preconceito e da opressão que o envolve.

Contudo, Biel sabe que os desafios para as concretizações de seus desejos não serão fáceis, mas ele manda um recado: *“porque não custa sonhar”*, e ainda ressalta: *“sou consciente que eu tenho meus direitos, você queira ou não”*. Por meio

da escrita, que por sinal ele realizava facilmente, ia organizando a compreensão em torno de si, o que potencializava seu processo de ressignificação, pois, só é possível mudar algo em nossa vida, quando passamos a refletir sobre ela (OLIVEIRA, MIRANDA. 2019).

No dia do Sarau, Biel discretamente se aproximou de nós e nos entregou um papel dobrado várias vezes para não chamar atenção, pensamos que fosse algum agradecimento, mas não, era um novo poema que ele havia elaborado. Os momentos de pichação foram dando lugar a uma nova forma de expressão, os poemas, mas como também não era permitido utilizar cadernos fora do ambiente escolar, Biel continuava pela via da transgressão, tão grande era a sua necessidade por expressão.

8.1.2. Guerreiros de Favela —

O jovem Carriola, um menino intenso, inquieto, um olhar triste, não conseguia ter o controle de suas emoções. Por isso, em muitos momentos se encontrava em um contexto de indisciplina em relação às regras do Centro Socioeducativo. Por esse motivo, não participou de algumas oficinas, inclusive e infelizmente da última, do Sarau.

Contudo, quando estava presente Carriola realizava de forma positiva as atividades propostas, gostava dos jogos teatrais, de tocar o pandeiro, de pintura, mas apresentava uma certa resistência para as atividades que envolvia a escrita e ficava sempre muito pensativo nos momentos que tinha que trabalhar com suas memórias, demonstrava incômodo, a gente não forçava, era um momento importante, dele e para ele. Tínhamos que usar variadas estratégias para atingi-lo, driblando os gatilhos que lhe causavam sofrimento.

Em seus registros, Carriola apontava que as coisas mais importantes da sua vida eram sua saúde e sua mãe, pois era ela que estava sempre do lado dele, nos momentos bons e ruins. Tinha medo de não concluir os estudos, de não ter uma profissão, de não realizar seus sonhos, de decepcionar a família e de não ser feliz.

Carriola sonhava em vencer na vida, conquistar sua casa, seu carro e sua moto. Ele apresentava muitas dúvidas sobre as possibilidades de futuro, mas sempre afirmava o desejo de fazer diferente, conseguir um emprego, principalmente para conseguir cuidar de sua mãe.

O jovem nos surpreendeu quando apresentou uma grande vontade em escrever seu poema, como não havia participado da oficina de construção dos Slams, enquanto os colegas estavam preparando suas performances, ficou desesperado, porque não havia terminado a sua poesia. Por isso, ficava a todo momento chamando as pesquisadoras para ajudá-lo com suas rimas, se divertia, foi um dos únicos momentos em que o vimos feliz em uma atividade que envolvia escrita, acreditamos que a alegria dos colegas, a energia do microfone, da caixa de som, o fez querer participar, de fazer parte, de estar junto.

Contudo, infelizmente não recebeu autorização do Centro para participar do Sarau, somente fomos comunicadas no dia que ele não participaria, ficamos bastante desapontadas, mas lemos o Slam que ele havia construído no momento das performances. Os demais jovens aplaudiram bastante e ficaram felizes, pois de alguma forma, o Carriola se fez presente.

Tabela 13 Pré indicadores e Indicadores do CARRIOLA.

FONTE	PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
C	meus Direitos?????Pela lei nois temos, mas não acontece em prática, muito adolescente na rua, uns preso sem liberdade.	ENTENDIMENTO DO ADOLESCENTE ACERCA DOS DIREITOS PREVISTOS NO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
P	mas até então eu que fiz essa escolha,	AUTOCULPABILIZAÇÃO PELO ATO INFRACIONAL
P	Mas só quando eu caí aqui dentro,	
P	poderia evitar esse meu pesadelo.	
P	Então, nunca pensei onde eu ia vir parar,	
P	quando sair daqui de dentro vou fazer diferente,	PERCEPÇÕES DE FUTURO - (RE) DIRECIONAMENTOS E (IN) DETERMINAÇÕES
P	quero mudar urgentemente.	
CS	Quero fazer curso Cabeleireiro, terminar o Ensino Médio, casar e ter minha família.	
CS	Acreditar em mim mesmo, arruma um trabalho terminar o Ensino Médio.	
A	Como é que faz para ser advogado? Quero ser advogado para tirar os criminosos da cadeia.	

Q	Quero vencer, conquistar minha casa, meu carro e minha moto. Fazer diferente, cuidar da minha mãe, arrumar um trabalho.	
DC	Quero fazer diferente , cuidar da minha mãe, arrumar um trabalho	
P	Eu traficava na boca,	
DC	Então, tudo começou quando tinha 9 anos de idade , foi quando tive a curiosidade de experimentar maconha , foi que eu fui me envolvendo um pouco mais nessa vida, daí que comecei com o tráfico , minha mãe foi vendo minha atitude diferente, falava comigo, eu não acatava , foi aí que ela buscou ajuda pra mim, até que eu com 13 anos fui internado em uma clínica de reabilitação. Saí com 14 anos , fiquei tranquilo uns dias, foi que entrei pro tráfico de novo, até que minha mãe se cansou , foi ficando doente, até com depressão. Até um dia teve um baile na cidade vizinha, até que resolvi ir nesse baile, quando cheguei no local veio umas meninas, que me conheciam do facebook, foi quando acabou o baile, essas meninas chamou eu, fui para cidade delas, mente fraca , até que comecei a traficar pra mim ir embora quando comecei a morar com um colega.	PRESENTE NO PASSADO, PERCEPÇÕES SOBRE O "EU"
A	sou pretinho do cabelo enrolado.	
A	Eu moro sozinho , porque não quero mais depender da minha mãe e tals... Porque ela vivia pegando no meu pé para eu sair dessa vida e se eu não sáisse = era para eu ir embora de casa, aí eu saí...	
US	com revolta e com dúvida da vida.	
A	A: Eu preferi fazer o mais fácil , eu tinha outros caminhos.	
P	Chamava tanto a minha atenção, que ficava até roca.	
P	Minha mãe sempre me dava conselho,	FAMÍLIA (MÃE)- FORÇA MOBILIZADORA
P	foi só minha mãe , que estava lado a lado.	
Q	Q: eu quero o melhor para minha família.	
DC	DC: No futuro me vejo cuidando da minha mãe	
C	Antes de cair na Fundação eu traficava na boca , minha mãe não queria.	
P	É minha coroa que vai tá comigo,	
Q	Quero o melhor para minha família.	
Q	Gosto de estar presente com a minha família	
Q	Minha mãe é a coisa mais importante para mim	
Q	Minha mãe é a coisa mais importante para mim. Minha mãe tá do meu lado nos	

	momentos bom e ruim, quero dar o dobro o que ela fez por mim.	
DC	No futuro me vejo cuidando da minha mãe	
P	Não vi nenhum parceiro que se dizia,	AMIZADE, APONTAMENTOS E DESAPOTAMENTOS
P	que era meu aliado. Mas tá ligado,	
Legenda		
A	AUDIO - GRAVAÇÃO	
C	CADERNO	
CS	CLASSIFICAÇÃO DOS SONHOS	
DC	DIÁRIO DE CAMPO	
HQ	HISTÓRIA EM QUADRINHOS	
P	POEMA SLAM	
Q	QUESTIONÁRIOS	
US	URNA SENTIMENTOS	

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Tabela 14 Núcleo de significação do CARRIOLA.

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
PRESENTE NO PASSADO, PERCEPÇÕES SOBRE O "EU"	CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA- ARTICULAÇÕES E ENFRENTAMENTOS
AMIZADE, APONTAMENTOS E DESAPOTAMENTOS	
FAMÍLIA (MÃE)- FORÇA MOBILIZADORA	
ENTENDIMENTO DO ADOLESCENTE ACERCA DOS DIREITOS PREVISTOS NO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE	APRENDIZAGEM - ADOLESCENTE: SUJEITO DE DIREITOS
PERCEPÇÕES DE FUTURO - (RE) DIRECIONAMENTOS E (IN) DETERMINAÇÕES	FUTURO: (IM)POSSIBILIDADES E (I)MOBILIZAÇÕES
AUTOCULPABILIZAÇÃO PELO ATO INFRACIONAL	MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO: (IN)JUSTIÇA X (DES) APROVAÇÃO

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Em meio a um turbilhão de emoções e sentimentos contraditórios, encontrava-se Carriola, ele não era muito de se expressar oralmente, mas o caderno era seu refúgio, lugar em que derramava suas memórias e, muitas delas encoberta em lágrimas, angústias, frustrações e expectativas. Em seus escritos conseguimos adentrar em algumas frestas de suas lembranças, nas quais ele começa narrando o momento em que entra em contato com substâncias ilícitas, ainda na infância:

*Então, **tudo começou quando tinha 9 anos de idade**, foi quando tive a **curiosidade de experimentar maconha**, foi que eu fui me envolvendo um pouco mais nessa vida, **daí que comecei com o tráfico [...]**.*

Trata-se de uma questão que infelizmente não é um caso isolado, mas um problema que atinge em cheio a nossa sociedade, atrelada as questões políticas, econômicas, ausência de investimentos públicos, que, “aliada ao comércio ilegal e lucrativo do tráfico de drogas agrava de forma considerável, o problema das drogas na atualidade” (BEZERRA, 2004, p.17), tendo como complicador seu uso e comercio pela população infantojuvenil.

Pesquisas como a realizada por Tavares, Béria e Lima (2001), apontam uma faixa etária entre 10 e 12 anos para o início do uso, o que é reforçado por Marques e Cruz:

Os levantamentos epidemiológicos sobre o consumo de álcool e outras drogas entre os jovens no mundo e no Brasil mostram **que é na passagem da infância para adolescência** que se inicia a experimentação que pode levar a um uso abusivo de substâncias (MARQUES, CRUZ, 2000, p.32, grifo nosso)

O jovem Carriola aponta a curiosidade como motivação para experimentar a substância, o que também corrobora com a pesquisa de Bezerra (2004), além da curiosidade a autora aponta ainda a obtenção de prazer, o relaxamento das tensões psicológicas, a socialização, a influência do grupo e pressão social. Martins (2019), acrescenta a esse rol de motivações a necessidade financeira.

A partir do contato com a droga, Carriola afirma que: *“fui me envolvendo um pouco mais nessa vida”*. *Envolvimento* que culminou em sua entrada para o tráfico de drogas, um mercado que nacionalmente, “vem se mostrando cada vez mais estruturado sobre o trabalho de crianças e adolescentes” (MARTINS, 2019, p.116).

Com domínio territorial sobre as favelas (COSCONI; KOLLER. 2019), as operações do narcotráfico seguem consistentes no aliciamento infantojuvenil, configurando-se em uma das redes que mais movimentam dinheiro em nível mundial (FEFFERMAN, 2006). Dessa forma, mesmo o Brasil sendo um país signatário em legislações e convenções internacionais para erradicação do trabalho infantil, essas ações ainda não se mostram efetivas, sendo necessária a ampliação

de debates e legislações que dizem respeito “a atividade de crianças e adolescentes no tráfico varejista de drogas” (MARTINS, 2020, p.114).

Visto que, trata-se de uma exploração desumanizadora que afeta negativamente, sendo letal muitas das vezes para milhares de crianças e jovens, principalmente para os negros e para os estratos menos favorecidos economicamente, estes que, são considerados em muitos casos como inimigos na lógica de defesa social (BARATTA, 2002).

As pesquisas apontam ainda que as crianças e adolescentes que começam com o consumo e comércio de drogas, passam a ter como prioridade essas atividades, subtraindo de suas vidas as brincadeiras, as relações escolares e a convivência social (BEZERRA, 2004). Souza e Silva (2018) apontam que quase 80% dos jovens com participação no tráfico de drogas estão fora da escola.

O que coaduna com as experiências de Carriola, sendo indiferente quando o assunto era relacionado a escola, demonstrando uma certa aversão, nem sabia ao certo em que série estava e ainda relatou ter sido desrespeitado em uma unidade escolar por uma Professora que jogou suas coisas no chão e solicitou que ele saísse da sala, em suas palavras: *“eu não gosto de escola não. Um dia a Professora pegou minhas coisas e jogou tudo no chão, mandou eu sair da sala, mas não tem nada não, sai firmão”*.

O envolvimento dos adolescentes e jovens com a criminalidade, faz com que as pessoas e as instituições passem a considerá-los e a tratá-los dentro de um imaginário de delinquência e de violência, desconhecendo, ou ignorando as relações políticas, sociais e jurídicas que permeiam os processos que envolvem o contato da criança e do adolescente com o comércio de drogas, configurando-se o que denomina-se de reconhecimento perverso (LIMA, 2010).

Nesse sentido, os jovens se vêem bombardeados por estigmas, rotulações e estereótipos, que são identificações desidentificadoras do ser, que culminam em violências e em privação de direitos, o que na verdade faz parte dos projetos sistêmicos regulatórios (ALMEIDA, 2005).

Nesse contexto, a Escola era para ser um espaço de pertencimento e de reconhecimento, no qual o sujeito passasse a ter consciência de si e para si no

mundo, infelizmente o que vemos, são ambientes e espaços de reposições e cristalizações identitárias, de modo excludente e preconceituoso, em que o estudante como o Carriola passa a se perceber e assumir a identidade estigmatizada de “aluno problema” (CARDOSO, 2017, p. 155). Passando a assumir a responsabilidade por estar fora do ambiente escolar, o que é agravado quando é levado para o cumprimento de medida socioeducativa de internação.

Carriola assume a autoria do ato praticado: *“antes de cair na Fundação eu traficava na boca”*, contudo, tinha a percepção de que isso não aconteceria com ele: *“nunca pensei onde eu ia vir parar”*. Diante do ocorrido, se coloca como o principal responsável pela sua privação de liberdade: *“mas até então eu que fiz essa escolha”*, afirma ainda: *“eu preferi fazer o mais fácil, eu tinha outros caminhos”*, não reconhecendo dessa forma as relações de poder que permeiam suas vivências.

Na internação desabou sobre si de forma estrondosa o sentimento de frustração em relação aos amigos: *“Não vi nenhum parceiro que se dizia, que era meu aliado. Mas tá ligado?”* Em contrapartida, a mãe, aquela com a qual tinha estabelecido conflitos por conta de sua entrada para o tráfico, era a que se mostrava presente naquele momento que ele considerava ser um pesadelo: *“foi só minha mãe, que estava lado a lado”*, aquela que chamava sua atenção e apontava outros caminhos: *“Chamava tanto a minha atenção, que ficava até roca” / “Minha mãe sempre me dava conselho”*. Esse fato o faz perceber que ele poderia ter optado em ouvir e aceitar os cuidados da mãe que chegou até mesmo a buscar ajuda especializada para ele:

Minha mãe foi vendo minha atitude diferente, falava comigo, eu não acatava, foi aí que ela buscou ajuda pra mim, até que eu com 13 anos fui internado em uma clínica de reabilitação. Saí com 14 anos.

As vias apontadas pela mãe já não comportavam os anseios de Carriola, a escola e o trabalho formal não eram convidativos, os quais ele aponta como sendo o caminho mais difícil, possivelmente pelas condições que são oferecidas as juventudes na contemporaneidade (POCHMANN,1998). Nesse sentido, pela sensação de euforia, de liberdade, pelo dinheiro em mãos, sentiu-se provocado a retornar ao tráfico: *“fiquei tranquilo uns dias, foi que entrei pro tráfico de novo, até que minha mãe se cansou, foi ficando doente, até com depressão”*.

Contudo, ficar na casa da mãe, a qual tinha que conviver com as regras estabelecidas por ela, não o agradava, o que o fez tomar a decisão de sair de casa: *“eu moro sozinho, porque não quero mais depender da minha mãe e tals... Porque ela vivia pegando no meu pé para eu sair dessa vida e se eu não saísse era para eu ir embora de casa, aí eu sai”*.

Dessa forma, Carriola optou por continuar *“nessa vida”*, a do tráfico de drogas, que coloca no “adolescente a sensação de onipotência e buscando o sentido da própria existência, afastando a ideia de morte, experimentando paradoxalmente o perigo” (SCHNEIDER, 2005, p. 94). Diante disso, adentra pelas vias de outros atos infracionais como o roubo, por exemplo, o que lhe trouxe o apelido peculiar, Carriola, delito que é comum entre aqueles que convivem no tráfico de drogas (NASCIMENTO, 2009).

Carriola também carrega as marcas dos estigmas de ser preto e dos estratos sociais mais baixos economicamente. Com isso, era bastante reativo e incrédulo em relação aos debates em grupo sobre os Direitos da Criança e do Adolescente, direitos estes que ele também não conhecia, que não fazia parte de seu cotidiano e que, mesmo após os movimentos propostos nas oficinas, era algo totalmente distante para ele, palavras no papel que não lhes trouxeram sentido concreto, *“meus Direitos?????Pela lei nois temos, mas não acontece em prática, muitos adolescentes na rua, uns preso sem liberdade”*.

Sua fala é baseada em sua própria experiência de vida, no qual se considera preso e sem direitos, o que lhe trazia sentimentos de: *“revolta e com dúvida da vida”*. Essa revolta muitas vezes o fazia agir sobre o impulso, o que culminava em brigas e discussões entre ele e os colegas e até mesmo com os agentes, o que trazia sérias consequências, uma delas era a de estender o período de sua internação, “o que legitima ações de um Estado Penal que fortalece a militarização e o punitivismo” (MARTINS, 2019, p.115).

Com relação às provocações sobre sua existência e o ser nesse mundo, Carriola sentiu-se tocado, principalmente pelo que mais o move, o seu presente fundante, a mãe, que aparece como o principal pilar da moral (LEÃO, DAYRELL, REIS, 2011), tendo ela importância crucial na transmissão dos valores morais (ZALUAR, 1985) e na dinâmica do receber e retribuir (LEÃO, DAYRELL, REIS,

2011). Por isso, ele almeja recompensar a mãe por todo esforço dedicado à ele: *“minha mãe é a coisa mais importante para mim”/ “Minha mãe tá do meu lado nos momentos bom e ruim, quero dar o dobro o que ela fez por mim”*.

Em relação ao futuro, ele não se imagina sem ela: *“No futuro me vejo cuidando da minha mãe” / “é minha coroa que vai tá comigo” / “No futuro me vejo cuidando da minha mãe”*. Sobre outros planos pessoais, a mãe também está presente: *“quero vencer, conquistar minha casa, meu carro e minha moto. Fazer diferente, cuidar da minha mãe, arrumar um trabalho*.

Dessa forma, a mãe torna-se uma força mobilizadora, que o faz expressar: *“Quero mudar urgentemente” / “quando sair daqui de dentro vou fazer diferente”*. Consequentemente ele já estabelece suas metas: *“Quero fazer curso Cabeleireiro, terminar o Ensino Médio, casar e ter minha família” / “acreditar em mim mesmo, arrumar um trabalho terminar o Ensino Médio”*.

Nesse contexto, como estava muito forte as discussões sobre o “ser advogado” no grupo, principalmente por conta do entusiasmo do colega Lobão, Carriola afirma: *“quero ser advogado para tirar os criminosos da cadeia”*, não foi em um tom de brincadeira, mas pensativo, talvez por conhecer a realidade vivenciada pelas pessoas que passam pelo sistema prisional brasileiro.

Nesse interim, merece destaque especial a afirmação: *“acreditar em mim mesmo”*, reflexão que é fundamental, movimento em que o sujeito empreende para si uma autoridade independente da aprovação do outro. Possivelmente Carriola vivenciou muitos momentos de inferiorização e até mesmo de desumanização, o que o fez entrar em um processo de descrédito de si mesmo. Contudo, a partir do momento que encontra espaço para realizar reflexões sobre sua existência em uma ação coletiva e individual, que passa a poder escrever sobre suas vivências, é tomado pelas potencialidades de seu momento de vida, conseguindo então uma organização de seu pensamento e a elaboração de conceitos (VYGOTSKI, 2001).

Uma reestruturação psíquica, em que “ocorre o reconhecimento da sua própria realidade interna, de modo que o adolescente passa a conhecer não só aos outros, mas também a si mesmo. A partir daí, torna-se um sujeito capaz de transformar a realidade” (SOUZA, SILVA, 2018, p.7).

Esses processos, provocam Carriola a pensar em outras possibilidades para o seu “eu”, a descristalização de reposições identitárias rompendo-se com a mesmice, dando lugar a um novo personagem para atuações inéditas do ser, porque a “identidade [...] é entendida como uma história sujeita a transformações e reposições, que dependerá do sentido que cada um dá a sua trajetória” (LEITE, 2009).

8.1.3. Guerreiros de Favela —

Aí conheci a droga... só
Fofão

O jovem Fofão, um menino extremamente tímido e de pouca conversa, sentia-se mais confiante com a pesquisadora auxiliar. Por isso, ela ficava sempre ao lado dele, ajudando-o no desenvolvimento das atividades, principalmente as relacionadas a escrita, porque o adolescente não estava plenamente alfabetizado, isso aumentava sua insegurança.

Diante disso, Fofão demonstrava uma certa vergonha, não gostava muito de pedir ajuda, ficava bem retraído, nos deixando em dúvida quanto ao seu envolvimento e entendimento durante as atividades, por conta disso, ficávamos mais atentas aos seus gestos e emoções.

Dessa forma, não conseguíamos provocá-lo a ponto de uma plena expressão, pois o adolescente tinha um certo bloqueio em falar e em escrever sobre sua história de vida. No que refere-se a infância, falava vagamente sobre algumas das brincadeiras que gostava de brincar, contudo se fechava quando as lembranças eram referentes ao seu envolvimento com substâncias químicas, demonstrando sofrimento, não conseguindo tecer os fios de suas memórias desse período.

Em relação às atividades de movimento, ele participava de todas, mostrava-se contente. Fofão era o caçula do grupo, chegou com 12 anos na Fundação, o que também contribuía para a sua insegurança.

Em seu caderno, gostava muito de escrever seu nome com letra de grafite. No questionário apontou que considerava a família a coisa mais importante da vida, que gostava de soltar pipa, de andar de bicicleta e de ficar no celular. Apontou também que seus maiores medos eram decepcionar sua família, não conseguir construir a sua própria e também não conquistar seus sonhos.

Nas primeiras oficinas, quando indagado sobre o futuro, expressava o desejo de ficar rico, contudo, com o desenrolar do processo investigativo, passou a ter o sonho de trabalhar como cabeleireiro. Por isso, tinha medo de não concluir os seus estudos, não ter um emprego e de não ser feliz.

Tabela 15 Pré indicadores e Indicadores do FOFÃO.

FONTE	PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
P	Eu sou {Fofão}, tenho 13 anos, entrei com 12,	AUTOCULPABILIZAÇÃO PELO ATO INFRACIONAL
P	com o decorrer do tempo que conheci a maldita droga...	
P	ainda tem um mês de 8...	
P	Lá na rua via o céu com meus parceiros,	RUPTURA FAMÍLIAR- (IM)OBILIZAÇÕES
HQ	Sair daqui e dá o melhor pra minha família, terminar os estudos, arrumar um trabalho, conquistar minha casa, construir minha família.	
A	Eu penso na minha família, minha mãe, meu pai, meus irmão, meu tio	
P	soltava pipa e jogava bola,	PRESENTE NO PASSADO, PERCEPÇÕES SOBRE O "EU"
DC	Meu apelido é Fofão porque eu sou gordinho.	
C	Tenho facilidade em vender droga.	
Q	Gosto de mexer no celular, soltar pipa e andar de bike	
P	Não gosto de fazer nada...	PERCEPÇÕES DE FUTURO - (RE) DIRECIONAMENTOS E (IN) DETERMINAÇÕES
P	Não quero fazer nada... Só	
P	Só.	
C	Em busca de paz, na busca, sem discussão, sem briga.	
Q	meu maior sonho é ficar rico	

Q	Meu maior sonho é trabalhar como cabeleireiro, fazer curso de cabeleireiro
DC	No futuro quero ter conseguido conquistar meus sonhos
HQ	Sair daqui e dá o melhor pra minha família, terminar os estudos, arrumar um trabalho, conquistar minha casa, construir minha família.
Legenda	
A	AUDIO – GRAVAÇÃO
C	CADERNO
CS	CLASSIFICAÇÃO DOS SONHOS
DC	DIÁRIO DE CAMPO
HQ	HISTÓRIA EM QUADRINHOS
P	POEMA SLAM
Q	QUESTIONÁRIOS
US	URNA SENTIMENTOS

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Tabela 16 Núcleo de significação do FOFÃO.

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
RUPTURA FAMILIAR- (IM)OBILIZAÇÕES	CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA -
PRESENTE NO PASSADO, PERCEPÇÕES SOBRE O "EU"	ENFRENTAMENTOS-FRATURA FAMILIAR
PERCEPÇÕES DE FUTURO - (RE) DIRECIONAMENTOS E (IN) DETERMINAÇÕES	BLOQUEIOS - ENTRE PERMANÊNCIAS E RUPTURAS
AUTOCULPABILIZAÇÃO PELO ATO INFRACIONAL	MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO: (IN)JUSTIÇA X (DES) APROVAÇÃO

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Nosso menino Caçula gostava de seu apelido, atendia com um sorriso tímido no canto dos lábios quando o chamávamos, Fofão! Indagado sobre o porquê o chamavam assim ele respondia demonstrando contentamento: *“porque eu sou gordinho, né?”*. Contudo, mostrava-se satisfeito com seu nome de cartório também. Por ser um adolescente de alta estatura aparentava ter mais idade, porém tinha apenas 13 anos, tinha dado início na internação com 12 anos.

Fofão afirmava que as coisas que mais gostava de fazer era: *“ mexer no celular, soltar pipa e andar de bike”* Ele nos contou que assim que deu início com a venda de drogas, já foi para cumprimento de medida: *“comecei a traficar com 12 e fui preso com 12, ainda tem um mês de 8”* (pensativo), mesmo com pouco tempo em contato com substâncias ilícitas quando perguntávamos quais coisas ele tinha

facilidade em desenvolver ele logo respondia: *“tenho facilidade em vender droga”*, se reconhecendo no tráfico, talvez por ser um ambiente em que se sentia parte e ainda tinha uma devolutiva financeira.

Nas primeiras oficinas ele afirmava: *“meu maior sonho é ficar rico”*, com isso encontrou no comércio lucrativo de Drogas (BEZERRA, 2004), espaço para atingir seu grande objetivo. Fofão não era muito de estender conversa, nem se empolgava em responder a alguma pergunta. Quando estávamos desenvolvendo as oficinas de identidade, realizamos várias atividades para desencadear a construção de memórias, contudo o adolescente ficava sempre muito calado, como sabíamos de suas dificuldades em relação a oralidade e a escrita, sentávamos ao seu lado e íamos explicando pausadamente o que estávamos desenvolvendo, suas reações eram permeadas por silêncio, olhares estáticos, ou às vezes perguntava novamente o que havíamos acabado de falar, apontando certa dificuldade de atenção e concentração. Tais reações podem ser consequência das vivências pelas quais passou durante a infância e na incipiente adolescência.

Em diálogo com a coordenadora pedagógica do Centro, obtivemos a informação de que Fofão estava morando em um abrigo antes da internação, o que ocasiona mesmo que momentaneamente um rompimento com a família de origem (FERREIRA, 2014). Esse fato gerava uma angústia grande em Fofão: *“eu penso na minha família, minha mãe, meu pai, meus irmão, meu tio”*. Nesse sentido, o adolescente evidencia um desejo de retornar ao convívio familiar, por isso, lhe trazia muito sofrimento lembrar e falar sobre seus familiares. Por conta disso, não prolongávamos o assunto.

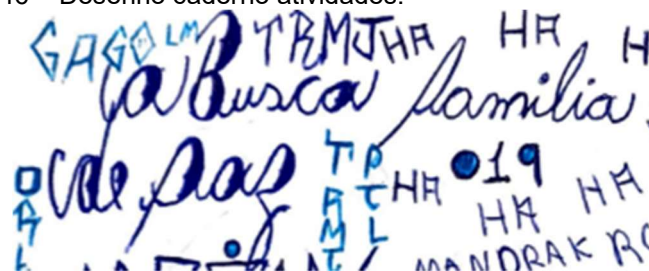
Entretanto, em nenhum momento no decorrer de todas as oficinas, Fofão se mostrou agressivo, explosivo, nervoso ou estabeleceu algum tipo de conflito com o grupo, seus desapontamentos eram mantidos no silêncio de seu “eu”, porém notávamos seu olhar de tristeza e solidão.

Ferreira (2014), aponta que os principais motivos que levam as crianças para instituições de acolhimento são: a negligência, o abandono, os maus-tratos e o alcoolismo dos pais ou responsáveis, sendo que a maior parte dessas famílias vivenciam situações de pobreza, de violência, de abuso sexual, de uso de drogas pelos pais/ responsáveis, ou até mesmo pelos jovens.

Por isso, entender melhor as problemáticas que envolvem essas famílias e, “[...]os motivos que levaram essas crianças a serem abrigadas constitui um aspecto fundamental para a elaboração e a execução de políticas públicas mais eficazes e voltadas para o bem-estar presente e futuro dessas crianças” (FERREIRA, 2014, p.143).

Esse autor explicita também o reduzido número de pesquisas voltadas para o entendimento dessas questões, as atenções são mais voltadas para programas e transferências de renda para essas famílias. Essa ausência de conhecimento deixa lacunas e dificulta a construção de um trabalho que possa desencadear processos que atinjam de forma significativa o adolescente que passou pelo trauma do rompimento familiar para a vivência em abrigo.

Figura 46 – Desenho caderno atividades.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora – Caderno do FOFÃO

A partir dessas percepções começamos a entender um pouco melhor nosso adolescente Fofão, suas inseguranças, suas dificuldades cognitivas e sua inibição, pois o momento infância-adolescência envolve movimentos importantes nos sujeitos, principalmente no que tange os aspectos cognitivos, biológicos e psicossociais (FONSECA, 2017). Processo que envolve o contexto sócio-histórico em que o adolescente está inserido, do qual a família emerge como umas das instituições fundamentais para o pleno desenvolvimento do ser humano, devendo assumir importantes funções como a de proteção e de afeto (FONSECA, 2017), propiciando espaços para a construção da personalidade, dos valores e da moral. Contudo, a família pode ser também um lugar nocivo, fato que consiste em uma contradição, como nos aponta Pereira:

“A família, como toda e qualquer instituição social, deve ser encarada como uma unidade simultaneamente forte e fraca. Forte, porque ela é de fato um lócus privilegiado de solidariedades, no qual os indivíduos podem encontrar refúgio contra o desamparo e a insegurança da existência. Forte, ainda, porque é nela que se dá, de regra, a reprodução humana, a socialização das crianças e a transmissão de ensinamentos que perduram pela vida inteira das pessoas. Mas ela também é frágil, ‘pelo fato de não estar livre de despotismo, violências, confinamentos, desencontros e rupturas. Tais rupturas, por sua vez, podem gerar inseguranças, mas também podem abrir portas para a emancipação e bem-estar de indivíduos historicamente oprimidos no seio da família, como mulheres, crianças, jovens, idosos. (PEREIRA, 2004, p.37).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) reconhecendo a infância e adolescência como um momento importante da vida humana, estabelece garantias para proteger os direitos desses sujeitos. Por isso, prevê o acolhimento Institucional quando comprovada a condição de risco e vulnerabilidade social (FONSECA, 2017), configurando-se em uma medida de proteção integral aos acolhidos, o que deve ter um caráter provisório e excepcional, visto que ter uma família é um direito primordial, devendo-se viabilizar o quanto antes, o retorno à família de origem ou a uma família substituta.

Enquanto isso, o acolhimento deve proporcionar um lugar e ambientes saudáveis, que favoreça o pleno desenvolvimento cognitivo e socioafetivo do acolhido, inclusive elaborando planos individualizados de atendimento. Porém, na prática os abrigos têm se transformado em lugares de moradia (MARTINEZ; SILVA, 2008), devido às dificuldades nos processos de retorno a família de origem e dos perfis exigidos para a adoção. Dessa forma, muitos adolescentes constroem suas identidades nas vivências da instituição de acolhimento, o que compromete processos emancipatórios do ser.

Não sabemos há quanto tempo o Fofão estava no acolhimento, mas não gostava de falar sobre essa experiência, ignorando esse fato, o que nos leva a entender que trata-se de um momento dolorido e negativo de sua vida.

Durante a escrita do Slam, a pesquisadora auxiliar se sentou ao lado do adolescente e foi escrevendo enquanto ele falava sobre suas lembranças, por conta de seus bloqueios e dificuldades, foi um processo que demandou bastante cuidado e atenção, aos poucos ele conseguiu expressar alguns fragmentos de suas

memórias. Quando indagado sobre sua infância ele afirmava pensativo: *“soltava pipa e jogava bola”*, depois ficava um tempo em silêncio, olhos parados e pensativo.

Em referência a sua vivência antes da internação, Fofão falava em tom de saudade: *“lá na rua via o céu com meus parceiros”*. Nesse momento notou-se um olhar triste e estático por estar privado desses momentos. Em seguida deu sequência a sua fala em um baixo tom de voz: *“com o decorrer do tempo que conheci a maldita droga”* (silêncio), *“só”* (pensativo e triste), como se não houvesse existência a partir desse momento, uma morte em vida, dando-nos pistas de que mudanças bruscas e negativas de suas vivências advém de seu contato com as substâncias ilícitas.

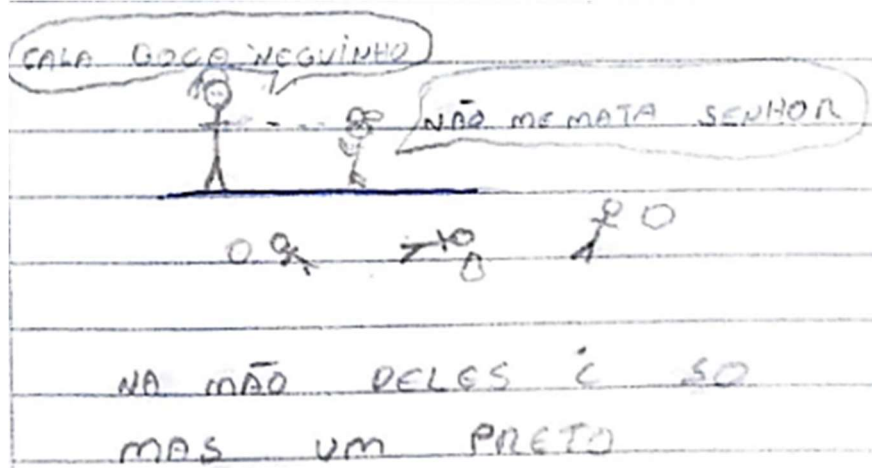
A partir desse momento, ele se fechou e não quis mais falar e continuar com a escrita de seu poema. Em relação às possibilidades de seu “eu” essas foram as suas palavras: *“Não gosto de fazer nada” / “não quero fazer nada”* (silêncio). Com toda certeza esse “nada” gritou tantas coisas em nossos ouvidos, conseguíamos ouvir até mesmo o seu silêncio, pois no Slam, tudo é expressão do ser, que é compartilhado atravessando vidas. Seu Slam, seu Pá, tem muito a nos dizer, mesmo na ausência de palavras.

O interessante é notar todo o processo pelo qual passou o Fofão, principalmente nas oficinas de escrita e construção de performance, nas quais ele se colocou no centro do tapete, microfone na mão, foi ficando cada vez mais empolgado para o nosso Sarau. Realizávamos a leitura com ele, aos poucos foi decorando e no dia do evento, desenvolveu sua performance brilhantemente, mesmo com todas as suas limitações.

O jovem Fofão estava confiante, sorridente, orgulhoso de si, empoderado com a sua camiseta dos Guerreiros de Favela e com sua medalha em mãos, pousando para as fotos. No último questionário, ele já conseguia expressar sobre si, sobre suas expectativas: *“Meu maior sonho é trabalhar como cabeleireiro, fazer curso de cabeleireiro” / “No futuro quero ter conseguido conquistar meus sonhos”*. Aspectos que evidenciam que ele já conseguia refletir sobre si, em si, passo muito importante para o ser para si (VYGOTSKI, 2006). Fofão já demonstrava um brilho no olhar, um sorriso no rosto, sonhos para saborear e vontade de continuar.

8.1.4. Guerreiros de Favela – HB20

Figura 47 – Desenho caderno atividades.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

O jovem HB20, um menino esperto, curioso e muito participativo, demonstrava alegria e satisfação em participar das oficinas. Gostava dos jogos teatrais, de tocar pandeiro, de ouvir músicas, de improvisar rimas e principalmente de atividades de pintura, sentiu-se realizado nas oficinas sobre identidade.

O jovem era muito empolgado com os momentos destinados ao caderninho, gostava de escrever letras de músicas, frases inspiradoras e de realizar desenhos, amava desenhar palhaços e cenas do cotidiano na quebrada. Escrevia também sobre sua história de vida e sobre o que tinha aprendido nas oficinas.

Em seus registros, evidencia as dificuldades financeiras pelas quais passava sua família, explicitando que em sua casa chegava a faltar um direito básico, o alimento. Relatou ainda que muitas vezes não ia para escola, porque não tinha um chinelo para colocar no pé, o que foi gerando muita revolta, até que apreendeu um jeito de ganhar um dinheiro para levar o pão para casa, garantindo mais tranquilidade para sua família. Todavia, lhe causou também muito sofrimento, pois, por ser preto do cabelo enrolado, os policiais não o respeitavam. Ações violentas que o fez sofrer muitas humilhações.

Nas oficinas ficou muito interessado pelas atividades sobre os Direitos dos Adolescentes, afirmando que iria lutar pelos seus direitos para assim, conseguir

fazer diferente, buscando novas possibilidades de vida. A família e a namorada eram as coisas mais importantes em sua vida.

Afirmava ainda, que gostava e mantinha uma boa relação com a comunidade em que morava. Expressava também o gosto pelos estudos, pela música e o cuidado pela sua família. Seu maior sonho era ser cabeleireiro e ter filhos para isso, pretendia continuar os estudos e arrumar um trabalho. Ele tinha medo de não ter uma profissão, não realizar seus sonhos e não ser feliz

Tabela 17 Pré indicadores e Indicadores do HB20.

FONTE	PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
P	vamos de luta daquilo que é nosso,	ENTENDIMENTOS DO ADOLESCENTE ACERCA DOS DIREITOS PREVISTOS NO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
P	se você conhece seus direitos, começa a desfrutar deles,	
P	Não fique parasitando contra a opressão.”	
C	Mas nos não falha na missão porque aprendi meus direitos dentro da Fundação com a Sueli e a Vitória, meus irmãos então vamo na luta pra sair daqui e conquistar tudo sem pegar no 8tão. A favela vai vencer	
P	mas é nos que sofre e a nossa mãe na parada,	VIVÊNCIAS MARCADAS PELO PRECONCEITO, RACISMO, EXCLUSÃO E DESIGUALDADES
C	Na mão deles é só, mas um preto.	
C	fui pro corre naquele dia pra não faltar o pão de cada dia, para minha coroa ter paz e alegria, só que as vezes vem os fardados e forja por ser negro do cabelo enrolado, isso causa revolta, atira no nos por andar com uns panos...	
P	angústia, raiva, tristeza é aqui na Fundação,	PERCEPÇÕES DO ADOLESCENTE ACERCA DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO-PUNIÇÃO E CASTIGO
C	Saindo do sufoco, 33, 157, 155	
A	Hoje trancafiado de cabeça baixa aqui na Fundação.	
C	Aqui dentro lágrimas cai, mó sofrimento.	
C	Lágrimas cai, quem já passou no sofrimento, coração bate acelerado mó saudade.	AUTOCULPABILIZAÇÃO PELO ATO INFRACIONAL
P	maldita ilusão, que me fez pegar naquele oitão.	
P	vamos parar para pensar invés de pegar no oitão,	
P	só que deixaram eu tentar,	
P	Saudade bate no coração,	A FAMÍLIA COMO MOBILIZADORA E O SENTIMENTO DE PERTECIMENTO A COMUNIDADE
P	mas onde eu estiver vou amar meu povão.	
P	Te amo pai e meus irmãozão.	
P	Eles sim tava lá,	
DC	Sair do crime e da orgulho para minha família	

Q	Os mais importantes pra mim é minha mãe, pai, irmão, a minha mina e uns parceiros, porque eles sempre estão comigo pro o que eu precisar , no sufoco só eles que estão lá.	
Q	Eu tenho um carinho pela minha quebrada e eles por mim , eu sempre mantenho o respeito, a humildade e etc.	
Q	meu maior medo não conseguir fazer minha família se orgulhar de mim	
C	vou fazer de tudo pros meus pessoal não entrar nessa vida!	
C	Na minha vida toda só tive minha família e alguns amigos de verdade	
C	Não sei se eu vou chegar lá, mas prometo mãe que eu vou tentar.	
P	Te amo pai! Por fazer esse homem guerreiro!	
P	Naquele dia que cai de cara na lama,	AMIZADE, APONTAMENTOS E DESAPOTAMENTOS
P	Que vi que não tinha ninguém para limpar,	
C	Não quero ver minha morte , por isso prometo que eu vou parar	PRESENTE NO PASSADO, PERCEPÇÕES SOBRE O "EU"
C	Tristeza volta na mente passa um filme de todo passado , quando eu não te escutava e só andava armado	
DC	não tenho muito pra falar não, mas me lembro de quando eu soltava pipa, jogava bola, dava grau de bike etc.	
DC	Gosto muito de pintar palhaço	
A	Que mundo loco meu irmão, foi correndo atrás de um Hb20 , que eu vim parar aqui na Fundação.	
A	Sou preto, preto, pretinho.	
A	Eu tenho facilidade em contar nota.	
C	Mas o mais importante foi quando comecei a saber o que fazer pra ter dinheiro e foi nessa vida loka que cheguei até aqui.	
C	hoje trancafiado de cabeça baixa mais nessa fundação tem vários da quebrada	MEDIDA SOCIOEDUCATIVA X (IN)JUSTIÇA
C	mas isso tudo traz revolta	
C	cada sonho que fica preso nas fundações, isso tudo traz revolta.	
C	cada jovem que toma um tapa na cara, cresce revoltado	
C	Dá pé para o sistema não, é o que eles que para encarcerar os menorzão.	
C	É muito longe as vezes não tenho visita	
CS	Quero ser cabeleireiro , comprar meu próprio Salão e mais no futuro ensinar meus filho cortar.	OLHARES SOBRE O FUTURO - CONSTRUÇÃO EVIDENTE
Q	Quero muito ser cabeleireiro e ter filhos e cuidar da minha família	

C	bagulho loco foi minha vida , só quem tava lá no sufoco sabe do que eu tô falando.	SOBREVIVÊNCIA x CRIMINALIDADE / INTERNAÇÃO
C	E também lembrava quando tinha que falta da escola por não ter dinheiro pra comprar chinelo, tudo isso trouxe revolta se você me entende Fui pro corre naquele dia pra não faltar o pão de cada dia, para minha coroa ter paz e alegria.	
C	Tenho fé que vou conseguir conquistar tudo que eu quero.	CRENÇA x (IM)MOBILIZAÇÃO
DC	Fé , nunca desistir e mudar de vida.	
C	Só agradeço que Deus abençoe todos. AMÉM.	
C	graças a Deus os companheiros tão aí, sempre tava lá e não se esqueceram de mim.	PERCEPÇÕES DE FUTURO - (RE) DIRECIONAMENTOS E (IN) DETERMINAÇÕES
P	E nessa vida eu vou conseguir chegar,	
CS	Quero terminar o Ensino Fundamental, fazer faculdade , buscar FIÉIS E SISU, ter um emprego.	
Q	quero também ter um emprego , ter uma casa , mas pra frente, ter um carro ou uma moto , ter saúde, paz...	
Q	Aqui dentro pensei na vida e pretendo estudar e arrumar um emprego ,	
A	sonho é ir em busca do meu melhor.	
DC	Quero uma vida calma , com saúde , com a família , com minha casa , com carro	
DC	Vou começar a mudança a partir de hoje 01/04/22, daqui da Fundação.	
P	Nessa vida que falo, não é matar, roubar, traficar, e sim,	
P	Tô falando de trabalhar pros meus coroa conseguir ajudar.	
Legenda		
A	AUDIO – GRAVAÇÃO	
C	CADERNO	
CS	CLASSIFICAÇÃO DOS SONHOS	
DC	DIÁRIO DE CAMPO	
HQ	HISTÓRIA EM QUADRINHOS	
P	POEMA SLAM	
Q	QUESTIONÁRIOS	
US	URNA SENTIMENTOS	

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Tabela 18 Núcleo de significação do HB20.

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
ENTENDIMENTOS DOS ADOLESCENTE ACERCA DOS DIREITOS PREVISTOS NO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE	APRENDIZAGEM - ADOLESCENTE: SUJEITOS DE DIREITOS

A FAMÍLIA COMO MOBILIZADORA E O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO À COMUNIDADE	CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA- ARTICULAÇÕES E ENFRENTAMENTOS
VIVÊNCIAS MARCADAS PELO PRECONCEITO, RACISMO, EXCLUSÃO E DESIGUALDADES	
PRESENTE NO PASSADO, PERCEPÇÕES SOBRE O "EU"	
AMIZADE, APONTAMENTOS E DESAPONTAMENTOS	
MEDIDA SOCIOEDUCATIVA X (IN)JUSTIÇA	RECONHECIMENTO ACERCA DAS FRAGILIDADES DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA
CRENÇA x (IM)MOBILIZAÇÃO	SUBTERFÚGIO, CONFORTO DIANTE DOS ENQUADRAMENTOS SOCIOECONÔMICOS
SOBREVIVÊNCIA x CRIMINALIDADE / INTERNAÇÃO	
PERCEPÇÕES DE FUTURO - (RE) DIRECIONAMENTOS E (IN) DETERMINAÇÕES	FUTURO: (IM)POSSIBILIDADES E (I)MOBILIZAÇÕES -O PRESENTE FUNDANTE
OLHARES SOBRE O FUTURO - CONSTRUÇÃO EVIDENTE	
PERCEPÇÕES DO ADOLESCENTE ACERCA DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO-PUNIÇÃO E CASTIGO	MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO: (IN)JUSTIÇA X (DES) APROVAÇÃO
AUTOCULPABILIZAÇÃO PELO ATO INFRACIONAL	

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Logo que iniciamos com as oficinas as provocações sobre os sonhos se fizeram presentes, despertando dessa forma os anseios mais profundos de nossos adolescentes. Em um momento de autorreflexão, HB20 indagava: *“Que mundo loco meu irmão, foi correndo atrás de um HB20, que eu vim parar aqui na Fundação”*. A forma como ele brinca com as palavras pode até soar engraçado, mas não é, escancara a perversidade do sistema capitalista no qual estamos inseridos, em que os adolescentes são atraídos por uma avalanche de produtos das mais variadas marcas e modelos, que coloca o adolescente em posição de consumidor em potencial (KEHL, 2001).

A possibilidade de consumo, torna-se condição essencial para pertencer a determinados grupos sociais, pela via do poder aquisitivo: *“eu tenho facilidade em contar nota”*. Tem-se então um processo de aumento da criminalidade, uma vez que, os jovens se veem incluídos para consumir, mas excluídos da possibilidade de consumo (KEHL, 2001). O que Martins (1997) denomina de inclusão precária, instável e marginal.

Nesse sentido, nas primeiras páginas de seu caderninho, HB20 mostra-nos claramente as razões pelas quais entrou para o mundo do crime: *“fui pro corre naquele dia pra não faltar o pão de cada dia, para minha coroa ter paz e alegria”*. Percebe-se por essas palavras, que juntamente com a sua família o adolescente vivia em precárias condições, com sérias dificuldades financeiras, tendo ele que arrumar um meio para ajudar a colocar o alimento em casa diminuindo dessa forma a angústia e a preocupação da mãe em ver os filhos passando por dificuldade.

Isso mostra que quando as políticas públicas não atingem essas famílias, o crime abraça, *“Mas o mais importante foi quando comecei a saber o que fazer pra ter dinheiro e foi nessa vida loka que cheguei até aqui”*. Esse “fazer”, Martins (2020), denomina de trabalho infantil, que vem somado a outras privações de direitos. Um trabalho ilegal, que acarreta sérias consequências negativas a criança e ao adolescente. Contudo é o caminho encontrado para auxiliar na sobrevivência da família, o que não é possível somente com a participação dos adultos.

Dessa forma, crianças e adolescentes “Já nascem submetidos a carências de naturezas diversas, uma vez que as famílias estão historicamente privadas de liberdade e cidadania, considerando que não tem acesso às necessidades básicas do ser social” (FROTA, 2006, p.100). Sendo lhes retirado até mesmo a “faixa da infância” (BLAY, 2000 p.35).

Sobre a infância, Hb20 afirmava não ter muita coisa para contar: *“não tenho muito pra falar não, mas me lembro de quando eu soltava pipa, jogava bola, dava grau de bike etc”*. O jovem continua: *“bagulho loco foi minha vida, só quem tava lá no sufoco sabe do que eu tô falando, e ainda acrescenta”*: *“e também lembrava quando tinha que falta da escola por não ter dinheiro pra comprar chinelo, tudo isso trouxe revolta se você me entende”*. Ele nos questiona se compreendemos a sua realidade, na verdade ele sente em sua pele retinta o peso de nossa indiferença, em que sua subjetividade e necessidades são anuladas, tirando-lhes a humanidade, sendo visto somente pelos estigmas da violência como se fosse uma máquina de “roubar e matar” (LAMAS, 2022, p.26).

Por todo esse processo de desumanização por que passam, a forma com que são tratados e estereotipados, faz com que projetem para si todas as responsabilidades pelo ato infracional realizado: *“maldita ilusão, que me fez pegar*

naquele oitão". Sendo a arma um "passaporte para a visibilidade" (SOARES, 2004, p.141). Contudo, uma visibilidade dilacerante para movimentos de subjetivação do sujeito: *"tristeza volta na mente passa um filme de todo passado, quando eu não te escutava e só andava armado"*.

Todavia, HB20 nos deixa claro que tem a percepção das violências e do preconceito com o qual convive cotidianamente, se referindo ao que eles chamam de sistema, principalmente o policial: *"Dá pé para o sistema não, é o que eles que para encarcerar os menorzão"*, principalmente se esse "menor" for negro, porque a racista estrutura social brasileira, tem como alvo o controle e criminalização dos jovens negros (BORGES, 2017).

Nas palavras de HB20: *"Na mão deles é só mais um preto"*. Em outras palavras reforça: *"só que as vezes vem os fardados e forja por ser negro do cabelo enrolado, isso causa revolta, atira em nos por andar com uns panos"*. Tratamento que lhe traz um sentimento de revolta: *"cada jovem que toma um tapa na cara, cresce revoltado"*. Infelizmente nesse conflito, denominado por Martins (2020), como a Guerra às drogas tem como consequência a morte da população juvenil, configurando-se em um verdadeiro genocídio.

Com base no Atlas da Violência de 2021 (IPEA, 2021), a violência é a principal causa de morte da juventude no Brasil. Em 2019, de cada 100 jovens entre 15 e 19 anos que morreram no país por qualquer causa, 39 foram vítimas de violências letais. Nesse sentido, dos 45.503 homicídios ocorridos em 2019, 51,3% vitimaram jovens entre 15 e 29 anos. Isso corresponde a um número de 23.327 jovens que tiveram suas vidas ceifadas prematuramente em uma média de 64 jovens assassinados por dia no país. Entre os anos de 2009 e 2019, tivemos uma série histórica de 333.330 jovens (15 a 29 anos) vítimas da violência letal no Brasil, tendo como principal dispositivo a arma de fogo. Porventura fossem metralhadoras de palavras, milhares de jovens não teriam suas vidas interrompidas.

Esses dados nos leva a afirmar a urgente necessidade em ampliar as discussões em relação aos direitos humanos de crianças e de adolescentes, o que não pode ser feito sem tocar nas atuais lógicas de punição e proteção (ou desproteção) dessa população (MARTINS, 2020), uma vez que, essa lógica sistêmica persiste estrategicamente em apenas culpabilizar e punir, dando ênfase

aos crimes cometidos por jovens entre a população, como uma forma de mascarar as deficiências das instituições públicas que não cumprem seu papel educativo, de segurança e proteção (ADORNO, 2002). Esses aspectos tocam diretamente no Sistema Penal Juvenil, “eufemizado pelas nomenclaturas oficiais: Varas Infracionais da Infância e Juventude e medidas socioeducativas — ao invés de penas” (MARTINS 2020, p.117).

Em vista disso, nas expressões de HB20 nota-se que para ele as vivências na Fundação foram marcadas muito mais pelo caráter punitivo do que formativo: *“angústia, raiva, tristeza é aqui na Fundação” / “hoje trancafiado de cabeça baixa aqui na Fundação” / “aqui dentro lágrimas cai, mó sofrimento” / “é muito longe as vezes não tenho visita”*. Contudo, uma expressão em especial nos tocou profundamente a alma: *“cada sonho que fica preso nas fundações, isso tudo traz revolta”*. Essas palavras nos tocou porque o sonhar é força vital, “é o que de fato nos mantém vivos” (MACHADO, 2006, p. 61).

Diante disso, percebemos que muitos jovens em condição de vulnerabilidade social, mesmo que “ainda” tenha a vida, não a têm em sua plenitude. Nas palavras de Dayrell:

Os jovens pobres se vêem, assim, privados da escola, privados do emprego, que vêm acompanhados pela limitação de meios para a participação efetiva no mercado de consumo, da limitação das formas de lazer, da limitação dos direitos de vivenciar a própria juventude, e, o que é mais sério, vêm-se **privados da esperança** " (DAYRELL, 2002, p.125).

Nossos esforços foram de encontro com tal realidade, uma vez que, possibilitar o esperar de nossos adolescentes foi nosso grande objetivo. Para adentrar nessa batalha, buscamos meios para potencializar os jovens, munindo-os com conhecimento sobre questões voltadas aos Direitos Humanos, principalmente no que refere-se aos Direitos das Crianças e dos Adolescentes.

O jovem HB20, participou profundamente das oficinas voltadas para o entendimento acerca de tal temática, foi como se tivesse enxergado uma luz no fim do túnel, um fio de esperança no qual poderia se agarrar. Com isso, começou a refletir que não era somente mais um preto. Ele era um: *“preto, preto, pretinho”*! Um sujeito de direitos, então: *“vamos de luta daquilo que é nosso”* e mais: *“se você conhece seus direitos, começa a desfrutar deles”*.

Dessa forma, começou a vislumbrar novas oportunidades, novas missões: *“Mas nós não falha na missão porque aprendi meus direitos dentro da Fundação[...], meus irmãos então vamo na luta pra sair daqui e conquistar tudo sem pegar no 8tão. A favela vai vencer.”* Essas palavras que nos enche o coração, ao invés de sair da Fundação com seus sonhos aprisionados, vai sair empoderado de conhecimento para o livre sonhar.

Esses sonhos, trazem reflexões sobre novas possibilidades, dando início a um movimento de mudanças: *“vamos parar para pensar invés de pegar no oitão” / “vou começar a mudança a partir de hoje 01/04/22, daqui da Fundação”*. A internação passa a ser um espaço para (res)significação.

Dentre as motivações para buscar novas oportunidades a família tem destaque para o jovem HB20: *“sair do crime e dar orgulho para minha família” / “meu maior medo não conseguir fazer minha família se orgulhar de mim”*. O amor pelo pai, o marca bastante: *te amo pai! Por fazer esse homem guerreiro / “te amo pai e meus irmãozão”*. Vale ressaltar que HB20 é um dos poucos jovens que tem na figura paterna uma referência da moral.

Além da família, HB20 demonstra carinho e gratidão por alguns amigos e também pela namorada, por não terem o abandonado nos momentos difíceis: *“os mais importantes pra mim é minha mãe, pai, irmão, a minha mina e uns parceiros, porque eles sempre estão comigo pro que eu precisar, no sufoco só eles que estão lá/ “na minha vida toda só tive minha família e alguns amigos de verdade”*.

O jovem demonstra ainda um sentimento de pertencimento por sua comunidade: *“eu tenho um carinho pela minha quebrada e eles por mim, eu sempre mantenho o respeito, a humildade e etc/ “mas onde eu estiver vou amar meu povão”*. Entretanto, expressa também ter se sentido sozinho, sem apoio, na solidão: *“Naquele dia que cai de cara na lama, que vi que não tinha ninguém para limpar” / “Lágrimas cai, quem já passou no sofrimento, coração bate acelerado mó saudade”*.

O jovem HB20, relata que na internação por conta da distância de sua casa, ele só recebia a visita de uma tia, o que aumentava sua angústia e seu sofrimento. Esses sentimentos tornaram-se evidentes no momento da escrita de seu Slam, em que por diversas vezes as lágrimas rolaram pelo seu rosto, escrevia, apagava,

arrancava a folha de seu caderno, amassava, jogava no lixo e voltava a escrever. Construção de memória é trabalho, e muitas vezes imerso a dor.

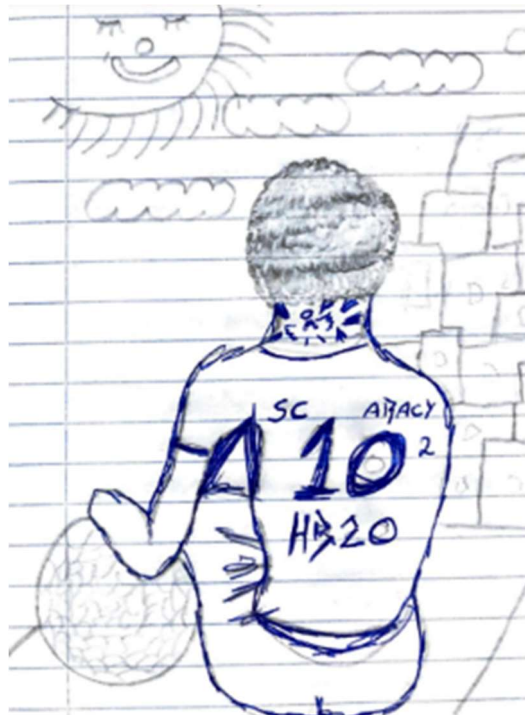
Outra motivação apresentada por HB20, diz respeito às adversidades pelas quais passava em suas vivências na criminalidade, as quais não queria mais, como uma forma de proteger a própria vida: *“Não quero ver minha morte, por isso prometo que eu vou parar”* / *“saindo do sufoco, 33, 157, 155”*, números que remetem aos atos infracionais por ele praticado.

A crença também era outro ponto em que o jovem se agarrava para conseguir as mudanças almejadas: *“fé, nunca desistir e mudar de vida”* / *“Tenho fé que vou conseguir conquistar tudo que eu quero”*. Também assumia uma posição de gratidão diante das coisas boas que lhe aconteciam: *“agradeço que Deus abençoe todos. AMÉM”* / *“graças a Deus os companheiros tão aí, sempre tava lá e não esqueceram de mim”*.

Esse cenário de crença/ religião, revela o que Amatuzzi (1999), denominou de fé humana e fé religiosa, a primeira refere-se a atitude do sujeito diante das problemáticas da vida de forma efetiva, já a segunda corresponde à aceitação da existência de um ser superior e transcendental.

Nas falas de HB20, podemos identificar as duas formas apresentadas pelo autor, elas não se opõem entre si, a fé humana, pode conter de forma implícita a religião, indo ao encontro das necessidades existenciais do ser humano. Atentando-se para o fato de que *“a fé dos adolescentes no campo religioso acontece no contexto concreto da vida, em meio a contradições, dificuldades e desejo de proteção”* (GUIRAL, 2017, p.92).

Figura 48 – Desenho caderno atividades.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora – Caderno do HB20

No que refere-se às possibilidades do ser no presente, do ser em si e para si (VYGOTSKI, 2006) nosso HB20, se via em meio a várias metas, como era bem antenado nas discussões, ele apontava: *“Quero terminar o Ensino Fundamental, fazer faculdade, buscar FIES E SISU, ter um emprego. Quero ser cabeleireiro, comprar meu próprio salão e mais no futuro ensinar meus filhos cortar”*. Ele estava muito empolgado, não tinha ao certo qual curso superior iria realizar, mas queria ter acesso a todos os seus direitos como estudante.

Interessante o fato que ele não deseja simplesmente ser cabeleireiro, mas também ter seu próprio salão e, no futuro, ensinar seu filho a cortar cabelo também, rompendo dessa forma o ciclo do crime em sua família, ele ainda enfatiza: *“vou fazer de tudo pros meus pessoal não entrar nessa vida”*.

O desejo pelo curso de cabeleireiro, ter filhos e cuidar de sua família estava muito forte, seu presente fundante: *“Quero muito ser cabeleireiro e ter filhos e cuidar da minha família” / quero também ter um emprego, ter uma casa, mas pra frente, ter um carro ou uma moto, ter saúde, paz! / “quero uma vida calma, com saúde, com a família, com minha casa, com carro.*

Observar as prioridades do jovem HB20 é bem esperançoso, ser cabeleireiro, ter condições de ter filhos e cuidar da família, ter uma casa, para depois comprar um carro, ou moto, para assim, ter uma vida calma, saúde e paz. Quem diria, aquele menino que antes só pensava em contar notas e ter um HB20, hoje, tem outras aspirações, o carro HB20 até está na lista, mas já não é uma prioridade, porque hoje ele sonha em: *“ir em busca do meu melhor”*.

Os garotos armados do morro não querem apenas um tênis, uma arma, uma fama. Essas são materializações juvenis de um desejo maior e mais profundo, que é o desejo de serem libertos; o desejo da conquista da dignidade em seu nível mais elementar; o desejo de construir sua própria vida, de afirmar sua autonomia perante o mundo. Ter uma casa, uma família, um trabalho, esses, sim, são seus desejos. É por esses desejos que lutam e é por esses desejos que outros, como o tênis, a arma e a fama, se fazem possíveis ou necessários no único contexto de que eles dispõem para atingir suas tantas ambições, tão comuns a todos nós: a república dos meninos” (LYRA, 2013. p.281).

Na verdade, o ideal seria que todas as crianças e adolescentes tivessem acesso a todos os direitos previstos em lei, para que pudessem vivenciar todas as possibilidades e dinâmicas do ser humano em sua plenitude, potencialmente consciente de seu lugar no mundo, mas infelizmente a realidade para muitos dos nossos meninos é (re)existência (SOUZA, 2009). Nas últimas páginas de seu caderno, o jovem Hb20 escreve: *‘Não sei se eu vou chegar lá, mas prometo mãe que eu vou tentar’*.

8.1.5. Guerreiros de Favela — LEMÃO?

O jovem Lemão, era um menino alegre, carinhoso e muito brincalhão. Adorava nos ajudar a montar os equipamentos e ainda gostava de participar na roda de conversa, de tocar o pandeiro, dos jogos teatrais e do caderninho. Rapidamente escrevia uma página inteira, demonstrando grande identificação com o Slam, sendo muito espontâneo nas improvisações e nas rimas.

Ele considera a família e Deus como as coisas mais importantes da sua vida e seu maior sonho era conseguir dar o melhor para sua família, seus maiores medos

eram decepcionar sua família, não construir sua própria família, não realizar seus sonhos e não ser feliz. Com o desenrolar das oficinas ele começou a expressar a vontade de retomar os estudos, de fazer faculdade e também afirmava que queria ser artista.

Em seus registros, gostava de escrever sobre sua história de vida, nos quais contava sobre como começou no tráfico ainda na infância, sobre as necessidades econômicas por qual passava sua família e sua preocupação em estar privado da liberdade, impossibilitado de ajudar a colocar alimento em casa. Segundo seus relatos, seu pai estava doente e não conseguia aposentadoria, fato que agravava ainda mais a situação de sua família.

Contudo, o jovem Lemão mostrava-se decidido em mudar os rumos de sua vida. Na Fundação Casa participou de um curso de informática e afirmava que iria agarrar as oportunidades nessa área quando estivesse em liberdade. Por isso, expressava que por meio dos estudos, iria lutar por seus direitos e melhorar a vida da sua família dando muito orgulho para sua mãe.

Tabela 19 Pré indicadores e Indicadores do LEMÃO.

FONTE	PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
P	Minha história vou mudar,	OLHARES SOBRE O FUTURO - CONSTRUÇÃO EVIDENTE
P	Na estrada da vida caminhar, passo a passo chego lá.	
P	No vale vou passar e vou saber caminhar para nunca mais voltar,	
P	e também aprendi o curso da minha oportunidade,	
P	Que vai me dar uma entrevista quando sair daqui,	
P	vou agarrar essa chance!	
P	e esquecer meu passado,	
A	também podemos ser artista, sou artista.	
A	Quero ser artista e programador.	
A	Para ser programador tem que fazer curso da informática? Tô fazendo um curso aqui na Fundação e tô gostando.	
C	Eu quero terminar os estudos, fazer faculdade, fazer o ENEM, trabalhar, ser artista.	
C	Mais um dia para eu mostrar o que eu quero para mim porque eu quero para mim o melhor.	
DC	Meu maior sonho é dá um futuro melhor para minha família. O bom e o melhor.	

DC	Quando sair daqui vou fazer diferente , vou arrumar um trampo e ajudar minha mãe com um trabalho digno, só.	
C	Tudo começou quando fumei o primeiro Cigarro que me levou a andar com meus amigos e depois comecei a fumar maconha e traficar e já parei com a escola.	PRESENTE NO PASSADO, PERCEPÇÕES SOBRE O "EU"
C	Meu nome é "Lemão", nasci em 2005, tenho 16 anos. Vou fazer 17 em abril.	
C	Tudo começou quando tinha 10 anos, comecei a fumar maconha e cigarro.	
C	Comecei a andar com os moleques todo dia. Ai passou uns dias e comecei a traficar, parei de estudar e a chegar em madrugada em casa.	
DC	Gosto da minha liberdade	
A	Quando eu levava suspensão fica escondido até dá o horário do buzão. Eu assinava advertência com o nome da minha mãe.	
A	Eu sou branco do cabelo liso.	
CS	Antes de cair aqui na Fundação eu traficava na boca para minha mãe essa...	
C	As coisas mais importantes para mim e minha família e Deus.	
P	minha família ajudar,	A FAMÍLIA COMO MOBILIZADORA E O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO A COMUNIDADE
P	e minha mãe vai se orgulhar!	
P	Para minha mãezinha se orgulhar do meu presente,	
P	juntos reunidos, como uma família perfeita que somos,	
P	Da poesia islam eu vou falar e ninguém vai me criticar,	ENTENDIMENTO DO ADOLESCENTE ACERCA DOS DIREITOS PREVISTOS NO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
C	Todos temos direitos , muitas das vezes não sabemos que temos direito. O direito de ter um trabalho, uma família. Minha gente, vamos lutar.	
P	a polícia não vai me parar.	
C	mas fui traficar para ajudar minha família, por causa da necessidade de que passamos em casa igual estamos passando na minha ausência.	SOBREVIVÊNCIA x CRIMINALIDADE - INTERNAÇÃO
C	Minha família passa dificuldade porque meu pai está impossibilitando de trabalhar e não consegue aposentar. Mas fé em Deus ele tá abençoando e não tá faltando o arroz e o feijão.	
P	Mas foi o caminho que encontrei para ajudar minha família,	
P	Porque infelizmente nasci em um lar pobre,	
P	Traficando foi a única forma de ajudar de alguma forma minha família,	
C	minha mãe ficava brava, daí não parei mais , mas, foi para ajudar minha mãe as coisas que faltava em casa.	
C	Fé no pai , que o inimigo cai.	CRENÇA x (IM)MOBILIZAÇÃO

US	Meu sentimento é de revolta, estou preso e minha família está passando dificuldade.	MEDIDA SOCIOEDUCATIVA X (IN)JUSTIÇA
P	e ninguém vai poder falar que eu não soube caminhar e a minha cruz carregar.	AUTOCULPABILIZAÇÃO PELO ATO INFRACIONAL
P	Não foi o caminho mais certo,	
P	Mas sabendo que não era a maneira certa, continuei persistindo,	
DC	Não vejo a hora de ir embora desse lugar.	PERCEPÇÕES DO ADOLESCENTE ACERCA DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO-PUNIÇÃO E CASTIGO
P	Logo vi que lá fora tinha bem pouco comigo,	AMIZADE, APONTAMENTOS E DESAPONTAMENTOS
P	Que são meus verdadeiros amigos.	
Legenda		
A	AUDIO - GRAVAÇÃO	
C	CADERNO	
CS	CLASSIFICAÇÃO DOS SONHOS	
DC	DIÁRIO DE CAMPO	
HQ	HISTÓRIA EM QUADRINHOS	
P	POEMA SLAM	
Q	QUESTIONÁRIOS	
US	URNA SENTIMENTOS	

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Tabela 20 Núcleo de significação do LEMÃO.

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
ENTENDIMENTOS DOS ADOLESCENTE ACERCA DOS DIREITOS PREVISTOS NO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE	APRENDIZAGEM - ADOLESCENTE: SUJEITOS DE DIREITOS
A FAMÍLIA COMO MOBILIZADORA E O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO A COMUNIDADE	CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA- ARTICULAÇÕES E ENFRENTAMENTOS
SOBREVIVÊNCIA x CRIMINALIDADE - INTERNAÇÃO	
PRESENTE NO PASSADO, PERCEPÇÕES SOBRE O "EU"	
AMIZADE, APONTAMENTOS E DESAPONTAMENTOS	
CRENÇA x (IM)MOBILIZAÇÃO	SUBTERFÚGIO, CONFORTO DIANTE DOS ENQUADRAMENTOS SOCIOECONÔMICOS
MEDIDA SOCIOEDUCATIVA X (IN)JUSTIÇA	RECONHECIMENTO ACERCA DAS FRAGILIDADES DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA
OLHARES SOBRE O FUTURO - CONSTRUÇÃO EVIDENTE	MOBILIZAÇÕES POTENTES - ORGANIZAÇÃO DO PENSAMENTO
PERCEPÇÕES DO ADOLESCENTE ACERCA DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO-PUNIÇÃO E CASTIGO	MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO: (IN)JUSTIÇA X (DES) APROVAÇÃO
AUTOCULPABILIZAÇÃO PELO ATO INFRACIONAL	

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Logo na primeira oficina, o jovem Lemão já demonstrava bastante interesse, foi um dos primeiros adolescentes a nos revelar o seu apelido, era juntamente com outros dois jovens os únicos brancos de um grupo de 14 meninos. Esses números vão ao encontro com o levantamento realizado pelo SINASE disponibilizado em 2019, com dados coletados em 2017 sobre o perfil racial dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio fechado, o qual se obtém os seguintes dados:

56% dos adolescentes e jovens em restrição e privação de liberdade foram considerados pardos/negros, em 2014 eram 61% e em 2016 eram 59%, ou seja, a predominância da cor parda e negra/preta no Sistema Socioeducativo também confere com os dados do IBGE em que a população brasileira nestes anos está entre 50 a 60% de pessoas pardas e negras; (BRASIL, 2019, p. 41).

Diante disso, identificamos que mesmo em menor quantidade os adolescentes brancos também vivenciam processos de privação de liberdade. O jovem Lemão tinha um bom relacionamento com os colegas do grupo, contudo, na oficina sobre identidade em que se evidenciou mais essas questões raciais, ele teve um conflito de ideias com o colega Magrelo, que havia afirmado que todos os brancos deveriam morrer, pois tinham feito os negros sofrerem muito.

Lemão não gostou e justificou que não achava certo esse tipo de fala. Aproveitamos a oportunidade e realizamos uma reflexão bem potente sobre o tema polarizado com toda historicidade exigida pelo momento. Após esse episódio, continuamos as atividades com o entendimento de ambas as partes.

Contradições se evidenciam nas memórias expressadas por Lemão, quando o assunto era sobre como se tornou autor de atos infracionais, logo nas primeiras páginas de seu caderninho, ele relata: *“tudo começou quando tinha 10 anos, comecei a fumar maconha e cigarro”*.

Em seguida, o jovem toca em questões relacionadas ao grupo de amigos, com o qual passou a ter contato frequente, sendo o ato de fumar uma busca por aceitação e autoafirmação (FREITAS, 2015), para fazer parte do grupo: *“tudo começou quando fumei o primeiro Cigarro que me levou a andar com meus amigos”/ “comecei a andar com os moleques todo dia”*.

Dando continuidade aos seus escritos, Lemão revela: *“depois comecei a fumar maconha e traficar” / “ai passou uns dias e comecei a traficar”*. Temos então, a direta relação entre uso de substâncias psicoativas e início do trabalho infantil no “tráfico varejistas de drogas” (MARTINS, 2020).

Essa ação que é justificada pelo adolescente: *“mas fui traficar para ajudar minha família, por causa da necessidade de que passamos em casa [...]” / “mas, foi para ajudar minha mãe as coisas que faltava em casa”*.

No momento em que estava escrevendo seu Slam, Lemão começou o movimento de escrita. Em seguida ficou triste, pensativo, pouco tempo depois destacou a folha do caderninho, amassou e jogou no lixo. Material que foi recolhido pela pesquisadora auxiliar, no qual estava escrito: *“antes de cair aqui na Fundação eu traficava na boca para minha mãe”*

Tal registro, evidencia a complexidade que envolve o entendimento das significações das vivências reveladas por esses adolescentes, imersos juntamente com suas famílias e em situações precárias de vida, o que ocasiona um esforço de todo núcleo familiar em busca de sobrevivência. Com isso, somada a outras ofertas degradantes de emprego, o tráfico varejista de drogas se faz presente, como bem nos caracteriza Galdeano e Almeida (2018).

O tráfico de drogas compõe, juntamente com alguns serviços específicos (tal como de limpeza, de carga e descarga de mercadorias, de construção, de lava-rápido, de coleta de material reciclável) o escopo de possibilidades de fontes de renda no qual essa parcela da mão de obra da população está inserida. Esses adolescentes e seus familiares movem-se às margens da sociedade salarial, ocupam posições precárias no mundo do trabalho, compartilham um cenário de pobreza intensa como ponto de partida e uma elevada instabilidade nos rendimentos. (GALDEANO, ALMEIDA. 2018 p.38).

Nesse sentido, as crianças e os adolescentes tecem as dinâmicas de suas vivências dentro desses contextos em que o comércio de drogas desponta como uma possibilidade de trabalho não só para eles, como também para seus familiares e em se tratando de condições de trabalho, “o comércio de drogas oferece posições e remunerações similares ou, muitas vezes, mais vantajosas do que as profissões normalmente ocupadas por esses adolescentes e seus familiares” (GALDEANO, ALMEIDA. 2018, p.38)

Nesse cenário, a relação desses estratos sociais com o trabalho formal é distante, uma vez que, possuem baixa escolarização, o que reduz as oportunidades no mercado de trabalho e, quando conseguem são em postos precários e com baixa remuneração, o que intensifica o quadro de miséria e a luta pela sobrevivência.

Diante disso, os adolescentes são abocanhados por uma árdua e nociva rotina no mercado de drogas que como todo trabalho infantil, traz sérios comprometimentos ao pleno desenvolvimento desses sujeitos, sendo o principal deles a evasão escolar, nas palavras de Lemão: *“parei de estudar e a chegar de madrugada em casa” / “depois comecei a fumar maconha e traficar e já parei com a escola.*

As pesquisas realizadas por Souza e Silva (2018), evidenciam que quase 80% dos jovens que exercem atividades no tráfico de drogas estão fora da escola. Sendo, portanto, um ciclo que não se rompe, pois assim como seus pais, em que a formação intelectual e humana não terá espaços de concretização, uma vez que a prioridade é ajudar a família a colocar comida em casa.

Figura 49 – Desenho caderno atividades.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora – Caderno do LEMÃO

Dentro desse contexto, Lemão expressava sua preocupação com a família, que não podia contar com a sua colaboração financeira para o sustento, pois estava privado de liberdade: [...] *“igual estamos passando na minha ausência”*, o que lhe trazia um sentimento revolta: *“Meu sentimento é de revolta, estou preso e minha família está passando dificuldade”*. Sofrimento que era amenizado pelas suas convicções religiosas: *“minha família passa dificuldade porque meu pai está*

impossibilitando de trabalhar e não consegue aposentar. Mas fé em Deus ele tá abençoando e não tá faltando o arroz e o feijão” / “Fé no pai, que o inimigo cai”.

Uma fé que pode ser mobilizadora ao provocar o sentimento de mudança, ou imobilizadora em aceitar, ou esperar os desígnios divinos, em que se tem a prevalência na fé religiosa (AMATUZZI, 1999).

Outro sentimento desencadeado na internação era o da autoculpabilização, passando por uma ótica da moral entre o certo e o errado e do que é aceitável socialmente. Diante disso, Lemão expressa:

Não foi o caminho mais certo, mas foi o caminho que encontrei para ajudar minha família, porque infelizmente nasci em um lar pobre, traficando foi a única forma de ajudar de alguma forma minha família, mas sabendo que não era a maneira certa, continuei persistindo.

O jovem se culpa por continuar na vida “errada”, fazendo o que não é “certo”, com um entendimento de que parar e continuar eram questões simplesmente do seu querer individual, não possuindo uma compreensão da realidade de modo a questionar toda estrutura desigual e excludente que o envolve.

No entanto, entendemos que o ser humano é ser em construção, em processo, “[...] o concreto, o incomparável, o único”, que se realiza no conviver e no coexistir, na troca de substâncias e no entrelaçamento de circunstâncias (ORTEGA Y GASSET, 2010, p.136), dinâmica que envolve transformações na personalidade do sujeito em termos de estrutura durante o desenvolvimento ontogenético (TEIXEIRA, 2022). Constituindo [...] “um caminho para a liberdade” (VYGOTSKI, 2010, p.66).

Diante desses pressupostos, durante as oficinas percebemos movimentos interessantes no jovem Lemão, participava e interagia com propriedade sobre as suas colocações, reconhecia e debatia acerca dos direitos da Criança e do Adolescente: *“todos temos direitos, muitas das vezes não sabemos que temos direito. O direito de ter um trabalho, uma família. Minha gente, vamos lutar”.*

O entendimento de que poderia dispor de outros caminhos para ajudar a sua família e para conquistar seus objetivos de vida, foi libertador para Lemão. Conhecimento que provocou ainda mais empolgação com as oficinas, pegava a

Constituição Federal e o ECA, lia pausadamente, às vezes perguntava algo, um processo muito animador de se ver. Passou até a refletir sobre um novo modelo para escola: *“eu queria que a escola fosse uma bagunça, seria assim, espalhava um monte de letras aí a gente ia brincando e formando a palavra, aí a gente aprendia”*. Com certeza a gente aprendia mesmo, Lemão! *“Uma educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo”* (FREIRE, 2011, p.97). Por meio da curiosidade, da imaginação criativa e das emoções.

Movimentos que provocam desejos de mudanças, nos quais busca-se por novos personagens e contextos de atuação, nas palavras de Lemão: *“minha história vou mudar” / “esquecer meu passado”*. Sabemos que não é possível simplesmente esquecer-lo, mas sim, romper com processos de reposições identitárias que camuflam os processos de metamorfose, abrindo espaços de reflexão sobre as possibilidades de seu ser: *“Para ser programador tem que fazer curso da informática? Tô fazendo um curso aqui na Fundação e tô gostando”*, cada vez mais decidido: *“quero ser artista e programador” / “quero terminar os estudos, fazer faculdade, fazer o ENEM, trabalhar, ser artista”*. Na verdade, ele já estava convicto do seu ser no mundo: *“sou artista”*.

Figura 50 – Desenho caderno atividades.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora – Caderno do LEMÃO

O jovem Lemão, estava sempre pensando no melhor para si e para sua família: *“Mais um dia para eu mostrar o que eu quero para mim porque eu quero para mim o melhor” / “Meu maior sonho é dá um futuro melhor para minha família. O bom e o melhor”*. A conquista por tais sonhos ocorreria por outros meios, sem recorrer ao tráfico: *“quando sair daqui vou fazer diferente, vou arrumar um trampo e ajudar minha mãe com um trabalho digno, só”*.

Sabemos que os processos que envolvem a mudança nos contextos cotidianos desses adolescentes, envolvem muitas questões, trata-se de um árduo querer ser outro em um meio que exige a mesmice, por isso, “mudar é difícil, mas é possível” (FREIRE, 2006, p.79), afinal, como nos aponta Freire (2006), não é uma questão de adaptação, mas de inserção no mundo, uma luta para não ser simplesmente um objeto, mas sujeito da História.

8.1.6. Guerreiros de Favela —

O jovem Lobão demonstrava muito interesse nas oficinas, participativo, muito envolvido com as atividades propostas, expressava suas opiniões com maturidade, gostava muito de escrever em seu caderninho, sendo um dos jovens que mais escrevia. Nos primeiros encontros, já externava seu grande sonho de vida, ser advogado! Afirmava estar muito arrependido pelo ato infracional cometido.

Em seus registros, apontou que foi ao encontro da criminalidade quando sua avó faleceu, como havia sido criado por ela, sofreu muito com a sua perda, tendo que ir morar com a sua mãe, que mesmo ela dando conselhos ele estava muito revoltado. Por isso, começou a traficar, ato que resultou em sua internação. Contudo, não queria mais continuar nessa vida, pretendia voltar para escola e terminar seus estudos.

Sua avó sonhava em vê-lo advogado, então pelo amor e admiração que sentia por ela, esse sonho passou a ser dele também e a mobilizá-lo. Lobão aproveitava cada segundo das oficinas perguntando, contribuindo nas rodas de conversa significativamente. O interesse desse jovem despertava o sonho dos outros adolescentes, Biel mesmo passou a sonhar em ser advogado pelas falas do colega Lobão.

Além de cursar Direito, Lobão sonhava em dar uma casa para sua mãe e também em conhecer os Estados Unidos. As coisas que considerava mais importante na vida era sua família, principalmente sua mãe, sua namorada e seu

filho. Ele tinha medo de não realizar seus sonhos e de perder mais alguém da sua família. Aprendemos muito com o Lobão e tivemos a oportunidade de realizarmos uma oficina no último dia de sua internação, momento em que alegremente escreveu as últimas linhas de seu poema.

Tabela 21 Pré indicadores e Indicadores do LOBÃO.

FONTE	PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
P	mais conhecido como Lobão!	PRESENTE NO PASSADO, PERCEPÇÕES SOBRE O "EU"
C	as pessoas costumam me chamar de Lobão , tenho 17 anos de idade. Infelizmente estou preso porque cometi um ato infracional.	
A	A primeira vez que fumei maconha , fiquei doidão, aí comecei a uiva, daí vem meu apelido, Lobão.	
A	Queria ganhar um dinheiro fácil , tinha um serviço pra mim, mas dinheiro sujo não vale a pena.	
A	<i>Eu sou respeitado porque eu respeito.</i>	
CS	Tenho facilidade em matemática, quando eu realmente quero, tenho facilidade em cumprir minhas metas.	
P	Triste realidade, eu cometi um crime ,	AUTOCULPABILIZAÇÃO PELO ATO INFRACIONAL
P	e estou pagando pelos meus atos ,	
P	e isso, é fato!	
P	Peço desculpa para família ,	
C	<u>mas tou pagando pelo que eu fiz e tou muito arrependido.</u>	
HQ	Passei por um momento muito difícil da minha vida , quando minha avó veio a falecer. Desanimei de tudo, parei de estudar por um tempo, entrei na vida errada . Agora me encontro aqui privado, longe da família, longe do meu filho.	
P	por estar fazendo eles sofrerem em casa ,	PERCEPÇÕES DO ADOLESCENTE ACERCA DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO-PUNIÇÃO E CASTIGO
P	Mas, agora estou trancado como um pássaro.	
P	Essa está sendo uma experiência muito ruim da minha vida ,	
P	É mó felicidade, o pior já passou ,	
C	vou ajudar minha família com fé em Deus um dia eu chego lá.	CRENÇA x (IM)MOBILIZAÇÃO
C	com fé em Deus vou batalhar e um dia vou chegar lá e vou mostrar pra quem desacreditou que meu sonho é possível , mas queria que minha avó estivesse comigo.	
P	Sei que logo passa, mas pensando bem ,	AMIZADE, APONTAMENTOS E DESAPONTAMENTOS
P	até que me fez bem ,	
P	porque quando eu caí aqui ,	

P	eu pude ver quem é quem,	
P	Cadê aqueles que dizia ser da quebrada?	
P	Quem está fechado é a família que está sofrendo lá em casa.	A FAMÍLIA COMO MOBILIZADORA E O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO A COMUNIDADE
P	realmente acho que hoje vou voltar pra casa,	
P	dia das mães tá aí,	
P	E acho que vou passar com a minha coroa em casa,	
P	e agora voltar para quebrada!	
Q	O importante para mim é minha família, meu filho e minha namorada, quando eu mais precisei minha família que estava comigo ali para me ajudar e eu quero um dia pode ajudar minha família, amo muito minha família.	
P	Fazer minha família feliz,	
A	Quero ficar com a minha família, com meu filho.	
P	rever meus atos,	OLHARES SOBRE O FUTURO - CONSTRUÇÃO EVIDENTE
P	Porque vou estar longe das coisas erradas.	
C	Quando eu sair daqui penso em voltar a ir para escola e um dia realizar meu sonho que é ser advogado, quero muito um dia ser advogado e sei que um dia eu vou conseguir conquistar meu sonho e vou fazer minha família se orgulhar de mim.	
C	Estudar muito até me formar, focar naquilo que eu quero e vou correr atrás. Minha estratégia vai ser focar não me distrair e seguir em frente.	
A	A: ainda não sei como faz para ser advogado, mas sei que quero ser.	
A	A: Quero ser advogado criminalista.	
CS	Ser advogado e pode dar uma melhor condição para minha família.	
Q	Sonho em um dia ser advogado, pode da uma casa para minha mãe e conhecer os Estados Unidos.	
P	E poder buscar meu sonho, ser advogado!	
Q	Cuidar do meu filho e da minha família.	ENTENDIMENTOS DO ADOLESCENTE ACERCA DOS DIREITOS PREVISTOS NO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
C	hoje eu aprendi que nos adolescentes temos direito, de liberdade, educação, saúde, respeito, alimentação, família- Direitos humanos. Direitos de ensino, que tenho direito a receber para estudar e a uma faculdade e agora eu sei que o que as pessoas falam sobre a prova do ENEM ser muito difícil não passa de mentira.	

C	sempre morei com minha avó até meus 14 anos de idade, quando infelizmente minha avó veio a falecer , pra mim foi uma perda muito grande . infelizmente ela teve um infarto, sofri muito com essa perda, amava muito minha avó . depois que minha avó faleceu eu passei a morar com minha mãe, amo muito minha mãe , ela me aconselhou bastante, mas na época eu não quis ouvir tava muito revoltado que minha avó tinha falecido e sem minha mãe saber eu comecei a traficar e fui preso tirando minha primeira CIP , fique 45 dias.	SENTIMENTO DE PERDA- (IN)SEGURANÇAS E (IN)DECISÕES
HQ	Passei por um momento muito difícil da minha vida, quando minha avó veio a falecer .	
Q	Tenho medo de não realizar meu sonho, e perder mais alguém da minha família .	
C	Vou falar sobre a minha vontade de ser advogado , como surgiu de onde veio essa vontade. Como havia dito anteriormente sempre morei com a minha avó e desde pequeno eu sempre ouvia minha avó conversando com as amigas dela e ela sempre falava que um dia ela iria me ver sentado numa cadeira de coro atrás de uma mesa em um escritório , mas infelizmente ela se foi, mas o sonho que ela tinha para minha vida se tornou meu sonho	
Legenda		
A	AUDIO - GRAVAÇÃO	
C	CADERNO	
CS	CLASSIFICAÇÃO DOS SONHOS	
DC	DIÁRIO DE CAMPO	
HQ	HISTÓRIA EM QUADRINHOS	
P	POEMA SLAM	
Q	QUESTIONÁRIOS	
US	URNA SENTIMENTOS	

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Tabela 22 Núcleo de significação do LOBÃO

CRENÇA x (IM)MOBILIZAÇÃO	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
PRESENTE NO PASSADO, PERCEPÇÕES SOBRE O "EU"	CONSTRUÇÃO DA MEMORIA-ARTICULAÇÕES E ENFRENTAMENTOS
OLHARES SOBRE O FUTURO - CONSTRUÇÃO EVIDENTE	FUTURO: POSSIBILIDADES E MOBILIZAÇÕES - O PRESENTE FUNDANTE
ENTENDIMENTOS DO ADOLESCENTE ACERCA DOS DIREITOS PREVISTOS NO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE	APRENDIZAGEM - ADOLESCENTE: SUJEITO DE DIREITOS
CRENÇA x (IM)MOBILIZAÇÃO	SUBTERFÚGIO, CONFORTO DIANTE DOS ENQUADRAMENTOS SOCIOECONÔMICOS
AUTOCULPABILIZAÇÃO PELO ATO INFRACIONAL	MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO: (IN)JUSTIÇA X (DES) APROVAÇÃO
PERCEPÇÕES DO ADOLESCENTE ACERCA DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO-PUNIÇÃO E CASTIGO	

AMIZADE, APONTAMENTOS E DESAPONTAMENTOS	CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA-BLOQUEIOS E ENFRENTAMENTOS
A FAMÍLIA COMO MOBILIZADORA E O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO À COMUNIDADE	
SENTIMENTO DE PERDA- (IN)SEGURANÇAS E (IN)DECISÕES	AVÓ: REFERÊNCIA DA MORAL - BASE PARA MUDANÇAS

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Lobão, um adolescente de 17 anos que aparentava ter mais idade, tinha um comportamento bem maduro, muito atencioso e comprometido. Conversava com todos os colegas, mas não demonstrava muito entrosamento, evitava confusões, estava focado em ir embora, como sabia que o comportamento era um quesito, se dedicava ao máximo, ele mesmo tinha essa consciência de si: *“quando eu realmente quero tenho facilidade em cumprir minhas metas”*, expressava entendimento acerca das ações e de suas consequências: *“estou preso porque cometi um ato infracional”/ “triste realidade, eu cometi um crime”*. Em seu caderno ele justificava que entrou para criminalidade por ter se revoltado por conta da morte de sua avó, sua principal referência, com quem morava desde a infância:

Sempre morei com minha avó até meus 14 anos de idade, quando infelizmente minha avó veio a falecer, pra mim foi uma perda muito grande. infelizmente ela teve um infarto, sofri muito com essa perda, amava muito minha avó. depois que minha avó faleceu eu passei a morar com minha mãe, amo muito minha mãe, ela me aconselhou bastante, mas na época eu não quis ouvir tava muito revoltado que minha avó tinha falecido e sem minha mãe saber eu comecei a traficar e fui preso tirando minha primeira CIP, fiquei 45 dias.

Mesmo afirmando que amava sua mãe, o fato de ter ido morar com ela, com a qual não estava acostumado, que possivelmente não lhe dava o mesmo tratamento que a avó, trouxe conflitos internos com os quais não soube lidar. Então, como uma forma de “autoafirmação” (FREITAS, 2015) diante da mãe, de mostrar sua revolta, sua independência, até porque já tinha um filho, a possibilidade do que ele chamou de vida “errada” e de ganhar “dinheiro fácil” se concretizou: *“passei por um momento muito difícil da minha vida, quando minha avó veio a falecer. Desanimei de tudo, parei de estudar por um tempo, entrei na vida errada” / “queria ganhar um dinheiro fácil, tinha um serviço pra mim, mas dinheiro sujo não vale a pena”*.

Figura 51 – Escrita caderno atividades.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora – Caderno do LOBÃO

A forma como o jovem Lobão caracteriza as atividades relacionadas a criminalidade, revela os processos de constituição identitária por qual passou na infância e nos primeiros anos da adolescência, em que contou diretamente com o papel ativo de sua avó, pois ela desenvolveu um papel importante transmitindo seus valores e suas convicções morais e, a partir delas, Lobão percebe a si e o mundo de forma ativa, em uma dinâmica que ao mesmo tempo que produz é produzido pelas relações sociais nas quais está inserido (DAYRELL, 2002). Lembrando que esse processo é constante, sem interrupções, o fato de a avó de Lobão ter falecido, abriu espaços para novas convivências, que lhe trouxe até mesmo uma nova denominação, pois seu apelido advém de um momento em que estava fazendo uso de substâncias psicoativas.

Por isso, o que era vida errada e dinheiro sujo, tornou-se uma realidade em sua vida com as novas relações estabelecidas. Contudo, a partir do momento que Lobão se vê privado de liberdade, recorre-se aos valores recebidos de sua avó, aquela que é a sua maior referência de cuidado e amor, pois, [...] “trata-se de ensinamentos que perduram pela vida inteira das pessoas” (PEREIRA, 2004, p.36-37). Movimento que causou sentimento de culpa e de arrependimento pelas ações realizadas: *“estou pagando pelos meus atos, isso, é fato!”* / *“peço desculpa para família”* / *“mas tou pagando pelo que eu fiz e tou muito arrependido”*.

Desde a primeira oficina que realizamos, Lobão demonstra claramente esses sentimentos e também seu grande sonho que era o grande sonho que a avó tinha para sua vida, que agora era sonho dele também:

Vou falar sobre a minha vontade de ser advogado, como surgiu de onde veio essa vontade. Como havia dito anteriormente sempre morei com a minha avó e desde pequeno eu sempre ouvia minha avó conversando com as amigas dela e ela sempre falava que um dia ela iria me ver sentado numa cadeira de coroa atrás de uma mesa em um escritório, mas infelizmente ela se foi, mas o sonho que ela tinha para minha vida se tornou meu sonho.

Diante disso, Lobão passa a planejar seu retorno à escola:

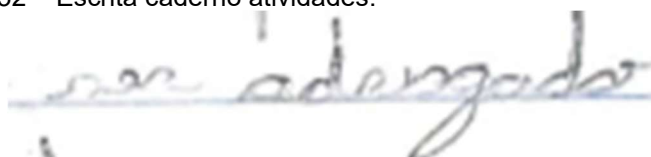
Quando eu sair daqui penso em voltar a ir para escola e um dia realizar meu sonho que é ser advogado, quero muito um dia ser advogado e sei que um dia eu vou conseguir conquistar meu sonho e vou fazer minha família se orgulhar de mim.

Refletimos que a grande contribuição das oficinas para Lobão foi possibilitar o reconhecimento e entendimento acerca de seus direitos e os processos pelos que deveria realizar para chegar ao tão sonhado curso de Direito. Quando o indagamos se ele sabia como fazer para se tornar um advogado ele logo respondeu: *“ainda não sei como faz para ser advogado, mas sei que quero ser”*. Seus olhos brilhavam e seu coração batia mais forte e, o nosso também, em seu caderninho ele registrou feliz:

hoje eu aprendi que nos adolescentes temos direito, de liberdade, educação, saúde, respeito, alimentação, família- Direitos humanos. Direitos de ensino, que tenho direito a receber para estudar e a uma faculdade e agora eu sei que o que as pessoas falam sobre a prova do ENEM ser muito difícil não passa de mentira. [...] E poder buscar meu sonho, ser advogado!

Para Lobão o ENEM era uma prova impossível de ser realizada, que não iria conseguir desenvolver uma boa redação. Essas impressões lhe traziam desânimo, pois via como algo muito distante de sua realidade. Então, quando mostramos que um dos critérios era não zerar na redação e as notas de cortes de algumas faculdades ele ficou muito empolgado, começou logo a esquematizar suas estratégias: *“estudar muito até me formar, focar naquilo que eu quero e vou correr atrás. Minha estratégia vai ser focar, não me distrair e seguir em frente”*. Talvez pelo momento em que estava vivenciando ele havia escolhido a área em que queria atuar: *“quero ser advogado criminalista”*.

Figura 52 – Escrita caderno atividades.

A close-up photograph of a handwritten note in blue ink on lined paper. The text, written in a cursive script, reads "ser advogado". The ink is slightly faded, and the handwriting is fluid and personal.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora – Caderno do LOBÃO

Lobão apresentava uma grande vontade em ajudar sua família, em especial a sua mãe, a presença paterna não aparece em nenhum momento em suas memórias. Demonstrava uma grande preocupação quanto a educação do filho e cuidado em relação a namorada, em suas palavras: *“Ser advogado e pode dar uma melhor condição para minha família” / “Cuidar do meu filho e da minha família” / “sonho em um dia ser advogado, poder dar uma casa para minha mãe.* Em seus relatos e falas expressava também outro grande sonho: *“conhecer os Estados Unidos”*.

O jovem também apresentava uma fé humana que entrelaçava-se na fé religiosa (AMATUZZI, 1999), como podemos notar em suas expressões: *“com fé em Deus vou batalhar e um dia vou chegar lá e vou mostrar pra quem desacreditou que meu sonho é possível, mas queria que minha avó estivesse comigo” / “vou ajudar minha família com fé em Deus um dia eu chego lá”*.

Pelo sofrimento pelo qual passou devido a morte de sua avó, seu maior medo era perder outro ente querido: *“tenho medo de não realizar meu sonho, e perder mais alguém da minha família”*. Por isso, reforçava o cuidado e amor por sua família, tendo-os como seu grande referencial na vida: *“O importante para mim é minha família, meu filho e minha namorada, quando eu mais precisei minha família que estava comigo ali para me ajudar e eu quero um dia pode ajudar minha família, amo muito minha família”/ “fazer minha família feliz”*.

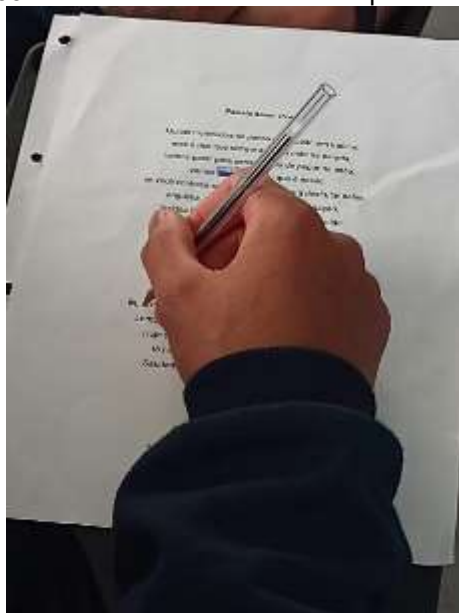
Quanto à comunidade, principalmente seu grupo de amigos, ele se mostra decepcionado, pois, durante a sua internação, só obteve o apoio da família: [...] *“quando eu caí aqui, eu pude ver quem é quem, cadê aqueles que dizia ser da quebrada? Quem está fechado é a família que está sofrendo lá em casa”*.

Tivemos a oportunidade de realizar uma oficina no último dia de internação de Lobão, ele estava muito contente, fez as últimas correções em seu poema, não gostou das correções que havíamos feito, exemplo: tá/ está, ele não aceitou, disse que teve a intenção de escrever ‘tá’, pedimos desculpas e deixamos como ele havia colocada.

A reação de Lobão diante de nossas correções, evidencia a força do Slam, uma escrita com base na vivência. Em seguida, escreveu a última parte de seu Slam, na qual falava de sua expectativa em voltar para casa: *“realmente acho que*

hoje vou voltar pra casa, dia das mães tá aí, e acho que vou passar com a minha coroa em casa, e agora voltar pra quebrada”!

Figura 53 – Processo de reescrita dos poemas.



Fonte: Assessoria de Comunicação Social da Fundação CASA – Foto tirada durante realizações das oficinas.

O jovem Lobão estava muito feliz em voltar para sua casa, seguro e confiante quanto às metas estabelecidas para sua vida, havia organizado suas ideias, tinha mais entendimento sobre si e dos contextos para os quais retornaria. Esse entendimento abriu espaços para construção de novos personagens, o estudante, o universitário, o advogado! Lobão, iria continuar vivendo, não em um ato de alucinação, mas de potência, de um sujeito consciente de seu lugar no mundo e para o mundo, uivos que atingirão novos fragmentos de emancipação.

8.1.7. **Quemelos de Favela** — **MANO PORCO**

Nosso Mano Porco, um menino muito esperto e interessado, cheio de energia e com muita sede de conhecimento e de atenção, estava sempre muito atento a tudo e a todos. Por conta da idade (13 anos), não podia realizar algumas

oficinas disponibilizadas pelo Centro, porque eram destinadas para os adolescentes com mais idade. Isso o deixava bem triste, ele sempre desabafava com a gente sobre isso, principalmente com a pesquisadora auxiliar, com quem tinha grande afinidade.

O jovem participava de todas as atividades propostas nas oficinas com bastante entusiasmo, com destaque para os jogos teatrais, dinâmicas envolvendo bola, música e pintura. Amava o tempo com o caderninho, no qual, colocava suas letras de músicas, frases preferidas, escrevia muito sobre sua história de vida e perguntava coisas relacionadas a cursos e oportunidades de trabalho em sua cidade

A pesquisadora auxiliar realizava buscas de cursos e universidades e registrava em seu caderninho. Sempre que abria o caderno ele procurava pelas respostas. Sua grande dificuldade na internação era o fato de não receber visitas, como as oficinas eram sempre às sextas-feiras, véspera de visita, ele já ficava triste, pois sabia que não receberia. Por conta da indisciplina durante as aulas regulares, não iria sair na data prevista, ele ficou muito mal, não conseguiu desenvolver a oficina sobre identidade nesse dia, mas se propôs a fazer uma outra atividade, na qual, expressou seu sentimento no dia.

Nos registros sobre sua memória, o jovem relata que quando tinha 3 meses de idade sua mãe perdeu a sua guarda e a de seus irmãos, como seu pai bebia muito e era violento eles foram parar em um abrigo, sua avó lutou na justiça pela guarda deles e conseguiu, o que resultou em uma fase muito boa, pois foram morar em São Paulo, como seus avós tinham uma boa condição financeira, eles não passavam dificuldades.

Contudo, quando ele tinha 07 anos de idade, ele foi morar com a sua mãe novamente e voltou, segundo ele, para a vida antiga, porque a mãe continuava usando drogas e o pai continuava bebendo. Quando Mano Parco completou 10 anos, ele pegou uma bituca de cigarro de maconha que estava no chão da casa dele e levou a boca, foi quando ele olhou para sua mãe e ela fez uma expressão facial como se estivesse aprovando aquela ação. A partir de então, começou a fumar e logo deu início aos atos infracionais. Ação que culminou em sua internação.

Mano Porco aponta sua família (mãe e pai), como as coisas mais importantes de sua vida, pelo fato de ter o sangue deles. Ele afirma ter uma boa relação com a comunidade, gostava muito de dinheiro, de cuidar da irmã e de estar com as pessoas que lhe fazem bem.

Seu grande sonho desde as primeiras oficinas é o de cursar veterinária, pois gosta muito de cuidar de animais. Para atingir esse sonho, pretende continuar com os estudos e conseguir um emprego como menor aprendiz. Dessa forma, vai ajudar a sua mãe a ter uma melhor condição de vida. Mano Porco tem medo de decepcionar a família, de não conseguir realizar seus sonhos e de não ser feliz.

Tabela 23 Pré indicadores e Indicadores do MANO PORCO.

FONTE	PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
P	que o mundo lá fora é ruim de encarar,	VIVÊNCIAS MARCADAS PELO PRECONCEITO, RACISMO, EXCLUSÃO E DESIGUALDADES
P	mas os políticos não vão nos ajudar,	
P	só querem nos julgar,	
P	não pensam duas vezes para nos humilhar,	
P	além deles nos julgar e nos humilhar,	
P	contra os governantes que só querem nos prejudicar,	
P	Eles podiam ajudar, e a polícia não para de matar!	
P	os negros da favela.	
P	ajudar nada, só vem para humilhar,	
P	a molecada da quebrada,	
P	mas para eles eu vou mostrar,	OLHARES SOBRE O FUTURO - CONSTRUÇÃO EVIDENTE
P	mas para minha mãe uma casa eu quero dar,	
P	eu vou mostrar que meu sonho eu vou buscar!	
P	Tudo que eu quero, vou conquistar!	
P	Mas agora eu não posso pensar,	
P	em ir pra escola só pra bagunçar,	
P	mas essa história tem que mudar, pras crianças se espelhar,	
P	nas pessoas que essa história conseguiram mudar,	
P	e, eu também vou me espelhar,	
P	em trabalhadores, ou, em poetas.	
A	A: Eu quero fazer curso de Zoonoses.	
A	A: Quero ser veterinário que resgata animal na rua, porque eu morava na roça, tinha muitos animais.	
CS	Primeiro quero ser cabeleireiro para conseguir dinheiro, poder terminar o Ensino Médio e depois fazer faculdade de veterinária.	

Q	Gostaria de aprender a cuidar de animais. Trabalhar Jovem aprendiz	
Q	Ser veterinário e dar uma vida melhor para minha mãe.	
C	Aí “Mano Porco” como foi a vida até aí? Valeu a pena todo o sufoco.	
C	Aí eu com 10 anos já me envolvi e foi junto com a minha família, meu irmão estava fumando uma maconha, aí ele jogou um pito no chão, aí eu já sabia o que era, mas eu olhei para minha mãe e ela olhou com uma cara tipo pega e fuma, aí eu fui lá e fumei, aí foi a primeira vez que eu fumei.	RELAÇÃO FAMILIAR: (DES)AMPARO x CRIMINALIDADE
C	mas agora nem sei como eu vou fala para minha mãe e o que mais espero que estejam alimentando em casa e consiga se tranquilizar em casa.	
C	Eu nasci em 2008, dia 3 do mês 3. Aí quando fiz uns 2 anos minha mãe perdeu a minha guarda e dos meus irmãos por causa de uso de drogas e meu pai bebe muito e bate na minha mãe e bate muito, aí eu e meu irmão fomos para o abrigo, aí a minha avó lutou muito na justiça e conseguiu aí nos fomos para São Paulo que ela morava lá e ela era bem de vida , é enfermeira e meu avó era segurança de aeroporto. Mas aí ela fez foi o melhor que teve, porque aí eu sempre tive de tudo . Mas a hora que eu voltei para minha cidade eu tinha uns 7 anos. Aí continuou a vida antiga , de minha mãe usa droga e meu pai bebe.	
C	A minha mãe vai ficar muito triste comigo agora eu vou ficar mais 3 meses sem ver a minha mãe, sem ver a minha irmã	
Q	As coisa mais importante pra mim é Minha mãe e minha família, minha saúde, minha casa e meu pai. Porque eu amo eles muito e são minha família, meu sangue	
DC	As coisas mais importantes para mim é minha família e minha saúde, por que é tudo que eu tenho	
DC	Gosto da minha mãe porque ela me ama muito.	
A	Não concordo em ter que ficar mais três meses aqui, muita injustiça.	MEDIDA SOCIOEDUCATIVA X (IN)JUSTIÇA
A	A: entrei com 13, fiz 14 aqui na Fundação.	PRESENTE NO PASSADO, PERCEPÇÕES SOBRE O "EU"
A	A: Eu tenho facilidade em mentir.	
C	Gosto de matemática e de cuidar dos animais	
Q	Gosto de dinheiro, ficar com a minha mãe e cuidar da minha irmã.	
DC	eu já fiz curso de cabeleireiro, eu já sei cortar cabelo	
C	eu tornei muito pensativo e espero logo mais pegar minha conclusão, mas Deus tá comigo e não vai me abandonar.	CRENÇA x (IM)MOBILIZAÇÃO

C	mais logo eu vou voltar para minha casa tô com Deus e passo todos os obstáculos que vem.	
C	mais eu vou me ajudar. Agora 11 de Junho eu vou embora, mas seja que Deus quiser. Amém.	
C	Não está sendo fácil, mais até Jesus choro	
CS	Ter fé em Deus	
DC	DC: Hoje eu não tô bem , quero ir embora, não aguento mais esse lugar.	PERCEPÇÕES DO ADOLESCENTE ACERCA DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO-PUNIÇÃO E CASTIGO
C	C: Tô decepcionado, triste, raivoso, mó magoado.	
P	Mas na escola eu não gostava de estudar,	AUTOCULPABILIZAÇÃO PELO ATO INFRACIONAL
P	E só sabia bagunçar,	
P	Porque agora meus estudos eu vou ter que usar,	
C	Agora eu vou falar da minha profissão que o governo tem que me fornecer , então, mas tem o ECA que pode ajudar com educação da minha família , mas eu vou lutar pra minha família os direitos chega , a minha quebrada é mais tranquila, que mais pra frente todos ajudem suas família.	ENTENDIMENTOS DO ADOLESCENTE ACERCA DOS DIREITOS PREVISTOS NO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
P	que pelos meus direitos eu não vou parar de lutar,	
Legenda		
A	AUDIO - GRAVAÇÃO	
C	CADERNO	
CS	CLASSIFICAÇÃO DOS SONHOS	
DC	DIÁRIO DE CAMPO	
HQ	HISTÓRIA EM QUADRINHOS	
P	POEMA SLAM	
Q	QUESTIONÁRIOS	
US	URNA SENTIMENTOS	

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Tabela 24 Núcleo de significação do MANO PORCO

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
ENTENDIMENTO DO ADOLESCENTE ACERCA DOS DIREITOS PREVISTOS NO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE	APRENDIZAGEM - ADOLESCENTE: SUJEITO DE DIREITOS
CRENÇA x (IM)MOBILIZAÇÃO	SUBTERFÚGIO, CONFORTO DIANTE DOS ENQUADRAMENTOS SOCIOECONÔMICOS
PRESENTE NO PASSADO, PERCEPÇÕES SOBRE O "EU"	CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA- FRATURAS E ENFRENTAMENTOS
VIVÊNCIAS MARCADAS PELO PRECONCEITO, RACISMO, EXCLUSÃO E DESIGUALDADES	
RELAÇÃO FAMILIAR: (DES)AMPARO x CRIMINALIDADE	AMOR X DEPENDÊNCIA MATERNA - ALIENAÇÃO PARENTAL
MEDIDA SOCIOEDUCATIVA X (IN)JUSTIÇA	RECONHECIMENTO ACERCA DAS FRAGILIDADES DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA
OLHARES SOBRE O FUTURO - CONSTRUÇÃO EVIDENTE	FUTURO: POSSIBILIDADES E MOBILIZAÇÕES -O PRESENTE FUNDANTE

PERCEPÇÕES DO ADOLESCENTE ACERCA DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO- PUNIÇÃO E CASTIGO	MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO: (IN)JUSTIÇA X (DES) APROVAÇÃO
AUTOCULPABILIZAÇÃO PELO ATO INFRACIONAL	

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Nas primeiras oficinas Mano Porco apresentava uma expressão mais fechada, mas não deixava de participar, logo nos contou que gostava de poesia, mas que nunca havia escrito poemas e já ficou bastante empolgado. Com o decorrer das oficinas foi nos revelando sua existência, rapidamente percebemos que embora com pouca idade: *“entrei com 13, fiz 14 aqui na Fundação”*, já havia vivenciado e ainda estava vivenciando experiências que lhe colocava diante de desamparo, violências, negligências e de mutilações de direitos.

Essas vivências geravam grandes contradições em seus processos de subjetivação, movimentos que são constituídos dialeticamente entre sujeito e sociedade, o que Camargo (2022), caracteriza como sendo um processo vivo e relacional. Nas primeiras páginas de seu caderno, Mano Porco revela as primeiras memórias de sua história de vida:

Eu nasci em 2008, dia 3 do mês 3. Aí quando fiz uns 2 anos minha mãe perdeu a minha guarda e dos meus irmãos por causa de uso de drogas e meu pai bebe muito e bate na minha mãe e bate muito, aí eu e meu irmão fomos para o abrigo, aí a minha avó lutou muito na justiça e conseguiu aí nos fomos para São Paulo que ela morava lá e ela era bem de vida, é enfermeira e meu avó era segurança de aeroporto. Mas aí ela fez foi o melhor que teve, porque aí eu sempre tive de tudo. Mas a hora que eu voltei para minha cidade eu tinha uns 7 anos. Aí continuou a vida antiga, de minha mãe usa droga e meu pai bebe.

Mano Porco pelas tintas de sua caneta, derramava em seu caderninho memórias que nos fazem refletir sobre a fragilidade da instituição família na contemporaneidade, principalmente com as novas faces do neoliberalismo afetando principalmente as marginalizadas pelo capital, que vivenciam uma verdadeira batalha pela sobrevivência, somando-se ainda a não menos cruel, dependência química. Nessa família especificamente, o álcool e a droga explicitam uma realidade que nos mostra que seja lícita ou ilícita essas substâncias são totalmente nocivas, provocando sérios danos físicos e psicológicos em todos os membros da família.

Trata-se de um drástico problema social que resulta em sérias consequências aos sujeitos. Mano Porco percorreu por essas consequências em sua trajetória de vida, as vivências pelas quais passou esse adolescente são bastante delicadas, acolhimento em abrigo, uma sensação de proteção na casa dos avós, o trágico retorno para casa de seus pais dependentes químicos, com o agravante do pai ser violento, o que evidencia que a mãe vivia uma condição de assujeitamento (NARVAZ, KOLLER, 2004). Esse processo é denominado por Mano Porco como retorno à vida antiga, só que agora com um complicador, ele também começa a fazer uso de substâncias psicoativas:

Aí eu com 10 anos já me envolvi e foi junto com a minha família, meu irmão estava fumando uma maconha, aí ele jogou um pito no chão, aí eu já sabia o que era, mas eu olhei para minha mãe e ela olhou com uma cara tipo pega e fuma, aí eu fui lá e fumei, aí foi a primeira vez que eu fumei.

Mano Porco faz questão de dar ênfase que seu envolvimento não foi em um ato isolado, mas sim, juntamente com a sua família, em um momento que ele também quis fazer parte, ser visto e, do olhar da mãe, o consentimento, a aprovação e o reconhecimento. A partir de então, ele passaria a assumir outros papéis em família.

Estudos realizados por Nurco e Lerner (1996), nos mostram que dentre os fatores de risco que levam os adolescentes ao consumo e ao comércio de drogas, os fatores familiares também se mostram presentes. Na pesquisa desenvolvida por Galdeano e Almeida (2018), fica evidente que pais e filhos participam ativamente do comércio de drogas, sendo um meio para sobrevivência da família.

Mesmo vivendo em uma situação de violência e precariedade em casa, o que é explicitado claramente, o jovem tem forte apego pela família, tendo-a como a coisa mais importante da sua vida: *“as coisa mais importante pra mim é Minha mãe e minha família, minha saúde, minha casa e meu pai. Porque eu amo eles muito e são minha família, meu sangue”*. Em outro espaço salienta novamente: *“As coisas mais importantes para mim é minha família e minha saúde, porque é tudo que eu tenho”*. Quando apontou as coisas que mais gostava de fazer, listou: *“gosto de dinheiro, ficar com a minha mãe e cuidar da minha irmã”*. A mãe, a saúde e a irmã eram sempre mencionadas.

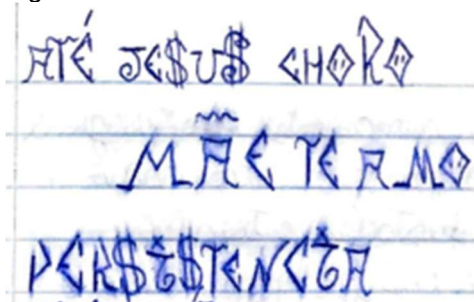
O amor pela família é justificado pelos laços sanguíneos, ou então, são a única coisa que eu tenho na vida, em especial no caso de sua mãe ele afirmava: *“gosto da minha mãe porque ela me ama muito”*, contudo, não nos deixa claro, a demonstração desse amor.

Para um adolescente que já passou por um abrigo, em que se viu em meio a desconhecidos, sem constituição de vínculos, o que pode ter gerado traumas. Diante disso, Mano Porco se apega ainda mais a sua família, não pelo cuidado e proteção, mas por ser a única experiência menos dolorosa que ele teve na vida, visto que, não relatou as razões pelas quais deixou a casa dos avós, nos registros aponta ter sido um período de conforto financeiro, não de amor.

Quando Mano Porco recebeu a notícia que por conta de seu comportamento não iria sair na data prevista e que deveria ficar mais três meses em internação, entrou em desespero, afirmava estar com saudade da mãe e da irmã, pois como sua casa era muito longe, não recebia visita, mas em suas falas expressava um certo “medo” da reação de sua mãe quando soubesse que ele teria que ficar por mais tempo internado: *“mas agora nem sei como eu vou fala para minha mãe e o que mais espero que estejam alimentando em casa e consiga se tranquilizar em casa”/ “a minha mãe vai ficar muito triste comigo agora eu vou ficar mais 3 meses sem ver a minha mãe, sem ver a minha irmã”*.

Essas Palavras, expressam sentimentos de desespero e preocupação. Mano Porco temia a falta de alimento em casa, dando-nos a entender que ele seria a fonte de renda da família. Por isso o atraso de sua saída não iria ser bem recebido pela sua mãe. Questões que envolvem família (mãe) vs responsabilidade econômica/ dependência emocional

Figura 54 – Desenho caderno atividades.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora – Caderno do MANO PORCO

Muitas crianças e adolescentes encontram-se em condições de vulnerabilidades e expostas a fatores de risco, mesmo estando em fase peculiar de desenvolvimento de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, estão expostos há diversas formas de violações de direitos, contextos em que são explorados até mesmo pela própria família, trabalhando na informalidade (SIERRA, MESQUITA, 2006).

Deve-se levar em conta também, que em muitos casos em que envolve dependência psicoativas pelos pais, as medidas protetivas por parte do estado devem ser redobradas, via Conselho Tutelar e outros centros de assistências, a fim de amenizar as drásticas consequências para essas respectivas famílias, principalmente para os filhos e filhas que se encontram em um momento importantíssimos para a constituição do ser, em contextos e em condições desfavoráveis ao pleno desenvolvimento humano.

Durante as oficinas, Mano Porco foi se desenvolvendo bastante, conseguindo construir conceitos potentes para o desenvolvimento de uma consciência histórica, política e social. As oficinas de identidade e dos direitos foram determinantes para esses processos, nas quais o jovem pode refletir mais sobre si e o mundo, principalmente no que tange às questões de direitos humanos.

No dia em que recebeu seu relatório ele não concordou: *“não concordo em ter que ficar mais três meses aqui, muita injustiça”*. Ele não argumentava dentro do certo e errado, mas dentro de um senso de justiça e foi avançando nessas questões, movimentos que envolviam também suas emoções, até para conseguir argumentar de forma mais clara, sem choro e agressividade nas palavras.

Foi percebendo que dessa forma conseguiria expressar suas ideias e ser ouvido, mas não era um processo fácil, na urna ele relatou os seguintes sentimentos: *“tô decepcionado, triste, raivoso, mó magoado”*, mas já conseguia ter um controle maior de suas emoções e refletir sobre elas, o que ele denominava de pensativo: *“eu tornei muito pensativo e espero logo mais pegar minha conclusão.”* A ação de escrever e falar sobre o que estava sentindo foi fundamental para esse processo, uma verdadeira metralhadora de palavras, que não é nociva, não gera violência, mas sim, potencializa o humano de cada ser.

Desde as primeiras oficinas, Mano Porco já manifestava o que gostava de fazer, o que o deixava feliz: *“Gosto de matemática e de cuidar dos animais”*. Até que expressou seu desejo em avançar seus conhecimentos em relação aos animais: *“gostaria de aprender a cuidar de animais”*. Foi então que já estava decidido: *“quero ser veterinário!”*, apontando as razões da escolha: *“quero ser veterinário que resgata animal na rua, porque eu morava na roça, tinha muitos animais”*.

Para isso, foi resignificando sua relação com a escola, inicialmente trazendo a responsabilidade para si do fracasso escolar: *“mas na escola eu não gostava de estudar, e só sabia bagunçar”*, depois refletia sobre a importância dos estudos para conseguir lutar contra as injustiças e opressões: *“porque agora meus estudos eu vou ter que usar, contra os governantes que só querem nos prejudicar”*.

A luta não seria por meio da violência, mas pelo conhecimento, por isso, foi estabelecendo suas metas para atingir seus objetivos: *“primeiro quero ser cabeleireiro para conseguir dinheiro, poder terminar o Ensino Médio e depois fazer faculdade de veterinária”*. Como já conhecemos um pouco sua história de vida, sabemos que dificilmente ele vai conseguir fazer faculdade sem trabalhar, pois tinha responsabilidades financeiras com a sua família, então o curso de cabeleireiro era um caminho viável para chegar a seu objetivo maior.

Mano Porco, até afirmava que já sabia cortar cabelo: *“eu já fiz curso de cabeleireiro, eu já sei cortar cabelo”*. Ele ainda apontava a possibilidade de ser um jovem aprendiz, fazer um curso de Zoonoses, várias estratégias foram vindo à mente para atingir suas metas, ele estava empolgado. Em seu poema ele expressou bastante seu reconhecimento como um sujeito de direitos:

Agora eu vou falar da minha profissão que o governo tem que me fornecer, então, mas tem o ECA que pode ajudar com educação da minha família, mas eu vou lutar pra minha família os direitos chega, a minha quebrada é mais tranquila, que mais pra frente todos ajudem suas família.

Emocionante ler suas palavras de esperança, de acreditar que finalmente os direitos iriam chegar em sua casa, na sua família e para outras famílias de sua comunidade, pois atualmente os adolescentes estão privados até mesmo da

esperança (DAYRELL, 2002), devolver a eles esse direito é fundamental para que possam mobilizar suas ações por dias melhores.

Mano Porco estava decidido: *“pelos meus direitos eu não vou parar de lutar”*, ele sabia que não se tratava de uma tarefa fácil, que envolvia processos históricos de desigualdades e opressões, uma realidade que ele teria que enfrentar quando deixasse a internação: *“o mundo lá fora é ruim de encarar”*.

Mano Porco tinha consciência também que não poderia contar com as lideranças governamentais, visto estarem tão distantes de suas realidades e quando se faziam presentes era por meio de ações violentas e humilhantes: *“os políticos não vão nos ajudar, só querem nos julgar, não pensam duas vezes para nos humilhar, os negros da favela, ajudar nada, só vem para humilhar, a molecada da quebrada”*.

O jovem enfatiza ainda, a violência policial: *“eles podiam ajudar, e a polícia não para de matar”!* Palavras que expressam a realidade em que vivem grande parte de nossos adolescentes e jovens no Brasil contemporâneo, que denuncia um país que ainda é corroído por uma elite branca, preconceituosa e patriarcal.

Mas isso não intimidava nosso Mano Porco, pois ele estava munido de palavras: *“mas para eles eu vou mostrar, que meu sonho eu vou buscar”!* *“Para minha mãe uma casa eu quero dar”*. No fechamento de seu poema ele ressalta: *“mas eu vou me inspirar nas pessoas que essa história conseguiu mudar e eu também vou me espelhar, em trabalhadores, ou, em poetas”*.

A busca por referenciais, por inspirações de pessoas que de alguma forma fizeram a diferença nesse mundo, falamos tanto de Conceição Evaristo, de Sérgio Vaz, Lucas Afonso, Luz Ribeiro, Midria e tantas outras potências que com suas metralhadoras letrais atingem em cheio o coração das juventudes, em sua última frase no caderno, nos deixa uma marca de esperança: *“Ai “Mano Porco” como foi a vida até aí? Valeu a pena todo o sufoco”*.

Por trás de um singelo sorriso Montezino escondia um olhar triste e um semblante de preocupação, não era muito de falar em grupo, mas quando sentávamos ao seu lado expressava suas inquietações, sendo a principal delas a de não poder ajudar a sua família durante o período que estava privado de liberdade. O jovem tinha a preocupação de seus familiares estarem passando por necessidades financeiras, principalmente porque sua mãe estava em uma gestação gemelar. A saudade também o consumia, uma vez que não recebia visitas.

Montezino desenvolvia todas as atividades propostas, gostava muito de escrever em seu caderno, seus registros eram longos e fortes, nos quais ele expressava sua indignação diante de tantas injustiças vivenciadas. Na oficina sobre os direitos das crianças e dos adolescentes, ele demonstrou grande interesse, afirmando que seria um aprendizado que levaria para vida.

O jovem sonhava em conseguir terminar seus estudos. Ele ainda não tinha certeza quanto à possibilidade profissional, pois apresentava dificuldades em se imaginar no futuro e, principalmente, porque sua prioridade era ajudar financeiramente sua mãe. Por isso, via poucas possibilidades no âmbito da lei, conversamos e mostramos alternativas, mas sabemos o quão cruel e perverso é o sistema capitalista em que vivemos.

Tabela 25 Pré indicadores e Indicadores do MONTEZINO

FONTE	PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
P	Aí, só porque nois tem a pele escura,	VIVÊNCIAS MARCADAS PELO PRECONCEITO, RACISMO, EXCLUSÃO E DESIGUALDADES
P	A população não pode ver um moreno tatuado,	
P	Aí, não tive a oportunidade,	
P	não tive a oportunidade,	
P	que muitos tiveram,	
P	Que a gente ia tudo morrer matado,	
P	mas eu cansei, e aqui aprendi,	ENTENDIMENTOS DO ADOLESCENTE ACERCA DOS DIREITOS PREVISTOS NO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
P	que eu tenho direito	
C	Eu tava na luta por revolta, porque não sabia os direitos dos humanos. Agora tô privado, longe dos meus irmão e da minha família. Então não tô mais na emoção, agora levo na mente os direitos, então já já canta.	
P	e também respeito.	

C	Eu lembro de quando eu era pivete , quando empinava pipa, era vários livramentos, de sai correndo e quase ser atropelado kkk . E hoje já vejo tudo diferente, creci sem pai, mais minha mãe foi pai e mãe pra mim, ela e minha vó.	PRESENTE NO PASSADO, PERCEPÇÕES SOBRE O "EU"
A	Minha vida tá intensa igual o mar	
A	eu tenho facilidade em beijar e em matemática.	
A	Se eu tinha outra opção na minha vida não me apresentaram . Eu estava precisando de dinheiro , né?	
A	Não é certo, é uma escolha nè? Não é fácil, né?	
Q	Gosto de estar junto com a minha família , de almoçar com eles	
CS	No futuro quero estar me formando, ser empresário e ter uma casa.	PERCEPÇÕES DE FUTURO - (RE) DIRECIONAMENTOS E (IN) DETERMINAÇÕES
A	A: Quero ser empresário , vou abrir uma adegada.	
A	A: Eu não sei não senhora, vou falar a verdade pro cê, vou vender droga , eu queria tentar estudar também, mas o caminho que tem, porque não é fácil, né? Preciso de dinheiro, tenho que cuidar da minha família.	
Q	Quero ser formado e dar uma casa para minha mãe.	
US	Meu sentimento do dia é de preocupação porque estou preso e não posso ajuda minha mãe.	SOBREVIVÊNCIA x CRIMINALIDADE / INTERNAÇÃO
DC	Queria ter uma casa aí fui para o caminho errado. E minha mãe chora.	
DC	Minha mãe tá gestante de gêmeos , não tá trabalhando, tô com medo de tá faltando as coisas em casa.	
DC	Quando eu saí, vou ter que voltar pro crime, não vai ter outro jeito.	
P	Já até falaram para minha coroa,	A FAMÍLIA COMO MOBILIZADORA E O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO A COMUNIDADE
C	Hoje só penso em dar o melhor para elas e para os meus irmãos . Mais tá tranquilo, um dia vai dar tudo certo.	
Q	a coisa mais importante para mim é minha família , porque eles são os únicos	
Q	que realmente se importam comigo, demostram carinho por mim.	
P	Mas o joelho dela já tá até calejado,	
Legenda		
A	AUDIO – GRAVAÇÃO	
C	CADERNO	
CS	CLASSIFICAÇÃO DOS SONHOS	
DC	DIÁRIO DE CAMPO	
HQ	HISTÓRIA EM QUADRINHOS	
P	POEMA SLAM	

Q	QUESTIONÁRIOS
US	URNA SENTIMENTOS

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Tabela 26 Núcleo de significação do MONTEZINO

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
ENTENDIMENTOS DO ADOLESCENTE ACERCA DOS DIREITOS PREVISTOS NO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE	APRENDIZAGEM - ADOLESCENTE: SUJEITO DE DIREITOS
SOBREVIVÊNCIA x CRIMINALIDADE / INTERNAÇÃO	ATO INFRACIONAL, MEIO PARA SUPRIR NECESSIDADE FAMILIAR
PERCEPÇÕES DE FUTURO - (RE) DIRECIONAMENTOS E (IN) DETERMINAÇÕES	BLOQUEIOS - ENTRE PERMANÊNCIAS E RUPTURAS
VIVÊNCIAS MARCADAS PELO PRECONCEITO, RACISMO, EXCLUSÃO E DESIGUALDADES	CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA-FRATURAS E ENFRENTAMENTOS
PRESENTE NO PASSADO, PERCEPÇÕES SOBRE O "EU"	
A FAMÍLIA COMO MOBILIZADORA E O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO A COMUNIDADE	

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Logo nas primeiras oficinas, memórias cheias de lágrimas e de sofrimento começam a ganhar contornos gráficos nas linhas do caderninho de Montezino. A partir de então, começamos a entender as razões de seu olhar triste, das inquietações e dos raros sorrisos. Nas primeiras lembranças ele nos revela: *“cresci sem pai, mais minha mãe foi pai e mãe pra mim, ela e minha vó”!* Com isso, Mostramos seu desapontamento pela ausência da figura paterna no desenrolar de sua existência.

Nesse sentido, destaca-se nestes contextos a estrutura familiar monoparental, na qual há somente a presença de um dos genitores como autoridade do núcleo familiar. Santana (2011), explicita em seus estudos que nos últimos anos, a família monoparental ganhou intensidade e visibilidade. Por isso, a Constituição Federal em seu artigo 226, reconhece essa composição familiar.

De modo recorrente, nas famílias dos adolescentes autores de ato infracional, destaca-se a família matrifocal, em que a mãe assume as responsabilidades da família, sendo o centro das relações de amor e cuidado, a quem se quer retribuir todo esforço.

Contudo, a mãe responsável pela família monoparental, desdobra-se entre pesadas jornadas de trabalho (subempregos), o cuidado com a casa e com educação dos filhos (BRITO, 2008). Porém, com o reduzido salário, somando-se às questões de desigualdades sociais e de gênero, estas mães não conseguem garantir o sustento e a dignidade para suas famílias.

Pois, mesmo garantida por lei, a composição monoparental dificilmente tem sido protegida pelas políticas governamentais. Por isso, esses núcleos familiares encontram-se sem o mínimo respaldo de garantia de dignidade (OLIVEIRA, 2001). Sobre isso, Freitas nos coloca:

As famílias pobres são marcadas por uma grande instabilidade ocasionada por separações, morte, dificuldades econômicas e pela inexistência de instituições públicas que substituam eficazmente as suas funções (especialmente em termos protecionistas); dessa forma, as crianças tornam-se responsáveis de toda a rede de solidariedade em que a família está envolvida [...] A coletivização seja na troca de favores ou nos cuidados com as crianças (bem como os velhos ou doentes) faz parte das estratégias de sobrevivência elaboradas para essa população (FREITAS apud ADORNO, 2002, p.93-94).

Dessa forma, as dificuldades econômicas e as precárias condições de vida, fazem com que a organização familiar passe a contar com distintos personagens para o auxílio financeiro e cuidado da prole, espaços que os avós ocupam de modo privilegiado (SILVA, 2012).

Montezino estabelece simbolicamente as diferenças de papéis entre pai e mãe, possivelmente por conta da convivência com outras famílias que sigam o denominado modelo nuclear (GALDEANO; ALMEIDA, 2018). Diante disso, transfere os dois papéis para a mãe, visto que, é ela a responsável pelo cuidado com os filhos e pelos recursos financeiros que garantem o sustento da família.

Sua avó também aparece como grande referência, uma instância da moral (DAYRELL, 2002), estruturada no receber e retribuir: *“hoje só penso em dar o melhor para elas e para os meus irmãos. Mais tá tranquilo, um dia vai dar tudo certo”*.

Montezino foi crescendo e percebendo as dificuldades enfrentadas pela mãe para conseguir proporcionar o básico para a sobrevivência dos filhos. Por isso, decidiu ajudá-la: *“queria ter uma casa aí fui para o caminho errado. E minha mãe*

chora". Ele deixa evidente o sofrimento de sua mãe em vê-lo entrando na criminalidade, mas em sua percepção não tinha outra escolha: *"Se eu tinha outra opção na minha vida, não me apresentaram. Eu estava precisando de dinheiro, né? Não é certo, é uma escolha nè? Não é fácil, né?"*.

Na contradição entre não ter tido outra opção é o ter sido uma escolha, ele sofre por estar fazendo o que dentro de suas construções morais, não é o certo, ao mesmo tempo que traz alívio financeiro para a família. Porém, encontra-se privado de liberdade, sem ter atingido seu sonho de comprar uma casa para sua mãe, de não poder momentaneamente ajudar financeiramente em casa: *"Meu sentimento do dia é de preocupação porque estou preso e não posso ajudar minha mãe"*.

Montezino estava ainda mais angustiado porque sua mãe estava em uma gestação gemelar (duas meninas), por isso estava impossibilitada de trabalhar, o que agravava a condição financeira da família: *"Minha mãe tá gestante de gêmeos, não tá trabalhando, tô com medo de tá faltando as coisas em casa"*. Sua angústia só aumentava, não recebia visitas e ficava semanas sem notícias.

Em seu poema, escancara sua tristeza em ver a dor de sua mãe: *"até falaram para minha coroa que a gente ia tudo morrer matado, mas o joelho dela já tá até calejado, pedindo a Deus para proteger a mim e meus irmão"*. Vale ressaltar que durante o período de escrita da presente dissertação, o irmão de Montezino foi assassinado com um tiro à queima-roupa pelos policiais.

A questão da morte precoce dos jovens que se envolvem com o comércio de drogas, está muito presente entre eles, o que infelizmente não é algo do imaginário popular, mas algo que faz parte da realidade deles, principalmente os negros e pardos, em suas palavras: *"aí, só porque nois tem a pele escura as PMs já fala merda, a população não pode ver um moreno tatuado"*.

Montezino nos revela uma vivência marcada pelo preconceito, pelo racismo estrutural, que não está somente no meio policial, mas esta impregnado em todos os setores e estratos sociais, um racismo que mata, que extermina a população negra em nosso país.

De acordo com dados divulgados pelo Atlas da Violência de 2021 (IPEA, 2021), em 2019, os negros (soma dos pretos e pardos da classificação do IBGE)

representam 77% das vítimas de homicídio, contando com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 29,2. Comparativamente, entre os não negros (soma dos amarelos, brancos e indígenas) a taxa foi de 11, 2 para cada 100 mil, **o que significa que a chance de um negro ser assassinado é de 2,6 vezes superior àquela de uma não negra**. No último ano, a taxa de violência letal contra pessoas negras foi de 162,0% maior que entre não negros.

Números que não podem ser naturalizados e nem amenizados, trata-se de vidas, de sonhos que não atingem a concretude. É muito fácil falar em escolhas, em meritocracia, quando não se vive a realidade desses adolescentes, não é uma questão de vontade individual, mas de toda uma estrutura feita para matar e excluir essa população o que é sentido claramente por Montezino: *“aí, não tive a oportunidade, não tive a oportunidade que muitos tiveram”*.

Em relação às oficinas de identidade e de direitos ele participou de forma bastante positiva, se sentiu provocado em muitas ocasiões, se auto representou em alto mar e justificou; *“minha vida tá intensa igual o mar”*. Em relação aos direitos, registrou em seu caderno:

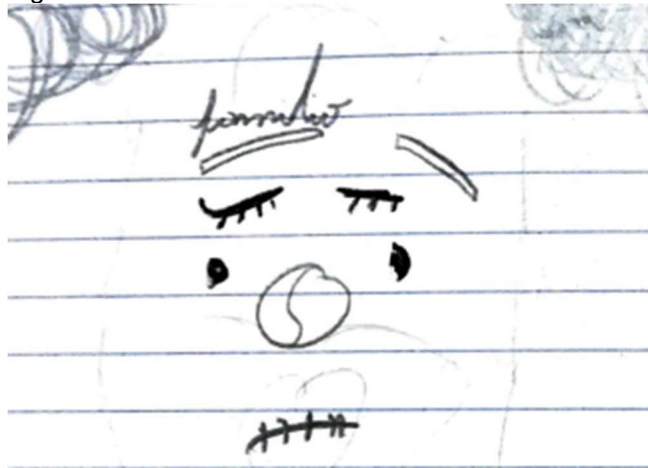
Eu tava na luta por revolta, porque não sabia os direitos dos humanos. Agora tô privado, longe dos meus irmãos e da minha família. Então não tô mais na emoção, agora levo na mente os direitos, então já já canta.

Montezino

O canta em referência a chegada de sua liberdade, em seu poema destacou: *“mas eu cansei, e aqui aprendi, que eu tenho direito e respeito”*. Contudo, em relação às possibilidades e metas para sua vida o adolescente apontava os mesmos desejos que o levou a internação, entre eles a tão sonhada casa e ajudar sua família: *“No futuro quero estar me formando, ser empresário e ter uma casa” / “quero ser formado e dar uma casa para minha mãe”*. Embora falasse em querer voltar para escola, em se formar, não tinha algo que o impulsionasse de fato. Ele falava bastante em ser empresário: *“quero ser empresário, vou abrir uma adega”*. Na verdade, ele estava se referindo em abrir a popular “biqueira”, pontos de venda de drogas. No último dia de sua internação, nos relatou:

Eu não sei não senhora, vou falar a verdade pro cê, vou vender droga, eu queria tentar estudar também, mas o caminho que tem, porque não é fácil, né? Preciso de dinheiro, tenho que cuidar da minha família.

Figura 55 – Desenho caderno atividades.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora – Caderno do MONTEZINO

Montezino se encontra em um momento que denominamos aqui de presente precário, fragilidades econômicas, que implica diretamente na sobrevivência da sua família, o que não lhe permite ter um presente fundante, que provoca a emersão de novos personagens, atingindo processos emancipatórios, sendo lhe negado o direito a juventude (DAYRELL, 2002).

8.1.9. Guerreiros de Favela – 511BNT

Com Pitbull do Funk ocorreu uma conexão à primeira vista com as propostas das oficinas, desde os primeiros minutos na roda de conversa Pitbull mostrou-se empolgado e radiante com as possibilidades de expressão que se abriam à sua frente, carente por espaços de fala e de escuta, se destacou, dando grandes contribuições, mobilizando os demais colegas para a plena participação.

Talentoso nas rimas, nas improvisações, nas composições músicas e com uma voz que envolve o ouvinte. Contudo, era muito intenso, o que dificultava o controle de suas emoções e a convivência em um ambiente de interação. Por conta disso, não participou de algumas oficinas, entretanto, nos momentos em que

estava presente, participava de todos os momentos com muita vontade. O jovem gostava muito de tocar o pandeiro, dos jogos teatrais e de colocar suas opiniões nas rodas de conversa, sobressaindo sua alegria nos momentos músicas, principalmente quando o microfone se fazia presente.

Em seu caderno, aproveitava para escrever as letras das músicas que compunha, visto que não teria outros momentos no Centro para essa ação. Ele sonhava em ser jogador de futebol, mas como se distanciou dos esportes ao se aproximar do crime, passou a desejar ser compositor e cantor. Para isso, pretendia retomar os estudos e arrumar um emprego para conseguir trilhar novos caminhos. Nos processos de fechamento das oficinas demonstrou ter aprendido de forma relevante com as atividades propostas, passando a ter um maior entendimento acerca de si mesmo e da sociedade em que está inserido.

Tabela 27 Pré indicadores e Indicadores do PITBULL

FONTES	PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
P	Aí, eu só queria falar que o coração do pobre tá cansado de lutar,	VIVÊNCIAS MARCADAS PELO PRECONCEITO, RACISMO, EXCLUSÃO E DESIGUALDADES
P	vida abalada, vida sofrida, choro, grito e correria.	
P	Aí, agora eu vou falar por que o povo preto,	
P	tá cansado de choro e de lutar,	
P	e mostrar que nos é preto, mas temos sentimentos,	
P	E sabe que nada vai mudar,	
P	Eles falam que a minha esperança morreu,	
C	pra nós e o beco sempre fica atacado, nós quer soltar a voz	ENTENDIMENTO DO ADOLESCENTE ACERCA DOS DIREITOS PREVISTOS NO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
P	nessas palavras eu queria me expressar,	
C	os meus direitos, eu nem sei não, por isso eu escolhi essa profissão	
P	e ter sua própria casa para morar,	
P	não ter que se humilhar, nem roubar,	
P	mas dar oportunidade pro preto trabalhar.	PRESENTE NO PASSADO, PERCEPÇÕES SOBRE O "EU"
C	Sou diamante da lama	
C	Gosto de jogar bola e soltar pipa:	
Q	O mais importante na minha vida, minha família, minha vida, minha responsabilidade.	

DC	gosto de escrever , mas aqui não tem lugar, né?	
DC	Gosto de escrever letra de música , tem que ter início, meio e fim.	
A	Eu nunca gostei de escola não .	
A	Quando eu pequeno gostava de jogar bola no campão, apertava a campainha e saía correndo então, para escola eu não gostava de ir não , gostava de ver as menina então, lá tinha professor bão e uns chatão, que batia com a régua na mão.	
A	eu tenho facilidade em aprender , jogar bola, rimar, comerciar, namorar, proteger .	
A	É importante Lembrar do passado para rever meus erros .	
C	Desde pivete sonho de moleque era conquistar a famosa Hornet e no pião de robozão.	
A	nois é moleque novo ainda , nois tem muito que aprende	
C	A liberdade não mais sonhada para gastar e curtir com várias mulherada. Kit pesado, dinheiro no bolso	OSTENTAÇÃO x RESIGNIFICAÇÕES
C	Hoje tem baile, encosta fica suave só com as nave e fumo , fico a vontade, só lazer .	
C	ostentação quero isso não , um carrinho, um trabalho, já está bom, porque o crime é ilusão , mas só percebi isso na fundação .	
DC	DC: Trabalho na vida faz por merecer, na atitude , na disposição, sem falar nada faça acontecer[...]	
DC	DC: Te convido para finalizar essa letra na mansão de luxo , sem violência, classe social, sem paciência mundão capital [...]	
DC	DC: festa, mulher, praia e mansão , final do ano tô no litoral, sempre na ostentação[...] eu só quero o que é natural e esse funk é original .	
C	C: Presta atenção desde menor o sonho era em vão, mundo de ilusão , pega visão e hoje se encontra na Fundação, maldade na mente vê se entende , da uma atenção no consciente. Queria entender aquilo que passa lá na TV, fala de ladrão pulando as mansão , mas dos políticos não fala não , aqueles que rouba dentro do senado, rouba o meu povo.	
A	A: Hoje tem baile, vamos encostar, só com as nave, bebe e fumar .	

A	A: o nosso bonde é pesado, e não anda despreparado, essa nave aqui não é roubada, tirei na concessionária com o dinheiro da lojinha , na sequência, no peão.	
A	A: Aqui dentro tá mó locão, funcionário tá mó opressão, mas fica firmão que logo nois tá no mundão, pulando na goma dos boizão, para um dia ficar de patrão , em cima da F, todo trajado, de peãozinho. Para esquecer daquele momento que eu tava lá dentro, mas um menor louco e revoltado, mas tá ligado então, pode avisar a minha quebrada, nois vai ajudar . Então pega visão.	
A	Aqui dentro tá mó locão, funcionário tá mó opressão, mas fica firmão que logo nois tá no mundão .	PERCEPÇÕES DO ADOLESCENTE ACERCA DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO-PUNIÇÃO E CASTIGO
A	mas um menor louco e revoltado , mas tá ligado então,	
C	Hoje eu me encontro na Fundação, pelos funcionários tirados como ladrão	
P	porque meus sonhos eu vou buscar,	PERCEPÇÕES DE FUTURO - (RE) DIRECIONAMENTOS E (IN) DETERMINAÇÕES
P	Eu queria ter a oportunidade de poder ajudar,	
P	a comunidade do tráfico,	
P	e do caminho da maldade,	
P	Eu quero mudar,	
P	e fazer aquele que não acredita,	
DC	vejo na vida várias opções , garante o futuro, vem cás condições. A liberdade, não mais sonhada .	
A	quero parar com o crime, rever minhas companhias, fazer faculdade de informática , vencer barreiras.	
C	meu sonho é estudar e sair dessa vida e dar um futuro melhor pra minha filha	
CS	eu quero estudar, fazer faculdade , me formar, ter um trabalho, conquistar minha casa, meu carro e minha família .	
DC	Quero fazer faculdade de informática. Ser um profissional de informática . Vou correr atrás dos meus sonhos .	A FAMÍLIA COMO MOBILIZADORA E O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO A COMUNIDADE
Q	Meu maior de vida é ser jogador de futebol , mais depois que entrei para o crime, agora sonho em ser cantor, compositor .	
P	vê o pobre se orgulhar,	
Q	Minha a família é importante pra por que nas horas mais difíceis eles estão comigo minha família que me criou	
DC	os recalcados de nos fala mal , eu não quero saber de buchicho. [...]	

A	Que ficar com a minha família , com a minha filha e minha namorada .
Q	Na comunidade tem muitos Zoião , tem pessoas que gosto e não gosta de mim .
P	vê minha família de mim se orgulhar ,
Legenda	
A	AUDIO – GRAVAÇÃO
C	CADERNO
CS	CLASSIFICAÇÃO DOS SONHOS
DC	DIÁRIO DE CAMPO
HQ	HISTÓRIA EM QUADRINHOS
P	POEMA SLAM
Q	QUESTIONÁRIOS
US	URNA SENTIMENTOS

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Tabela 28 Núcleo de significação do PITBULL

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
ENTENDIMENTOS DO ADOLESCENTE ACERCA DOS DIREITOS PREVISTOS NO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE	APRENDIZAGEM - ADOLESCENTE: SUJEITO DE DIREITOS
PERCEPÇÕES DO ADOLESCENTE ACERCA DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO-PUNIÇÃO E CASTIGO	MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO: (IN)JUSTIÇA X (DES) APROVAÇÃO
OSTENTAÇÃO x RESSIGNIFICAÇÕES	(IM)POSSIBILIDADE DE CONSUMO - RECONHECIMENTO E PERTENCIMENTO
VIVÊNCIAS MARCADAS PELO PRECONCEITO, RACISMO, EXCLUSÃO E DESIGUALDADES	CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA- ARTICULAÇÕES E ENFRENTAMENTOS
PRESENTE NO PASSADO, PERCEPÇÕES SOBRE O "EU"	
A FAMÍLIA COMO MOBILIZADORA E O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO À COMUNIDADE	
PERCEPÇÕES DE FUTURO - (RE) DIRECIONAMENTOS E (IN) DETERMINAÇÕES	BLOQUEIOS - ENTRE PERMANÊNCIAS E RUPTURAS

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Pitbull do Funk expressava suas memórias por meio das músicas que compunha e dos poemas que escrevia, tendo a rima como sua grande companheira, porque ele não ficava de bobeira. Rimas à parte, vamos começar nossas discussões acerca desse adolescente que tem muito a nos dizer com suas ideias e contradições.

Adentramos em sua musicalidade, pois as juventudes sentem por meio da música algo que não conseguem explicar e nem exprimir: uma possibilidade de reencontrar o sentido (MUCHOW, 1968).

Em relação a si mesmo ele se considerava um: *“diamante da lama”*, entre as coisas que mais gostava de fazer, apontava: *“gosto de jogar bola e soltar pipa” / “gosto de escrever letra de música, tem que ter início, meio e fim”*. As coisas que tinha facilidade em fazer listava: *“tenho facilidade em aprender, jogar bola, rimar, comerciar, namorar, proteger”*.

No que refere-se a sua relação com a escola afirma: *“para escola eu não gostava de ir não, gostava de ver as menina então, lá tinha professor bão e uns chatão, que batia com a régua na mão” / “eu nunca gostei de escola não”*. Esses versos, vão ao encontro novamente com a pesquisa de Souza e Silva (2018), que apontou que quase 80% dos jovens que estão em atividade no tráfico de drogas, não frequentam a escola.

Em relação a sua infância, Pitbull o descrevia como uma criança muito esperta e cheio de travessuras: *“quando eu era pequeno gostava de jogar bola no campão, apertava a campainha e saía correndo então[...]*. Porém nos mostra também que os desejos de consumo já davam fortes sinais na sua então curta existência: *“desde pivete sonho de moleque era conquistar a famosa Hornet e no pião de robozão”*.

Na adolescência suas memórias giram em torno de motos, carros, mansões, festas, bebidas e cigarros, evidenciando fortes impulsos de experienciar tudo que o dinheiro poderia lhe proporcionar: *“hoje tem baile, encosta fica suave só com as nave e fumo, fico à vontade, só lazer” / “hoje tem baile, vamos encostar, só com as nave, bebe e fumar”*. Em seguida, acrescenta um pouco mais de coisas na sua lista do que ele denomina de ostentação: *“festa, mulher, praia e mansão, final do ano tô no litoral, sempre na ostentação” [...]*.

Em outra composição afirma: *“o nosso bonde é pesado, e não anda despreparado, essa nave aqui não é roubada, tirei na concessionária com o dinheiro da lojinha, na sequência, no peão”*. Esses registros, evidenciam a atividade no comércio varejista de drogas afim de aquisições materiais, o que na percepção do jovem é um trabalho, do qual tira seu sustento e realiza suas vontades: *“trabalho na vida faz por merecer, na atitude, na disposição, sem falar nada faça acontecer”*.

Nesse sentido, no comércio ilegal de drogas acontece a apropriação de denominações ligadas ao mundo do trabalho como o gerente, os patrões e os

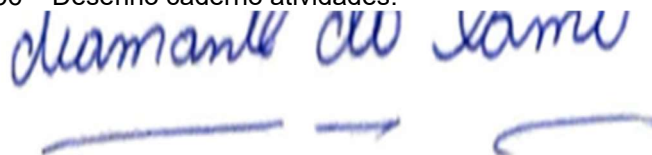
vendedores, os turnos. Com isso, o comércio ilegal de drogas encontra na exploração da mão-de obra de crianças e adolescentes força e expansão.

[...]Negócio transnacional, componente da economia global, o tráfico de drogas encontrou em comunidades de baixa renda das cidades brasileiras espaço para instalar pontos de venda no varejo. A atividade no tráfico de drogas tem se apresentado como uma importante alternativa laboral para uma parcela de jovens residentes nos territórios onde esse tipo de comércio varejista se instala (GALDEANO, ALMEIDA. 2018, p.44).

Na sequência, Pittbull finaliza a sua canção da seguinte forma: *“te convido para finalizar essa letra na mansão de luxo, sem violência, classe social, sem paciência mundão capital”* [...]. Pitbull ao mesmo tempo que afirma seu desejo de “luxo”, vislumbra uma sociedade sem violência, com igualdade social, na qual apresenta uma certa resistência ao capitalismo.

Pitbull nos apresentou essa letra na primeira oficina que realizamos, canção que nos mostra um adolescente em privação de liberdade diante das contradições, contraditórias do capital, o que torna conflituoso os processos de subjetivação das juventudes, principalmente dos menos favorecidos economicamente.

Figura 56 – Desenho caderno atividades.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora – Caderno do PITBULL

As vivências de Pitbull, as quais ele nos apresenta pelas letras de suas canções, nos mostram um processo de subjetivação a todo vapor de um adolescente que se vê em meio a um turbilhão de mercadorias, produtos sedutores que chegam até a sua comunidade com uma velocidade absurda e das mais variadas formas.

Contudo, não chega com igual rapidez, e nem é esse os objetivos dos donos de capital as condições econômicas para o consumo, o que faz com que os adolescentes e jovens busquem alternativas para terem acesso a tais produtos, não pelo valor da mercadoria em si, mas pelo valor social que é atribuído a ela, o que é denominado por Marx (2013) por fetichismo da mercadoria, processo em que

“nossas necessidades estão submetidas, controladas e manipuladas pela vontade e inteligência do universo das mercadorias” (CARONE, 2004, p.25).

Diante disso, o reconhecimento social se torna importante para o adolescente, o que passa a ser feito por meio de aquisição de produtos e serviços, uma vez que na sociedade do consumo, a identidade do sujeito é construída a partir do ter (ZALUAR, 1995), o que garante visibilidade, reconhecimento e pertencimento, além de colocar no adolescente a sensação de onipotência (SCHNEIDER, 2005).

Com isso, tem-se o aumento de modo elevado da violência e da criminalidade, uma vez que, os jovens sentem-se incluídos via propagandas, mas excluídos das possibilidades de consumo (KEHL, 2004), o que Martins (1997), denomina como uma inclusão precária.

Durante os momentos de roda de conversa, debatíamos sobre diversos assuntos e os adolescentes iam se percebendo, reconhecendo seus espaços de vivência, bem como a realidade política, econômica e social. Nesse movimento, questionavam, perguntavam e em alguns momentos ficavam em silêncio, em reflexão. Pitbull, criava suas letras de músicas, agora, com os impactos das oficinas e de suas vivências na internação, mostrando muitas contradições em seus processos de subjetivação:

Aqui dentro tá mó locão, funcionário tá mó opressão, mas fica firmão que logo nois tá no mundão, pulando na goma dos boizão, para um dia ficar de patrão, em cima da F, todo trajado, de peãozinho. Para esquecer daquele momento que eu tava lá dentro, mas um menor louco e revoltado, mas tá ligado então, pode avisar a minha quebrada, nois vai ajudar. Então pega visão.

Pitbull converte a revolta e os desapontamentos que lhe atravessavam por inteiro na internação para ações que o levaria novamente para a criminalidade, a satisfação que os bens materiais lhe causavam era presença forte em seus processos de construção identitária, por outro lado, nota-se também uma reflexão acerca do consumismo e até mesmo indignação diante das injustiças sociais e da corrupção que assola o povo brasileiro.

Presta atenção desde menor o sonho era em vão, mundo de ilusão, pega visão e hoje se encontra na Fundação, maldade na mente vê se entende, da uma atenção no consciente. Queria entender aquilo que passa lá na TV, fala de ladrão pulando as mansão, mas dos políticos não fala não, aqueles que rouba dentro do senado, rouba o meu povo.

E, de forma direta, passa a questionar o estilo ostentação: *“ostentação quero isso não, um carrinho, um trabalho, já está bom, porque o crime é ilusão, mas só percebi isso na fundação”*. Durante as oficinas de direitos, questionou bastante, principalmente sobre a ausência desses direitos na sua família e na de sua comunidade e ainda refletiu sobre as consequências dessas questões em sua vida.

Em seu Slam expressa: *“os meus direitos, eu nem sei não, por isso eu escolhi essa profissão”*. Suas palavras representam a nossa incompetência enquanto cidadãos, uma vez que o pleno desenvolvimento desses meninos em todas as potencialidades é responsabilidade de todos nós, sem exceção.

Continuando, Pitbull nos apresenta, outros tantos direitos que lhe são negados, além do preconceito e do racismo: *“nessas palavras eu queria me expressar, e mostrar que nos é preto, mas temos sentimentos, e ter sua própria casa para morar, não ter que se humilhar, nem roubar, mas dar oportunidade pro preto trabalhar. “vê o pobre se orgulhar”*.

Em um grito de indignação expressa com toda potência possibilitada pelo Slam a realidade das meninas e dos meninos pretos das favelas, que em seus processos de existência são silenciados. Contudo, em um ato de reexistência, ele clama por um dos principais direitos humanos, o da liberdade de expressão:

Ai, eu só queria falar que o coração do pobre tá cansado de lutar, vida abalada, vida sofrida, choro, grito e correria. Aí, agora eu vou falar por que o povo preto, tá cansado de choro e de lutar, E sabe que nada vai mudar, pra nois e o beco sempre fica atacado, **nois quer soltar a voz.**

Pitbull inicia um processo de pensar nas possibilidades para sua existência, o sonho de ser jogador de futebol já tinha ficado para trás, por conta de sua entrada no crime, mas o da música, esse não, estava mais vivo do que nunca, principalmente porque ele estava tendo espaço de escrita e de socialização de suas letras, isso tornou-se animador. O jovem ficou radiante quando pegamos uma gravação que tínhamos dele cantando e fizemos uma mixagem, mal pode acreditar

quando colocamos para tocar na oficina. Tudo isso foi ajudando-o a traçar suas metas e potencializar suas ressignificações:

“porque meus sonhos eu vou buscar” / “eu quero mudar” / “quero parar com o crime, rever minhas companhias, fazer faculdade de informática, vencer barreiras” / “meu sonho é estudar e sair dessa vida e dar um futuro melhor pra minha filha” / “fazer aquele que não acredita” / “vou correr atrás dos meus sonhos”.

Ele estava fazendo um curso de informática na Fundação, isso despertou o interesse dele nessa área, pensava em conciliar com a música.

A questão de ajudar as pessoas da comunidade também era algo muito forte nele: *“eu queria ter a oportunidade de poder ajudar a comunidade do tráfico e do caminho da maldade”*. Seu desejo de viver em uma sociedade mais justa e igualitária, sem maldade, sem violência, era grande, uma realidade distante, mas sonhada. O desejo de ajudar a família, de dar orgulho (principalmente para sua filha) e ter a sua própria família, aparecia constantemente nas falas e expressões de Pitbull: *“eu quero estudar, fazer faculdade, me formar, ter um trabalho, conquistar minha casa, meu carro e minha família” / “vê minha família de mim se orgulhar” / “quero ficar com a minha família, com a minha filha e minha namorada”*.

No momento que estava finalizando o seu poema, Pitbull estava muito triste, decepcionado, angustiado, revoltado, dando a impressão de que tinham lhe cortado a alma. Por conta de conflitos na internação, ele havia terminado o poema da seguinte forma: *“aqui dentro minha esperança morreu”*, conversamos com ele, acolhemos suas queixas, sem julgamentos, somente abrindo espaços para que ele pudesse falar, depois deixamos ele sozinho, refletindo sobre suas indignações, logo em seguida ele começou a escrever e finalizou o poema: *“eles falam que a minha esperança morreu, mas aqui dentro minha esperança só cresceu”*. Não podemos deixar de falar que essa frase nos emocionou bastante naquele dia.

Nos despedimos de um Pitbull que havia conseguido organizar melhor suas ideias, mais decidido quanto às suas metas, porém, com uma grande instabilidade emocional, um pouco abalado por conta da internação, não sabendo lidar com um turbilhão de sentimentos que atravessavam-no por inteiro. O que demanda um acompanhamento de egresso significativo que o auxilie em seus processos de

transformação fora da internação, como ele mesmo afirmava: “*nois é novinho ainda, tem muita coisa para aprender*”.

Como a identidade do consumismo, da ostentação era um traço forte em sua subjetivação e como a criminalidade mostra-se com mais facilidade, as chances de ser abraçado pelo tráfico novamente é grande, o que compromete o desenvolvimento do ser-para-si, além de velar o processo de metamorfose, “o que chamamos de identidade-mito, o mundo da mesmice (da não mesmidade) e da má infinidade (a não superação das contradições)” (CIAMPA, 1987/2005, p.151).

Em uma de suas canções, Pitbull escreve sobre a liberdade, projetando-a no futuro: “*a liberdade, não mais sonhada*”, o que nos remeteu ao poema de Thiago de Mello:

[...] Fica proibido o uso da palavra liberdade,
a qual será suprimida dos dicionários
e do pântano enganoso das bocas.
A partir deste instante
a liberdade será algo vivo e transparente
como um fogo ou um rio,
e a sua morada será sempre
o coração do homem. (MELLO, 1991. p.106)

8.1.10. Guerreiros de Favela — SEMENTE

O jovem Semente mostrava-se ser um menino travesso, brincalhão, zangado e muito carente. Ele gostava de ser visto, notado, de chamar a nossa atenção. Em relação às atividades propostas durante as oficinas, demonstrava interesse em participar dos jogos teatrais, de tocar o pandeiro e participava de forma satisfatória das conversas em grupo.

Semente também gostava muito de pegar os livros do cenário poético para copiar frases e escrever em seu caderninho. Logo nas primeiras oficinas percebemos sua dificuldade com a leitura e com a escrita. Por isso, ele sempre buscava ajuda do colega Lemão quando queria escrever alguma palavra que não

sabia, ou até mesmo, para realizar alguma atividade das oficinas, pois não gostava muito de revelar suas fragilidades para gente.

Em um de seus primeiros registros no caderno, já começamos a perceber que em sua História de vida, havia marcas dolorosas de se tocar, em uma das primeiras páginas ele escreveu sobre o sofrimento passado pela perda de seu pai e de sua mãe. Ficamos intrigadas, mas precisávamos de um momento adequado para nos aproximarmos do Semente.

Notamos que em oficinas posteriores, ele rasgou a folha em que falava da perda de seus pais e jogou no lixo, pois como não sabia lidar com aquele sofrimento, decidiu excluir aquela página que lhe causa dor. A partir desse momento, utilizava seu tempo de registros para colocar frases de livros e letras de músicas e principalmente para desenhar palhaços, suas páginas foram tingidas com os mais variados tipos de palhaços estilo coringa e a palavra revoltado era colocada na urna dos sentimentos em quase todas as oficinas.

Aos poucos com o desenrolar das oficinas fomos nos aproximando mais do Semente, com isso ele nos contou que sua mãe havia falecido quando ele era criança e que seu pai havia sido assassinado por seu tio em uma briga entre os dois, mas ninguém fez nada, porque seu pai era do crime. Com a morte de seus pais, foi morar com uma tia, porém não deu muito certo. Por isso, ele morava com os amigos, com os quais dividia o aluguel.

Contou-nos também que já era pai de uma menina, mas não estava mais junto da mãe da criança, disse ainda, que sentia muita falta de um amigo seu, o Gui, que havia sido assassinado pela polícia. Em relação à perspectiva de futuro, afirmava que seu desejo era o de sair logo da Fundação e ser rico para ajudar a família, principalmente a sua filhinha.

Entretanto, não pensava em retornar aos estudos, porque afirmava que ele era bom mesmo para ganhar dinheiro. Uma história delicada, atravessada por todas as formas de violências, em que a revolta e as portas abertas do crime ganham espaço

Tabela 29 Pré indicadores e Indicadores do SEMENTE

FONTE	PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
P	Eu sou o {Semente} sou de {...}, moro no CDHU.	PRESENTE NO PASSADO, PERCEPÇÕES SOBRE O "EU"
DC	Eu tenho boa lábia.	
Q	Eu gosto da minha liberdade , gosto de carro e moto e de dinheiro.	
A	Sou aprendiz, ainda sou uma semente, mas chego lá.	
A	eu só quero desenhar palhaço , porque é meu direito.	
A	Eu entrei, porque não tinha outro caminho.	
A	quando eu era criança, eu era um palhacinho.	
A	o palhaço me faz sentir melhor, contra o sistema.	
A	A: Eu tenho boa lábia.	
DC	gosto palhaço porque eles representa nois.	
DC	Patati patata não gosto não, nunca nem tive dinheiro para vê eles.	
C	Tristeza quando eu perdi meu pai e minha mãe	FAMÍLIA FRATURA X (IMO)BILIZAÇÃO DO SER
DC	Minha mãe eu perdi nessa vida louca. Meu pai foi meu tio quem mato. Eles tava brigando. Mas meu tio nem foi preso, quando a pessoa é do crime, já sabe, né?	
C	restou saudade quando perdi minha mãe e meu pai...	
A	mas eu ainda não aprendi a lidar com a dor não , senhora.	
Q	Minha família e minha liberdade as coisas mais importantes para mim, é tudo que eu tenho , minha família e minha filinha	
P	Saudade de casa, geladeira cheia, roupa lavada.	
P	Graças a Deus não falta mais luz em casa. Amém.	
C	Eterno Pedrinho e eterno Richard daí de cima você ora por nois que daqui debaixo os anjo nos guarda.	FUTURO - (IM)POSSIBILIDADES E (IN)CONSTÂNCIAS
P	Quando eu sair daqui os meus sonhos buscar!	

C	Eu não sei se vou tá vivo nessa vida que levo , por isso, um recado para 2050, eu não sei .	
CS	Quero estar no Get, comprando um Get mas novo, ter carta e quita meu Get .	
A	Eu quero morar na cidade grande, dinheiro, quero ser rico .	
A	Eu só quero sabe do corre , quando eu sai, eu quero volta pro corre . Vou chegar roubando, traficando , consigo dinheiro, muitas coisas, já tenho muita coisa, tá tudo guardado .	
A	Eu não sei sonhar não senhora, o que eu tenho tã bão, é saúde .	
CS	Quero minha família e trabalhar no Get . Quero ser motorista .	
Q	Quero ajudar minha família e sai da FEBA , tudo de bom	
P	Saudade da quebrada, do pessoal!	SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO- UMA NECESSIDADE DO SER
P	Eu nunca pensei onde ia chegar,	PERCEPÇÕES DO ADOLESCENTE ACERCA DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO-PUNIÇÃO E CASTIGO
P	Tenho uns dias parar tirar.	
P	Hoje me encontro trancado,	
DC	ainda tenho 5 meses nesse lugar. Tô revoltado.	
P	Esperando alvará.	
US	eu tô muito revoltado , maior neurose esse lugar.	
P	Devia ter pensado duas vezes antes de praticar,	AUTOCULPABILIZAÇÃO PELO ATO INFRACIONAL
Legenda		
A	AUDIO - GRAVAÇÃO	
C	CADERNO	
CS	CLASSIFICAÇÃO DOS SONHOS	
DC	DIÁRIO DE CAMPO	
HQ	HISTÓRIA EM QUADRINHOS	
P	POEMA SLAM	
Q	QUESTIONÁRIOS	
US	URNA SENTIMENTOS	

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Tabela 30 Núcleo de significação do PITBULL

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
PRESENTE NO PASSADO, PERCEPÇÕES SOBRE O "EU"	CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA-BLOQUEIOS E ENFRENTAMENTOS-FRATURA FAMILIAR
SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO- UMA NECESSIDADE DO SER	
FAMÍLIA FRATURA X (IMO)BILIZAÇÃO DO SER	SUBTERFÚGIO, CONFORTO DIANTE DOS ENQUADRAMENTOS SOCIOECONÔMICOS
FUTURO - (IM)POSSIBILIDADES E (IN)CONSTÂNCIAS	BLOQUEIOS - ENTRE PERMANÊNCIAS E RUPTURAS
PERCEPÇÕES DO ADOLESCENTE ACERCA DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO- PUNIÇÃO E CASTIGO	MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO: (IN)JUSTIÇA X (DES) APROVAÇÃO
AUTOCULPABILIZAÇÃO PELO ATO INFRACIONAL	

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

O jovem Semente tinha 15 anos de idade, era um adolescente muito esperto, adorava fazer brincadeiras e dávamos boas risadas ao lado dele. Porém, se fechava quando o assunto era sobre a sua história de vida, suas memórias traziam desconforto, ele ficava inquieto e irritado, fomos então estreitando os laços até que se sentisse confiante com a gente.

Logo percebemos que ele não estava totalmente alfabetizado, o que o deixava um pouco constrangido. Por isso, procurávamos ficar próximas, íamos ajudando na maior naturalidade. Ele não gostava de deixar transparecer suas fragilidades, tinha que mostrar força, por uma questão de sobrevivência.

No momento que passamos a ter acesso a uma reduzida parte de suas memórias fomos entendendo o seu comportamento. A primeira vez que pegamos o seu caderninho nos deparamos logo na capa com seu nome e seu lugar de origem, com letras grafitadas e bem aparentes: *“sou o semente, moro no CDHU”*. A necessidade de pertencer a algum lugar era muito forte, ele sempre fazia referência ao seu espaço de vivência, nas palavras de Vilhena:

Todos queremos ser, desejar existir é força fundante do ser humano. Ser alguém e ser para alguém são variações possíveis de uma existência que só se realiza num olhar, num gesto, numa palavra dirigida que dá a quem quer ser a certeza de que ele existe, de que tem um lugar de referência. Pertencer a algum lugar constitui-se uma abertura para o ser no mundo. Ser de algum lugar. (VILHENA, 2008, p.246,).

Semente era marcado justamente pela ausência de ter alguém para ser, para legitimar a sua existência, pois é na convivência social que nos tornamos humanos.

Na primeira página de seu caderninho ele expressa a dor que lhe atravessava alma: *“Tristeza quando eu perdi meu pai e minha mãe”*. A família é uma instituição social importante para o processo de humanização, lugar privilegiado onde os sujeitos podem encontrar “refúgio contra o desamparo e a insegurança da existência” (PEREIRA, 2004, p.37).

Somente na décima oficina foi que o jovem Semente nos contou um pouco sobre a morte de seus pais: *“minha mãe eu perdi nessa vida louca” / “meu pai foi meu tio quem mato. Eles tava brigando. Mas meu tio nem foi preso, quando a pessoa é do crime, já sabe, né?”* Essa circunstância, nos leva a refletir sobre as palavras de Paulo Freire: “Situação de opressão em que se formam, em que realizam sua existência, os constitui nessa dualidade, na qual se encontram proibidos de ser” (FREIRE, 1987, p. 43).

Após a morte de seus pais, Semente foi morar com uma tia, mas não ficou por muito tempo. Quando deu início na medida socioeducativa de internação estava morando em uma república com amigos. A vivência familiar de Semente, nos revela o que Galdeano e Almeida (2018), denominam de famílias fraturadas, que por motivos de precariedade social, violência policial e encarceramento, veem quebrado os vínculos familiares, o que acaba levando a uma configuração familiar, “não marcados por laços de sangue, mas tecidos por vidas em Repúblicas de adolescentes” (GALDEANO, ALMEIDA, 2018, p.35).

Nesse sentido, a vida em repúblicas é caracterizada pela ausência de relações consanguíneas, sobressaindo-se os laços de solidariedade, de confiança e de obrigações mútuas entre amigos como divisão do aluguel, bem como alicerce afetivo, diversão e uso de drogas (GALDEANO, ALMEIDA, 2018). Sarti (2003), salienta que as repúblicas se constituem em espaços de independência, locais em que os jovens encontram um grupo de pessoas com os quais se pode contar e confiar.

E, no CDHU Semente procurava a construção de novos laços que também eram marcados por perdas. Avançando em seus registros nos deparamos com uma página na qual estava escrito: *“eterno Pedrinho e eterno Richard daí de cima você ora por nós que daqui debaixo os anjos nos guarda”*.

A rotina de trabalho no comércio varejista de drogas, expõe esses meninos a diversos riscos, “que os submetem a situações mental, física, social e moralmente perigosas e prejudiciais” (GALDENO; ALMEIDA, 2018, p.59). Nesses ambientes, Semente foi constituindo-se humano, “nas condições sociais de vida historicamente formadas”. (LURIA, 1991, p. 75).

Quanto às suas características, Semente afirmava: *“eu tenho boa lábia” / “sou aprendiz, ainda sou uma semente, mas chego lá”*. Ele gostava bastante de seu apelido, o qual foi dado pela polícia, por ele conseguir produzir substância psicoativa (crack) em pequenas pedrinhas, parecidas com sementes. O jovem não se importava de onde tinha vindo o apelido, o importante era ser reconhecido de alguma forma, até porque ele tinha planos de fazer carreira trabalhando no tráfico. Por isso se considerava um aprendiz. Galdeano e Almeida (2018) exemplificam essa realidade:

[...] participar do tráfico é lido, de certo ponto de vista, como um “modelo inclusivo”, pelo qual os jovens obtêm uma carreira, bens de consumo e status simbólico – dinheiro, respeito, prazer, e uma lista ampliada de objetivos. A relação com o trabalho é fluida e eles não questionam as decisões dos gestores da “biqueira”. Eles devem ser “empreendedores de si mesmos” (GALDEANO, ALMEIDA, 2018, p.54).

Com isso, participar do tráfico vai ao encontro das expectativas de Semente: *“eu gosto da minha liberdade, gosto de carro e moto e de dinheiro”*. Em referência às possibilidades de sua existência no futuro, apontava: *“quando eu sair daqui os meus sonhos buscar”!* *“Quero estar no Get, comprando um Get mas novo, ter carta e quita meu Get” / “Eu quero morar na cidade grande, dinheiro, quero ser rico”*. Suas aspirações advinham justamente de sua experiência como trabalhador no mercado varejista de drogas, no qual a possibilidade de aumento de poder aquisitivo era uma realidade concreta, conforme nos apresenta Galdeano e Almeida (2018):

[...] o “vendedor” ganha 10% ou 15% do valor vendido no dia. A porcentagem pode chegar a 20% do valor total/dia, dependendo do movimento da “biqueira”. Há variações de porcentagens que são comissões recebidas pelas vendas realizadas e essas variações dependem das mercadorias vendidas. As “lojinhas” que vendem só cocaína pagam 10% de comissão; 11% e 12% se a “biqueira” vender cocaína e maconha; e de 15% a 20% em “biqueiras” que vendem de tudo. A cada doze horas de atividade a “biqueira” vende, em geral, de R\$ 8.000,00 a R\$ 15.000,00 (GALDEANO, ALMEIDA, 2018, p.53).

No momento que começávamos a refletir outras possibilidades, ele logo falava: *“eu não sei sonhar não senhora, o que eu tenho tá bão, é saúde”*, quando insistimos um pouco ele afirmava: *“Eu só quero sabe do corre, quando eu sai, eu quero volta pro corre”. Vou chegar roubando, traficando, consigo dinheiro, muitas coisas, já tenho muita coisa, tá tudo guardado”*. Construir a própria família também estava em seus planos: *“quero minha família e trabalhar no Get. Quero ser motorista”* quero ajudar minha família e sai da FEBA”.

Dentre as coisas que mais gostava de desenhar, o palhaço tinha um lugar especial, em quase todas as folhas de seu caderninho encontramos um desenho de palhaço. Quando indagado sobre as razões afirmava: *“palhaço me faz sentir melhor, contra o sistema”*. *“gosto palhaço porque ele representa nós”*.

Na oficina sobre palhaços pegamos a imagem dos palhaços Patati e Patatá e perguntamos se a imagem trazia alegria ou tristeza, ele respondeu rapidamente: *“tristeza”*, quando perguntamos o porquê, ele respondeu: *Patati e Patatá não gosto não, nunca nem tive dinheiro para vê eles. As criança qué vê ele e não tem dinheiro, ai elas chora”*. Quanto ao Coringa, ele abriu um sorriso e disse que esse trazia alegria porque era contra o sistema.

Diante disso, o indagamos sobre o que ele entendia por sistema. A resposta foi a de que era a polícia, os juízes, os políticos. Em seu imaginário, o palhaço representa “justiça”, ou seja, um conforto para sua revolta.

Nas oficinas sobre direitos, Semente ficava desenhando palhaço, como se não estivesse prestando atenção, quando perguntamos se ele não iria realizar a atividade da oficina, ele respondeu: *“só quero desenhar palhaço, porque é meu direito”*, ficamos contentes, pois ele estava antenado.

Em vista disso, aproveitamos para realizar uma reflexão sobre as responsabilidades do ser adolescente. Ele ficou empolgado, pegou um livro do ECA e foi até o corredor mostrar para o agente: *“o senhor conhece? Esse é o ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente”*.

Com o desenrolar das oficinas, Semente foi se aproximando mais, já revelava um pouco as suas fragilidades: *“entrei no crime por que não tinha outro caminho, né senhora”?* *“mas eu ainda não aprendi a lidar com a dor não, senhora”*.

Na urna dos sentimentos em quase todas as oficinas ele colocava: *“tô muito revoltado, maior neurose esse lugar” / “ainda tenho 5 meses nesse lugar. Tô revoltado”*.

Não era uma revolta somente pelo fato de estar privado de liberdade, mas por todas as outras privações pelas quais estava aprisionado; a morte de seus pais, a tia de quem falava tanto, mas que não aparecia nas visitas, a sua filhinha de quem sentia saudade, mas que não tinha contato, mesmo assim, ele apontava como sendo as coisas mais importantes de sua vida, afinal, ele precisava ser de alguém e de algum lugar: *“Minha família e minha liberdade as coisas mais importantes para mim, é tudo que eu tenho, minha família e minha filinha”*. Um processo que se configura ao que Castiel (1999), denominou como zona de desfiliação.

O processo de escrita do Slam gerou muito desconforto no jovem Semente, uma vez que não estava alfabetizado, então ia narrando suas vivências, enquanto íamos escrevendo, ele ficava nervoso quando falava algo que iria expor demais seus pensamentos, pedia para apagar, ou rasgar a folha, depois parava, não queria mais continuar, até que conseguimos finalizar. Construiu um Slam bem curtindo e cheio de lacunas, revelando bem sua história de vida.

A parte de elaboração da performance foi muito potente, rapidamente decorou o seu poema, ficou empolgado com a possibilidade de falar, de ser visto, de ser notado por um grupo todo, mesmo que por poucos segundos. No dia do sarau estava radiante, com a camiseta do evento, com a medalha no peito e com o fanzine produzido pelo grupo em mãos. Afirmou que iria sair da Fundação com aquela roupa e pediu para guardamos suas produções nos pertences.

A emoção estava em dobro, uma vez que era a última semana de internação, estava feliz, sorridente, sendo uma das poucas oficinas que não estava “revoltado”. Foi de fato, um momento muito marcante para o Semente.

Não conseguimos trazer à tona muitas de suas memórias, nem processos de “ressignificações potentes” havia muitos bloqueios e muitas lembranças dolorosas, vivas feridas que sangravam em sua alma. As expressões de Semente, evidencia a identidade mito. Nunca esqueceremos de seu sorriso largo na última

oficina. Quanto às possibilidades de seu ser no mundo, Semente foi bem sincero: “eu não sei se vou tá vivo nessa vida que levo, eu não sei”.

Figura 57 – Desenho caderno atividades.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora – Caderno do SEMENTE

9. Disparos internúcleos

Quando disparamos nossos olhares atentos para os núcleos de significação de nossos meninos, conseguimos identificar explicitamente o que já nos apontavam os estudos realizados por Fonseca (2020), Francisco (2017) e Barbosa (2018), ou seja, uma medida socioeducativa de internação permeada por ambientes de controle, por ações punitivistas, por atos repressivos e por uma educação que não prioriza o pleno desenvolvimento do ser humano.

Diante disso, a *medida socioeducativa de internação: (in)justiça x (des)aprovação, perpassa entre os núcleos e revela uma contradição que abarca a autoculpabilização pelo ato infracional: “pagando pelo que eu fiz”* e como um castigo, uma punição que traz “dor”, “sofrimento” e “tristeza”. Porém, a “revolta”, e ódio também se fazem presentes nas

significações dos jovens, o que vai ao encontro com os estudos realizados por Souza e Costa (2012). Em alguns núcleos como dos jovens HB20, Lobão e Mano sobressaem-se entendimentos sobre as limitações da socieducação, que pune o adolescente, mas não lhes abrem espaços de desenvolvimento e expressão.

Diante disso, Galdeano e Almeida (2018), enfatizam que o sofrimento externado pelos adolescentes não deve ser entendido somente como um sentimento, mas sobretudo como um marcador de quebras e fissuras na vida desses jovens e de seus familiares.

Nesse “interim”, a tristeza, o sofrimento, as violações de direitos não se limitam aos espaços do cárcere, mas acompanham esses adolescentes desde o despontar de suas existências. Ao adentrarmos em suas histórias de vida, as quais apresentam-nos memórias marcadas por “*fraturas, bloqueios e enfrentamentos*”, nos são reveladas violências que ferem o corpo e os sonhos desses meninos, que passam a ter uma morte em vida.

Diante disso, Galdeano e Almeida (2018) problematizam o uso da expressão “*quebrada*” pelos próprios adolescentes para se referirem aos seus locais de moradia nas periferias. Espaços em que, garantir a sobrevivência torna-se um grande desafio, devido à precariedade econômica, à violência policial, ao racismo e a outras formas de assujeitamentos. Por isso, aqueles que ousam viver são denominados de “*guerreiros*”. Contudo, são vidas que sofrem com fortes sequelas sociais: vidas quebradas, ou seja:

[...] “vidas fraturadas pela violência social, esta entendida como fruto de uma ordem moral, produzida e sustentada dentro de um quadro de relações de poder, que replica formações culturais, moldando, torcendo, dobrando e, frequentemente, fraturando a vida de pessoas” (GALDEANO, ALMEIDA, 2018, p.71).

Contudo, é importante colocar que os respectivos núcleos familiares desses adolescentes também são marcados por quebras e fraturas, materializados por assassinatos, prisões, separações, abrigos, repúblicas de amigos dentre outros. Dessa forma, “a ideia de famílias quebradas, portanto, se insere nesta perspectiva, onde a palavra quebrada é tanto verbo como substantivo”. (GALDEANO, ALMEIDA, 2018. p.87).

Diante dessas fraturas expostas, os adolescentes e jovens procuram por espaços de (sobre) vivências. Todavia, a lógica segregacionista do capitalismo, delimitam seus ambientes, como nos revela a slammer Luz Ribeiro: “*na quebrada do menino passa nem ônibus pro centro da capital isso me parece um sinal é tipo uma demarcação de até onde ele pode chegar*” (LUZ, 2019, n.p).

Essas demarcações sistêmicas perversas, fazem com que os jovens não se reconheçam nas instituições governamentais que, por sua vez, também não empreendem ações para acolher e desenvolver as potencialidades desses adolescentes, configurando-se em violações de direitos essenciais à dignidade humana. Com isso, as políticas públicas tornam-se ausentes de suas vidas e, conseqüentemente, o direito à família, à moradia, à alimentação, à educação, dentre tantos outros que também lhes são negligenciados.

Todavia, essas quebras de direitos afetam, em cheio, o pleno desenvolvimento humano dos adolescentes. Diante disso, o mercado ilegal varejista de drogas abraça essas mãos juvenis para o trabalho em seus pontos de vendas (biqueiras), oferecendo-lhes um lugar no mundo: “renda, códigos de sociabilidade, status e justiça” (FELTRAN apud PARDUE, 2017, p.169). Aspectos que passam a fazer parte da vida desses adolescentes, uma vez que,

as “biqueiras” fazem parte do cotidiano e do ambiente onde vivem, sendo inclusive um importante local de lazer para esses jovens. É na “lojinha” o local de encontrar os amigos, de “trocar ideia”, de gastar tempo fora do peso da rotina familiar, de desfilar com o boné ou o tênis novo, de fumar um “baseado”, de paquerar. A “biqueira” é o principal local de encontro e sociabilidade dessas crianças e adolescentes (GALDEANO; ALMEIDA, 2018, p.66).

Porém, essas ações configuram-se em uma vida “fora da lei”: atos infracionais e, por sua vez, o cumprimento de medidas socioeducativas e as desumanas conseqüências advindas desse processo, como nos coloca Galdeano e Almeida.

O sofrimento destes indivíduos, considerado a partir de adolescentes que cumprem medidas socioeducativas por venda de drogas, se liga aos seus territórios, às disposições familiares e aos modos como o Estado se porta frente à população moradora das periferias de São Paulo. São vidas marcadas por rupturas bruscas, em um momento em que os adolescentes estão em pleno desenvolvimento social e intelectual. (GALDEANO, ALMEIDA, 2018, p.88).

Diante disso, os jovens privados de liberdade passam, então, a ser reconhecidos socialmente como os marginais, os delinquentes, os bandidos, os pivetes e por tantos outros estigmas cruéis. Com isso, são excluídos dos mais variados contextos sociais, dentre eles a escola, um espaço fundamental para o desenvolvimento humano. Como bem nos coloca Galdeano e Almeida (2018), a

única instituição presente no cotidiano desses jovens é a polícia, presença que se faz sentir até mesmo antes do ato infracional.

Dessa forma, sem amparo legal e vistos como marginais, os adolescentes empreendem para si, as identificações que lhes são impostas perversamente, assumindo individualmente os estigmas e as consequências advindas desses contextos desumanizadores como “*escolhas*” de vida. Entretanto, sabemos que não se trata de “circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (MARX, 1978, p.17).

Na contramão dessa perspectiva, procuramos negar tal premissa saindo da superficialidade que legitima e condena esses adolescentes autores de atos infracionais, questionando os contextos de exploração e desumanização em que suas vidas estão constituídas. Para isso, paramos para ouvir esses jovens, assim como nos alerta Luz Ribeiro:

[...]“ceis” já pararam pra ouvir alguma vez o sonho dos menino?
é tudo coisa de centímetros
um pirulito
um picolé
um pai uma mãe
um chinelo que lhe caiba nos pés[...] (LUZ, 2019, n.p).

E, muito mais do que ouvir, abrimos espaços para reflexão e para construção de conhecimentos sobre suas próprias existências e sobre os contextos em que estão inseridos. Nesse processo, o reconhecimento e o entendimento ao que concerne aos direitos humanos e, de modo específico, aos Direitos da Criança e do Adolescente se fizeram presentes e significativos. Por meio da arte, da poesia e da performance de seus corpos voltaram seus olhares para si, despindo-se das molduras estigmatizadoras, desobstruindo as vias emancipatórias do ser.

Diante disso, nas produções e, principalmente, nos slams (poemas) dos adolescentes podemos identificar um movimento potente que abarca as possibilidades para o “sonhar” e para buscar novas necessidades e novas vivências. Nesse sentido, o “menor”, o “delinquente” foi abrindo-se de modo consciente para um novo nascimento social: o sujeito de direito! Empoderado, “*para ser mais*”; o “ter” torna-se consequência do “ser”.

Novas possibilidades para suas existência, por meio da luta por direitos, não só para eles, mas também para suas famílias e para a comunidade passaram a ser vislumbradas. Com isso, um amplo corpus analítico, referente ao *entendimento de cada adolescente sobre o artigo 227 da Constituição Federal e do Estatuto da Criança e do Adolescente* se materializaram em pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação.

Nessas significações, de modo singular, os adolescentes calcados no chão da historicidade de suas vivências, foram provocados a tocar e a esboçar possibilidades para suas existências. Em meio às contradições, os movimentos de transformação começaram a borbulhar.

Nesse sentido, *entre as: (im)possibilidades e (i)mobilizações, presentes fundante/construções evidentes e potentes*, o devir começa a ser construído. Porém, o alto grau de fraturas nas vidas de alguns adolescentes refletia em: *impossibilidades, imobilizações, bloqueios e rupturas versus permanências*. Com isso, tivemos também adolescentes que, pelo histórico de precariedades econômicas, fraturas familiares e traumas psicológicos, reconhecem e são reconhecidos pelo crime, desejando, então, seguir carreira no comércio de drogas, como nos casos do Montezino e Semente, não como uma plena realização humana, mas pelas condições cruéis que marcaram e ainda marcam suas existências, impedindo-os de ser (FREIRE, 1987).

Todavia, todos os adolescentes, de modo único, se sentiram tocados pelos movimentos de mudanças, principalmente após o conhecimento acerca dos direitos das crianças e dos adolescentes, o que potencializou um presente fundante em que se estruturam projetos para novas possibilidades do ser: cabeleireiro, advogado, veterinário, profissional de informática, artista, cantor, compositor e poeta. Sobressaindo-se à vontade de construir família, de comprarem uma casa e acima de tudo de serem felizes.

Nesse cenário, um jovem era mobilizado por outro em mobilização, o que resultava em um estrondoso movimento grupal. O que ficou bem aparente quando o sonho de um passa a ganhar sentido na vida do outro, que passa a se sentir capaz de almejar ser de outra forma, de poder ir para outros lugares, algo que era utopia torna-se uma possibilidade real. Diante disso, o jovem Biel passou a desejar ser advogado, inspirado pelo sonho do Lobão.

Outro momento coletivo importante, ocorria quando os adolescentes que não estavam alfabetizados (Fofão e Semente), recebiam ajuda dos demais colegas. Dessa forma, todos os envolvidos no processo desenvolviam-se humanamente, reforçando o espírito de comunidade do Slam. Podemos observar que, se a socioeducação tivesse como foco a construção da autonomia desses jovens, conseguiria, na mesma proporção que provoca o ódio, a raiva e o sofrimento, proporcionar a emancipação desses adolescentes.

Contudo, estes elementos não fazem parte dos projetos das varas de justiça juvenis. Por isso, pesquisas como a de Costa, Alberto, Silva, (2019) apontam para a ausência de propostas pedagógicas que possibilitem a construção da autonomia dos jovens em privação de liberdade.

10. Poetry Slam na Socioeducação, que pá foi esse?

Como explicitado anteriormente, além do desenvolvimento das técnicas da Poetry Slam nas oficinas, realizamos durante o percurso investigativo a aplicação de um questionário no início e sua reaplicação ao final da investigação. Aplicamos também um questionário com três funcionárias de referência dos jovens.

Nesse sentido, as funcionárias tiveram propriedade para responder questões envolvendo as implicações das oficinas no cotidiano dos adolescentes na internação, uma vez que acompanhavam o desenvolvimento desses meninos de forma mais específica. Com isso, conseguimos apreender as implicações no que concerne aos movimentos provocados nos jovens durante as oficinas e nas pessoas que os acompanhavam durante a medida socioeducativa de internação.

Foi possível observar que, nas perguntas objetivas todas as funcionárias assinalaram que os adolescentes demonstraram entusiasmo em participar das oficinas, apresentando maior vontade e disposição para buscar novas possibilidades de vida, o que refletia mudanças de comportamento na internação, sendo mais propensos ao diálogo e a cooperação.

A primeira funcionária afirmou que considerou as oficinas uma experiência que marcou positivamente a vida dos adolescentes, em suas palavras: “*nossos*

adolescentes sempre demonstraram alegria, entusiasmo e vontade de participar das atividades, gostaria que desenvolvessem com + adolescentes.” Essa funcionária ainda complementa: *“acredito que trouxeram reflexões pertinentes para planejem a vida egressa fora da criminalidade”*.

Na mesma direção, a segunda funcionária analisa as oficinas como sendo uma experiência positiva que marcou a vida dos meninos: *“porque fez com que cada um refletisse sobre seu papel e importância no mundo, fazendo-os entender que somos únicos”*. Continuando, essa funcionária escreve: *“foi muito importante porque fez com que os adolescentes repensassem e planejassem o futuro. As discussões foram muito importantes e relevantes”*.

A terceira funcionária também afirma que os adolescentes se envolveram muito com as oficinas: *“passaram a aguardar com ansiedade as oficinas, sempre bem entusiasmados”*. Essa última funcionária, acredita que o sucesso das oficinas deve-se à forma como foram desenvolvidas: *“pois foi feita com total empatia, demonstrando entendimento e compreensão para com as demandas de cada um. “Fez com que parassem para analisar a própria história e pensar possibilidades a serem buscadas”*. Para finalizar sua avaliação, nos deixa uma reflexão:

Foi importante observar os movimentos de reflexão e ludicidade que deixaram os adolescentes bem à vontade para falar, ouvir e refletir. Obrigada por nos permitir estar presente. Me emocionei a cada poesia lida(declamada). Foi uma experiência maravilhosa.

As palavras dessa funcionária reforçam a importância da performance, presença viva e ativa, que transborda uma energia que atinge também o ouvinte. A performance “existe para ser vista e durante essa existência todos os fatores contribuem e se mostram de maneira completa, tornando uma performance um espetáculo visual, sonoro e sensorial inigualável tanto para o performer quanto para o espectador.” (CARDOSO, 2009 p .32).

Tem-se então a plena realização poética (ZUMTHOR, 2014). Uma ação viva e transformadora. Processo que ficou evidenciado nas performances de todos os adolescentes que participaram do sarau, pois desde os mais expansivos aos que apresentavam maior timidez, sem exceção, foram tomados pelo momento poético, nas vibrações de suas vozes e corpos.

Por isso, expressaram seus Slams e tocaram de modo singular e profundo os que se encontravam naquele pequeno refeitório que se fez gigante na medida em que abria espaços para libertação. “Rompendo com o mundo real, favorecendo a criação de novos mundos dentro do mundo” (ZUMTHOR, 2014).

Na mesma direção das funcionárias, as falas e as respostas dos adolescentes na última oficina e no último questionário revelam-nos como a experiência com a Poetry Slam os atingiu positivamente.

Nesse sentido, o jovem Biel nos relatou: *“gostei muito das oficinas, aprendi muito”*. O adolescente Fofão, com suas poucas palavras, também afirmou: *“foi muito legal”*. O menino Semente com seu jeito engraçado de ser, nos falou: *“Cês é muito daora e agradeço tudo que cês fez”*. No dia do Sarau, Semente estava pleno e realizado, por isso apontou na urna: *“tô suave, na paz”*.

O jovem HB20, relata um pouco sobre a importância das oficinas: *“você aprende a construir a sua vida e mostra seu direito, 227, ECA. obrigado pela oportunidade, por mostrar outros caminhos pra todos adolescentes do curso”*.

O jovem Mano Porco radiante de alegria expressa: *“aprendi muito com a dona Sueli e Victória, gosto muito delas. Por causa de vocês duas, vou ser alguém na vida e agradeço muito e vocês cresçam na vida e de mais oportunidades para outras pessoas. Muito obrigado, amo vocês”*. Em seu questionário escreveu:

Eu achei muito legal por essa oportunidade que elas me deram e que possam dar essa oportunidade pra outros, gostei muito obrigada. Que Deus proteja vocês duas e que dê muitas oportunidades para vocês. **Muito obrigada por ter confiado em nos que estamos preso** e que o dinheiro que vocês gastaram com nos que Deus de em dobro pra vocês.

Diante disso, percebemos que tratou-se de uma experiência significativa para os adolescentes, atingindo suas emoções e desencadeando sentimentos de afeto, que são indissociáveis do cognitivo.

González Rey (2000), a partir de seus estudos sobre as obras de Vygotski, afirma-nos que afeto e cognição fazem parte de um todo complexo, um processo que leva à construção de sentidos, o que ocorre de modo subjetivo, em que cada sujeito se apropria de forma singular das experiências vividas, o que pode provocar

movimentos de mudanças, uma vez que traz uma nova percepção acerca da realidade:

A relação do homem com o mundo e com os outros é sempre uma relação afetiva produtora de sentido. Os sentidos são produzidos em virtude dos afetos constituídos nas vivências de cada ser humano. Entendemos que são os afetos que colocam os indivíduos em situação de atividade ou de passividade, porque são os afetos que determinam a qualidade do sentido produzido pelo indivíduo na relação com a realidade [...] (MARQUES; CARVALHO, 2017. p.7)

Dessa forma, durante as oficinas, vidas humanas foram tocadas de modo significativo, perpassando pelo afeto, pelas emoções, colocando os sujeitos em situação de atividade. Para que isso acontecesse foram possibilitadas, ao adolescente, reflexões e ressignificações acerca de si, do outro e do mundo.

Na última oficina, na qual foi realizada o Sarau, nós pesquisadoras, também apresentamos os nossos Slams. No momento antecedente à nossa apresentação, o jovem Pitbull nos surpreendeu, apropriando-se do microfone disparou essas palavras:

Agora vamos apresentar o Slam da senhora Sueli, ela vai apresentar quer dizer. Porque ela é uma pessoa muito boa, aproveitando o momento já, que ela ajudou nois e queria passar uma mensagem pra ela, porque ela soube tratar nois de forma que muitos não trata, que muitas **pessoa não entende, porque nois tá aqui, só que saber porque nois roubo, nossos defeitos, o que nois fez lá fora**, o que ela fez não é assim, **nois é moleque novo ainda, nois tem muito que aprende** e a senhora ensinou muito nois com essas coisas de sexta-feira e pra mim foi muito produtivo, porque tinha sexta-feira que eu cheguei nervoso, sabe? Com outras coisas que tinha que ela não tinha nada a ver e, ela soube fala comigo, veio converso, falou que não era desse jeito, que isso daqui é passageiro e que tem coisa que acontece na nossa vida que é pra nois aprender e se nos levar isso como coisa boa, nois só vai aprender quando sair daqui e se a gente for levar coisa ruim no coração, nois vamos sair daqui mais machucado. Isso como lição pra nossa vida. Agradecer aqui a senhora Victória, porque tinha dia de eu angustiado, nervoso, ela ter me acalmado, dado uma ideia em mim, passado uma visão pra mim, eu ir lá e interagir com eles.

Disparos certos em nossos corações, pois foram palavras expressadas de forma espontânea, no improviso das emoções, mas que nos dizem muito. Um adolescente que reconhece a sua incompletude, que nos mostra o quão é importante a não estigmatização, o tratar com dignidade e respeito e a urgente necessidade da mediação pelo afeto na socioeducação.

11. Pá-Poetry Slam e construção de projetos de vida políticos e emancipatórios na socioeducação.

Após os processos analíticos, lançamos nossos disparos reflexivos diante dos objetivos lançados para essa investigação: analisar a contribuição da poesia slam para o reconhecimento e entendimento no que concerne aos Direitos Humanos e para construção de Projetos de Vida políticos e emancipatórios de adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa de Internação.

Para isso, utilizamos da Poetry Slam como uma práxis para movimentar e desenvolver, no decurso das histórias de vidas de jovens e adolescentes, processos políticos e emancipatórios. Cabe ressaltar que neste espaço a práxis é entendida como um conceito dialeticamente constituído, que sintetiza os elementos contrários (teoria e prática). “Nesse sentido a práxis pode ser definida como atividade humana prática fundamentada teoricamente” (SAVIANI, 2017, p.656).

Diante disso, a Poetry Slam mostrou-se potente como uma práxis revolucionária, contra-hegemonia, por possuir um caráter de resistência e de ruptura contra a ordem capitalista vigente que legitima as desigualdades e os falsos discursos que defendem a existência de identidades universais e imutáveis.

Na contramão desses pressuposto, a partir da Poetry Slam negamos esses discursos vigentes que inferiorizam, estigmatizam, homogenizam e cristalizam as identidades de jovens e adolescentes autores de atos infracionais somente dentro da ótica da culpabilidade e da delinquência. E, por meio das técnicas do slams, abrimos espaços para criações autobiográficas, para metamorfoses identitárias e para o emergir de identidades políticas.

Nesse contexto, a poesia de slam, mostrou a sua força como um movimento político-poético que alcançou as vozes e as histórias de vidas desses adolescentes e jovens que encontram-se às margens da sociedade e, historicamente, são literalmente apagados e silenciados.

Nesse processo, os adolescentes por meio de suas escrevivências, puderam travar uma batalha contra o racismo, as desigualdades sociais, os preconceitos e

os assujeitamentos, reconhecendo e negando as identidades pressupostas, processo este que Ciampa denomina de “a negação da negação”.

A negação da negação permite a expressão do outro que também sou eu: isso consiste na alterização da minha identidade, na eliminação de minha identidade pressuposta (que deixa de ser reposta) e no desenvolvimento de uma identidade posta como metamorfose constante, em que toda a humanidade contida em mim se concretiza. Isso permite me representar (1º sentido) sempre como diferente de mim mesmo (deixar de presentificar uma representação de mim que foi cristalizada em momentos anteriores, deixar de repor a identidade pressuposta (CIAMPA, 1987, p.187).

Diante de tais elementos, torna-se evidente a contribuição e a importância da Poetry Slam como potencializadora desses processos de construção identitária, uma vez que, possibilitou aos adolescentes e jovens participantes desta pesquisa uma experiência marcante, através da qual puderam trabalhar com suas memórias, (res)significando suas histórias de vida.

Por meio da escrita, da fala, da expressão corporal, da musicalidade, experienciando todas as potencialidades humanas, de modo individual e coletivo, uma vez que, “o homem se constitui na relação com o outro”. (DAYRELL, 2003, p.4).

Outro ponto importante, encontra-se na potência do Slam em proporcionar reconhecimento e entendimento acerca dos Direitos Humanos. Representando a grande força, o ponto principal, o divisor de águas para as nossas oficinas, uma vez que, reconheceram-se enquanto sujeitos de direitos, percebendo que tinham, de fato, outras “armas” para lutarem por suas sobrevivências.

O conhecimento sobre os direitos referentes às crianças e aos adolescentes, era algo que não fazia parte do cotidiano desses meninos, mas o fato de terem entrado em contato com as legislações como o artigo 227 da Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente fizeram toda a diferença, com os quais passam a organizar as suas metas de vida, principalmente as relacionadas ao direito à educação.

Dessa forma, por meio da práxis da poesia slam, torna-se possível refletir sobre um projeto de futuro com viés político e emancipatório. Na medida em que pode provocar o pleno desenvolvimento humano de forma dinâmica, lúdica, criativa, sensível, afetiva, provocativa e transformadora.

Nesse contexto, destacam-se os processos educativos através dos quais o adolescente passa a buscar para escrever e desenvolver suas histórias de vida. O que perpassa pela busca e acesso a tudo ao que foi produzido pela humanidade ao longo da História (SAVIANI, 2013).

Por meio do slam, apropria-se dos mais altos níveis de conhecimento no que tange “a ciência, a arte ou a filosofia” (DUARTE, 2010, p.155), principalmente a arte. E, por meio desta, atinge-se um alto potencial reflexivo, que pode libertar e modificar o sujeito (ASSUMPÇÃO, 2020), pois possibilita um “efeito de questionamento das formas fetichizadas na consciência” (DUARTE, 2016, p 84-85).

Dessa forma, passam também a refletirem sobre as relações de poder que permeiam seus respectivos espaços de vivências, questionando e idealizando novas formas de organização econômica, social e política. Formas estas que não comportam exploração e o aprisionamento de um ser humano por outro. Assim, de modo consciente e livre, cada sujeito poderá escolher as possibilidades para suas existências no mundo.

Nesse ponto, encenam em nosso palco analítico movimentos relacionados à construção de Projetos de Vida políticos e emancipatórios de adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa de Internação.

Torna-se importante explicitar que, projeto de vida que tem em seu arcabouço os construtos política e emancipação, não se rende aos enquadramentos institucionais neoliberais, os quais delimitam os desejos e expressões individuais face às garantias de propriedade e lucratividade dos “donos” do capital.

Para elucidar essa discussão nos apropriamos dos conceitos de emancipação política e humana desenvolvidas por Karl Marx. Essa questão encontra-se evidente no texto “sobre a questão judaica” de 1843. Nesse texto, Marx realiza uma reflexão referente à situação dos judeus que, para alcançar a emancipação política, deveriam abdicar da religião judaica.

Em oposição a esse fato, Marx desenvolve a concepção de emancipação política, partindo da perspectiva de que alcançar participação política é insuficiente, pois não se atinge a autonomia individual, uma vez que traz consigo limitações, pois “a emancipação política é a redução do homem, por um lado, a membro da

sociedade burguesa, a indivíduo egoísta independente e, por outro, a cidadão, a pessoa moral” (MARX, 2010, p.54).

Por isso, a emancipação política não garante a autonomia dos sujeitos no modelo capitalista de sociedade, sendo necessário caminhar em direção à emancipação humana, que será alcançada, “quando o homem tiver reconhecido e organizado suas “forces propres” (forças próprias) como forças sociais e, em consequência, não mais separar de si mesmo a força social na forma da força política” (MARX, 2010, p. 54).

Saviani (2017), considera que a emancipação política está relacionada à democracia formal, que não garante a plena cidadania. Deve-se então avançar para a democracia real, ou seja, a emancipação humana, pois a democracia real garante a participação efetiva de toda sociedade, sem os entraves ocasionados pelas desigualdades econômicas provocadas pela propriedade privada e, consequentemente, pela luta de classes sociais.

Diante disso, a emancipação humana implica na superação da sociedade de classes e, conseguinte, na extinção do Estado, prevalecendo a igualdade na sociedade civil. Pois, “Quando, no curso do desenvolvimento, as distinções de classe desaparecerem, e toda produção estiver concentrada nas mãos de uma vasta associação de toda nação, o poder público perderá seu caráter político” (MARX, ENGELS, 1968, p.41,).

Nesse momento, torna-se possível a emancipação humana, na qual o “desenvolvimento de cada um é a condição do livre desenvolvimento de todos” (MARX, ENGELS, 1968, p.41). Contudo, para que esse processo aconteça é necessário um esforço coletivo dos indivíduos que não são contemplados pelo sistema político e econômico vigente.

Nesse cenário, a poesia slam emerge como uma proposta para se atingir a construção de projetos de vida emancipatórios, na medida que o movimento slam é insurgência e proclama a plena participação humana, trazendo os grupos sociais das margens para o centro dos processos históricos de luta e de transformação, configurando-se um caminho, um processo que almeja a construção de uma democracia real e, conseqüente, a emancipação humana.

Afinal, para os grupos sociais menos favorecidos e segregados pelas condições desumanas de trabalho, de moradia e pelas limitações severas a

dignidade humana, propor projetos de vida pelo viés neoliberal “é se tornar um brinquedo na mão de poderes estranhos a eles” (MARX, 2010, p.40). Por isso, “a modificação dos próprios homens, só pode ser concebida e compreendida racionalmente como *práxis revolucionária* (MARX, 1974, p.666).

Em relação aos direitos humanos, Marx (2010) afirma que nenhum desses direitos consegue superar o homem egoísta, pois como membro da sociedade burguesa, preocupa-se com os seus interesses privados, distantes da comunidade. Dessa forma, o único laço que une a humanidade é a necessidade natural, a carência e o interesse privado, a conservação de sua propriedade e de sua pessoa egoísta (MARX, 2010).

Por essa razão, desde a Revolução Francesa (1789), com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, da Constituição Federal Brasileira de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, os direitos se limitam a uma emancipação política, na medida que estão a serviço da sociedade burguesa.

Contudo, reconhecer e entender a historicidade desses direitos relativos à dignidade humana, por uma ótica revolucionária, é um ponto mobilizador para transformação. Pois, a emancipação humana exige a superação dos fundamentos econômicos da sociedade civil-burguesa, bem como a superação da alienação política.

Dessa forma, caminha-se para a possibilidade de um amplo desenvolvimento humano que será pautado “pela conexão entre os indivíduos, uma conexão que em parte consiste em pressupostos econômicos, em parte na solidariedade necessária ao livre desenvolvimento de todos” (MARX; ENGELS, 2009, p.423).

12. Pá- a luta continua...

À luz da força reflexiva provocada por esta práxis investigativa de (trans)formação evidenciam-se muitas possibilidades para grandes inícios. A proposta de pensar a construção de projetos de vida com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação, a partir da poesia slam, mostrou-se irreverente, potente e significativa pelo teor dialógico, reflexivo e mobilizador de mudança.

O ponto central para toda essa potência desencadeadora está centrada na essência do slam: a expressão humana! Que diante da construção poética e performática, abre as cortinas para o encenar da subjetividade que ancorada na historicidade, contrapõe os discursos individualistas hegemônicos, negando-os insurgentemente, possibilitando o reconhecer o “eu” e o “outro”.

Nesse sentido, reforça-se o poder das relações em grupo, pois quando somos vistos também enxergamos, quando nos sentimos bem e confortáveis diante dos outros, queremos estar e nos fazer presentes. Quando não somos julgados, humilhados e condenados pela lógica perversa do capital, revelamo-nos inteiramente. Do mesmo modo, somos instigados a percorrer por nossas memórias, (re)significando nossas próprias vidas.

Toda essa humanidade revelada a partir do slam, possibilitou uma experiência singular que foi vivenciada plenamente por todos os envolvidos nesta pesquisa-ação, que se fez movimento de mudança. Pois, foi possível uma relação plena em humanidade nas caligens da privação, criando um novo mundo na internação, com direito a pandeiro, jogos teatrais, rimas, músicas, brincadeiras, luzes, tapete, microfone e sonhos.

A musicalidade como convidada especial, garantiu a empolgação e a vontade em participar. Sem contar nas presenças ilustres: livros de poesias, Estatuto da Criança e do Adolescente, Constituição Federal (artigo 227), que despertaram a curiosidade e o desejo em aprender e em compartilhar experiências de vida.

Diante disso, a reflexão: seriam mesmos os adolescentes e jovens autores de atos infracionais os alunos “problemas” que não gostavam de estudar? Seriam mesmos esses meninos delinquentes e marginais?

Indagações que nos levam para outras questões relativas a socioeducação, que realiza-se marcada e limitada pelos ditames neoliberais e, por isso, torna-se inexpressiva para se atingir positivamente nas existências desses adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa de internação. Uma socioeducação que inibe processos emancipatórios do ser.

Por isso, ao invés de espaços que comportam luzes, cores, músicas, bibliotecas, a livre escrita e a expressão humana, têm-se sombrias imposições e ações penais. O que reforça a autculpabilidade e a revolta.

Mas, como no movimento Slam, a práxis torna-se insurgência, ousou-se a construção de um “livre” espaço para escrita, leitura e expressão corporal. Nesses processos explicitou-se o quanto essas dinâmicas regadas de afeto, descontração, subjetividade, coletividade e reflexão podem fazer a diferença na vida desses meninos. Porque dentre as formas de privação na privação, a do direito de expressão traz sérias consequências na internação, visto ser uma necessidade humana, além de agravar as fraturas e as quebras nas vidas desses adolescentes e jovens.

Por essa razão, um ambiente favorável ao desenvolvimento humano, abre espaços para o desenvolvimento de propostas educativas significativas, que impulsionam fissuras e brechas para a criação de novas formas de ser e estar no mundo. O que demanda uma educação em Direitos Humanos na qual os adolescentes sejam respeitados com dignidade humana.

Por isso, a poesia de slam destacou-se, como uma proposta educativa revolucionária, uma vez que, por meio dela, os jovens puderam apropriar-se de suas memórias, de seus corpos e vozes, (re)significando suas histórias de vida, em um movimento de empoderamento individual e coletivo, que despertou para novas necessidades relacionadas às suas existências; projetos de vida políticos e emancipatórios, uma vez que não se curvou aos enquadramentos institucionais, abrindo espaços para alteridade identitária e para o encenar de inéditos personagens sociais.

Dessa forma, foi possível tocar, provocar e mobilizar as vidas desses adolescentes e jovens nos ambientes de privação de liberdade, potencializando identidades políticas e impulsionando a transformação. Diante disso, a luta não

pode parar, é preciso caminhar de forma insurgente e revolucionária, suplantando todas as condições desfavoráveis à emancipação humana.

MENINOS

Meninos, meninos, olhares curiosos e sorridentes,
Mesmo em meio às adversidades, as brincadeiras se fazem presentes.
Mesmo em meio a escuridão, a força brota e a alegria toma conta,
Permitindo adentrar "flechas" de luz de ponta a ponta.

Meninos, meninos, mesmo com tão pouca idade,
Já conhecem a opressão, abocanhados pela barbaridade.
A realidade enfrentada, poucos compreendem,
Os rotulam, ignorando o que sentem.

Meninos, Meninos, das letras de rap e funk fazem resistência,
Insistem na originalidade, mesmo sendo julgados pela aparência.
Escola, espaço distante, mesmo sendo garantido o direito à educação.
Muros, portas e mentes fechadas, os impulsionam para evasão.

Meninos, Meninos, que são do tamanho do mundo, loucos sonhadores,
Mesmo com lágrimas no rosto, mesmo com suas dores.
Sofrimento vira rima, poesia, o que ninguém imagina.
Driblando as feridas, florescem grandes obras primas.

Meninos, meninos, ouça o que vou lhes dizer:
Não desistam dos seus sonhos, mesmo que o sistema insista em não querer,
Nunca se esqueçam de Conceição Evaristo, a gente tem um acordo, o de não morrer.
Em meio a tanta injustiça, nosso atrevimento é viver.

Sueli Coppi

13. REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre. Artes Médicas. 1989.

ADORNO, S. **Ética e violência: Adolescentes, crime e violência**. In: ABRAMO, H.W.; FREITAS, M. V.V.; SPÓSITO, M. P. (Org.). Juventude em debate. São Paulo. Cortez. p. 97-110. 2002.

AFONSO, L. LUCAS AFONSO, SEMIFINALISTA DE COMPETIÇÃO DE SLAM EM PARIS. **Revista Trip – UOL**. 2016a. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/lucas-afonso-e-semifinalista-de-competicao-de-slam-em-paris>>. Acesso em: 28 jan. 2023.

_____. LUCAS AFONSO, Rapper da zona leste é selecionado para disputa de poesia falada em Paris. **Blog Folha de São Paulo – UOL**. 2016b. Disponível em: <<https://mural.blogfolha.uol.com.br/2016/03/02/rapper-da-zona-leste-e-selecionado-para-disputa-de-poesia-falada-em-paris/>>. Acesso em: 28 jan. 2023

_____. **A última folha do caderno**. Selo do burro. São Paulo. 2019

AGUIAR, W. M. J. Reflexões a partir da Psicologia SócioHistórica sobre a categoria “consciência”. **Cadernos de Pesquisa**, [S.l.], n. 110, p. 125-142, jul. 2000.

AGUIAR, W.M. J.; ARANHA, E. M. G.; SOARES, J. **NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO: ANÁLISE DIALÉTICA DAS SIGNIFICAÇÕES PRODUZIDAS EM GRUPO**. Caderno de Pesquisa, 51, Artigo e07375. <https://doi.org/10.1590/198053147305> 2021. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/cp/a/ymVxKVh33rjkXHMxd45HjBG/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso 30 de jul 2023.

AGUIAR, W.M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília. v. 26, n. 2. 2006.

_____. A apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília. v. 94, n. 236, p. 299-322, 2013.

AGUIAR, W. M. J.; SOARES, J. R.; MACHADO, V. C. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo. v. 45, p. 56-75, 2015.

AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M. B.; OZELLA, S. Orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Org.) **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo. Cortez. p.163-178. 2001.

AITAL, E. B., FACCI, M. G. D. Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Revista versão impressa ISSN 1677-1168** Psicol. vol.17 no.1 Belo Horizonte. 2011. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000100005>. Acesso em: 15 dez. 2022.

AMARAL, A. C L. do. **Sobre a memória em Jacques Derrida**. In: NASCIMENTO, Evandro; GLENADEL, Pula (Orgs). Em torno de Jacques Derrida. Rio de Janeiro. 7 Letras. p. 31-43. 2000.

AMATUZZI, M. M. **Religião e sentido da vida: um estudo teórico. Temas em psicologia**. Ribeirão Preto, n. 2, v. 7, p. 183-190, 1999. Disponível em:< <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v7n2/v7n2a08.pdf>>. Acesso 30 de jan 2023.

ALMEIDA, J. A. M. de. **Sobre Anamorfose: identidade e emancipação na velhice**. Tese Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2005. Disponível em:<<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17083>>. Acesso em: 02 fev 2023.

ALMEIDA, J. A. M. de. **Identidade e emancipação Identidad y emancipación. Identity and emancipation**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2017.

ASSUMPÇÃO, M. C. **CATARSE E INDIVIDUALIDADE NA ESTÉTICA DE GYÖRGY LUKÁCS E NA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA**. Revista HISTEDBR On-line. 2020. Disponível em:< 10.20396/rho.v20i0.8654562e-Location: e020048>. Acesso em: 29 abr. 2023

IPEA.. **ATLAS DA VIOLÊNCIA 2021. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA).GOVERNO FEDERAL. MINISTÉRIO DA ECONOMIA**. 2021.

BARATTA, A. **Criminologia crítica e crítica do Direito penal**. Rio de Janeiro: Revan. 2002.

BEZERRA, K.C. V. de A. **A experiência da criança com a droga: Características do uso e circunstâncias familiares**. Dissertação Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal-RN. 2004. Disponível em:<<https://cetadobserva.ufba.br/sites/cetadobserva.ufba.br/files/302.pdf>>. Acesso em: 30 jan 2023.

BLAY, E. Adolescência: Uma questão de Classe Social e Gênero. In: LEVISKY, David Léo et al (Org.). **Adolescência e Violência: Consequências da realidade brasileira**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo. 143 p. (págs. 35-39). 2000.

BRASIL. CONSTITUIÇÃO DE 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília. 1988.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA**. Artigo 121 da Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990.

_____. **Presidência da República. Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos. Levantamento nacional SINASE 2017**. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/LevantamentoAnualdoSINASE2017.pdf>. Acesso em: 20 out. 2022.

BOCK, A. M. B. **A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão**. Caderno Cedes. Campinas. vol. 24, n. 62, p. 26-43, abril. 2004.

BORGES, D, CANO, I. (orgs.). **Índice de Homicídios na Adolescência**. IHA 2014. Rio de Janeiro. Observatório de Favelas. 2017.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo. Companhia das Letras. 1994.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução Daniela Kern, Guilherme J. F. Teixeira. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2017.

BOUTINET, J. P. **Antropologia do projeto**. 5. ed. ARTMED. 2002

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica. 2017a.

_____. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica. 2017b.

CAMARGO, E. de. **IDENTIDADES AUTÔNOMAS OU IDENTIDADES SUBSERVIENTES: UM ESTUDO SOBRE PROJETO DE VIDA EM ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO**. Rio Claro. 2022 Dissertação Mestrado. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/235518/camargo_e_me_rcla.pdf?sequence=5&isAllowed=y>. Acesso 30 jan 2023.

CAMPOS, J. [s.n.]. Jéssica Campos, campeã do Slam da Guilhermina edição de fevereiro. [Publicado pelo canal] **Slam da Guilhermina**. São Paulo: 5 mar. 2020. (2m52s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kXBYlaCuyo8&t=107s>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

CANDIDO, A. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades/ Ed. 34, 2002.

CARDOSO, G. V. **Poesia lida, poesia falada: poesia, performance e recepção: aspectos teóricos e práticos**. Dissertação Mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2009 Disponível em: < <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/6769>>. Acesso em: 15 fev 2023

CARDOSO, P. C. **A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE ADOLESCENTES AUTORES DE ATOS INFRACIONAIS DURANTE SUAS TRAJETÓRIAS ESCOLARES**. Dissertação Mestrado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus. Rio Claro. Rio Claro. 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/152002/cardoso_pc_me_rcla.pdf?sequenc%20e=3&isAllowed=y>. Acesso em: 15 jan 2023.

CARLOS, A. F. A. H. L.: **o espaço, a cidade e o direito à cidade**. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 01, p. 349-369, jan./mar. 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/48199>>. Acesso em: 10 out. de 2022.

CARLSON, M. **Performance: uma introdução crítica**. Tradução de Thais Flores Nogueira Diniz, Maria Antonieta Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2009.

CARONE, I. A dialética marxista: uma leitura epistemológica. In S. T. M. Lane & W. Codo (Orgs.), **Psicologia Social: o homem em movimento** (pp. 20-30). São Paulo: Brasiliense . (Original publicado em 1984). 2004.

CARVALHO, A. M. B. *Escolarização de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação: estudo bibliográfico*. 2015. Dissertação de Mestrado. UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2550530. Acesso em: 20 out. 2023.

CASSAB, C. et al. **REPRESENTAÇÕES NA MÍDIA DA JUVENTUDE E A PRODUÇÃO DO MEDO: EXPERIÊNCIA EM UMA CIDADE MÉDIA BRASILEIRA**. Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação (NuGea), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Artigo.2016

CASTIEL, L. D. **A medida do possível. Saúde, risco e tecnobiociências.** Rio de Janeiro. Editora Contracapa/Editora Fiocruz. 1999

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo.** Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a História da Severina.** São Paulo: Brasiliense. 1987/2005

_____. **A estória do Severino e a história de Severina: Um ensaio de Psicologia Social.** São Paulo, SP: Brasiliense, 1987.

_____. **BRASIL Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno.** Interações, São Paulo, v. 3, nº. 6, p. 87-101, jul./dez. 1998.

_____. **A Identidade social como metamorfose humana em busca de emancipação: articulando pensamento histórico e pensamento utópico.** Anais do XXIX Encontro da Sociedade Interamericana de Psicologia – SIP. Lima. Peru. 2003.

COELHO, L. J. **ENSINO DE CIÊNCIAS FUNDAMENTADO NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E NA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA: INDICATIVOS A PARTIR DA PRODUÇÃO ACADÊMICA.** Dissertação Doutorado. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. Bauru. 2019 <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/181805/coelho_lj_dr_bauru_int.pdf?sequence=4>. Acesso em: 30 jan. 2023.

COIMBRA, C. M. BOCCO.; NASCIMENTO, M. L. do. **Jovens pobres: o mito da periculosidade.** In: FRAGA, P.C. P.; IULIANELLI, J.A.S. (Org.). Jovens em tempo real. Rio de Janeiro. Editora DP&A. p.19-37. 2003.

COSCIONI, V. ;KOLLER, S. H. Significados do mundo do crime para adolescentes em medida socioeducativa de internação. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Niñez y Juventud, 17(2), 1-20, 2019.

CURY, C. R. J. **Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo.** São Paulo. Cortez. 7. ed 2000.

D'ALVA, R. E. **ZAP 1 - O Primeiro!. ZAP!: um SLAM brasileiro.** São Paulo. 11 dez. 2008. Disponível em <http://zapslam.blogspot.com/2009/06/blog-post_19.html>. Acesso em: 12 out 2022.

_____. **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça: o poetry slam entra em cena.** Synergies Brésil, São Paulo. n. 9. 2011. p. 119-126. Disponível em:<<https://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2022.

_____. **Teatro hip-hop: a performance poética do atorMC**. São Paulo. Perspectiva. 2014.

_____. **O que é Poetry Slam? Com Roberta Estrela D'Alva - Top Dicas Sesc #48**. [Produzido por] Sesc Santa Catarina. 20 abr. 2017. (2m23s). Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=bojuwnv6yd0>>. Acesso em: 06 nov. 2020.

DAYRELL, J. **O RAP E O FUNK NA SOCIALIZAÇÃO DA JUVENTUDE**. Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal. 2002. Disponível em <[https://pdfs.semanticscholar.org/6c04/1b1765113030830a3d1ecf3f8f3ba4874bf7.p](https://pdfs.semanticscholar.org/6c04/1b1765113030830a3d1ecf3f8f3ba4874bf7.pdf)df>. Acesso em: 30 jan 2023.

_____. **O jovem como sujeito social**. Revista brasileira de educação n24., p. 40- 52. set/dez 2003.

DERRIDA, J. **Mal de arquivo: Uma Impressão Freudiana**, Rio de Janeiro. Relume Dumará. 2001.

DUARTE, N. Arte e formação humana em Lukács e Vigotski. In: DUARTE, N.; DELLA FONTE, S. S (org.). **Arte, conhecimento e paixão na formação humana: sete ensaios de pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados. p. 145-163. 2010

DUARTE, N. **Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos: contribuição à teoria histórico-crítica do currículo**. Campinas: Autores Associados, 2016.

DUARTE, M. (Org.). **Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta**. São Paulo. Planeta do Brasil. p. 46. 2019.

ERICKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

EVARISTO, C. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

_____. **Depoimento cedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009**. Faculdade de Letras da UFMG. 2009. Disponível em:<<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso em: 23 nov. 2022.

_____. **A gente combinamos de não morrer**. In: EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas. Fundação Biblioteca Nacional. 2016

_____. **Becos da memória**. Rio de Janeiro. Pallas. 2017.

EVARISTO, Conceição, apud DUARTE, Constância Lima, NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Editora MINA Comunicação e Arte. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2022.

FEFFERMAN, M. **Vidas Arriscadas. O cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico**. Petrópolis. Vozes. 2006.

FERREIRA, F. P. M. **Crianças e adolescentes em abrigos: uma regionalização para Minas Gerais**. São Paulo, n. 117, p. 142-168, jan./mar. 2014

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 254 p. 1987.

FONSECA, D. C.; OZELLA, S. **As concepções de adolescência construídas por profissionais da Estratégia de Saúde da Família (ESF)**. Interface - Comunic., Saude, Educ., v. 14, n. 33, p. 411-24, abr./jun. 2010.

FONSECA, D. C. **Adolescência e Subjetividade: pressupostos teóricos para uma análise dos sentidos e significados no campo da saúde**. Educação: Teoria e Prática, v. 21, n. 36, jan./jun. 2011.

FONSECA, P. N. da. O impacto do acolhimento institucional na vida de adolescentes. **Revista Psicopedagogia**. vol.34 no.105 São Paulo. 2017.

FREIRE, P. **Conscientização e alfabetização: uma nova visão do processo e Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1979

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra. 2006.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2011.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 54. Ed. 2013.

FREITAS, D. S. de. **Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência**. Artigo. Universidade Federal de Alfenas. Alfenas. 2019. Disponível em: <<http://old.scielo.br/pdf/elbc/n59/2316-4018-elbc-59-e5915.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

FREITAS, L. O. **O USO E ABUSO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS POR ADOLESCENTES: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**. Dissertação

Certificado de Especialista. Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família, Universidade Federal de Minas Gerais. Uberaba. 2015. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/uso-abuso-substancias-psicoativas-adolescentes.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2023

FROTA, T. de L. L. **Entre o pavilhão e o inferno: trajetórias de meninos infratores no CEDUC/PITIMBU**. Tese Doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, UFRN. 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/13851/1/EntrePavilhaoInferno_Frota_2006.pdf>. Acesso em: 04 fev 2023

GALDEANO, A. P.; ALMEIDA, R. **TRÁFICO DE DROGAS ENTRE AS PIORES FORMAS DE TRABALHO INFANTIL. Mercados, famílias e rede de proteção social**. CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. NEU – Núcleo de Etnografias Urbanas. 2018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDMANN, L. **O todo e as partes**. In: _____. **Dialética e cultura**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 1967.

_____. **A criação cultural na sociedade moderna**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

GONZÁLEZ, R., F. **El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico**: El aporte de Vigotski. *Educación & Sociedad*, 70, 132-148. 2000

_____. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: Sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Psicologia da Educação**, 24, 155-179. 2007

GREGORY, H. **“(Re)Presenting Ourselves: Art, Identity and Status in U.K. Poetry Slam.”** In: *Oral Tradition*, 23/2. p.201-217. 2008

GUIRAL, E. C. V. de S. **As experiências e os significados de fé e religiosidade para adolescentes em conflito com a lei**. Dissertação Mestrado. Escola Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto. 2017. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-27032018-203145/publico/ELAINECRISTINAVILIONIDESOUZAGUIRAL.pdf>>. Acesso em: 01 fev 2023.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A. 102p. 2002.

JOHNSON, J. **Killing Poetry: blackness and the making of slam and spoken word communities**. London. Rutgers University Press. 2017.

JULIEN, A. do. **ÁGORA, DÊMOS E LAÓS : OS MODOS DE FIGURAÇÃO DO POVO NA ASSEMBLÉIA HOMÉRICA - contradições, ambigüidades e indefinições**. Dissertação Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-05072007-102301/publico/TESE_ALFREDO_JULIEN.pdf>. Acesso em: 30 out. 2022.

KEHL, M. R. Lugares do feminino e do masculino na família. In: COMPARATO, M. C. M. & MONTEIRO, D. S. F. **A criança na contemporaneidade e a psicanálise**. São Paulo. Casa do psicólogo. 2001.

_____. **Ressentimento. Contemporaneidade e a psicanálise** (pp. 29-38). São Paulo: Casa do Psicólogo. 2004

LAMAS, C. T. P. **Os jovens e a máscara: políticas de representação de jovens autores de atos infracionais no cinema brasileiro**. Dissertação de Doutorado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2022. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27161/tde-14112022-173606/publico/CaioTulioPadulaLamasOriginal.pdf>>. Acesso em: 12 dez 2022.

LEÃO, G. DAYRELL, J. T.; REIS, J. B. dos. **Jovens olhares sobre a escola do ensino médio**. Cad. CEDES, Campinas. v. 31, n. 84. 2011.

_____. **JUVENTUDE, PROJETOS DE VIDA E ENSINO MÉDIO**. Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out.-dez. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/Jr9sGWbKhNRCFwFBMzLg34v/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 07 set 2023.

LECCARDI, C. **Futuro breve. Le giovani donne e il futuro**. Torino. Rosenberg & Sellier. 1996.

LEFEBVRE, H. **Lógica formal, Lógica dialética**. 4ª ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1987.

_____. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo. Centauro. 2001.

LEITE, A. C. C. de A. **A noção de projeto na educação: o "método de projeto" de William Heard Kilpatrick**. 2007. 72 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/10606>>. Acesso em: 23 Out 2022.

LEITE, R. P. **O processo de formação de identidade de estudantes negros que ingressaram no ensino superior pelo sistema de cotas do ProUni: a questão da ação afirmativa**. 2009. 178 f. Dissertação Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/17389>>. Acesso em: 07 Out 2022.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa. Livros Horizonte. 1978.

LIMA, A. F. **Metamorfose, Anamorfose e Reconhecimento Perverso: a identidade na perspectiva da psicologia social crítica**. São Paulo. FAPESP. EDU. 2010.

LIMA, A. F., & CIAMPA, A. C. Metamorfose humana em busca de emancipação: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica. Em: A. F. Lima (Org), **Psicologia Social Crítica: paraxes do contemporâneo** (pp. 76-84). Porto Alegre. Sulina. 2012

LYRA, D. **A República dos Meninos: juventude, tráfico e virtude**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X/FAPERJ. 2013.

LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral v. 1: introdução evolucionista à psicologia**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1991.

MACHADO, N. J. **A vida, o jogo, o projeto**. In: ARANTES, V. (Org). Jogo e projeto. São Paulo: Summus. p. 49-86. 2006.

MAGALHÃES, L. O. R; AGUIAR, W. M. J. **PESQUISA-TRANS-FORMAÇÃO E A CRÍTICA MARXISTA NA PRODUÇÃO DE INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO**. Psic. da Ed., São Paulo, 54 (esp.), 1º sem. de 2022, pp. 24-32. 2022. Disponível em:<<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/61223/41739>>. Acesso em: 07 ago 2023.

MARQUES, E. de S. A.; CARVALHO, Maria Vilani Cosme de. **Prática educativa bem-sucedida na escola: reflexões com base em L. S. Vigotski e Baruch de Espinosa**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2017, vol.22, n.71, e227169. Epub Nov 13, 2017. ISSN 1413-2478. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/bDCVWkKnRDcRNKGpRZLvHP/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 9 nov 2022.

MARTINEZ; A. L. M.; SILVA; A. P. S. O momento da saída do abrigo por causa da maioria: a voz dos adolescentes. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte. v. 14, n. 2, p. 113 -132. dez. 2008.

MARTINS, A. F. P. **CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM TRABALHO INFANTIL NO TRÁFICO DE DROGAS: VISIBILIZAR PARA PROTEGER**. SCIAS. Direitos

Humanos e Educação. Belo Horizonte/MG, v.3, n.2, p. 111-130, jul./dez. 2020. Disponível em: <<https://revista.uemg.br/index.php/sciasdireitoshumanoseducacao/article/view/5131/3172>>. Acesso em: 07 jan 2023.

MARTINS, C.S. **A compreensão de família sob a ótica de pais e filhos envolvidos na violência doméstica contra crianças e adolescentes.** Dissertação Mestrado. Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto. 2005.

MARTIN, V. L. de R.; BUENO, A. de G. **Slam e o direito à cidade: notas a partir do Slam da Guilhermina e do Slam Resistência Aletria**, Belo Horizonte, v. 31, n. 4, p. 51-71, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/download/33516/29286/116219>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MARTINS, J. S. **Exclusão social e a nova desigualdade.** São Paulo. Paulus. 1997.

MARTINS, F. **Curso de Direito Constitucional.** 3ª edição. Ed. SaraivaJur. Brasil. 2019.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã.** Tradução de Álvaro Pina. São Paulo. Expressão Popular. 2009.

_____. **MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA.** Editora José Luís e Rosa Sundermann. São Paulo. 2017.

MARX, K. O Capital: **Crítica da Economia Política.** Livro I. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo. Boitempo Editorial. [1890] 2013.

_____. **Sobre a questão judaica.** São Paulo: Expressão popular, 2010.

_____. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann** (4ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1978.

_____. **A ideologia alemã.** São Paulo: Hucitec, 1979

_____. Tesis sobre Feuerbach. In: Marx, K.; Engels, F., **La ideologia alemana.** (pp. 665-668). Montevideo/Barcelona: Pueblos Unidos/Grijalbo. 1974

MARQUES, A. C. P. R. e CRUZ, M. S. O adolescente e o uso de drogas. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 22, Supl. II. 32-36. 2000.

MIDRIA. **Eu sou a menina que nasceu sem cor.** INSONE Blogger. 2018. Disponível em: <<http://innsonne.blogspot.com/2018/09/eu-sou-menina-que-nasceu-sem-cor.html>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MELLO, T. OS ESTATUTOS DO HOMEM. São Paulo. Martins Fontes. 6 ed. 1991.

MINCHILLO, C. C. **Poesia ao vivo: algumas implicações políticas e estéticas da cena literária nas quebradas de São Paulo**. Estudos de literatura brasileira contemporânea, Brasília, n. 49, p. 127-151, set./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/elbc/n49/2316-4018-elbc-49-00127.pdf>>. Acesso em: 19 nov. de 2022.

MONTEIRO, D. **Corpos negros e seus saberes no chão da escola: oralitura e escrevivência por uma educação decolonial**. Tese Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48135/tde-05102020-143643/publico/9428222_DEBORAH_MONTEIRO_rev.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MUCHOW, H. H. Os fãs do jazz como movimento juvenil hoje. In: **Sociologia da juventude**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. v. 3. 1968.

NASCIMENTO, A. do. **Uso de solventes por crianças e adolescentes em situação de rua no Distrito Federal**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Universidade de Brasília. Brasília. 2009. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3868>>. Acesso em: 30 jan 2023.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. **Mulheres vítimas de violência doméstica: Compreendendo subjetividades assujeitadas**. Psico. PUCRS, v. 37. n. 1, p. 7-13, 2004.

NEVES, C. A. de B. **SLAMS – LETRAMENTOS LITERÁRIOS DE REEXISTÊNCIA AO/NO MUNDO CONTEMPORÂNEO** Linha D'Água (Online), São Paulo. v. 30, n. 2, p. 92-112. out. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v30i2p92-112>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

NURCO, D. N.; LERNER, M. **Vulnerability to narcotic addiction: family structure and functioning**. Journal of Drug Issues. 26, 1007-1025. 1996

ORTEGA Y GASSET, J. E. S. **Coleção educadores MEC. Fundação Joaquim Nabuco**. Massangana. Recife. 2010.

OZELLA, S. Adolescência: uma perspectiva crítica. IN: CONTINI, M. de L. J; KOLLER, S. H.; BARROS, M. N. dos S. (Org.). **Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Brasília. Conselho Federal de Psicologia. p. 16-24. 2002.

OZELLA, S. A adolescência e os psicólogos: a concepção e a prática dos profissionais. In: OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez. p. 17-40. 2003.

OZELLA, S. AGUIAR, W. M. J. **Desmistificando a concepção de adolescência**. Cadernos de Pesquisa, v. 38, n. 133, p. 97-125, jan./abr. 2008.

OLIVEIRA, B. A dialética do singular–particular–universal. In: ABRAPSO. **Anais do V Encontro de Psicologia Social e Comunitária**. Bauru. Agosto 2001.

OLIVEIRA, C.S, et al. **Criminalidade juvenil e estratégias de (des)confinamento na cidade**. KATÁLYSIS, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 53-62, jan./jun. 2006.

OLIVEIRA, Betty. **A DIALÉTICA DO SINGULAR-PARTICULAR-UNIVERSAL. Encontro de Psicologia Social Comunitária**. Abrapso-Núcleo Bauru. 2011. Disponível em: <<http://evoluieducacional.com.br/wp-content/uploads/2012/08/OLIVEIRA-B.-A-Dialetica-do-Singular-Particular-Universal.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2022.

PARDUE, D. **“O que adianta estética sem ética?” A coletividade no discurso marginal**. In: BERTELLI, Giordano Barbin; FELTRAN, Gabriel. Vozes à margem: periferias, estética e política. São Carlos. EduFSCar. 2017.

PEREIRA, P.A.P. Mudanças estruturais, política social e papel da família: crítica ao pluralismo de bem-estar. In: SALES, M.A.; MATOS, M.C.; LEAL, M.C. (Orgs.). **Política social, família e juventude**. São Paulo / Rio de Janeiro: Cortez, Ed. da UERJ. p. 25-42. 2004.

POCHMANN, M. Emprego e desemprego no Brasil: as transformações nos anos 90. Campinas: **Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho (CESIT)**. UNICAMP. (mimeo.). 1998.

REMENCHE, M. de L. R., SPPIEL, J. **A ESCRIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO COMO RECONSTRUÇÃO DO TECIDO DA MEMÓRIA BRASILEIRA**. Cadernos de Linguagem e Sociedade, 20(2), 2019. P 37-51. Disponível em:<<https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/download/23381/24574/62235>>. Acesso em: 17 dez. 2022.

REVISTA DA DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO | São Paulo v. 3, n. 2, p.1-207, jul./dez. 2021. **REVISTA DA DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO**. Processo Penal Juvenil apud Martins, 2020, P.114.

ROCHA, M. C. M. **O processo de escolarização do aluno mutilado pelo câncer: a transformação da identidade no processo de inclusão escolar**. 2009. 106 f.

Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

ROCHA, C. **Coisa de Preto**. Apud DUARTE, Mel (Org.). **Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta**. São Paulo. Planeta do Brasil. p. 60-61. 2019.

SANTANA, R. de C. H. **Família monoparental: na sociedade contemporânea: breves reflexões**. Anais do V EPEAL, Maceió, 2011. Disponível em: < <https://idoc.pub/documents/familia-monoparental-na-sociedade-contemporanea-breves-reflexoes-ylyx6e2jxznm>>. Acesso em 19 abr. 2012.

SARTI, C. A. **Famílias enredadas**. In A. R. Acosta & M. A. F. Vitale (Orgs.), **Família: redes, laços e políticas públicas** (pp. 21-36). São Paulo: Editora Cortez. 2007.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

_____. **Democracia, educação e emancipação humana: desafios do atual momento brasileiro**. Psicol. Esc. Educ. 21 (3) • Sep-Dec 2017. Campinas. 2017. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/pee/a/Q7rcHqS3xNZKzV9MykSG79q/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em: 04 ago 2023.

SCHNEIDER, D. **Adolescência, sexo e afetividade: rupturas e consequências**. Direito da Criança e do Adolescente. 2005.

SLAM RESISTÊNCIA. **Antologia poética do Slam Resistência: Ágora do agora**. São Paulo: Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais do Município de São Paulo. 2019.

SEBEN, G. **A família em transformação: aspectos psicossociais da criança em distintas configurações familiares**. Dissertação de mestrado em psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2010. Disponível em: < <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/719/1/428526.pdf>>. Acesso em: 30 jan 2023.

SIERRA, V. M. MESQUITA, W. A. **Vulnerabilidades e Fatores de Risco na Vida de Crianças e Adolescentes**. São Paulo em Perspectiva, v. 20, n. 1, p. 148-155, jan./mar. 2006. Disponível em:< http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v20n01/v20n01_11.pdf>. Acesso 26 de jan 2023.

SILVA, C. de J. **NAS MALHAS DAS REDES DE SOLIDARIEDADE FAMILIAR: UM ESTUDO SOBRE AVÓS QUE CUIDAM OU CRIAM NETOS EM UM BAIRRO**

DA ZONA NORTE DE ARACAJU. Dissertação Mestrado. Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão. 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6256/1/CANDIDO_JESUS_SILVA.pdf>. Acesso em: 30 jan 2023.

SILVA, M. . da. **Eu sou a menina que nasceu sem cor.** INSONE Blogger. 2018. Disponível em: <<http://innsone.blogspot.com/2018/09/eu-sou-menina-que-nasceu-sem-cor.html>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

SILVEIRA, K. S. da S. et al. Projetos futuros de adolescentes privados de liberdade: implicações para o processo socioeducativo. **Revista Psicologia. Teoria e Prática.** 17(2), 52-63. São Paulo. SP, maio-ago. 2015. ISSN 1516-3687 (impresso), ISSN 1980-6906 (online).

SOARES, L. E. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Instituto de Cidadania, 2004.

SMITH, M. K.; KRAYNAK, J. **Take the Mic: The Art of Performance Poetry, Slam and the Spoken Word.** Naperville. Sourcebooks. 2009.

SOMERS-WILLET, S. B.A. “**Slam Poetry: Ambivalence, Gender and Authenticity in ‘Slam’**”. In: Text, Practice and Performance III, pp.37-63. 2001

_____. **The Cultural Politics of Slam Poetry: race, identity and the performance of popular verse in America.** Michigan. Ed.The University of Michigan Press. 2009.

SOUZA E SILVA, J.; NASCIMENTO, R. C. e WILADINO, R. **Novas Configurações das Redes Criminosas após a Implantação das UPPS.** Rio de Janeiro. 2018.

SOUZA, M. Z. S. **DAS ARTES ÀS TAREFAS DE CLIO: UMA REFLEXÃO SOBRE O MOVIMENTO SLAM.** XIV Encontro de História da ApuH-MS. História: O que é? Quanto vale? Para que serve? ISBN: 978-85-8147-159-4. Três Lagoas. 2018.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hiphop.** 2009. Tese Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2009.

SOUZA, E. M. de. **Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica.** Editora UFMG: Belo Horizonte, 2011.

SOUZA, M. M. de. **Imperialismo e educação do campo.** Cultura Acadêmica. Araraquara. 2014.

SPOSITO, M.P. Indagações sobre as relações entre juventude e a escola no Brasil: institucionalização tradicional e novos significados. **Jóvenes: Revista de Estudios sobre Juventud**. México, DF, v. 9, n. 22, jan./jun. 2005.

TAVARES, B. F.; BÉRIA, J. U.; LIMA, M. S. de. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. 2001. *Revista de Saúde Pública*. 35(2), 150-158. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/rsp/v35n2/4399.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2023

TAYLOR, D. **Performance**. Buenos Aires: Asunto Impreso Ediciones, 2012.

TEIXEIRA, S. R.S. **A Educação em Vigotski: prática e caminho para a liberdade**. SEÇÃO TEMÁTICA: VIGOTSKI HOJE: IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS. Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém/PA – Brasil. 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edreal/a/ZkmZLqzStG7gZknWBDxVRsM/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 01 mar 2023.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7. Ed. SP. Atlas. 1997.

VALVIESSE, K. S. P. **Empoemações: a subjetividade em movimentos de escrita**. Tese Doutorado. Universidade Federal Fluminense, Niterói,. 181f. 2013. Disponível em: < <http://slab.uff.br/teses-2013/> >. Acesso em: 10 fev 2023.

VAZ, Sérgio. **Flores de alvenaria**. São Paulo. Editora Global. 2016.

VEIGA, L.; GONDIM, S. M. G. **A utilização de métodos qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político**. Opinião Pública. v. 7, n.1. 2001.

VILHENA, J. **Palavras sufocadas... atos desesperados. Violência, lei e Subjetivação**¹. Lat.-Am. Journal of Fund. Psychopath. Online. São Paulo, v. 5, n. 2, p. 241-252, nov 2008. Disponível em: <https://www.academia.edu/50408452/Palavras_sufocadas_atos_desesperados_Viol%C3%Aancia_lei_e_subjetiva%C3%A7%C3%A3o?from_sitemaps=true&version=2> Acesso em: 01 Out 2022.

VYGOTSKI, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo. Martins Fontes. 1999.

_____. **Obras Escogidas. Tomo III**. Madrid. Visor. P. 327-340. 2000a.

_____. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo. 1Martins Fontes. 2001.

_____. **Obras Escogidas IV.** Psicologia infantil. Madri. Machado Libros. 2006

_____. **The Way to Freedom - On the Publication of Documents from the Family Archive of Lev Vygotsky.** Prepared for publication and with coments by Ekaterina Zavershneva. Journal of Russian and East European Psychology. v. 48, n.1, p. 61-90, Jan./Feb. 2010.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta; as organizações populares e o significado da pobreza.** São Paulo. Brasiliense. 1985.

ZALUAR, A. A ilusão dos jovens e o crime organizado. **Revista Comunicação e Política.** v. 1, n. 2, p. 231-250, dez. 1994 mar. 1995.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção,** leitura. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2014

14. APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DOS ADOLESCENTES

“PROJETOS DE VIDA DE JOVENS EM CONFLITO COM A LEI: UMA EXPERIÊNCIA COM A POESIA SLAM”

QUESTIONÁRIO PARA OS JOVENS E ADOLESCENTES

ADOLESCENTE: _____ Idade: _____

SÉRIE: _____

01) Quais as coisas que você considera mais importante para a sua vida?

1) _____

2) _____

Por quê? _____

02) Você se considera importante para a sua família e para a comunidade em que você mora?

- a) ☐ Sim, sempre.
- b) ☐ Sim, as vezes .
- c) ☐ Não, nenhum pouco.

Por quê? _____

03) Escreva nos espaços abaixo, as coisas que você mais gosta de fazer.

- a) _____
- b) _____
- c) _____

04) Qual seu maior sonho de vida?

05) Você consegue imaginar como será sua vida daqui a 2 anos?

- a) ☐ Sim
- b) ☐ Não

Se sim, descreva resumidamente as coisas que você pretende estar fazendo.

06) Quais são seus maiores medos em relação ao futuro? Você pode assinalar mais de uma opção.

- a) ☐ Não concluir os meus estudos
- b) ☐ Não ter uma profissão.
- c) ☐ Não conseguir um emprego.
- d) ☐ Não realizar meus sonhos .
- e) ☐ Ficar doente.
- f) ☐ Decepcionar minha família.
- g) ☐ Decepcionar meus amigos.
- h) ☐ Não construir a minha própria família.
- i) ☐ Não ser feliz

☐ Outros . Quais? _____

07) Você já participou de algum Projeto, programa ou grupos destinados para trabalhos relacionados a Projetos de Vida e Perspectivas de futuro para adolescentes e jovens?

- a) ☐ Sim, já participei.

Qual (is)? _____

- b) ☐ Não, nunca participei.

08) Você tem um Projeto de Vida?

- a) ☐ Ainda não tenho, mas quero construir um projeto para minha vida.
- b) ☐ Não, pois nunca ouvi falar sobre esse assunto.
- c) ☐ sim, por que planejo como será a minha vida no futuro.

09) Você consegue imaginar como será sua vida daqui a 10 anos?

a) ☐ Sim

b) ☐ Não

Se sim, descreva resumidamente as coisas que você pretende estar fazendo.

10) Escreva no espaço abaixo, o que você sabe, ou que gostaria de saber sobre Projeto de vida.

a) O que você já sabe:

b) O que gostaria de saber:

11) Você gosta de poesias? Já escreveu poemas?

a) ☐ Sim, gosto muito e já escrevi poemas.

b) ☐ Sim, gosto, mas nunca escrevi poemas

c) ☐ Não gosto de escrever poemas, mas gosto muito de ler poesias.

d) ☐ Não gosto de escrever, nem de ler poemas.

12) Você Já ouviu falar da poesia Slam?

13) Você gostou de participar das oficinas de poesia slam? Por quê?

14) Gostaria de deixar alguma pergunta ou mensagem para as pesquisadoras?

Obrigada por aceitar participar desta pesquisa!

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DOS FUNCIONÁRIOS

“PROJETOS DE VIDA DE JOVENS EM CONFLITO COM A LEI: UMA EXPERIÊNCIA COM A POESIA SLAM”

QUESTIONÁRIO PARA OS FUNCIONÁRIOS DE REFERÊNCIA DOS ADOLECENTES E JOVENS PARTICIPANTES DA PESQUISA.

Funcionário: _____

Função:

Turno: _____

1- No decorrer das oficinas, o adolescente participante, demonstrou,

- a) () Maior engajado para realizar as atividades nas rotinas diárias.
- b) () Entusiasmo em participar das oficinas propostas pela pesquisadora.
- c) () Curiosidade, perguntando e compartilhando momentos vivenciados nas oficinas.
- d) () Descontentamento em participar da pesquisa.
- e) () Indiferença, não expressando nenhum sentimento em relação as oficinas.

2- Você observou alguma mudança de comportamento no(s) adolescente(s) durante a participação nas oficinas?

- a) Não notei nenhuma mudança de comportamento.
- b) Sim, notei mudanças de comportamento.

Em caso afirmativo, quais mudanças foram observadas?

3- Durante o período de execução das oficinas, em relação a construção de Projeto de Vida e Perspectivas de futuro, você observou que.

- a) () Os adolescentes demonstraram maior segurança em relação aos planos e metas para o futuro.
- b) () Os adolescentes passaram a entender melhor questões referentes a construção de Projeto de Vida.
- c) () Os adolescentes apresentaram maior vontade e disposição para buscar novas possibilidades de vida.

4- Em relação as oficinas realizadas, você considerou,

- a) () Uma experiência importante que marcou positivamente a vida dos adolescentes.
- b) () Uma experiência pouco eficaz para o trabalho com adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa de internação.
- c) () Não consigo opinar, pois tive pouco conhecimento sobre as oficinas realizadas.

Por quê?

5- Você considerou o desenvolvimento de oficinas de escrita de poesias e performances poéticas importantes para reflexões acerca de perspectivas de futuro e construção de Projetos de Vida com adolescentes em medida socioeducativa de internação?

- a) Sim, muito importante.
- b) Pouco relevante.
- b) Não, irrelevante.

Por quê?

6- Caso tenha algum comentário sobre algo observado durante as oficinas, em relação aos adolescentes, fique à vontade para relatar. Será de grande importância para a sistematização da pesquisa.

Obrigada pela participação!

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO PAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Eu, Sueli de Fátima Caetano Coppi, aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (UNESP-Rio Claro), RG 12835396 MG, sob a orientação da Profa. Dra. Débora Cristina Fonseca, estamos convidando seu filho (a) ou adolescente sob sua responsabilidade para participar do estudo **PROJETOS DE VIDA DE JOVENS EM CONFLITO COM A LEI: UMA EXPERIÊNCIA COM A POESIA SLAM**”.

O objetivo dessa pesquisa é analisar a contribuição e a eficiência da poesia slam para a construção de Projetos de Vida de adolescentes e jovens em cumprimento de Medida Socioeducativa de Internação, apresentando a arte como um campo de conhecimento significativo para o desenvolvimento de ações educativas reflexivas e ativas que possam proporcionar redirecionamentos, significações e ressignificações, potencializando o reconhecimento de processos identitários, Direitos Humanos e de novas perspectivas de futuro.

A participação do adolescente nesta pesquisa ocorrerá em horário oposto ao das aulas regulares. Em um primeiro momento ele responderá individualmente um questionário sobre o que sabe e o que gostaria de discutir sobre questões envolvendo perspectivas de futuro e Projeto de Vida, em seguida participará de um grupo focal (roda de conversa) com a mesma temática do questionário. A partir de então terá início o desenvolvimento de oficinas, ao todo serão desenvolvidas 16 oficinas, uma por semana. As oficinas serão realizadas em 4 fases. A primeira fase será destinada para conhecer e reconhecer os participantes da pesquisa. A segunda fase será o momento em que se apresentará o movimento Slam Poetry (batidas de poesias) e de construção de conhecimentos acerca de questões relacionadas a construção de Projetos de Vida. Na terceira fase pretende-se criar (elaborar) projetos de vida e escrever poesias relacionadas aos projetos elaborados. Na quarta fase será o momento de preparação para um sarau, no qual ocorrerão as performances poéticas dos participantes. Ressaltando que ao final de cada fase será desenvolvido um grupo focal para sistematizar conhecimentos

aprendidos no decorrer dos processos. Ao final de todas as oficinas será realizado a aplicação de questionário novamente, com o objetivo de avaliar implicações do processo investigativo.

As atividades propostas são de risco mínimo para os adolescentes, podendo ocorrer situações de desconforto ou incomodo diante de algum tema abordado. Para minimizar essa possibilidade, orientamos o adolescente a deixar de se manifestar diante de temas que não se sinta confortável, podendo, inclusive, deixar de responder ou desistir de sua participação sem qualquer prejuízo. Em caso de dúvidas, poderá pedir esclarecimento. Os benefícios desta pesquisa consistem em produzir conhecimento acerca de ações educativas que sejam eficientes, bem como metodologias que auxiliem a construção de Projetos de Vida em um ambiente de medida socioeducativa de internação. Ao término, os resultados dessa pesquisa poderão evidenciar práticas que auxiliam na compreensão acerca de questões referentes a perspectivas de futuro com jovens e adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas.

Reforçamos que o adolescente poderá desistir da participação nesta pesquisa em qualquer etapa e por qualquer motivo sem qualquer consequência. Informamos e garantimos que sua identificação e a do adolescente será mantida sob sigilo e os resultados construídos a partir da pesquisa serão utilizados para estudo e fins científicos. Em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo, vocês serão identificados.

Em caso de dúvidas, você poderá obter maiores esclarecimentos sobre a pesquisadora ou sobre a pesquisa através de contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/IB) a qual este trabalho está vinculado. Os dados estarão disponíveis no final do documento.

Ressaltamos que você ou o adolescente não receberão remuneração para contribuir com esta pesquisa, bem como não terão despesas.

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com a pesquisadora.

Local/data

_____, ____/____/____.

Assinatura da Pesquisador

Assinatura do responsável pelo adolescente participante da pesquisa

Dados sobre a Pesquisa:

Título do Projeto: “PROJETOS DE VIDA DE JOVENS EM CONFLITO COM A LEI: UMA EXPERIÊNCIA COM A POESIA SLAM”.

Pesquisador Responsável: Sueli de Fátima Caetano Coppi

Cargo/função: aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação

Instituição: Unesp-Rio Claro

Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Dados para Contato: fone (19) 997000450 e-mails: suhistoriando@hotmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Débora Cristina Fonseca

Instituição: Unesp-Rio Claro

Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Dados para Contato: fone (19) 3526-4272 e-mail: deboracf@rc.unesp.br

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 35269678

Dados sobre o responsável pelo adolescente participante da Pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

Dados do adolescente / jovem participante

Nome _____ Idade _____ sexo _____ data de
nascimento: _____

APÊNDICE D – TERMO DE ASSENTIMENTO ADOLESCENTES

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Eu, Sueli de Fátima Caetano Coppi, aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (UNESP-Rio Claro), RG 12835396-MG, sob a orientação da Profa. Dra. Débora Cristina Fonseca, estamos convidando-o a participar da pesquisa intitulada: **“PROJETOS DE VIDA DE JOVENS EM CONFLITO COM A LEI: UMA EXPERIÊNCIA COM A POESIA SLAM”**.

O objetivo dessa pesquisa é analisar a contribuição e a eficiência da poesia slam para a construção de Projetos de Vida de adolescentes e jovens em cumprimento de Medida Socioeducativa de Internação, apresentando a arte como um campo de conhecimento significativo para o desenvolvimento de ações educativas reflexivas e ativas que possam proporcionar redirecionamentos, significações e ressignificações, potencializando o reconhecimento de processos identitários, Direitos Humanos e de novas perspectivas de futuro. Pretende-se, por meio de uma pesquisa-ação, desenvolver oficinas aplicando as técnicas do Poetry Slam, nas quais serão realizadas reflexões, produções e apresentações referentes a construção de Projetos de Vida. Questionário exploratório e grupo focal também serão efetuados no decorrer na pesquisa.

Em um primeiro momento você responderá individualmente um questionário sobre o que sabe e o que gostaria de discutir sobre questões envolvendo perspectivas de futuro e Projeto de Vida, em seguida participará de um grupo focal (roda de conversa) introdutório com a mesma temática do questionário. A partir de então, terá início a pesquisa-ação (oficinas), tendo como ponto de partida o que foi apontado no questionário e grupo focal, o que será acompanhado de sensibilizações e reflexões sobre a temática em investigação. Ao todo serão desenvolvidas 16 oficinas, uma por semana, com alunos da Fundação CASA. As oficinas serão desenvolvidas em 4 fases. A primeira será destinada para conhecer e reconhecer os participantes da pesquisa, a segunda será o momento em que se apresentará o movimento Slam Poetry (batidas de poesias) e de construção de conhecimentos acerca de questões relacionadas a construção de Projetos de Vida. Na terceira fase pretende-se criar (elaborar) projetos de vida e escrever poesias relacionadas aos projetos elaborados. Na quarta fase será o momento de preparação para um sarau, no qual ocorrerão as performances poéticas dos participantes. Ressaltando que ao final de cada fase será desenvolvido um grupo focal para sistematizar conhecimentos aprendidos no decorrer dos processos. Ao final de todas as oficinas será realizado a

aplicação do questionário novamente, com o objetivo de avaliar implicações do processo investigativo.

Durante a execução das oficinas serão abordadas algumas questões referentes aos processos que envolvem a construção de Projetos de Vida, e você, assim como os demais participantes, poderão relatar suas opiniões e sentimentos suscitados por este tema. No momento do grupo focal, nossas discussões e respostas serão registradas pela pesquisadora, por um (a) auxiliar e por um gravador de voz, porém se você não se sentir confortável com o gravador, o mesmo não será utilizado. Durante a realização do grupo focal estarão sempre presentes as pesquisadoras, os participantes e um funcionário da Fundação CASA.

Você pode sentir desconforto ou constrangimento diante de algum tema/pergunta do questionário, do grupo focal ou mesmo nas oficinas. Para diminuir essa possibilidade de risco de desconforto ou constrangimento, sugerimos que você deixe de se manifestar diante de temas que se sinta desconfortável, podendo, inclusive, deixar de responder ou desistir de sua participação sem qualquer prejuízo. Caso você tenha dúvidas, pode pedir esclarecimentos.

Os benefícios desta pesquisa consistem em produzir conhecimento acerca de ações educativas que sejam eficientes, bem como metodologias que auxiliem a construção de Projetos de Vida em um ambiente de medida socioeducativa de internação. Ao término, os resultados dessa pesquisa poderão evidenciar práticas que auxiliam na compreensão acerca de questões referentes a perspectivas de futuro com jovens e adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas.

Vale ressaltar que é um direito seu desistir da participação na pesquisa em qualquer momento e por qualquer razão, sem qualquer prejuízo. Esclarecemos e garantimos que a sua identificação será mantida em sigilo e os resultados obtidos por meio da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos científicos expostos acima, incluída sua publicação na literatura especializada. Ressaltamos que você não terá qualquer forma de despesa e não será remunerado (a) para participar da presente pesquisa.

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com a pesquisadora.

Local/data _____, ____/____/____.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do participante da pesquisa
(alunos Fundação CASA- 14-18 anos)

Dados sobre a Pesquisa:

Título da pesquisa: SLAM, POESIAS EM PROJETOS DE VIDA: EXPRESSÕES DE JOVENS E CONFLITO COM A LEI

Pesquisador Responsável: Sueli de Fátima Caetano Coppi

Instituição: Unesp-Rio Claro

Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Dados para Contato: fone (93) 99167 3246 e-mail: suhistoriando@hotmail.com

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 35269678

Dados sobre o participante da Pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO FUNCIONÁRIOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Eu, Sueli de Fátima Caetano Coppi, aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (UNESP-Rio Claro), RG 12835396 MG, sob a orientação da

Profa. Dra. Débora Cristina Fonseca, estamos convidando-o para participar do estudo **PROJETOS DE VIDA DE JOVENS EM CONFLITO COM A LEI: UMA EXPERIÊNCIA COM A POESIA SLAM**".

O objetivo dessa pesquisa é analisar a contribuição e a eficiência da poesia slam para a construção de Projetos de Vida de adolescentes e jovens em cumprimento de Medida Socioeducativa de Internação, apresentando a arte como um campo de conhecimento significativo para o desenvolvimento de ações educativas reflexivas e ativas que possam proporcionar redirecionamentos, significações e ressignificações, potencializando o reconhecimento de processos identitários, Direitos Humanos e de novas perspectivas de futuro.

A pesquisa ocorrerá em horário oposto ao das aulas regulares. Em um primeiro momento o adolescente responderá individualmente um questionário sobre o que sabe e o que gostaria de discutir sobre questões envolvendo perspectivas de futuro e Projeto de Vida, em seguida participará de um grupo focal (roda de conversa) com a mesma temática do questionário. A partir de então terá início o desenvolvimento de oficinas, ao todo serão desenvolvidas 16 oficinas, uma por semana. As oficinas serão realizadas em 4 fases. A primeira fase será destinada para conhecer e reconhecer os participantes da pesquisa. A segunda fase será o momento em que se apresentará o movimento Slam Poetry (batidas de poesias) e de construção de conhecimentos acerca de questões relacionadas a construção de Projetos de Vida. Na terceira fase pretende-se criar (elaborar) projetos de vida e escrever poesias relacionadas aos projetos elaborados. Na quarta fase será o momento de preparação para um sarau, no qual ocorrerão as performances poéticas dos participantes. Ressaltando que ao final de cada fase será desenvolvido um grupo focal para sistematizar conhecimentos aprendidos no decorrer dos processos. Ao final de todas as oficinas será realizado a aplicação de questionário novamente, com o objetivo de avaliar implicações do processo investigativo.

A atividade proposta para os funcionários, consistirá em responder um questionário ao final da pesquisa, sobre as implicações observadas nos adolescentes durante a realização da pesquisa-ação (oficinas). Ressaltando que serão ações de risco mínimo para os participantes, podendo ocorrer situações de desconforto ou incomodo diante de alguma pergunta. Para minimizar essa possibilidade orientamos você a deixar de se manifestar diante de questões que não se sinta confortável, podendo, inclusive, deixar de responder ou desistir

de sua participação sem qualquer prejuízo. Em caso de dúvidas, poderá pedir esclarecimento. Os benefícios desta pesquisa consistem em produzir conhecimento acerca de ações educativas que sejam eficientes, bem como metodologias que auxiliem a construção de Projetos de Vida em um ambiente de medida socioeducativa de internação. Ao término, os resultados dessa pesquisa poderão evidenciar práticas que auxiliam na compreensão acerca de questões referentes a perspectivas de futuro com jovens e adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas.

Reforçamos que você poderá desistir da participação nesta pesquisa em qualquer etapa e por qualquer motivo sem qualquer consequência. Informamos e garantimos que sua identificação e a do adolescente será mantida sob sigilo e os resultados construídos a partir da pesquisa serão utilizados para estudo e fins científicos. Em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo, vocês serão identificados.

Em caso de dúvidas, você poderá obter maiores esclarecimentos sobre a pesquisadora ou sobre a pesquisa através de contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/IB) a qual este trabalho está vinculado. Os dados estarão disponíveis no final do documento.

Ressaltamos que você não receberá remuneração para contribuir com esta pesquisa, bem como não terão despesas.

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com a pesquisadora.

Local/data _____, ____/____/____.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do funcionário participante da pesquisa

Dados sobre a Pesquisa:

Título do Projeto: “PROJETOS DE VIDA DE JOVENS EM CONFLITO COM A LEI: UMA EXPERIÊNCIA COM A POESIA SLAM”.

Pesquisador Responsável: Sueli de Fátima Caetano Coppi

Cargo/função: aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação

Instituição: Unesp-Rio Claro

Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Dados para Contato: fone (19) 997000450 e-mails: suhistoriando@hotmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Débora Cristina Fonseca

Instituição: Unesp-Rio Claro

Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Dados para Contato: fone (19) 3526-4272 e-mail: deboracf@rc.unesp.br

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone: (19) 35269678

Dados do funcionário participante da Pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

APÊNDICE F – ROTEIRO SARAU**SARAU: SLAM POESIA!**

1-À todos e todas presentes, uma boa tarde! Bem- vindos e bem-Vindas, ao Sarau de poesia Slam!

2- Os Slams dos Guerreiros de Favela!

1- Guerreiros?

2- Aquele que tem a característica ser combatente, lutador: Guerreiros, lutando por seus direitos.

1- Favela? Nome de uma flor, linda, amarela, firme e resistente, como as pessoas que vivem nela! Favela! Favela! Das tuas raízes brotam vida, luta, música e alegria.

2- Sim, alegria, dores, cicatrizes e também esperança, rima e melodia.

1- Foram 16 oficinas, aproximadamente 30 horas, de uma vivência incrível! uma experiência que nos proporcionou, muito aprendizado, risos, conhecimento.

2- Competições de rimas, composições de músicas, jogos teatrais, batata quente, desenhos, pinturas e muita poesia e os sonhos, a, os sonhos! Saborosos e ousados sonhos.

1- A certeza hoje é que devemos estar munidos de palavras.

2- E cercados por palavras perdidas!!

1- Palavra é munição, é arma de conhecimento e de empoderamento.

2- Que possamos viajar, páginas e páginas de livros, a perder de vista.

1- Que possamos escrever nossas próprias histórias, nossas rimas e canções e enfim, que possamos ser protagonistas da nossa própria história.

2-E para começar, no coletivo, escrevemos nosso primeiro livreto. Isso mesmo, já somos autores, Guerreiros de favela! Um poema aqui, outro acolá, e para vocês agora vamos declamar!

1- Poesia slam, slam-nada mais, nada menos do que o nosso pá! A nossa presença no mundo, seguimos fortes marcando com nossas palavras aqueles que se abrem a escuta e a leitura.

2- Slam- a escrita sobre nós mesmos, sobre nossas vivências, a escrivência, como nos diz, Conceição Evaristo.

1- Escrivência, uma viagem para dentro de nós mesmos, pelas nossas memórias, conhecendo, reconhecendo, significando e ressignificando nossas próprias vidas.

2- Entendemos quem somos para projetarmos o que queremos ser. Projetos de Vida e Perspectivas de Futuro.

1-Reconhecendo nossa identidade, entendendo que ela é metamorfose. Como estaremos daqui a 20 anos?

2- Quantas vez nos fizemos essa pergunta no decorrer das oficinas?

1- E daqui a 2...10...30...? Podemos Projetar o que queremos ser.

2- Podemos sonhar grande, afinal, somos loucos sonhadores. E se sonhamos é porque aprendemos a lidar com as nossas dores, como nos diz mc caxeta.

1- Ou conquistar tudo que eu quero através do meu dom, como nos diz Mc Paiva. Por que a geladeira vazia não vai ficar e a goma da mãezinha eu vou comprar.

2- Sonhar! Sonhar!

1- Então vamos começar, vou apresentar a poesia slam, do Montezino, que compartilhou com a gente, muitos passos dessa nossa caminhada, então trago para vocês esse Slam, que nos faz muito refletir.

Montezino:

2-Para a segunda apresentação do nosso Sarau, temos a emoção de chamar para apresentar o seu Slam, a sua performance poética, poeta, com rimas rápidas, descontraídas, manda um recado para a mulekada:

1-HB20:

1-Agora vem um poeta e slammer, esperto, curioso, zangado, cheio de presença, nosso semente, do cdhu, também nos deixa o seu recado:

2- Inácio:

2- Nosso terceiro poeta e slammer, já não se encontra mais aqui, mas como a palavra escrita transcende a presença física, apresentaremos para vocês agora, a poesia Slam, do nosso amigo: Lobão.

3- Lobão:

1-Agora, vamos ter a honra de ouvir o poema, dele, que é prestativo, alegre, e comprometido, que com muito entusiasmo compartilha com a gente um pouco sobre a sua história de vida, com vocês, o poeta e slammer, Lemão!

4- Lemão:

2-Histórias de vida que nos levam muito a reflexão e nesse momento, vamos chamar um artista, compositor, poeta, slmmer, inspiração é o que não lhe falta, em segundos, folha e caneta nas mãos, já virá uma canção, **Quebrada** São Carlos senti sua falta, mc Kaleno fazendo uma pausa...Com vocês, Pitbull do Funk.

5- Kaleno:

1-Ele é na dele, especial, fala calmo, expressivo no olhar, observador, mesmo com suas poucas palavras, tem muito a nos dizer, porque no Slam, silencio é expressão, é performance- Adrian, de Leme para o mundo!

6- Adrian:

2-Menino, jeitinho cativante, esperto, falante, sempre atento, as vezes parece não prestar atenção, mas quando a gente menos imagina, lá vem ele com uma rima, com vocês, nosso poeta e slammer, Biel!

7- Biel:

1-Ele é sorridente, expressivo e não sabe disfarçar quando não está contente, gosta de conversar e sobre o seu futuro falar, sempre curioso, e atento em tudo, já tem seu sonho definido, ele é o nosso poeta e Slammer, Vinícius.!

8- Vinícius:

2-Agora, vamos chamar ele, que nos diz muito com o olhar, as vezes prefere ficar em silencio, só a observar, gosta de conversar, é muito parceiro, gosta de rimar e com versos vai nos encantar, com vocês:

9- Thericles

1- Ela aceitou nos acompanhar nessa caminhada, muito dedicada, envolvida, sempre muito querida, sensível, tem uma escuta fácil e uma fala que acalma, só temos que agradecer a nossa grande:

10- Victória:

2-Agora, humildemente, apresentarei o poema que fiz inspirada na trajetória de vida de cada um de vocês.

11- Suca.

1-Apresentações marcantes! Histórias de vidas compartilhadas com tanta serenidade, poetizamos nossas vivências para seguir lutando, em busca das nossas conquistas, temos um mundo a vista, porque como nos disse Fernando Pessoa, somos do tamanho dos nossos sonhos e os nossos sonhos são do tamanho do mundo.

2-Nessa tarde, somos todos vitoriosos! Brilhantes com as nossas Performance, com as nossas poesias, por isso gostaríamos de chamá-los para receberem seus certificados e uma singela medalha para representar, essa conquista dos nossos grandes poetas, que esse, seja um, dos muitos e muitos certificados que vocês irão receber daqui para frente e uma das muitas e muitas medalhas que virão.

1-Gostaríamos também de oferecer uma pequena lembrança para a Luciara, em nome de toda equipe pedagógica que não mediram esforços para a realização desse projeto. A vocês toda nossa gratidão.

2-Suas Histórias serão contadas em páginas que transbordarão a sensibilidade e a percepção de adolescentes determinados e guerreiros, que transmitem força, alegria e esperança. Como nos diz o escritor Antoine de Saint-Exupéry - “aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si e levam um pouco de nós. “Hoje, com toda certeza, levamos muito de cada um de vocês. Obrigada por terem participado desse Projeto, obrigada por me ajudarem a realizar um dos maiores sonhos da minha vida, o título de Mestre em Educação. Espero ter ajudado um pouco vocês. E, espero poder ajudar a transformar a Educação desse nosso País. Sonhem!!! Sonhem muito!

Gratião! Gratidão!!

APÊNDICE G – FANZINE





MENINOS

Meninos, meninos, olhares curiosos e sorridentes,
Mesmo em meio as adversidades, as brincadeiras, se fazem presentes.
Mesmo em meio a escuridão, a força brota e a alegria, toma conta,
Permitindo adentrar "flexas" de luz de ponta a ponta.

Meninos, meninos, mesmo com tão pouca idade,
Já conhecem a opressão, abocanhados pela barbaridade.
A realidade enfrentada, poucos compreendem,
Os rotulam, ignorando o que sentem.

Meninos, Meninos, das letras de rap e funk fazem resistência,
Insistem na originalidade, mesmo sendo julgados pela aparência.
Escola, espaço distante, mesmo sendo garantido direito a educação.
Muros, portas e mentes fechadas, os impulsionam para evasão.

Meninos, Meninos, que são do tamanho do mundo, loucos sonhadores,
Mesmo com lágrimas no rosto, mesmo com suas dores.
Sofrimento vira rima, poesia, o que ninguém imagina.
Driblando as feridas, florescem grandes obras primas.

Meninos, meninos, ouça o que vou lhes dizer:
Não desistam dos seus sonhos, mesmo que o sistema insista em não querer,
Nunca se esqueçam de Conceição Evaristo, a gente tem um acordo, o de não
morrer.
Em meio a tanta injustiça, nosso atrevimento é viver.

Sueli Caetano



Descriminado por ser favelado

Aí, só porque nós tem a pele
escura, as PMs já fala "bosta".
A população não pode ver um moreno
tatuado, que já quer denunciar.

Aí, não tive a
oportunidade, que muitos
queriam,
não tive a oportunidade,
que muitos tiveram,
mas eu cansei, e aqui
aprendi, que eu tenho
direito
e também respeito.
Uns é até a meu
favor,

Outros clamam a minha
dor, Já até falaram para
minha coroa,
Que a gente ia tudo morrer
matado, Mas o joelho dela já tá
até calejado, De tanta oração,
Pedindo a Deus para
proteger, A mim e meu
irmão.

Montezino



Digitalizado com CamScanner



Sincretismo ao contrario

A palavra tem força que a boca desconhece A palavra vibra, move meu corpo, e o seu?

A palavra escrita se torna amor Escrita viva é munição!
Quem canta e dança seus males espanta, olha a prece!

Na entrada e saída peço sua benção!
Quem tem fé tem tudo, que não tem fé não tem nada Sauda a minha ancestralidade
De erês a pretos/as velhos/as
Ao vento de lansa, cigano que me trouxe

Somos o que somos porque somos!
Somamos
Nossas histórias se cruzam, atravessam, se tornam encruzilhadas Oxóssi aponta a flecha, lança na representatividade
A escola não é mais um espaço de não pertencimento No asfalto as raízes estouram o cimento
Como ato de resistência a palhaçaria, gargalhadas

Sonhamos Sonhamos com o que queremos
Com o que somos Com o que fomos
Mesmo quando no ponto: caboclo não tem caminhos para caminhar,
Uso minhas armas, conhecimentos e caminhamos, por cima da folha, por baixo da folha, em qualquer lugar

Vozes mulheres são os frutos, que ecoam e me nutrem! Ora iê iê ô, saúdo as velhas senhoras que me ensinaram
Sauda os exus mirins, sua queda e ascensão, pombagira. Foram endemonizados, marginalizados

Considerados drogados, viciados, prostitutas...
A história... cuidado com os perigos das verdades únicas
Essa história contada pelos colonizadores que lucram com a vida e morte e intolerância

Tenho um sonho, que sejamos mais 'inteligentes' que o sistema espera Que usemos outras armas que serão ainda mais letais
E água com areia não pode misturar, a água vai embora e a areia fica no lugar O que vivemos aqui define, apenas um trecho de nossas histórias e não a totalidade
A vida é loka, longa, tonta e mias do que posso falar

(Vitória/Possu)

Mente pensante

Muita molecada só pensa em roubar, em traficar, mas é nos que sofre e a nossa mãe na parada, vamos parar para pensar invés de pegar no oitão,

vamos de luta daquilo que é nosso,
se você conhece seus direitos, começa a desfrutar deles,
angústia, raiva, tristeza é aqui na Fundação,
maldita ilusão, que me fez pegar naquele oitão.

Saudade bate no coração,
mas onde eu estiver vou amar meu povão.

Te amo pai e meus irmãozão.

Mente Bolada

Foi me prendendo em casa que me soltei, Foi caindo que levantei,

Foi chorando que me alegrei,
Foi cada coisa que nem sei por onde começar, Só sei que preciso desabafar,

Naquele dia que cai de cara na lama, Que vi que não tinha ninguém para limpar, Só que não é por isso que vou ter que parar,

E nessa vida eu vou conseguir chegar,
Nessa vida que falo, não é matar, roubar, traficar, e sim,
Tô falando de trabalhar pros meus coroa conseguir ajudar.

Eles sim tava lá,
só que deixaram eu tentar, Pra eu aprender chegar,
Só que Deus abençoou pra eu poder chegar! Te amo pai!
Por fazer esse homem guerreiro!

Que não desiste de lutar! Se você gostou desse poema,
Foi de dentro da Fundação, Que improvisei esse contextoão.

“Pai nosso que estais no céu, proteja meus irmão!
Não fique parasitando contra a opressão.” “HB20” no toque da situação”

“Forte abraço meu bom, daquele Jeitão.” São Carlos Aracy 2.

“Fé que vai da certo”.

Música improvisada

Oi, eu vim aqui só para mandar e para
me expressar! Lembro lá nas antiga,
não vi ninguém me ajudar!
Hoje sigo no funk, vejo várias
se aproximar, tô na correria
para minha mãe ajudar!
Saudade dos parceiros que no
ceu está.



Digitizado com CamScanner



Digitizado com CamScanner

Saudade de Casa

Eu sou o Inácio, sou de São Carlos,
morro no CDHU. Quando eu sair daqui
os meus sonhos buscar!
Saudade da quebrada, do pessoal!
Saudade de casa, geladeira cheia,
roupa lavada. Graças a Deus não
falta mais luz em casa. Amém.
Eu nunca pensei onde
ia chegar, Mas já que
cheguei,
tenho uns dias para tirar.
Devia ter pensado duas vezes
antes de praticar. Hoje me encontro
trancado,
Esperando alvará.
Semente



Cheguei a hora

Primeiramente um forte e sincero
abraço, uma boa tarde!
Aqui desse lado uma palavra do
João, mais conhecido como Lobão!
Triste realidade, eu cometi um
crime, e estou pagando pelos
meus atos,
e isso, é fato!
Mas, agora estou trancado como um
passaro.
Triste, isso é um fato.
Essa está sendo uma experiência muito ruim da minha
vida, mas está suave!
Sei que logo passa, mas pensando
bem, até que me fez bem,
porque quando eu cai
aqui, eu pude ver quem
é quem, então, tá
ligado?
Fala que é fechadão, mas quando cai
aqui, não parou nem pra escrever uma
carta, tá ligado?
Cadê aqueles que dizia ser da
quebrada? Não para nem para
perguntar se está bem, se precisa de
alguma parada,
tá ligado?
Quem está fechado é a família que está sofrendo lá em
casa.
Tá ligado?
Peço desculpa para família,
por estar fazendo eles sofrerem em
casa, E, mas chegou a hora mais
esperada,
realmente acho que hoje vou voltar pra
casa, dia das mães tá aí.
E acho que vou passar com a minha coroa em
casa, E mó felicidade, o pior já passou,
e agora voltar para quebrada!
E, mas, vou voltar pra quebrada melhor, rever meus
atos.
E minha caminhada, para não me deparar com coisas
erradas, E poder buscar meu sonho, ser advogado!
Faze minha família feliz.
Porque vou estar longe das coisas
erradas.

Lobão



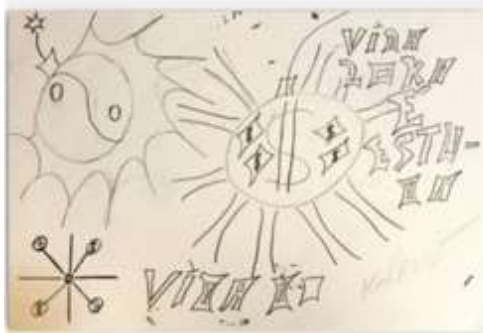
Digitalizado com CamScanner



Mudança

Al, eu só queria falar que o coração do pobre tá cansado de lutar, nessas palavras eu queria me expressar,
porque meus sonhos eu vou buscar,
e mostrar que nos é preto, mas temos sentimentos, vida abalada, vida sofrida,
choro, grito e correria.
Al, agora eu vou falar por que o povo preto, tá cansado de choro e de lutar,
E sabe que nada vai mudar,
Eu queria ter a oportunidade de poder ajudar, a comunidade do tráfico,
e do caminho da maldade, vê o pobre se orgulhar,
e ter sua própria casa para morar, não ter que se humilhar, nem roubar,
mas dar oportunidade pro preto trabalhar.
Eu quero mudar,
vê minha família de mim se orgulhar, e fazer aquele que não acredita, acreditar.

Pitbull do Funk.



Refletindo a política

Meu nome é Vinícius, eu vim para contar, que o mundo lá fora é ruim de encarar,
mas para minha mãe uma casa eu quero dar,
mas os políticos não vão nos ajudar,
só querem nos julgar,
não pensam duas vezes para nos humilhar, mas para eles eu vou mostrar,
que pelos meus direitos eu não vou parar de lutar, eu vou mostrar que meu sonho eu vou buscar!
Tudo que eu quero, vou conquistar!
Mas na escola eu não gostava de estudar, E só sabia bagunçar,
Mas agora eu não posso pensar, em ir pra escola só pra bagunçar,
Porque agora meus estudos eu vou ter que usar, contra os governantes que só querem nos prejudicar, além deles nos jogar e nos humilhar,
os negros da favela.
Eles podiam ajudar, e a polícia não para de matar! e depois fala que veio para ajudar,
ajudar nada, só vem para humilhar, a molecada da quebrada,
mas essa história tem que mudar, pras crianças se espelhar, nas pessoas que essa história conseguiram mudar,
e, eu também vou me espelhar, em trabalhadores, ou, em poetas.

Vinícius |

Meu futuro

Eu sou o Gabriel, vocês acham que eu faço
qualquer papel, mas eu quero o
papel principal,
ser protagonista da minha
história. Eu vou correr atrás
dos meus sonhos.

Artigo 227!

Crianças e adolescentes devem ser
respeitados.

Eu gostava de brincar de polígrafo ladrão com os
moleques, hoje em dia estou atrás das grades,
paçando pelo que eu fiz,
mas eu já estou prevendo um futuro melhor
para mim, se Deus quiser vou sair daqui,
da um trampo, uma melhora pra mim,
e ajudar minha mãe, que me deu
conselho, mas infelizmente não

escutei,
e estou aqui.

Quando sair, advogado
quero ser, Vou lutar e me
formar, fazer faculdade,
Estudar e conquistar meus
objetivos,

Porque não custa sonhar.]

Biel



O lado bom

Eu sou Adrian Moreira Guerra, tenho 13
anos, entrei com 12, ainda tem
um mês de 8...

aqui dentro hoje não teve
discussão... Lá na rua via o
céu com meus parceiros,
soltava pipa e jogava bola,
com o decorrer do tempo que conheci a
maldita droga...

Não gosto de fazer
nada... Não quero
fazer nada...

Só.

Adrian

